O ATLANTIDA

Fomos

e

Somos

Tharshish

Atlántida

A-mé-ric-a

SÃO PAULO - BRASIL

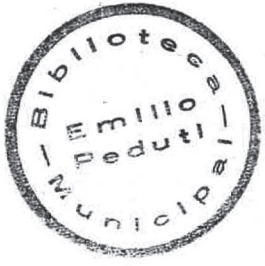
FOMOS E SOMOS A ATLÂNTIDA

PEREGRINO VIDAL

FOMOS E SOMOS A ATLÂNTIDA

Tradições americanas e filologia

O POVOAMENTO da AMÉRICA foi um grandioso drama, gravado nas serras e nas margens dos rios, e cantado pela Toponimia americana! Sintetiza-se na frase de Platão: POSEIDON amou a KLEITO!



São Paulo – Brasil
1946

A GUISA DE PREFAÇÃO

Num ensaio de filologia americanista, apresentado em 1905 ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, J. C. Gomes Pinheiro, após haver confessado que fugia de tratar da árdua questão da origem dos povos americanos, se autóctones ou da Ásia ou da Europa, afirmava, que muitos americanistas já estavam encaminhados para a identificação da civilização tolteca e peruana antiga, e isto, em fôrça do estudo comparativo das línguas, dos símbolos religiosos, das tradições e costumes, concernentes aos antigos toltecas, aztecas, zapotecas e máyas, em confronto com os monumentos e tradições de Tiahuanaco e com os elementos de cultura dos aymarás, quéchuas e chibchas.

O citado autor termina seu ensaio: "Em conclusão, a civilização antiga sul-americana é de origem "tolteca" ou "náhua", isto é, procede do Norte do continente, e não é autóctone, como querem alguns escritores, aliás de pêso.

O presente trabalho — que só pretende ser modesto ensaio — visa repetir as afirmações sobrecitadas: da irradiação primitiva da civilização tolteca ou náhua pelo continente americano todo; e deseja outrossim descobrir essa civilização no seio que a gerou, que foram as margens dos grandes rios, o Tigre e o Eufrates, na Ásia, e deseja surpreendê-la também no tortuoso caminho que seguiu para aportar nas terras do Anahuac, ou México, de onde, à maneira das serpentes, foi banhar, serpeando, com suas águas povoadoras, o Norte e o Sul do México, a América Central e tôda a América Meridional, destacando-se aqui a irrigação peruana e a brasiliense.

Para ferir o alvo mirado, o trabalho começa por *identificar* a nossa *América* com a *Atlântida* dos antigos; feita essa identificação, vai respigar o que da Atlântida nos legaram os antigos historiadores, mórmente Platão; pesquiza, o que recolheram e conservaram as tradições americanas; para entender-se com os

primitivos Povoadores da Atlântida, aventura-se a lhes falar no *antigo idioma de Shumer;* com o mesmo idioma tenta decifrar os nomes americanos, das localidades, especialmente os nomes das serras e dos rios e os nomes tribais; os numerosos litóglifos que exornam nossos montes e rios, e, de modo especial, o grandioso monumento rupestre de Ingá na Parahyba do Norte, querem confirmar-lhe seus achados.

O trabalho em questão, poderá concluir que está de posse da proto-história americana e da história dos seus primitivos civilizadores? Cremos que sim! Dado porém que, avarentos, lhe não quiseramos conceder indiscutidamente essa posse, não podemos recusar-lhe ao menos o titulo de *hipótese ponderosa*, que vem explicar satisfatoriamente as muitas interrogações que, quais estrepes embaraçadores, tentam vedar-nos os passos nas deliciosas paragens da proto-história americana. A sondagem feita com o idioma shumérico, nos terrenos proto-americanos, afigura-se-nos a ampla porta aberta aos futuros estudos históricos americanos. Se o trabalho presente não tivera outro mérito senão êste, já contaria com muito mérito!

E se até êste mérito lhe negassemos, ficar-lhe-ia o de provocar as contestações e as refutações dos mestres da história e interessaria a muitos das questões da nossa proto-história, ramo bastante descurado.

São Paulo, 20 de setembro de 1946.

PADRE HELIODORO PIRES.

Editando êste ensaio, que julgamos assás interessante e original, visamos concorrer com pequeno óbulo em benefício da benemérita e simpática campanha, que está sendo feita atualmente em São Paulo, em prol dos Hanseáticos.

São Paulo, 20 de setembro de 1946.

ORLANDO FERREIRA DA ROSA.

Razão destas laudas

Quando, nos tempos ginasiais, folheava o manual da história da civilização, e nele admirava as páginas que me contavam as interessantes vicissitudes, por que haviam passado os antigos impérios, amofinava-me o pensamento de que o nosso continente não podia se enfileirar na parada solene daqueles campeões e pioneiros da civilização; sentia-me como humilhado e vexado, porque sòmente no século XV nos permitiam, nos metessemos mui pequeninos e mui envergonhados entre os gigantes da civilização humana.

Muita vez manuseei ancioso tratados de história, para ver se neles me era dado descobrir alguma notícia, referente aos primórdios da história americana. Anceios perdidos e consultas baldadas, porque a América só foi descoberta em 1500, e por muito favor! Até essa época o mundo humano havia assistido, pasmo e enleado, o galopar insano e desbridado de 67 longos séculos, e durante todo êsse lápso, o torrão americano havia ficado olvidado e desconhecido dos mortais!... Perseguiam-me reais saudades de uma história nossa, de nossa terra, que devia ter existido e devia possuir explêndidos anais, mas que ninguém me sabia dizer, onde e como ela existira!

Felizmente minhas saudades e minhas ancias hoje quedam satisfeitas, porque posso dizer-me: Existimos nos tempos idos, e sei, o que fomos naqueles tempos! A nossa América pode apresentar-se airosa ao lado das antigas civilizações, porque ela possui uma história, e uma história tão bela e gloriosa, qual a

possuem outras gentes; sua história está gravada nos anais da humanidade, bem juntinho da história dos grandes impérios.

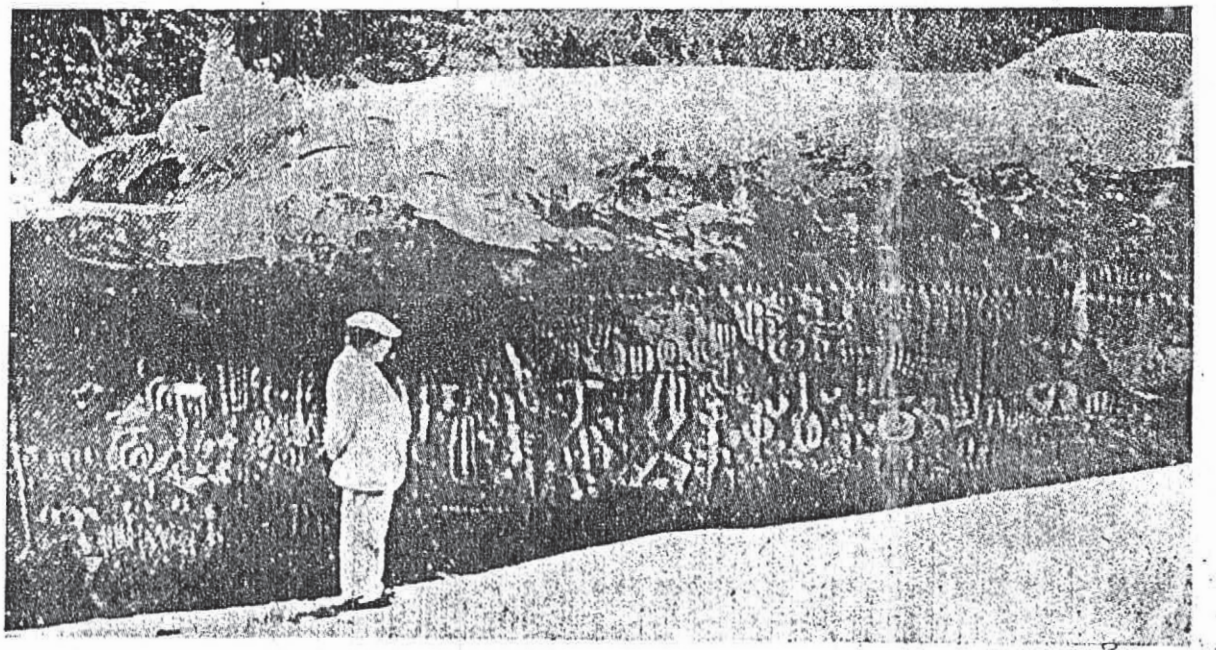
A América com seus povos entrou na liça da humanidade desde os tempos primitivos, e nós felizes e contentes lhe sabemos a história gloriosa!

Sua história nos foi contada pelas tradições americanas e pelos nomes genuinamente americanos, que, a guisa de pedras preciosas, se engastam e fulguram nos mapas do nosso continente.

— Quando nos referimos às tradições americanas, visamos de preferência as tradições recolhidas pelo P. Brasseur de Bourbourg, em suas obras monumentais sôbre a História americana. Muitos nos valemos dos trabalhos orientalistas do P. Hilário de Barenton. Respigamos bons trechos na História Universal de J. B. Weiss. Nem dispensamos pontos interessantes do grande dicionário "Enciclopedia Universal" dos Hijos de Espasa.

— Leôncio do Amaral Gurgel, em 1907, num ensaio, apresentado ao Instituto Histórico de São Paulo, sôbre os Indígenas, descartadas outras opiniões, afirmou: "Entendo sim — e não me consta que esta opinião já tenha sido enunciada — que se por ventura *as partes do mundo foram unidas* — a célebre Atlântida de Platão, que os antigos afirmam ter desaparecido, motivado por um grande cataclismo, *era a própria América*, que em vez de sumir-se, afundada nas águas do Oceano imenso, desapareceu sim, porém das vistas dos primeiros europeus e africanos, sendo arredada violentamente centenas de légoas da velha Europa e da África, ficando de permeio, as águas profundas do Oceano Atlântico".

Comentando a citada passagem, podemos dizer, que as partes do mundo um tempo foram unidas num único continente, e que a célebre Atlântida de Platão é realmente a nossa América!...



Uma das frentes do grandioso monumento do Ingá — Parahyba do Norte. (da "Revista do Arquivo Municipal" de S. Paulo, e dos primorosos estudos do Sr. José Anthe o Pereira Junior).

QUETZALCOHUALTL, que julgamos ser o mesmo Raghemâh, o grande Povoador das Américas. De um relêvo do templo da Cruz, nas ruínas de Palenque — Estado de Chiapas no México. As cinco duplas levas que Poseidon guiou para a Atlântida estão repetidas na figura.

Os primórdios da América

Ao palestrarmos com um amigo, aconteceu referirmo-nos à proto-história americana.

— Você fêz referências à proto-história americana, acentuou-me o amigo; tenho pensado muita vez, com interêsse e com prazer, nesse assunto; tenho-me embrenhado por essa floresta encantada; andei muito, e muito ziguesagueei por ela, e sempre voltei decepcionado; pois, os primórdios do nosso continente são e permanecem impenetráveis; um mistério tenebroso os veda à curiosidade da ciência humana. O sábio e o historiador que se aventuram a desvendá-los, perdem nisto o tempo e o trabalho!

— Não subscrevo sua sentença, contestei ao amigo. Muitos se abalançaram a êsse trabalho, e o não perderam, como não perderam o tempo, porque volveram de suas excursões, pelas brenhas originárias do nosso continente, volveram, não digo com uma história completa, perfeita, mas puderam trazer-nos farto material, com que nos é permitido reconstruir a proto-história americana, ao menos em suas linhas gerais, e dela dar-nos conhecimentos, que deveras satisfazem nossa curiosidade. A mim, ao menos, me contentaram!

— Será possível saber a fonte, em que o amigo foi beber tais conhecimentos, referentes à nossa proto-história?

— Permitidissimo! A primeira fonte, aliás, a única no gênero, é o livro sagrado dos hebreus e dos cristãos: o Gênesis. O Gênesis, ao mesmo tempo que narra os primórdios da terra

Em geral, conta-nos também, por coincidência, a origem material do nosso continente, o qual foi chamado à existência de conserva com os demais continentes.

— Você, interferiu o amigo, acha que êsse livro pode ser invocado para testemunhar o nascimento e a infância do nosso e dos outros continentes, que hospedam o gênero humano?

— Por que não? As razões que assistem a milhões de crentes passados e presentes, para descobrirem na obra mosáica um documento histórico de primeira ordem, convenceram-me em todo o ponto. Convenceram-me tanto, quanto me convenceriam testemunhas oculares de um fato; ou, para dizer verdade, o testemunho do livro santo convence-me, merece-me mais crédito do que mo merecem as testemunhas oculares, porque o livro santo me traz as palavras de Deus, que é verdade suma e infalível.

Minha fé no livro santo cresce, ao constatar que os fatos históricos consignados nas páginas do Gênesis, aos poucos foram plenamente confirmados pelas descobertas científicas modernas.

Os incréus, se quiserem, podem ler o capítulo XIV do Gênesis. Aí se nos conta que quatro reis da Mesopotâmia vairam a combater contra cinco da Jordânia: motivo da luta foi, os cinco, que durante doze anos, haviam reconhecido a suserania de Chodorlahomor, rei do Elam, terem-se rebelado contra o soberano. Os orientais vieram; venceram e saquearam tudo, levando consigo prisioneiros, entre os quais caira também Loth, sobrinho de Abraão. Êste com tresentos fâmulos os perseguiu, destroçou e lhes retomou as presas. Os críticos históricos, ao lerem êste relato, sorriram e deram-no como inverossímil, porque, diziam, os monumentos históricos, nem de longe se reportavam aos reis lembrados pelo Gênesis.

Os meus bondosos críticos sorriram, como soiam sorrir a muitos outros fatos ementados por Moysés. Seus sorrisos es-

carninhos, porém, acordaram os monumentos que dormiam seus doces sonos multiseculares, e os monumentos se apressaram em nos confirmarem, o que nos havia contado Moysés: os reis indecifrados eram reis verdadeiros, históricos que haviam combatido na época recordada pelo Gênesis. Amraphel, rei do Sennaar, era o famoso Hammurápi, rei de Babilônia, então ainda dependente do rei dos Elamitas; Arioch, rei do Ponto, era Rim-Akou, rei de Larsa na Caldeia; Chodorlahomor, rei dos Elamitas, e chefe da expedição, era Kudur-Lagamar, rei do Elam; Thadal, rei das Gentes, era Thudaliash I.º, rei dos Hittitas.

As descobertas modernas que confirmaram o fato acima citado, homologaram igualmente, muitos outros, lembrados no Gênesis; os quais outrora haviam dado margem à incredulidade de certa gente.

— Mas, entre os próprios católicos, lembrou o amigo, houve quem partilhasse das dúvidas dos críticos incréus!

— Houve, infelizmente! confessei-lhe. O racionalismo soube tão bem se camuflar, que conseguiu penetrar sorrateiramente nos arraiais católicos e insinuar-se na mente de não poucos cristãos. Embebidos de tal espírito, pretenderam que os fatos bíblicos se acomodassem aos pretensos veredictos das ciências físicas e históricas: para o quê, engendraram vários sistemas de interpretação bíblica, consoantes com os postulados das sobreditas ciências.

— Você, indagou-me o amigo, não subscreve êsse modo de agir?

— De maneira alguma! Quem deve acomodar-se à Bíblia são as ciências históricas, que não os fatos bíblicos a estas! Os fatos bíblicos assentam no alicerce inabalável da palavra divina, que de modo algum pode errar; quando as ciências históricas se fundamentam nas experiências humanas, que podem facilmente quedar emaranhadas nas malhas do êrro e apanhar gato por lebre!

— Mas, aqui, retorquiu o amigo, não se trata de fé e de moral!...

— Muito embora! Não se trata de fé e de moral; mas se trata de fatos que nos são propostos de envolta com a palavra de Deus, e por tanto sob a garantia da palavra divina! São palavras de Deus! Basta-me isto, para que os aceite como verdades; e, se por acaso, as ciências históricas não mos quiserem subscrever, porque elas ainda não nos descobriram nos monumentos, pedirei gentilmente às ciências, tenham paciência, porque, dia mais dia menos, os fatos manifestados por Deus, serão plenamente confirmados, como o tem sido muitos outros, os quais outrora haviam merecido o desdem ou o sorriso compadecente das ciências humanas!

— Baseado no livro santo do Gênesis, você faz remontar o nosso continente a uma alta antiguidade, qual lha exigem as ciências geológicas, paleontológicas, astronômicas e físicas?

— Amigo! Vou ser-lhe franco, e lhe digo, que, de muito tempo me tornei descrente impenitente e inexorável dessas ciências!

— Não diga isso! Descrer de ciências que se levantam majestosas sôbre os alicerces inconcussos e inabaláveis das ciências experimentais!... das ciências exatas!... das ciências que descansam imperturbáveis no seio inviolável das matemáticas!?...

— Descansam imperturbáveis, quando caem nas graças de admiradores, que sentem prazer em jurar sob a palavra de seus mestres; mas alijam seus entonos, se surpreendidos por alguém, que se afoita a lhes esmerilhar as sentenças, dadas como irrevogáveis!...

— Aconteceu-lhe por acaso de surpreender em falsidades a essas ciências, que por natureza são impecáveis?

— Mais de uma vez! Nem é para se estranhar, se lembrarmos que essas ciências edificam muitas de suas conclusões

sôbre trêmulas e vacilantes hipóteses, engendradas adrede para suprirem alicerces inexistentes, de que carecem e não nos encontram em parte alguma. Haja vista, por exemplo, a hipótese do éter, o elemento indispensável da física, mas que até agora não foi possível desaninhar em parte alguma, não obstante as meticulosas pesquisas multiplicadas pelos sábios! A geologia e a paleontologia levam as lampas de muito às demais ciências físicas em fecundidade de hipóteses, porque uma e outra repousam inteiramente sôbre hipóteses, aliás muito bem arquitetadas, e, a mor parte das vêzes, forjadas com vistas de dispensar a intervenção divina nas obras estupendas da natureza, ou, quando muito, forjadas com intuito de minorar até o extremo a sabedoria e o poder infinitos da ação criadora de Jahvéh, o qual sabe e pode realizar num relance, o que as energias criadas só conseguem perfazer em centenas e milhares de anos ou mesmo de séculos.

A geologia e a paleontologia, por exemplo, nos apontam séries de camadas nos terrenos que revestem o arcabouço da terra, e de conserva com as tais camadas nos fazem admitir eras sucessivas de milhões de anos: camadas e eras, distintas por diferentes terrenos e diferentes fósseis vegetais e animais. A darmos crédito às duas ciências irmãs, devemos admitir eras primárias, secundária, terciária, quaternária e atual, e cada uma delas sulcada por milhões de anos, e assinalada por camadas de terrenos e por fósseis correspondentes. Tudo isso nos ensinam aquelas duas ciências, ainda balbucientes e a ensaiarem os primeiros passos pelo universo!

Mas, quem me garante que seus postulados se baseiam na verdade? Quem me pode assegurar o empilhamento dos estratos paleontológicos e a sucessão das eras geológicas? Quem as acompanhou na enigmática parturição? Na falta de testemunhos oculares dêsses fatos, poderemos invocar como sucedâneo, o testemunho de experiências repetidas? Nada de

nada! Tudo aqui se alicerça em fúlgidas e berrantes hipóteses, habilmente forjadas e muito próprias para empolgarem o assentimento de míopes, enquanto as ditas ciências folgam e se rejubilam em dar-nos gato por lebre!

— Então você não admite as eras geológicas e as camadas paleontológicas? admirou-se meio escandalizado o amigo.

— Admito-as, no sentido de que as várias camadas de terreno com seus fósseis correspondentes, foram criadas por Deus *simultâneamente* e distribuídas pelas várias regiões da terra; em cada camada, pelo mesmo Deus, foram criadas as plantas e os animais que mais condizem com aqueles terrenos; mais tarde, em fôrça de movimentos plutônicos ou netûnicos, as ditas camadas de terrenos com suas respectivas plantas e animais, foram revolvidas, transportadas, empilhadas várias vêzes, e assim puderam dar-nos os terrenos geológicos que admiramos, e que tanto nos enleiam e nos despertam tantas interrogações, às quais as ciências são incapazes de responder.

Está fóra de dúvidas, que Jahvéh se esmerou nas grandiosas obras da criação material do universo, para nele desdobrar uma como imensa exposição de seus trabalhos, filhos de sua sabedoria e de seu poder; exposição permanente a ser visitada e contemplada pelas criaturas racionais, as quais da contemplação dessa magnífica e estupenda exposição, hauririam a inspiração para um sublime e perenal cântico de louvores ao Criador, tão bem retratado nas suas obras do universo, em cada uma das quais ressumbra alguma das grandezas divinas.

As primeiras criaturas racionais que tiveram a dita de contemplarem a grandiosa exposição e de entoarem o sublime hino, foram os anjos. Ora, penso eu, maravilha mais viva, assombro maior causaria Jahvéh naqueles bem-aventurados espíritos celestes, se os surpreendesse com uma terra revestida, enfeitada e povoada, do que se os convidasse a contemplarem o lento

desenvolvimento do nosso esferóide, nas tardígradas e fantásticas eras da geologia e da paleontologia!

O artista que me dá lindo quadro debuxado com algumas rápidas e magistrais pinceladas, é mais admirável que o pintor, que me desenha o mesmo quadro, pedacinho por pedacinho, até dá-lo integralmente. O rei-salmista, ao descrever-nos a grandiosidade da criação do universo, usa uma frase de mestre: "Êle, Deus disse e suas obras foram feitas; êle deu ordem, e foram criadas!"

— Uma vez que o amigo não abona a opinião das eras geológicas e se mostra iconoclasta impiedoso dos lindos ídolos da paleontologia — neste caso, que antiguidade concede ao nosso continente?

— Concedo-lhe a antiguidade que ostentam os demais continentes, isto é, a de *cinco mil anos* antes do aparecimento de Cristo, ou, para sermos mais exatos, a de cinco mil, cento e noventa e nove anos, antes da nossa era.

— Onde foi o amigo mendigar data tão precisa, data que faz questão de um ano para um século?

— Não a fui mendigar; recebi-a graciosamente da própria Igreja de Cristo, a qual, por feliz conexão de idéias, no dia em que preanuncia o Natal de Jesús Cristo, e o recorda a seus filhos, em sinal de sumo contentamento lhes traz à memória as datas principais do mundo humano.

Nesse dia a Igreja, pela sua liturgia, tôda alviçareira, anuncia que Jesús, o Filho do Altíssimo, nasceu em Belem, exatamente após 5199 anos, a contar da criação do mundo, isto é, quando no comêço dos tempos, Jahvéh criou o céu e a terra. A essa data que salienta o lápso interminável, cheio de suspiros e de esperanças dos pobres mortais, acrescenta a data do dilúvio universal, que diz ter acontecido 2247 anos após a criação do mundo, e 2952 antes do nascimento do Salvador.

Além dessas duas datas de capital interêsse para a humanidade, a Igreja nos revela uma terceira data, também de magna importância, a do nascimento de Abraão. Esta vem assinalada no ano 2015 antes de Cristo, e parece, ganhe sua importância, não só por designar o aparecimento no cenário religioso do Patriarca do Povo Eleito, dos Hebreus, mas também por deixar-nos entrever a época de colossais migrações de povos, migrações em que foi arrastada a própria família de Abraão, que da Caldeia emigrou para a região Palestinense.

— Você, obtemperou o amigo, aceita como indiscutidas essas datas fornecidas pela Igreja; certamente o faz, porque admite nela a prerrogativa da inerrância, com que Cristo houve por bem arrimar seu Corpo Mistico, que é a própria Igreja; isto é, você admite a infalibilidade da Igreja nos seus ensinos. Alguém porém, poderia objetar-lhe, que o condão da infalibilidade da Igreja não se estende à cronologia histórica, a qual não constitui matéria de fé nem de moral — campos em que a Igreja goza de infalibilidade pela misteriosa assistência que lhe empresta seu divino Fundador. Nesse caso, seu modo de pensar...

— Nesse caso!... Nesse caso, eu ainda admito a assistência de Cristo à sua Igreja: penso que seria desdouro para Jesús, se sua Igreja, que fala no nome dêle, que o representa, que o substitui, que o encorpora, ensinasse êrros, mesmo em matéria que não atinge a fé e a moral. Por isso aceito como certo e indiscutido, tudo o que me conta a Igreja, ainda mais o que ela me conta no dia, em que tôda prazenteira e alviçareira, me recorda o milagroso nascimento de seu Fundador, Jesús Cristo. Se nesse dia tão festivo e tão glorioso para ela, a Igreja nos chama a atenção a essas datas, creio o faça movida por razões plausíveis, e por isso nos fale em nome de Cristo: sua palavra há de vir a nós nimbada com a auréola da inerrância! Em

vista disso, afirmo-lhe, que o mundo foi criado 5199 anos antes do nascimento de Cristo.

— Mas êsse lápso tão minúsculo, observou o amigo, é gota de água a perder-se no oceano de anos, que encabeçam as cronologias dos mais antigos povos do universo, como são os Babiloneses, os Egipcios, os Indús e outros!

— Essas cronologias, amigo, não passam de invencionices fantásticas, adrede criadas para darem lustre e importância a êsses povos!

— Invencionices?... Não as creio tais! São datas reclamadas pelo cotejo com as datas assinaladas pelas dinastias, datas estas últimas esculpidas indelevelmente nos monumentos antigos, multiseculares...

— As cronologias fundadas nas dinastias devem ser encurtadas de muito! As dinastias egípcias, como também as babilônicas, foram dinastias que reinaram simultaneamente em vários pontos do país; não foram sucessivas, como as julgaram vários historiadores. Os inícios das várias civilizações, egípcia, babilônica, índia — que são as mais antigas — não ultrapassam o terceiro milênio antes de Cristo! Tôdas elas são posteriores à data que a Igreja nos assinala para o dilúvio universal: 2952 anos antes do nascimento de Cristo.

Os cronólogos se fazem fortes com as dinastias do Egito: por elas e com elas, cotejadas com as de Babilônia e com as de outros países, nos dão muito alviçareiros as tais cronologias de *dez mil* anos para cima, antes de Cristo. O grande orientalista H. de Barenton estuda as datas das dinastias egípcias, baseando seus cômputos nos períodos sothíacos — período de 1508 anos da grande estrela "Sirio" da Canicula — e nos dá que a 1.ª e a 2.ª dinastias foram simultâneas, uma no sul e outra em o norte do Egito, de 2762 a 2525; a 3.ª foi simultânea com a 4.ª, 2527-2380; a 5.ª, 23-80-2317; a 6.ª, 2317-2154; da 7.ª à XI.ª, também encontramos simultaneidade: 2174-2013;

a XII.ª de 2068 a 1873, nos faz encontrar com Abraão a peregrinar no Egito. O que se dá com as dinastias egípcias se dá também com as de Babilônia: assim podemos concluir, que o início das grandes dinastias se deu no terceiro milênio antes de Cristo e não mais além, como desejariam certos autores.

— Mas êsses três milênios, contestou o amigo, são espaço curto demais para podermos nele alinhar os acontecimentos registados nos anais dos povos antigos... Já encontrei exegetas católicos que admitem um lápso mínimo de *cinco* a *seis mil* anos, decorridos entre o dilúvio e Cristo.

— Admitem-no, mas baseados nas cronologias das dinastias; cronologias, que, como acabo de lhe dizer, devem ser encurtadas de muito. As datas oferecidas pela Igreja, são ecos das datas consignadas nos livros santos, livros que são o repertório da palavra divina, palavra que, em sendo original, não pode ter o mínimo ressaibo de êrro. Essas datas aliás encontram ecos em outras partes. As tradições mexicanas, conservadas em famosos quadros, ensinam, por exemplo, que no ano 1716 após a criação do mundo, uma chuva espantosa submergiu tôda a terra: é o dilúvio universal. Mais nos dizem, que 521 anos depois dessa chuva, foi fundada a primeira cidade mexicana, a de Tlapatan. Montesinos afiança: "Seria, a 600 anos depois do dilúvio, encheram-se tôdas as províncias do Perú, de moradores". Temos companheiros, que entre a criação do mundo e o nascimento de Cristo, admitem 5199 anos!...

— O amigo lembrou as tradições mexicanas: se me não engano, a gente dos Aztecas admitia a doutrina da "idade do mundo", e, segundo seus cálculos, contavam uns vinte séculos, decorridos desde a criação do mundo até o dilúvio universal...

— Está muito certo. Os mexicanos, pelo que parece, receberam essa doutrina dos Mayas e a apelidaram de "Tonatiuh" ou de "Sol", e nela distinguiam quatro idades: a da "terra", de 5206 anos; a "vermelha" ou do "fogo", de 4804 anos; a do

"ar" ou do "vento", de 4010 anos; e a da "água", que finda com o dilúvio, de 4008 anos. A primeira terminou com fomes e terremotos, porque a terra negou aos homens seus benefícios alimentares; a segunda terminou, porque o deus do fogo desceu à terra para destruí-la; a terceira foi vítima de terríveis furacões; a quarta foi destruída pelo dilúvio. Nesta tradição facilmente entrevemos os castigos que Deus lançou contra a humanidade pecadora e revoltada contra o Altíssimo cujas iras culminaram no flagelo do dilúvio universal.

Que êste seja o sentido das quatro idades do mundo, vemo-lo no fato de que a primeira idade também se denomina "dos gigantes", circunstância saliente na história do dilúvio. Se dividirmos por sete a soma resultante das quatro idades unidas, teremos a data aproximativa do dilúvio universal.

— Então, concluiu o nosso amigo, o nosso continente seguiu em tudo e de perto as vicissitudes dos outros continentes, durante os 2247 anos, isto é, durante o espaço de tempo decorrido desde a criação do mundo até o dilúvio. E depois?

— Depois o nosso continente entrou a seguir um roteiro todo próprio, ainda que semelhante aos dos outros continentes.

— Você é adepto da teoria do *único continente*, que depois se cindiu nos vários continentes atuais?

— Sou adepto e crente fidelíssimo dessa teoria; e o sou, porque julgo encontrá-la no livro santo do Gênesis. Quando do aparecimento da terra, o livro santo diz: "Apareça o elemento árido! E assim se fêz. E Deus chamou ao elemento árido, "terra"; e ao conjunto das águas chamou "mares". Vemos aqui um único continente, que é a terra. Quando Jahvéh se queixa a Noé das iniquidades dos homens, e lhe anuncia o castigo do dilúvio, diz-lhe que "exterminará aos homens juntamente com a terra"; não sòmente os homens corrompidos seriam punidos com o extermínio, mas a própria terra seria exterminada, ou melhor, como reza o texto sagrado, a terra seria

dispersada por Jahvéh. A terra sempre é considerada como um todo, qual emergiu no início, do seio das águas.

Mais adiante o texto sagrado nos apresenta os homens do Sennaar a projetarem a famosa torre, que desafiaria as iras do céu; para o que lhe empresta a seguinte cautela: "Celebrizemos o nosso nome, para que não nos aconteça que sejamos dispersados por sôbre a terra"! Trata-se sempre da terra, como se fôra um bloco único.

No mesmo capítulo Xº, vers. 25, se nos conta que Heber, um dos avós de Abraão, teve um filho, a quem impôs o nome de "Pháleg" ou "Péleg", nome que significa "divisão em partes", e assim o nomeou, porque "no tempo dêle a terra foi dividida, ou, como reza o hebráico, se dividiu" – "ki beyamayô niphelegáh há éres"; diz "niphelegáh", voz do verbo que o grego interpreta: "diemerísthe hê gê" – a terra foi feita em partes". *paleg*: "abrir-se com violência *bal* e terra *ag*", é o que dá o Shumério.

Neste insignificante inciso encontro a revelação histórica da cisão da terra, ou do único continente terrestre em vários continentes menores.

– Mas o texto sagrado, notou o amigo, parece aqui fazer referências à dispersão dos povos, após o dilúvio universal, quando os filhos de Noé, nas planícies do Sennaar, se dispersaram pelas várias regiões da terra!

– O Gênesis fala dessa dispersão dos povos em diversos lugares. Já no cap. IXº, vers. 19, recorda os três filhos de Noé, Shem, Ham e Jáphet, e afirma que por êles o gênero humano se espalhou por sôbre tôda a terra; aqui o hebráico se há mui conciso: "por êle se dispersou tôda a terra – naphet sáh col-haères", o que o grego traduz: "diesparesan epí pasan tên gên".

No cap Xº, vers. 5, lemos acêrca dos descendentes de Javan, filho de Jáphet: "E êstes se separaram, os das ilhas

das nações, nas diversas regiões", isto é, "sairam os povos que foram ocupar tôdas as terras, situada alem do mar". O "separaram-se" tem seu correspondente em "nipheredu" do verbo "pharad" — "separar, dividir"; em grego temos "aphoristhesan". O autor não usa do "phalag", que usara quando disse: "foi dividida a terra".

No mesmo cap. vers. 32, temos: "êstes são os filhos de Noé, segundo os seus povos e as suas nações. Delas sairam (se dividiram, se separaram) as nações da terra, após o dilúvio". Também aqui o "se dividiram" nos é dado pelo hebráico "pharad", isto é "nipheredu", e pelo grego "diesparesan", e não pelo "phalag".

Podemos também cotejar o vers. 4 do cap. XI°, onde se fala do projeto da torre, que devia erguer-se até as alturas, antes que os filhos de Noé se espalhassem por tôda a terra: "pen-naphus", disseram êles; em grego: "pro tou diaspárenai hemás epí prosópou pases tês gês". Aqui o "espalhar-se" é dado pelo verbo "pus" e não pelo "phalag" da divisão da terra dos tempos do filho de Heber.

— Você, objetou o amigo, quer descobrir num pequeno inciso do Gênesis, a revelação de um fato, que, no meu modo de ver, mereceria uma apostila mui solene, uma descrição grandiosa.

— O estilo de Deus, quando historia suas obras grandiosas, é o estilo das poucas palavras, como o que empregou na descrição da criação da luz, dessa criatura cheia de mistérios e de encantos: "E a luz foi feita!" Com duas palavras Jahvéh nos contou as mil maravilhas que se escondem no seio impenetrável da luz. Da mesma forma, no meu modo de ver, com aquele insignificante inciso, "nos tempos dele foi dividida a terra", Jahvéh quis transmitir aos humanos que um dia havia um *único* e grande continente; que êste continente, durante

a vida de Pháleg, se cindiu em vários continentes, quais os temos hoje ou com pouca diferença.

— Em que época teria acontecido essa cisão do único continente ?

— Não é muito difícil o cálculo. Pháleg nasceu uns 400 anos depois do dilúvio. Como deixamos dito, o dilúvio se deu 2247 anos após a criação de Adão e 2952 ante o nascimento de Cristo; com esta base podemos dar a separação dos continentes pelos anos 2650 após Adão, ou então, 2550 antes de Cristo, isto é, no século XXVI antes da nossa era.

— Que data estabelece o amigo para a dispersão dos povos, em seguida à empresa da torre de Babel ?

— O lapso entre o dilúvio e a dispersão não deve ser longo; a benção e, ao mesmo tempo, ordem, intimada aos oito supérstites do grande cataclismo: "Ve'athén perú, orebú shoretsú ba'eres, urebú baih", isto é: espalhai-vos e crescei, multiplicando-vos sôbre a terra, e crescei sôbre ela !" — essa ordem devia soar inclemente aos ouvidos dos filhos de Noé, pois os apoquentava ainda, quando deliberaram a construção da torre monumental, que iria celebrizar-lhe o nome, antes que fôssem obrigados a se dispersarem pelo mundo todo.

A família de Jacó, que ingressou no Egito com setenta pessoas, depois de 400 anos, saiu da terra do Faraó com um povo calculado em mais de dois milhões de pessoas: uns duzentos anos após o dilúvio, época em que ainda vivia Noé, são mais do que suficientes para nos darem meio milhão de pessoas, que depois da estulta pretensão da torre colossal, da região do Sennaar se dispersaram até o Extremo Oriente — as Índias e a China, e até o Extremo Ocidente — as terras além do Mar Interior, ou Mediterrâneo, o Egito, a Lybia e a Atlântida.

Admitidos êstes duzentos anos, teremos a dispersão dos povos nos anos 2800 - 2700 antes de Cristo, um século e meio

ou dois séculos antes do desmembramento do continente único, época, em que do Sennaar os filhos de Noé se espalharam por tôda a terra, para, pouco depois, assistirem os desmembramento e ao respectivo deslizamento dos vários continentes atuais: entre êles surgiu o nosso continente.

— O nosso continente, acrescentou o amigo, que veiu deslizando até o ponto do Oceano, onde o contemplamos hoje...

— Eu não penso assim, amigo! O primeiro deslizamento do nosso continente foi pequeno, manso; levou-o talvez, quando muito, até a linha das Canárias, onde estacionou uns doze ou quinze séculos, e onde foi conhecido pelos antigos com o nome de arquipélago ou de Ilha da Atlântida, e cremos também sob o nome de *América*, ou "terra dos filhos de Aram".

Facil cousa é capacitarmo-nos do desmembramento do único continente. Se examinarmos um mapa planisférico da terra, já no primeiro olhar, teremos a sensação de contemplarmos um primitivo, grande continente, desagregado nos vários continentes atuais; e nos será cousa facil assemelharmos o efeito dêsse desagregamento ao efeito produzido por violento murro ou poderosa maçada, arremessados contra uma lâmina vítrea ou uma laje: os fragmentos resultantes não mantêm ordem alguma. Pequeno trabalho custará à imaginação agregá-los novamente num único bloco ou continente.

As camadas geológicas com seus depósitos fósseis, a flora e a fauna, iguais nas margens do desconjuntamento, proclamam a existência de um só bloco primitivo, o qual mais tarde se desagregou para formar as várias ilhas e continentes atuais. Nos depósitos fósseis do Perú, encontramos ossadas de animais, de leões, por exemplo, que faz muitos séculos desapareceram do continente americano, mas continuam no africano.

A geologia nos revela que em tempos remotíssimos, os continentes atuais eram arquipélagos; que o Vale do Reno era

um grande lago, como o era também o Sahara; que o norte da África era uma península aderente à Espanha; que as Ilhas Canárias e o Açores são restos de um grande continente, a Atlântida, com uma flora comum desde a América até a Espanha; que a Sicília estava unida à Itália, e o norte da França às Ilhas Britânicas; que o Mar Cáspio comunicava com o Lago Aral, e que ao norte da Ásia havia um mar, onde encontramos hoje o Deserto dos Gobi; que o Gihon bíblico era continuado pelo Jordão palestinense e pelo Nilo egípcio, para em seguida ir desaguar no mar de Sahara. (Sahara – *ra*, mar; *ha*, de peixes; *sa*, bonitos).

A mesma ciência nos diz que, naquelas épocas remotas, se deu um resfriamento muito grande, um período glacial. A Escandinávia, a Escócia, a Inglaterra, a Irlanda, os Pireneus, os Cárpatos, os Balcãs, a Arménia e a Assíria ficaram cobertas pelo gêlo. A própria Itália, até a Sicília, tornara-se uma Sibéria. Os blocos erraticos do norte da Alemanha e da Rússia, que parecem lançados da Escandinávia por braços de Titãs, foram correndo como ilhas flutuantes sôbre os gelos dos montes, dos vales e dos lagos. A América do Norte como a do Sul estão cobertas dêstes enormes blocos: sinal mais que evidente, de que o nosso continente estava unido aos outros continentes, e com êles sofreu o castigo dêsse período glaciário.

Quando abrandou o frio e entrou o degêlo, multiplicaram-se as correntes áqueas ou os dilúvios. Os grandes vales transformaram-se em lagos, e os rios alcançaram larguezas descomunais. Pela infiltração das águas nas rochas, formaram-se numerosas cavernas, que mais tarde serviram de abrigo aos animais e aos homens, os famosos *troglodítas*.

Podemos imaginar repentinos e pavorosos movimentos telúricos que abriram profundas fendas no solo, invadidas pelas águas dos mares, mormente pela grande corrente oceânica,

que rodeava o continente único, As águas, no seu furor de invasão, dividiram profundamente o continente único; desagregaram-no em vários continentes menores e em ilhas, os quais deslizando sôbre as águas e sôbre o núcleo central, foram-se aos poucos afastando do centro, até se estabelecerem no sítio que ocupam atualmente.

Na cisão do continente único, não seria descabida a suposição, de que tenha entrado em cena o *gêlo*: um primitivo grande rio Atlântico e um primitivo rio Índico teriam gelado sob a influência da corrente glacial nórdica, e gelados teriam agido como cunhas para forçar a separação dos continentes americano e oceânico.

Como conclusão diremos que não nos resta a menor dúvida de que um dia tivemos um grande bloco terrestre, o qual mais tarde se cindiu em vários continentes: um dêles é o nosso — a América.

Se quisessemos interrogar a etimologia da palavra *okéanos* e a procurassemos no shumério, teriamos uma clara confirmação do único continente primordial. Lemos em shumério: *a - u = o* (a água do mar) *ki* (as terras) *e - a* (sua correnteza com) *nu* (envolve). A filologia explica o nome "oceano", como o definiam os gregos: "Ho perirreôn tên oikumenên okéanos"; isto é, "o rio que rola suas águas ao redor das terras habitadas".

Esta definição filológica nos permite concluir, que nos tempos, em que se formaram as primeiras línguas, o oceano descrevia realmente uma corrente circulatória ao redor da terra habitada, e que suas águas circulavam rente das costas da terra, a guisa de gigantesco rio. O "Gulf-stream" seria um vestígio dessa corrente.

A geologia nos informa que nas eras primitivam, a terra, desde o equador até os polos, estava coberta de vegetação uniforme, própria da zona tórrida. A terra devia desfrutar igual

clima, relativamente quente e úmido, em tôdas as latitudes. Isto se explica, se admitimos a circulação do Oceano ao redor de um continente único: a circulação leva do equador para os polos a corrente quente, e traz para o equador a corrente esfriada nos polos, dando assim uma corrente de temperatura média, relativamente quente, temperatura que o vento distribuiria a todo o continente.

O continente único, com sua corrente circulatória, nos facilita, imaginarmos, como no dilúvio universal, "se romperam tôdas as fontes do grande abismo... as águas cresceram, e tudo inundaram com violência"; como outrossim foi cousa facil aos descendentes de Noé, após haverem ganhado o Golfo Pérsico, contornarem a Ásia, e chegarem à China e à Índia.

Os primeiros vagidos do Continente

Se alguém indagar de minha opinião acêrca da formação do Universo, não hesitarei em lha dar. E será, a que me fornece o livro santo, o qual, além de ser garantido pela palavra divina nele contida, impõe-se-me pela sua simplicidade e, ao mesmo tempo, pela grandiosidade da narração. Com o livro santo, dispenso o sistema das nebulosas, evocadas para apadrinharem o aparecimento do Cósmos, como também para deixar de endossar a teoria da explosão do átomo primordial e outras semelhantes. A do livro santo é simples e ao mesmo tempo grandiosa e estupenda.

— Você aceita a semana genesíaca, tal e qual a lemos no primeiro livro de Moysés? inquiriu o amigo.

— Aceito-a fundamentalmente, isto é, — admito que os seres do universo vieram à existência sucessivamente e na ordem em que foram recenseados por Moysés. Os dias enumerados pelo autor do Gênesis, considero-os tão sòmente como termos divisórios, separativos, de acontecimentos capitais, realizados êstes num instante e seguidos por lapsos, em que a obra criadora ficou suspensa.

— E qual seria então o primeiro acontecimento genesíaco?

— O livro santo se abre com a criação dos céus, da terra e das águas. Pelos céus, quero entender os vários espaços celestes, sobrepostos, até as últimas raias do universo, espaços cheios de elementos gasosos. Os gases envolvem o elemento líquido, representado pelas águas, e nestas se aninha o elemento sólido,

que é a terra, a qual, além de estar coberta por copiosa massa de água, estava sumersa em densas e impenetráveis trevas, e se achava num estado de cáos e de confusão, e despojada de qualquer revestimento. A terra inicia a vida como humilde embrião, confiado ao seio materno das águas.

Há um intervalo, em que o Espírito Santo com sua virtude de vivificadora, anda por sôbre as águas, como para fecundar a matéria caótica e prepára-la para ser organizada.

O segundo ato do grandioso drama genesíaco, foi a criação da luz, o eter, êsse ente misterioso, destinado a ser elemento de transição entre os seres espirituais e os materias.

— Você, reparou o amigo, chama a luz de elemento, e parece lhe atribua realidade substancial; a física nos ensina que a luz não é sinão simples acidente, uma modalidade da matéria: são vibrações da matéria, e nada mais!

— Não ignoro que assim doutrina a física e com ela os físicos e muitos outros; apesar disso, tenho para mim, que a luz criada por Jahvéh, no começo das cousas, não pode ser um simples acidente; para mim ela é uma verdadeira substância, constante de elementos extremamente leves e subtís, quase imponderáveis, mas verdadeiros elementos. Elementos físicos, azôto e oxigênio, nos dão a combinação física, que é o ar; elementos químicos, oxigênio e hidrogênio, nos dão a água; elementos lúcidos nos dão a *luz*. Com êsse levíssimo elemento Deus encheu, até a transbordância, o universo tudo!

— Pela teoria dos ""quanta", observou o amigo, encaramos a luz não como grandezas continuas, mas sim como divididas em quantidades elementares.

— Perfeitamente! E talvez possamos identificar com as quantidades elementares da luz, os protônios, os neutrônios e os eletrônios da teoria atômica atual. A própria eletricidade, irmã gêmea da luz, se não é a mesma luz, já se nos apresenta nos seus elementos ou grãos.

Mais um intervalo no grandioso drama! No silêncio e na quietude dêste, o embrião da terra, ninado mas macias entranhas da água, foi-se desenvolvendo, formando e extruturando, da mesma forma que o embrião de um ser vivo, um animal, vem se formando no útero materno. O sistema ósseo da terra é representado pelas rochas; o muscular, pelas camadas de sedimentos: sedimentos destinados e revestirem o arcabouço rochoso e ao mesmo tempo, diferenciados um do outro, a poderem agasalhar os vários gêneros de vegetais e de animais, com que seria povoada e enfeitada a terra. Durante o mesmo silêncio, entre os céus altos e as águas, formou-se o reino do *ar*, o gentil irmão da água e grande amigo da luz.

Completo o tempo de gestação, as águas dão ao lume o magnífico continente, que é a terra, o elemento sólido, enquanto as águas se recolhem ao lugar que lhes destinou o Criador, e aceitam o nome de *mares*.

Segue-se novo intervalo, após o qual, à voz todo poderosa do Criador, do Verbo divino, a terra se cobriu de ervas, de arbustos e de plantas de inúmeras espécie, tôdas localizadas em terrenos próprios para cada espécie.

Após novo intervalo, o todo Poderoso, pelo seu Verbo divino, lança nos céus intérminos, nesse oceano imenso de luz, os incalculáveis exércitos de estrelas, chefiados pelos astros e pelos sóis. O exército estrelar entra logo em exercício com seus complicados movimentos e com suas maravilhosas fulgurâncias.

Há mais uma pausa, um descanso. Logo em seguida, à ordem do Verbo divino, nas águas enxameiam cardumes de peixes; nos ares estreiam suas correrias revoadas de pássaros, e sôbre a terra se movimentam animais de milhares de espécies.

Tudo é vida! Tudo é movimento! Tudo são notas harmoniosas, com que as criaturas cantam os atributos, o poder, o amor, a glória de Jahéh Elohim, que as chamou gracio-

samente à existência. O universo todo é um côro grandioso: os astros são os altos, os animais, os vegetais e os minerais são os baixos e contra baixos!

Faltava apenas o regente da magna orquestra, o homem, o qual de conserva com os espíritos celestes, recolheria as notas harmoniosas das criaturas tôdas, e as transformaria num hino sublime de louvor ao Criador de tôdas as cousas.

Último ato do grandioso drama da criação é, quando o Verbo divino lhe mais uma ordem, e logo aparece o maravilhoso ser que é o homem, admirável composto de matéria e de espírito, de corpo e de alma. Alma racional, com que, à semelhança de Deus, seu Pai, vive, pensa e ama!

Como porém o homem esteja sosinho, e se lamente por não encontrar entre os animais um ser que o possa auxiliar e alegrar, Javéh o faz cair em profundo sono, durante o qual, uma parte do corpo de Adão, como acontece nos fenômenos de cissiparidade, se destaca do restante, o qual é prontamente reintegrado na parte subtraída; ao mesmo tempo, a parte destacada, como por encanto, cresce e se desenvolve num corpo perfeito, completo, o da primeira mulher, Heva.

Javéh apressa-se em acordar a Adão e em lhe apresentar aquela que será sua companheira e auxiliar, e será a mãe de seus filhos. Adão, à vista de Heva, alegra-se entusiasma-se, a ponto de sentir-se tomado do estro poético, e improvisa um sublime hino, em que celebra as honras e as glórias do matrimônio.

— O amigo pensa que Deus tenha realizado os vários números da criação successivamente e com os respectivos intervalos, mas com atos instantâneos?

— Exatamente, com atos instantâneos, como se traduzem na linguagem dos salmos: "Êle disse e foram feitos; mandou e logo foram criados!" Com atos instantâneos, à guisa do que fazia Jesús Cristo, quando efeituava algum milagre, por

exemplo, o da multiplicação do pão, o da transubstanciação da água em vinho, o da bonança da tempestade. Devemos lembrar que a *síntese é o processo das obras de Deus;* quando *a análise é o cunho das obras humanas.* Aliás, se quisessemos humanizar a Deus, diriamos que Deus dispôs de tôda uma eternidade para estudar seus planos, e tudo em seguida dispôs com medida, número e pêso. Era mui razoável, que executasse num relance, planos estudados durante essa longa eternidade!

O modo como Deus realizou a criação dos nossos primeiros pais, Adão e Heva, nos pode deixar entrever o processo por Êle usado na criação das demais criaturas. Nossos pais, Deus os criou instantaneamente, e os criou perfeitos, num estado de natureza completa; não os fez passar pelas várias fases, por que passam seus filhos, isto é: vida embrionária, fetal, infantil, pueril e da adolescência: apresentou-os ao mundo adultos. Assim penso, tenha Deus procedido com tôdas as demais criaturas: pensou-as e as criou perfeitas!

— Mas o estudo da natureza, fez notar o amigo, revela muitas leis que são cumpridas fiel e imudavelmente; o que faz supor que a natureza as guardou também nos primeiros dias, quando foi chamada à existência!

— Sua ilação, amigo, não procede, porque essas leis foram promulgadas para os indivíduos já perfeitos, e não para os indivíduos que iam ser cabeças das várias espécies; as leis que regem os vários elos de uma cadeia, em geral não se aplicam ao primeiro elo; êste se rege por leis de emergência!

— A criação dos nossos progenitores, Adão e Heva, teria acontecido muito depois da do universo material?

Atendo-me às datas fornecidas pela Igreja, que para mim estão isentas de erros, presumo que o tempo decorrido entre a criação do universo material e a dos primeiros homens, foi relativamente breve. S. Agostinho, com Orígenes, S. Tomás e outros não só admitem espaço mui breve para as obras da

criação, mas chegam, com uma explicação ideal e alegórica, a suprimirem até êsse pequeno espaço, pois são de parecer que Deus criou as cousas tôdas num só momento, e que os dias genesíacos não indicam uma sucessão real, mas são simples metáforas ou símbolos de visões angélicas ou então representam uns como quadros, destinados a agruparem as várias obras de Deus, Criador de tudo.

— Você acha provável a extraordinária longevidade, que o Gênesis empresta aos homens antediluvíanos? indagou o amigo.

— Não só provável como certa! Até muito natural, pois *a vida entra no rol dos movimentos*: é muito natural que os primeiros impulsos sejam mais vigorosos, e tenham maior e mais eficaz duração. Por isso, não concordo com aqueles que pretendem transformar os anos genesíacos dos patriarcas, em meses ou quejandos espaços de tempo. Aliás a vida longa genesíaca é imitada e até sobrepassada de muito pelas fantásticas longevidades que os Babilônios atribuiam aos nove ou dez reis, que teriam reinado no Sennaar, nos séculos antediluvianos. Os Egípcios, os Índios, os Chineses, todos êles reclamam idades longuíssimas para os seus primeiros reis e fundadores. Confirmam os relatos do Gênesis.

— Os homens do Sennaar, a primeira monarquia do mundo, teriam chegado em suas peregrinações até à região que mais tarde foi o nosso continente, a América? inquiriu o amigo.

— Razões bastantes ponderosas nos persuadem, de que êsses homens permaneceram sempre na região "Entre os rios" ou como lhe chamavam êles, a Aram Naharáim — "planalto entre os dois rios", isto é a Mesopotâmia, da qual não se arredaram nem distanciaram, e onde depois foram surpreendidos pelo dilúvio universal, que deu cabo de todos êles, salvando-se apenas Noé com sua família. Assim o nosso futuro continente partilhou da sorte dos outros, só no referente ao reino animal,

vegetal e mineral; mas não participou na do reino hominal, porque os Sannaarenses não chegaram até o Extremo Ocidente, a nossa futura pátria.

— Pelo que você me disse, insistiu o amigo, o nosso continente, pouco depois do dilúvio universal, uns 2600 anos após a criação do mundo, foi desmembrado do único e grande continente, e, aos poucos, se foi afastando para o Ocidente, deslizando por sôbre as águas, ou por sôbre o núcleo central da terra. O deslizamento do continente o levaria na primeira impulsão, até o ponto onde o temos hoje?

— Pelo que posso ajuizar, a primeira impulsão foi mansa, não levou muito adiante o nosso continente: creio que as Canárias lhe ficaram marcando o primeiro paradeiro. Pelo que nos dizem os autores, a passagem da Atlântida para o continente europeu, era muito fácil; o que nos faz supor, que a distância marítima que os separava, devia ser pouco notável; entre êles mediaria uma distância semelhante, à que existe hoje entre a França e as Ilhas Britânicas, as quais outrora, quando do único continente, estavam unidas.

— Você, obtemperou o amigo, aceita como provável a teoria de Alfredo Wegener, *a do deslocamento dos continentes?*

— Aceito-a não como provável, mas sim como certa!

— Qual seria em resumo, essa teoria, a que o amigo se apega com tamanha confiança, e lhe empresta o valor de uma descoberta preciosa?

— Para Wegener, e também para mim, os atuais continentes, a princípio constituiram uma só massa continental, que se agrupava mais ou menos entôrno da África atual. O movimento de rotação da terra, a fôrça centrífuga, a corrente oceânica, que corria ao redor do bloco terrestre e mais outras fôrças ocasionaram a fragmentação desta massa: foi então que a América se deslocou para o oeste, e se formou o Atlântico,

que passou a ocupar o lugar, onde aquela estava outrora. Igual origem tiveram os continentes australiano e o antártico.

Acêrca do primitivo continente e do seu desmembramento, as provas que mais sorriem ao sábio geofísico, são: a evidente correlação que existe entre os perfis da África e da América do Sul, na parte banhada pelo Atlântico; as semelhanças da fauna e da flora fósseis das regiões hoje separadas; a própria natureza das rochas que as constituem.

A teoria vem explicar muitos fatos: compreendemos os levantes e os abaixamentos da crôsta terrestre — os chamados "movimentos pirogênicos"; por ela saberiamos que foi o continente americano que se deslocou para ocidente, e não o polo norte em direção oposta; e o que mais nos importa, por ela explicamos o mistério da existência da Atlântida! Não só explicamos o mistério da existência da Atlântida, como por ela podemos vislumbrar os primórdios da civilização americana, civilização cuja revelação foi anelada e pesquizada por muitos, e que tem permanecido sempre no seu incógnito tentador, negaceando como angustioso e doloroso quebra-cabeça dos historiadores!...

Abeberados nas teorias de Wegener, recolhemos tudo, o que de civilização americana encontraram os conquistadores — talvez diriamos melhor "rapinadores sanguinários" — seiscentistas e seguintes; arrastamos êsse acervo de civilização até o silencioso túmulo, que esconde as cinzas sagradas da civilização da Atlântida! Agradável surpresa nos colheu, quando constatamos, que a civilização dos antigos Mexicanos, dos Othomís, dos Náhuas, dos Aztecas, como também a dos Mayas e Quichés, a dos Muiscas, a dos Incas, a dos Aymarás e dos Chimús — não é nada mais do que a continuação da civilização dos primitivos povoadores da Atlântida! E mais ainda surpresos ficamos, ao constatarmos que *a misteriosa* ATLÂNTIDA *não é senão a nossa própria* AMÉRICA, o còntinente que, da linha

das Canárias, se afastou, Oceano além, até descansar, sempre envôlta em profundo mistério, no ponto em que estamos atualmente.

Corremos curiosos as páginas que nos relatam a civilização, encontrada pelos conquistadores da América, e as conferimos com as poucas páginas que sôbre a Atlântida nos deixou Platão: nem haviamos ainda terminado o rápido, glorioso, quando nos saiu espontâneo o nosso "heureca!"

Haviamos constatado que *fomos e somos a* ATLÂNTIDA!

O mapa de Sebastião Munster, de 1540, nos dá um esbôço da América, conforme aos conhecimentos daquela época, denominando-a de "Novus Orbis", e bem no centro do mapa da América do Sul, escreve: *Insula Atlantica*, quam vocant Brasilii et Americam". *A América é a Atlântida!*

A proto-história e a Mesopotâmia

Não podemos por em dúvida que os albores da humanidade raiaram na antiga região asiática da Mesopotâmia, a fertilíssima planície, banhada a oeste pelo Eufrates e ao leste pelo Tigre. Os antigos a conheceram como Shumar, Kardúnias, Shine'ar e Babilônia. A planície, terras de aluvião, pode medir uns 40 mil quilômetros quadrados. Era famosa pela sua fertilidade, pois permitia várias plantações durante o ano. Devia-o às inundações dos dois rios. A fama maior, porém, que goza esta panície, é a de ter sido o berço da humanidade, e o teatro em que se passou a juventude dos nossos antepassados, e onde conversaram na linguagem primitiva, a linguagem que, pelo que nos parece, foi a mãe de tôdas as línguas humanas.

O Paraiso terrenal esteve ligado aos dois rios. Encontramos situadas na planície do Sennaar, ladeando o Eufrates, as mais antigas cidades, como também nela se nos deparam os primeiros reinos: de Eridu, de Larak, de Sippar, de Shuruppak. Após o dilúvio, os homens vieram da Armênia para o Sennaar, onde o famoso Nemrod, bisneto de Noé, o Nimurta dos Babilônios, fundou os impérios, primeiro de Babilônia, e depois, o da Assíria.

A indiscutida semelhança entre as tradições babilônicas e as bíblicas e as dos próprios americanos, explica-se pelo fato de ter sido o Sennaar a séde primitiva da humanidade, onde as tradições eram conservadas pelos patriarcas, homens de vidas

mui prolongadas, aptas para conservarem as tradições nos seus valores primitivos.

A razão nada tem a opor à admiravel longevidade, gozada pelos homens nas primeiras eras. Pelo contrário, julga-a mui razoavel. Organismos perfeitos, não deteriorados pelo uso ou trabalho esgotante, nem enfraquecidos por moléstias, além disso, dispondo de alimentação cheia de vigor, como eram os vegetais naquela época, e como também seriam as carnes e os peixes: tudo nos faculta concluirmos que a longevidade daquelas gerações era cousa mui natural. Explica-se outrossim, por que os grandes povos antigos atribuiam reinados longos fantásticos aos monarcas de suas prehistórias, e celebravam heróis que consagraram aquelas idades.

Encontramos semelhança de tradições: sôbre a criação do universo e dos homens; sôbre a queda original; sôbre lutas entre os homens e Deus, e de modo particular, sôbre o grande cataclismo do dilúvio universal. Tôdas elas combinam e conferem no fato fundamentad, mas variam muitíssimo nos acidentais ou pormenores.

Do fato de as tradições primitivas, provenientes de Babilônia, serem mais numerosas e com mais visos de verdade, podemos colher mais um argumento em favor da afirmação, de que a Mesopotâmia foi a região que hospedou os homens nos albores da humanidade, e de lá foi povoar o mundo todo.

Durante o longo lapso que atribuimos aos albores da humanidade e a sua proto-história, vemos os homens, obedecendo às ordens de Deus, crescer e multiplicar-se. O teatro da vida dêstes nossos antepassados é a magnífica planície da Mesopotâmia, a terra do Eufrates e Tigre, ao oriente da Palestina, região que deve ter acolhido todos os homens que viveram desde Adão até o dilúvio. Lá cresceram os filhos dos homens, os descendentes de Caim, com todos os descendentes de Seth, os filhos de Deus. Lá os filhos de Deus gostaram das

lindas filhas dos homens, e despresado o preceito da monogamia, escolheram-se entre elas espôsas, e com elas perverteram-se. Lá ainda encontramos as famosas gerações dos salteadores e dos gigantes.

O aumento da povoação não seria grande. A experiência nos ensina que, quanto mais fortes e pujantes são os autores da vida, menos numerosa é a prole dêles. Quanto mais fracos, mais cansados, mais filhos geram. Baseados nestas experiências, aliás confirmadas pelos poucos fatos narrados pela Bíblia, julgamos que o aumento da humanidade, nos dois primeiros milênios, tempo decorrido entre Adão e o dilúvio, tenha sido muito pequeno e lento.

Nem sairam da planície do Sennaar, porque esta lhes oferecia o necessário para a vida singela daqueles tempos: aliás não dispunham de meios numerosos e fáceis para grandes migrações. A unidade de linguagem seria outro fator, que os manteria unidos na grande planície. A longevidade dos patriarcas também teria concorrido para o mesmo fim.

Com Caim e Abel já encontramos a agricultura e o pastoreio, e com Nemrod, a caça, em pleno desenvolvimento. Tubalcaim é mestre na indústria do cobre e do ferro: por tanto os nossos homens possuem armas e instrumentos cortantes. Jubal é mestre de música instrumental. O progresso da metalúrgica no comêço se refleteria na produção de armas para a defesa contra as feras e para a caça, e, mais tarde, para as lutas que surgiram entre os homens, e por conseguinte as armas iriam servir na guerra e nas empresas dos ladrões e salteadores.

A arquitetura esbôça seus passos com Caim, que edifica uma cidadezinha, Hanoch; talvez se trate de umas poucas tendas cercadas, para defesa, de muros ou de fossos.

Não tardam a surgir os primeiros reinos. A história do Sennaar nos fala em várias cidades, capitais de reinos: Eridu, chamada também Urussuiba, Subaru ou Nunki; Larsa, Badti-

bira, Larak, Sippar, Shuruppak. Eridu ufanava-se de ter dado hospedagem ao primeiro homem, Adapa. Cada uma destas teria sido vencida pela seguinte, e teria dado reis que governaram o Sennaar.

A civilização de Babilônia começou pelos anos 4500, uns 1500 anos antes do dilúvio.

Não tardaram a aparecer os Shumérios e os Akkádicos governando a Mesopotâmia. Shumer equivale *shu* (mão, poder) e *mer*, (forte, grande): facil a identificar-se com os Nephelim, os gigantes da Escritura. *Akkad* também pode significar: *ak* (povo) e *kad* (pequeno).

Beroso e documentos cuneiformes nos conservaram os nomes de *Dez Reis*, que governaram em diferentes cidades do Sennaar, antes do dilúvio. Seus reinados, datados com números visivelmente fabulosos, para encarecimento da origem do império, podem vislumbrar a verdade, se os "saros", períodos de 3600 anos, forem reduzidos a dezenas de anos.

Entre as tradições históricas, uma das mais assentadas e mais generalizadas, é a do dilúvio universal. Encontramo-la entre todos os povos, até os mais bárbaros. Os povos indígenas da América conservaram mui viva na memória a tremenda calamidade, que foi o dilúvio universal.

As águas acompanham mui de perto ao homem, e o acompanham envôltas em mistérios... A água tem tido papeis importantes, especialmente no berço da humanidade. Ela tem sido para a terra ama solícita, modeladora admirável; mas tem sido também executora inexorável e inflexivel dos castigos, que Deus tem infligido à terra pecadora.

Assim o foi no dilúvio universal, quando, segundo o livro santo: "Romperam-se tôdas as fontes do grande abismo, isto é, o mar invadiu o continente, e todo o vivente foi exterminado da terra, só ficando Noé e os que com êles estavam na arca".

No que respeita a data do dilúvio, podemos estabelecer como ponto de partida: de Adão ao dilúvio noético, 2000 anos, 3000 anos, do dilúvio até Cristo. Edmilson José Zanin

Moysés, ao relatar as causas que provocaram o dilúvio, não acusa aos homens antediluvianos de atos de "idolatria", mas sòmente sublinha com traços carregados as suas "imoralidades".

Os descendentes de Caim, os Cainitas, são chamados de "filhos dos homens", em oposição aos filhos de Seth, os Sethitas, apelidados "filhos de Deus"; os primeiros passaram como reprovados por Deus, os segundos são tidos como eleitos do Senhor. Dos primeiros o Gênesis recorda os múltiplos progressos feitos na metalurgia, na música, na edificação da cidade de Hanoch; como também recorda a Lamech por ter sido o primeiro que violou o preceito da monogamia, desposando a Adah e Tziláh, e no-lo apresenta como guerreiro cruel, orgulhoso e blasfemo, a brandir uma arma forjada pelo filho e a blasonar de seus feitos, ameçando de morte, a quem quer que ouse feri-lo ou golpeá-lo.

De Enós, filho de Seth, diz-nos pelo contrário, que começou a invocar a Javéh publicamente. De Henoch sabemos que "caminhou com Deus", isto é, viveu na santa lei de Deus, mediante a piedade e a justiça, e depois de 365 anos de vida terrena, foi arrebatado por Deus fóra deste mundo, aguardando-se sua volta pelos fins dos tempos, na grande luta contra o anticristo. De Noé conhecemos igual elogio, isto é, que em sua vida andou sempre com Deus.

Já temos duas cidades, a do mal ou a dos filhos dos homens, e a do bem ou dos filhos de Deus. Por algum tempo foram crescendo, separadas uma da outra; os Cainitas habitavam mais para o Oriente, no país de Nod.

Não tardaram porém a infringir essa separação. Quando "os homens começaram a ser numerosos sôbre a face da terra, e lhes nasceram filhas, os filhos de Deus viram que as filhas

dos homens eram formosas, e sem mais entraram a escolher-se por espôsas, entre tôdas as que lhes aprouve". Os filhos de Deus, na escolha de suas companheiras, não consultaram mais a razão, mas sim o prazer material, carnal, libidinoso, e assim violaram abertamente a unidade e a santidade do matrimônio, estatuidas por Jahvéh no Éden, pois tomavam as mulheres que bem entendiam – a poligamia! – guiado exclusivamente pela sensualidade, pelo prazer carnal. Casados com mulheres materializadas, facilmente se deixaram seduzir por elas, esqueceram a Jahvéh; e daí caíram em graves desordens morais.

No Paraiso terreal, o que pôs a perder ao homem, foi a soberba; agora é a sensualidade, a laxivia que o leva a perder, depravação esta que vinha acompanhada do perigo, de que o verdadeiro conhecimento de Deus e a própria religião desaparecessem da terra.

A cidade do mal desta arte arrastou consigo a cidade do bem, a ponto de arrancarem dos lábios de Jahvéh a terrível ameaça: "O meu espírito, o espírito que eu assoprei no homem, a alma imaterial, não há de permanecer para sempre no gênero humano, porque o homem agora não é senão carne, está cheio de vícios e de corrupção, vive como se não tivesse alma imortal! Concedo-lhe ainda apenas cento e vinte anos para fazer penitência!"

Além da corrupção generalizada entre os homens das duas cidades, havia nesse tempo a provocar a cólera de Jahvéh, os *Nephelim*, homens sacudidos, violentos, opressores, salteadores, sanguinários; e, quando os filhos de Deus se uniram às filhas dos homens, e estas lhes deram filhos, aos Nephelim se ajuntaram os *Gibborim*, os heróis famosos dos tempos antigos.

A existência de gigantes famosos nas remotíssimas eras do homem, nos é confirmada pelos monumentos assírios; pela mitologia grega, que nos fala nos Titãs; nas tradições da India, da Pérsia, dos Germanos, do México e do Perú. A admirável

longevidade dos patriarcas antediluvianos nos afirma a pujança, o vigor extraordinário da vida humana naqueles tempos.

A corrupção se estendeu por sôbre tôda a terra habitada por criatura humana, a qual estava repleta de iniquidades e de violências, por obra naturalmente dos Nephelim e dos Gibborim.

A final desabou o castigo do céu, o dilúvio. Todos os homens pereceram; só se salvaram os felizes inquilinos da arca.

Acêrca da extensão do castigo divino, alguns admitem a universalidade geográfica do dilúvio; outros a universalidade antropológica relativa: o flagelo só teria atingido o povo, cuja história é o ponto visado pelo autor sagrado; outros, pelo contrário, propugnam a universalidade antropológica absoluta: o dilúvio invadiu tôda a terra então habitada por criaturas humanas, as quais tôdas destruiu, afora as refugiadas na arca de Noé.

Esta última opinião é a que mais nos convence, e é mais razoavel, e ao mesmo tempo, é a que melhor resolve as muitas dúvidas, que podem ser levantadas contra a realidade do fato do dilúvio universal.

Os documentos babilônicos nos recordam, entre as cidades existentes antes do dilúvio, as de Eridu e de Babilônia — as duas cidades que eram consideradas como cidades santas — mais Bad-tibira, Larsa, Larak, Sippar e Shuruppak.

Os mesmos documentos nos informam que o herói do dilúvio — o nosso Noé — "Um-napistim-ruqu", nome que corresponde ao shumério "Zi-ud-sud-du", e que os Gregos leram, "Sisuthros"; êsse Noé vivia e construiu a arca salvadora em Shuruppak, cidade situada na beira do Golfo Pérsico, perto da foz do rio Eufrates. Shuruppak antigamente era chamada a "Cidade da Arca" ou "da Nau", e nela era adorado o deus Ea, o deus do dilúvio. Nesses documentos encontramos que

os supérstites do dilúvio, após o flagelo, foram desenterrar os escritos que haviam escondido em Sippar, fundaram novas cidades e reconstruiram a de Babilônia.

* * *

Tôdas as tribos americanas, até as que foram visitadas pela civilização nos últimos tempos, conservaram viva e transmitiram nitidamente a tradição do dilúvio universal, sublinhando-o como fato que muito as impressionara: foi uma das impressões principais que lhes legaram os primitivos povoadores da América — sinal evidente de que êstes estiveram muito vizinhos do calamitoso acontecimento, como também é sinal que *emigraram para o nosso continente, em época não mui distante do dilúvio*, pois dêle ainda guardavam memória espantada.

Os nossos índios recordam o *Tamandaré* e *Aricuté* filhos do civilizador Mair-monan. Tamandaré nos pode dizer: *ta* — poderoso, *man* — dominador, *dar* — das crescidas, *é* — águas — o que superou as grandes águas do dilúvio.

O dilúvio universal, pelo que nos relata o Gênesis, não chegou a alterar a face da terra, como haviam feito outros cataclismos. As águas que inundaram a terra, aos poucos, compelidas pelos ventos, foram diminuindo até deixarem a terra enxuta, a qual retomou seu ritmo natural; pois a pomba pôde voltar com seu raminho de oliveira recente. Aliás, as excavações executadas até o presente na Mesopotâmia, ainda não puderam acusar um estrato de terreno, que corresponda ao dilúvio de Noé.

Nesta suposição teriam ficado de pé as cidades existentes antes do dilúvio, e que reaparecem pouco depois da dispersão das gentes, reunidas por Nemrod, para formarem o novo império babilônico. Kis foi a capital que deu os primeiros 23 reis.

A dispersão da gente do Sennaar realizou-se de acôrdo com a profécia de Noé, feita, quando de gesto irreverente do filho Ham, que não soube relevar uma imprudência paterna. O filho culpado foi amaldiçoado no neto Canaan: "Maldito seja Canaan, que perderá a prerrogativa de filho, para ser vilíssimo escravo de seus irmãos!" Os descendentes de Canaan seriam os escravos de seus irmãos, isto é, dos demais povos.

A Shem foi reservada uma convivência especial com Jahvéh: sua família será escolhida para ser a depositária fiel da religião de Jahvéh, e dela sairá o povo que será coroado com o reinado do Messias. Além disso, êle terá a Canaan como seu escravo, cujas terras passarão para os Hebreus. *Edmilson José*

Japhet terá por sorte muita expansão territorial; habitará outrossim nas tendas de Shem, pois terá parte nos bens religiosos de seu irmão; e também êle terá a Canaan como escravo.

Com estas bençãos, os descendentes de Noé rumaram para as várias regiões da terra, cumprindo as ordens do Senhor Deus.

O capítulo X° do Gênesis é um estupendo quadro etnográfico, em que Moysés resenha todos os povos conhecidos pelos seus patrícios. Alguns são citados pelo nome do chefe do grupo; outros pelo nome patronímico, e outros pela localidade escolhida para morada.

O quadro divide o mundo em três zonas: o norte, ocupado pelos filhos de Japhet; o centro, pelos de Shem, e o sul, pelos de Ham. De Japhet descendem as duas raças mais numerosas do mundo: a turânica, que do centro da Ásia se derramou até o Danúbio e chegou até o Extremo Ocidente; e a indo-europeia, que da Índia se espalhou pela Europa inteira.

Se desejamos uma data para assinalarmos a dispersão das gentes, por falta de cronologia precisa, podemos apontar o terceiro milênio, uns 2700 anos antes de Cristo. De cálculos feitos sôbre catálogos dos reis de Babilônia, posteriores ao dilúvio, pode-se inferir, que as dinastias de Babilônia tiveram início

bem aquem do ano 3000. O início da monarquia egípcia fica mais aquem ainda dos 3000 antes de Cristo.

Datada a dispersão geral dos povos no século XXVII, isto é, 2700 - 2600 antes de nossa era, temos todo o tempo necessário, para que os povos, após breves ou longas peregrinações, por diferentes plagas da terra, escolhessem a estância definitiva; como também temos o tempo necessário para as várias civilizações, especialmente a babilônica e a egípcia, alcançarem o fastígio, em que as encontramos, já em eras remotas.

* * *

O *dilúvio universal* nos é conservado no grandioso monumento de Ingá, em nossa Parahyba do Norte. A misteriosa inscrição do monumento se abre, à esquerda do observador, na parte inferior, com o majestoso vulto de *Noé*, metido num curioso recipiente, uma espécie de cisterna: homem hirsuto, deixa aparecer sob o queixo seus três filhos: Ham, chifrudo; Jáphet, com o cocar, e Shem, com o diadema real. Os três filhos tornam a aparecer, em forma de serpentes; Shem pelo alto da esquerda; Ham, pelo alto da direita; e Jáphet, pelo chão, mais para a direita.

À esquerda da cisterna podemos adivinhar os três primeiros povoadores da América: Magog, Madai e Tharshish; logo, à direita da cisterna, avultam, em dez medalhões, as figuras faciais dos dez *Atlantes*, conduzidos à Atlântida por Netuno ou Raghemâh.

Os três primeiros reaparecem, sob a figura de Leão, Galo e Cavalo branco, no começo da ribanceira fronteira à parte posterior do monumento, e logo em seguida, na parte superior do monumento. As figuras dos dez Atlantes as divisamos em várias partes do monumento, e, geralmente, pela ordem das levas que chefiaram em demanda da Atlântida, sob o mando geral de Netuno.

Um povo grande e desconhecido

Ao estudarmos a história da civilização, encontramos entre os antigos povos, os Egípcios, os Caldeus, os Hebreus, os Índios, os Pérsas, os Mêdos, os Gregos, os Romanos e os Chineses; mas se não nos depara, ao menos "ex-professo" a história dos Shumérios, aos quais agora emprestamos suma importância, mormente em nosso caso do povoamento primitivo das Américas.

Explicamos essa falha pelo fato de a história dos Shumérios não ser conhecida dos antigos; pois, começou a escrever-se sòmente em seguida às numerosas descobertas e excavações modernas.

Os Shumérios tiram seu nome de Shumer, região ao sul de Babilônia. São o povo mais antigo da Mesopotâmia e juntamente com os Akkádios abrem a história dessa região e originam a civilização babilônica, a mãe de tôdas as civilizações da Ásia Ocidental; e, se quisermos, de tôda a civilização, pois da Mesopotâmia partiram as levas que se distribuiram pelo orbe todo, após a confusão das líguas.

Fundaram várias cidades ao sul da Mesopotâmia: Ur, Lagosch, Erech e outras; de caçadores tornaram-se pastores e agricultores. Seu advento à Mesopotâmia deve ter-se dado após uma época glacial que secou os desertos. Essa época convem muito bem com a do dilúvio.

Sua raça julga-se resultar de um caldeamento de importante elemento caucásico com o elemento indígena da Mesopotâ-

mia, que era um prolongamento de povos negróides do Iran. Pertenciam ao ramo dos braquicéfalos; tinham estatura média, maçãs do rosto e lábios mui pronunciados, olhos muito grandes, sobrancelhas muito arqueadas.

Possuiam a escritura cuneiforme; escreviam da esquerda para a direita. Dêles possuímos inscrições públicas que datam do século XXVII antes de Cristo. Dispunham de organização social e política muito adiantada.

A religião dos Shumérios foi, no comêço, a própria dos pastores e montanheses; depois introduziram deuses relacionados com as fôrças naturais, e por fim adotaram a mitologia astral. Tinham como a deus supremo a Enlil, o deus do vento e da tempestade; sua espôsa, Minlil, era a deusa da fecundidade e da geração; cultuavam também a Ninchar-sag, a mãe dos deuses; a Nina, deusa das fontes e das águas; Anu, deus do céu e pai de Enlil; Ea, deus do mar; Schamash, o sol; Sin, o deus lunar e Nana, a deusa lunar. Cada cidade prestava culto especial a um deus.

Usavam uma língua distinta, quer da dos Shemitas, Hebreus, como também da dos Indo-Germanos e até dos mais povos caucásicos, elamitas, hamitas e outros, apesar de terem muitas afinidades com êste povo. Morfologicamente, é classificada entre as línguas aglutinantes. Tem raizes monossilábicas, faz largo uso de prefixos, sufixos e nos verbos de infixos. Carece de plural. Em vez de proposições usa de posposições. Assemelha-se muitíssimo ao nosso tupi-guarani. — Mais uma prova de que os nossos ameríndios tem qualquer ligação com êsse povo asiático.

Podemos ter provas do mesmo, nos artefatos de cerâmica, ramo de indústria, em que os Shumérios, como todos os povos antigos, muito se especializaram. Fato interessante: foram executadas excavações na antiga cidade de Ur, pátria de Abraão. Após profundas excavações, em camadas em que ha-

via cerâmios de várias épocas, deram com um estrato de três metros de espessura, depósito de aluvião — dado pelos competentes como índice de um dilúvio, acontecido uns três mil anos antes de Cristo. Logo em seguida a êsse estrato de aluvião, encontraram nova camada com cerâmios iguais aos da camada superior.

Os nossos ameríndios também deixaram vestígios de que conheciam a arte da cerâmica. Os maiores espécimes dêsses artefatos foram encontrados ao norte do Brasil, e acariciamos esperanças de que, em tempos melhores, se façam pesquizas a êsse respeito, e então possamos enriquecer melhor nossos museus. Mas, como ia dizendo, os Shumérios gostavam de modelar seus edifícios, maximé os templos, pelas pirâmides, gôsto conservado pelos nossos ameríndios na América Central, no México e no Perú.

Não há duvidar, de que há realmente muitos pontos de contacto entre os Shumérios e os primitivos habitantes da América: a língua, os traços físicos, as artes e também notamos muita relação entre a religião dêsses asiáticos e a dos americanos: uns e outros tinham um culto especial pelo sol e pela lua, talvez mais por esta do que por aquêle; além disso os Shumérios tinham como deus supremo, chefe de tôda a côrte celeste, o deus do vento e da tempestade, e os nossos aborígenes respeitavam como a ser supremo a Tupan, o trovão.

Podemos resumir a história dêsse grande povo. As várias cidades principais dessa gente tiveram o domínio e deram dinastias ao país ora uma ora outra; às vêzes, havia dinastias simultâneas em duas ou mais cidades. Guerreavam entre si pela hegemonia, e com os vizinhos para defenderem ou alargarem fronteiras. Tempos houve, em que lograram estender as conquistas até o Egito e na Ásia Menor. Tiveram príncipes que se salientaram pelas vitórias, ou pela sábia administração do reino, como Meselim pelos anos 2600 a. C., que dominou

todo o país e dedicou em Lagasch um monumento ao deus Ningirsu com uma inscrição, que é o primeiro documento escrito na língua shumériа.

Duzentos anos mais tarde, o rei de Umma leva o império até o Golfo Pérsico e o Mediterrâneo num apogeu de cultura e de literatura. Pouco depois, Sargon de Agade conquista tôda a Mesopotâmia, e chega à Ásia Menor, fundando um imenso império. Pouco mais tarde o império é invadido pelos Gutim, povo nómade do Zagro, de raça caucásica, que domina os Shumérios durante meio século, e depois é expulso.

Por êsse tempo, surge o piedoso rei Gudea, sábio administrador; com êle a arte shumériа atinge o apogeu, em construções monumentais, templos, estátuas; protege os inválidos, castiga os opressores.

No último quartel do século XIX, aparece o grande Hammurápi, que conseguiu debelar numerosos inimigos, reconstruir a grandeza do reino e estendê-lo até a Armênia. Administrador experto e ativo, abriu canais, construiu templos, e deixou o nome ligado ao célebre código de Hammurápi, em que refundiu as leis semitas e shumérias.

A morte dêste príncipe começou um período de plena decadência. Cidades se rebelaram contra a Capital; os Cassitas invadiram o país e o saquearam. Dão-se novos movimentos sediciosos, até que, em meado do século XVIII, o país é invadido e devastado pela poderosa nação dos Hittitas, que sobrevieram do noroeste. Dalí para diante passou para novos domínios, que são os que lembramos, quando recordamos a história da civilização babilônica e ninivita, história que encontramos nos manuais de história.

Acêrca da hipótese da vinda dos Shumérios para o nosso continente, hipótese que para nós hoje entra nos domínios da história, e até ousamos dá-la como fato certo, isto é, o do povoamento da Atlântida pelos povos dos Shumérios: podemos

colocá-lo nos séculos XXVI-XXV ántes da nossa era, século e pouco após a dispersão geral das gentes, que da Mesopotâmia se espalharam pelas várias regiões do mundo.

Os Shumérios nos merecem especial atenção, não só, porque a êles atribuimos o povoamento da Atlântida, mas também, porque êsse povo teve grandes influências sôbre os povos egípcio-lybicos, povos que estiveram em contacto notável com os nossos povoadores, os quais, necessàriamente, transitaram pelo Egito, e umas levas dêles até estacionaram tempos nas terras dos Faraós, antes de passarem para o nosso continente.

Essas influências aparecem claramente entre os nossos ameríndios.

Alguem poderia lembrar o que certos autores dão como fato indubitável, de que a América já estava habitada na época do dilúvio, e fundamentam tal asserção no fato já constatado, de se haverem descoberto, em cavernas americanas, restos humanos junto com restos de animais antediluvianos.

Explicamos facilmente o fato lembrado, admitindo vários dilúvios posteriores ao de Noé, o dilúvio universal. Animais que não foram atingidos nesta inundação, a qual só foi universal nos lugares habitados por humanos, êsses animais morreram em tempos posteriores, juntamente com homens primitivos, colhidos por algum outro dilúvio ou cataclismo. Nem devemos esquecer que essas descobertas de fósseis humanos antediluvianos em cavernas americanas, é fato que ainda aguarda confirmação: naturalmente é muito desejado, por quem precisa documentar, teorias que não podem socorrer-se de provas autênticas!

O havermos falado em restos mortais, encontrados em cavernas, nos traz à mente um fato mui deplorável, o da extinção gradualmente acelerada dos nossos indígenas. Podemos imaginar! Na época da descoberta da América, a nossa população orçava, por cálculos mui razoáveis, em *cem milhões* de homens;

dêles, uns dez a quinze milhões constituiam a povoação do Pindorama, do Brasil!

O México, Anahuac, ou "país entre águas", quando da conquista seiscentista, contava trinta milhões de habitantes: a Capital com 300 mil almas, palácios, águas encanadas, etc.; Texcoco, com 160; Tlazcalhan, com 125 mil; Cholalhan, Xochimilco, Azcapotzalco, com 100 mil cada uma; Huexotzinco, com 60 mil habitantes. Cuzco, Capital do Perú, apresentava 400 mil habitantes, com 4 mil sacerdotes; e o exército peruano dispunha de 200 mil homens, perfeitamente equipados!

Cidades tão populosas supõem necessariamente numerosas e grandes povoações do campo, gente dedicada à agricultura, indispensável para o sustento dos numerosos habitantes da cidade e do grande exército do país.

O número extraordinário de sacrifícios, oferecidos anualmente, de modo especial pelos Mexicanos, — consta que êsses sacrifícios consumiam cada ano cêrca de *vinte mil* vítimas humanas! — faz supor uma população mui crescida, para poder dar tantas vítimas! A mesma suposição deriva das frequentes e sangrentas guerras, com que êsses povos se dizimavam frequentemente.

Explorações do fim do século passado encontraram ao noroeste do país dos Choctós na Carolina e na Geórgia — no antigo reino dos Atlantes ou Toltecas — um imenso depósito de ossos humanos, restos, parece de multidão de guerreiros, 60 a 100 mil talvez, mortos em combates; o que foi evidenciado pelo fato de estarem quase todos os crânios fraturados ou atravessados por flechas de silex.

Atualmente os Ameríndios, todos juntos, não atingem a miséria de dez milhões!

E dêsses dez milhões, qual a parte que cabe ao nosso Brasil? No comêço dêste século, cálculos generosos davam-nos para o Brasil, uns 200 mil indígenas. Hoje se reduzirmos êsse

número à metade, creio seriamos ainda demais generosos. A mór parte dêles está espalhada na zona do aniquilamento, que é a região do Amazonas!

Várias causas são responsabilizadas nesse doloroso aniquilamento, nesse crime horrendo de lesa pátria. A mais criminosa, a que clamará eterna vingança ao céu, foi o extermínio que dos ameríndios fizeram os conquistadores e colonizadores, que os perseguiam, como se perseguem feras; caçavam-nos, como se caçam animálias do mato; roubavam-lhes as mulheres e as filhas, para, impunemente, saciarem seus instintos animalescos, enquanto os maridos e pais delas eram trazidos escravos para o trabalho da lavoura ou dos engenhos!... E, cousa monstruosa e infame! para os desalmados sicários justificarem seus atos brutais, iam apregoando que os nossos ameríndios não possuiam alma racional, que não pertenciam ao gênero humano!!! Que horror!

Daí a faina louca dêsses homens-feras, em destruirem tudo, o que se referia a civilização da nossa gente, para que êsses grandiosos monumentos não erguessem seus protestos contra os bárbaros sedentos de ouro!...

A esta causa, como causas secundárias, podemos acrescentar as lutas fratricidas, travadas constantemente entre tribos e tribos, aldeia e aldeia; causa que, de há muito, cessou.

Causa de máxima influência, quase substrato das demais, foi sem dúvida a fenomenal indolência de nossa gente, ocasionada pela fertilidade das terras e pela não necessidade de lutar para sustentar a vida. Essa indolência característica de nossa gente, concorreu como fator, digamos, máximo se bem que remoto, para o enfraquecimento da raça, que se tornou incapaz de se defender contra os inimigos humanos e contra as moléstias, das quais se tornou vítima indefesa, das constipações, tosses, varíola e sobretudo da tuberculose.

A avariose entre os nossos indígenas era moléstia banal, e, segundo alguns escritores, teria sido até inócua. Não concordamos com êstes últimos; achamos nela o substrato das demais misérias, e queremos ver nela uma causa da infecundidade, que vários autores notaram nas mulheres indígenas, especialmente nos últimos tempos.

O alcoolismo por sua vez, tem muita conta no cartório indígena, mormente depois que os brancos facilitaram aos índios o uso de bebidas alcoólicas.

O descuido com que pelos nossos se tratam as crianças ao nascerem, concorre em parte para o extermínio dêles. Não concorre porém tanto. O que mais concorre, é o infanticídio, praticado com suma facilidade e por motivos insignificantes, quase sempre por motivos religiosos supersticiosos e por preceitos rituais inexoráveis.

Além do infanticídio devemos sublinhar com nota vergonhosa, também o abôrto, o "iakyára", bastante em uso entre os nossos bugres.

Assim, a extinção completa dos nossos indígenas — extinção não muito distante — é fato que cae sob os olhos de quem quer não seja cego! Pobres de nossos selvagens!...

Mas deixemo-nos de tardias e inúteis lamurias e recriminações, a fim de volvermos aos nossos Shumérios, aos nossos primeiros povoadores da América!

Os Shumérios nos merecem especial atenção, porque, como tentaremos provar no decurso do trabalho, é dêsse povo que nos vieram os povoadores primitivos da América ou da Atlântida, isto é, os *treze* célebres *povoadores* recordados por Platão e pelas numerosas tradições americanas. Os treze são filhos ou netos de Noé, e irmãos dos que povoaram os outros continentes.

A história americana tem sua raiz principal na Mesopotâmia; outras radículas se espalham pelo Nilo, pela Mauritânia e pela Hibéria. Seu tronco começa a aparecer além das Co-

lunas de Hércules — na Atlântida: onde se ergue majestoso e distende sua copiosa e estupenda ramagem por todo o continente americano.

Muitos investigadores das cousas passadas americanas suspeitaram ou opinaram, e outros afirmaram que a civilização americana nos veiu — através do Atlântico — do Mediterrâneo ou de mais além, do Egito ou da Asia.

Transcrevemos só por exemplo, uma conclusão que termina respeitável trabalho de Raimundo Morais em *"O Homem do Pacoval"*, belo estudo consagrado aos Marajoaras ou à gente da Ilha do Marajó ou Ilha dos Joannes:

"Não será preciso grande imaginação para se chegar, com o visconde de Pôrto Seguro, à dedução quase positiva de que o atual habitante da América Meridional proveiu do Mediterrâneo. E' a pedra, através de pompeantes maravilhas, que atesta o fato em primeira linha. Surgem depois outros indícios por entre costumes, liturgias, lendas, mitos e dos próprios tipos física e moralmente. A índole do felá é a índole do caboclo. As superstições nilóticas são quase irmãs das amazônicas. O culto dos mortos semelhante. O nome de certas canoas parecido.

Sempre que se recorre à prehistória americana, a fim de num melhor balanço poder avaliar os aspectos etnográficos e antropológicos, o que se vê pelas características somáticas e psíquicas, é a semelhança racial dos povos do Nilo e dos povos da Amazônia. Além dessas provas fundamentais, há um vivo rasto semítico, entre nossas tribos selvagens: é a circuncisão. Como poderia o aborígena empregar êsse processo, a não ser pelo uso remoto de seus maiores?...

Ao serem estudadas as linhas geométricas de certas pirâmides, mexicanas, constataram-se as fórmulas matemáticas das pirâmides egípcias. Os números de uma altura, multiplicados por outros, redundavam em distâncias astronômicas positivas e só obtidas nos túmulos faraônicos".

A. Morais tudo isto afirma da civilização marajoara, que é a que mais se distancia da egípcia; muito mais podemos afirmá-lo da civilização geral da Atlântida, acrescentando um reparo às afirmações do ilustre escritor amazonense, isto é:

A civilização americana não é filha da egípcia, mas sim é sua irmã; uma e outra nasceram na Mesopotâmia, e de lá tomaram o rumo sudoeste: uma se deteve no vale do Nilo e outra, após breve estadia na terra dos Faraós, passou o Mediterrâneo e veiu viver nas plagas virgens da Atlântida, e nos legou a civilização americana, cujo crepusculo ainda conseguiu assombrar aos aurisedentos conquistadores seiscentistas!

As grandes migrações dos povos antigos

As grandes migrações dos povos aparecem na história pouco depois do dilúvio universal, e tôdas elas iniciam suas marchas na Caldeia: de lá, secundando as ordens terminantes de Jahvéh, se despenham a povoar o mundo, mormente as regiões meridionais, que bordam o então continente único.

Os primeiros povos que se movimentam, são os filhos de Ham, os Kushitas, que fundam o vasto império babilonês e o de Nínive. Parte dêles descem o Golfo Pérsico, e vão colonizar as Índias e a China, até o Extremo Oriente; outra parte sobem o Eufrates, tomam o Gihon-Jordão, (naquela época os dois rios eram um só, que vinha desembocar no então grande lago do Sahara) e chegam até o Alto Egito, formando o imenso império kushita.

O episódio tão singelo, recordado pelo Gênesis, em que Ham se porta desrespeitosamente para com o pai Noé, escarnecendo-lhe a nudez imprevista, escárneo que desencadeou a maldição do ultrajado contra descendentes do filho impiedoso; o episódio, além de consignar um fato, em que Deus prega o respeito devido aos progenitores, talvez esconda também um sentido simbólico, isto é, o início oficial do culto fálico, o culto obsceno que vemos acompanhando especialmente aos filhos de Ham, culto, cuja reação introduziu o rito da circuncisão, tão generalizada entre os shemitas, ao mesmo tempo que impunha aos cultores do culto obsceno a demandarem em vultosas levas

Osiris, Esus, Mercúrio, Hermes; os Argentários, o do sol, e de Horus. Os militares conheciam a Deus por *Zamama*, *Zab*, *Jobmal* e *Marte*.

Nas migrações, feita a repartição das terras e organizada a propriedade privada do templo, criou-se uma milícia, destinada à proteção da mesma propriedade. Então os soldados com suas tribos dependiam dos sacerdotes; mais tarde os soldados suplantaram aos sacerdotes, e começaram a fundar impérios, e então a autoridade passou para os militares. Os animais rituais dêstes foram: o chacal, o cão, o lôbo, as aves de rapina e a vaca.

As migrações formavam-se com a federação de varios clans: tinhamos federações e ritos.

A federação de Nemrod, que logo no comêço criou o império babilônico, e que usava como emblema a águia com cabeça de pantera, repousando sôbre dois leões e duas cabras, compunha-se de seis tribos: Nemrod, hamita, chefe, rei, do rito da pantera; Aram, shemita, chefe sacerdote, do rito do trigo e da águia; o kushita Raghemâh, pai dos Lybios, e o japhétida Magog, ambos das tribos do leão; Meshek e Tharshish ou Thubal, do rito da cabra. Mais tarde a federação se fragmentou: os Arameus, como se haviam dado à navegação, associaram-se Riphat, o lenhador-vaqueiro, e formaram a federação dos Arameus ou Syrios com os Paphlagônios, filhos êstes de Tharshish e de Riphat, e mais os Cappadócios, descendentes de Meshek.

Entre os melhores artistas do Bronze contamos os Arameus, a federação syro-fenícia, que estendeu seu comércio até o Extremo Ocidente, passando pela Provença, Espanha, Portugal e Bretanha. Formou-se a primeira caravana na Cappadócia: a federação dos Kushitas, Fenícios, Mosoch e Iberos, que se apoderou de todo o curso do Gibon-Jordão, desde a Arménia até o Egito, onde mais tarde deu a primeira dinastia de Thebas. Eram gigantes e marinheiros. Mais tarde a mesma federação foi

ocupar os principais rios da Europa e passou também para a Atlântida.

Os povos metalurgistas e ourives vieram da Caldeia com o nome de Kash, ou fundidores, e emprestaram o nome aos Cabires e às Ilhas Cassitéridas. Trabalhavam ouro, prata, cobre, chumbo, estanho e bronze. Formaram a federação dos "Kash". Havia também a dos "Tim", ou fundidores de bronze. Êstes partiram do Egito para o Extremo Oriente, através das Índias, e demandaram o Extremo Ocidente, seguindo as praias do Mediterrâneo e do Oceano, enquanto os "Kash" iam ao Ocidente pelo Norte.

Encontramos no Egito os "Mesî-Hor", os fundidores de Hor, ou companheiros de Horus, o famoso conquistador, o qual com o bronze que fundiam, pôde enfrentar e dominar os inimigos, da fação de Set. A federação de Horus deu largo contingente à Atlântida.

Os Arameus tornaram-se ótimos artistas do bronze; e, como seu mister exigisse estanho, vieram procurá-lo a Cartago e na Espanha, até o Ocidente, onde deram o nome à Armórica (de "Aramórica": *ara* — águia, *mi* — sacerdote-consagrador, e *rik* — abundância).

A tribo dos Avaros, rito do cavalo, ou do asno, e do trigo, formava uma federação, e nela abrigava também os "Andes" ou Antis Partiram do Cáucaso, passando, na Europa, pela França, onde fundaram várias cidades; colonizaram os Berberes e penetraram na América. Tinham como associados aos Gavi, do rito da cevada e da serpente. (Anti: *a* — sacerdote, *nid*, *nti* — do leão ou da águia).

O rito do leão ou de Nebo, junto com o do cão, veiu da Caldeia para o Egito, onde conseguiu ficar em primeiro lugar o rito do chacal; em segundo o do leão; em terceiro o do falcão de Horus. Do Egito passou para a Itália com os

Etruscos, e depois para o Ocidente, entre os Lybios, Bascos e Bretões.

As tribos do rito da serpente eram os Mizraim do Egito, porém só como associados do sumo sacerdote; o chefe devia de ser Javan, o qual conquistou o Egito, ensinando-lhe a agricultura e lhe deu o culto do trigo.

* * *

Osiris, Iris e *Horus*. Imensa importância ganhou no Egito e depois, no Extremo Ocidente, o rito e o culto dêstes três deuses egípcios.

Osiris, mui provavelmente, é um hamita, filho de Raghemâh, sacerdote do trigo, ao qual acrescentou o rito do boi ou do touro, o boi Apis. Veiu ao Egito com a federação de Menés; mas foi superado pelo hamita Kush, do rito do peixe e do rito fálico: assim Kush ficou em primeiro lugar e Osiris no segundo. Osiris foi morto, mas foi vingado por Horus seu irmão e filho seu e de Isis (a deusa novilha, o rito da vaca).

Horus é o sacerdote do falcão ou do gavião e também do sol nascente. Êle com seu falcão conduziu muita gente para a Atlântida, e na Atlântida os levou para várias regiões. O nome de Horus, graças à polisemia dos nomes shuméricos, o surpreendemos em muitas tribos americanas. A primeira é a dos Atlantes, cuja denominação sôa: "Chefes-sacerdotes do rito da falcão ou de Horus" (*A* — chefe, *til-a* — do falcão, *nti* — união). A tribo dos Atlantes deu a segunda dinastia do Egito e uma à Espanha e a maior povoação da América primitiva.

Horus era figurado como um menino ou homem que traz na cabeça o falcão ou os chifres de bois ou o disco solar; ou tem figura humana, mas com cabeça de gavião ou então aparece sob o aspecto do sol. Os Gregos o chamavam Harpócrates. Os Egípcios o identificaram com o sol nascente: *Ra* —

deus do sol. Para figurarem o curso do sol no céu, imaginaram a Horus como se fôsse um falcão a voar pela amplidão do céu. Depois o confundiram com *Ra*, o sol. Sua figura: um ser humano com cabeça de falcão, coroado pelo sol, e a carregar um cetro dourado. O falcão representando a Horus, era a ave sagrada dos Faraós. Seu nome significa "deus manifesto", deus da luz.

Nas migrações antigas devemos recordar um certo parentesco entre os Iberos, os Lybios e os Berberes. Uns e outros usavam nomes iguais, com terminações comuns, com a inicial "T" e com a reduplicação. Entre os Lybios e os Iberos, há as mesmas armas e a mesma tática de guerra; os mesmos caracteres antropológicos: dolicocéfalos, lábio inferior grosso, nariz algo achatado, cabelo crespo, zigomas salientes. Idênticos caracteres psicológicos: fidelidade, cavalheirismo, hospitalidade, indolência espiritual, paixões fortes e obstinação.

Os Iberos, especialmente os Tartéssios, adoravam o sol, a lua e o planeta Venus (estrela matutina). O culto lunar foi muito comum entre os antigos Hispanos. Os Iberos eram monógamos; as moças escolhiam para espôso o rapaz mais valente; nas tribos setentrionais encontramos a "covada" ou a dieta puerperal guardada pelo marido ou pai do recem nascido. Em o norte do país, é a mulher que cuida do cultivo do campo. Nos entretimentos favoritos dos Iberos, entravam dansas com músicas rudes. Havia dansas guerreiras. Os Celtas espanhóis adoravam os espíritos, que julgavam terem assento nas montanhas, nos bosques e nos rios. O culto da lua, comum entre os Iberos, o era também entre os Berberes. Nas noites de plenilúnio, nas frentes dos povoados se prolongavam as dansas noturnas.

Os *Scythas*, nação guerreira, descendia de Magog: confederação de povos em que dominava a tribo do leão. O imenso território ocupado pelos túmulos, menhirs e dolmens, indica

que esta nação, por algum tempo, impôs sua civilização a todo o mundo. Dominaram o Oriente antigo, até pelos anos 2000, quando passaram para a Europa.

O túmulo em forma de seio, representava o seio da divindade, onde os mortos completavam o próprio crescimento na vida divina. Sôbre os túmulos erguiam-se altares para os sacrifícios, que procurariam aos mortos o alimento necessário para o crescimento. Os Scythas parece foram os sacerdotes dos túmulos consagrados aos soldados mortos em combate. Fincavam uma espada sôbre o túmulo-altar, e a ela sacrificavam, regando-a com o sangue dos prisioneiros de guerra, imolados após a batalha.

O *Peixe* foi cultuado por Ham, Phuth e Thubal. Phuth e Thubal colonizaram o Extremo Ocidente europeu e a Atlântida. No Egito e entre os Fenícios ao peixe uniu-se a cabra. Em origem, Phuth era aliado de Riphat pelo peixe, um ao sul do Egito e outro ao norte; êste, auxiliado pelos Arameus, se revoltou e venceu a Phuth, o qual emigrou para a Muritânia.

Os *Syrios* ou *Tyrios*, vieram da Pérsia ou do Elam; eram uma federação de quatro tribos primitivas: Aram, shemita, sacerdote do trigo e da água; Meshek, a tribo da cabra; Riphat, sacerdote das grandes árvores, dos touros e dos peixes; Tharshish, sacerdote do galo e do sol nascente: eram os Arameus ou Syrios. Cultuavam o sol nascente e o fogo, culto que levaram para o Egito e de lá para o Ocidente europeu e para a Atlântida, onde o encontramos com os Mayas e com os Mexicanos e outros povos da América. O sol era tido como deus vítima, que cada tarde entrava na barca e passava o Oceano da noite para no dia seguinte, renascer e subir o céu, renovado pelo sacrifício noturno.

Os Hetheus ou Hatti, os Argentários, vieram da Arménia e do Taurus; tinham o culto do sol com o rito das lamentações; foram aliados dos Faraós; no Egito chegaram ao poder

no tempo de Abraão; sob o nome de "Amu" inquietavam assás aos monarcas egípcios; sob o nome de "Amurrhi" invadiram a Babilônia e nela fundaram poderosa dinastia. Lograram estender seu poder sôbre a Syria e a Asia Menor. Muitos povos foram seus confederados, Cultuavam a Set ou Sutech, o deus inimigo de Osiris e de Isis.

O rito de Horus ou do Falcão o encontramos também na Venezuela, onde existe o estado do Falcão, e além do estado, há também dois distritos sob o mesmo nome.

* * *

Hércules. Seria o chefe das tribos do leão ou dos Rephaim, no tempo da quarta dinastia egípcia, na dos célebres construtores de pirâmides, dos quais Hércules herdou o rito e o sacerdócio; em 2400, do Egito emigraria para o Ocidente europeu, levando consigo e espalhando na viagem o culto dos túmulos e dos menhirs com a metalurgia do bronze e da prata. Acompanhavam-no também os Dórios, com quem mais tarde foi para a Grécia.

Com o correr dos tempos, Hércules mereceu ser tomado como símbolo do gênio, da atividade guerreira e colonizadora, primeiro dos Fenícios e depois dos Gregos, ficando o herói das duas nações: Melchart ou "rei da cidade" – de Tyro; e "glória de Hera", Heraclès, dos Gregos.

O décimo e o undécimo dos famosos "trabalhos de Hércules" visam abertamente a colonização fenícia do Extremo Ocidente europeu, onde se encontrava também a Atlântida.

Hércules com sua gente demandou o Extremo Ocidente da Europa, isto é, os confins da Lybia e da Europa; alí separou (passou) os montes Calpe e Abyla, chamados depois Colunas de Hércules; vingou-se do calor solar, lançando contra Hélios duas flechas. O sol admirado da audácia do herói, lhe

oferece uma náu de ouro, em que se embarcou, rumo da ilha de Erythia, onde Geryonte o monstro-rei de três cabeças guardava invejados rebanhos de bois, auxiliado pelo gigante Erytion, com seu cão bicéfalo, Orthos. Hércules conseguiu subjugar ao gigante e matar-lhe o cão, e assim lhe foi possível apoderar-se dos preciosos rebanhos e carregá-los para a Grécia, onde foram sacrificados em honra de Hera.

Outra façanha do herói, é o furto dos pomos áureos do jardim das Hespérides. Hera os confiara à guarda das filhas de Héspero e do fiel dragão Ladon, no monte Atlas. Hércules iludiu Atlas, e conseguiu por meio dêle, subtrair as preciosas maçãs às vigilantes guardas das mesmas, e levá-las para a Grécia, a fim de serem oferecidas à Athenas, que as devolveu ao primeiro lugar.

Uma e outra façanha estão indicando intervenções fenícias ou gregas no Extremo Ocidente europeu, e naturalmente, na Atlântida, como parte principal desta região.

E Egito, logo no começo, foi povoado pelas tribos kushitas, que da Caldeia viajaram pelo Eufrate-Gihon-Jordão-Nilo. Eram chefiadas pelos irmãos: Amon-Sheba, filho de Ham, que povoou o sul do Egito; e Osiris-Dedan, irmão de Sheba, que povoou o norte. Os Amon-Shebas do sul traziam consigo o culto obsceno, fálico, que pretenderam impor aos demais, pretensão que foi causa de muitas desavenças, e deu ocasião a que os contrários adoptassem o rito da circuncisão, como protesto contra os adversários.

Uns e outros estavam federados a tribos de agricultores — culto da serpente; a tribos de Iberos e Caphtores — pescadores e navegantes, início dos Fenícios; além disso, às tribos de Magog, Dodanim, Elisha e Thiras, que eram soldados. Depois de algum tempo, os militares fundaram o império, chefiados por Menés, que parece pertencer à tribo de Magog, mas que

preferimos identificar com o próprio Raghemâh, que mais tarde passou para o nosso continente.

Sobrevieram tribos da raça de Gomer, que se opuseram ao rito obsceno; houve graves lutas pelos ritos. Os Kushitas venceram, e os Gomeritas se retiraram com os dissidentes. Dêstes, uns demandaram Chanaan, os "Amu" ou "boieiros", e se submeteram as raças hamíticas que encontraram no país: outros se estabeleceram ao longo do Jordão, e fundaram a federação dos Argentários ou do "Sol nascente", os Hatti ou Hetheus. Uns e outros várias vêzes tentaram voltar ao Egito; uns e outros deram levas para o povoamento da Atlântida. O dissídio se deu mais ou menos, pelos anos 2550 antes de Cristo. Cremos que *o dissídio deu o nome dos Atlantes, ou discordantes.*

Estas tribos, quando expulsas do Egito (2500 a. C.) foram povoar a Itália e a Europa Ocidental, para onde levaram seus deuses e seus sacrifícios. Acompanhavam a Menés os *Kethim*, a tribo, que após haver inventado na Caldeia a escritura, a trouxe para o Egito (c. 2700 a. C.), e daí a levou para a Grécia e para a Europa Ocidental.

Gente destas tribos que ficamos conhecendo no Egito, vamos encontrá-la logo mais na Atlântida, para onde as conduziu o grande Raghemâh, o Poseidon dos Atlantes, que para nós é o mesmo que Menés, o fundador do império egípcio.

A Atlântida é o nosso Continente Americano

Cremos ter falado com acêrto, quando chamamos os primórdios da civilização americana de incógnita tentadora e de doloroso quebra-cabeça! A êsse respeito as opiniões cogumelam... Muitos são de parecer de que a origem da civilização americana a devemos procurar no Egito. São adeptos convictos da escola da "civilização heliolítica", que tudo liga ao Nilo e à terra dos Faraós.

Para provarem seu parecer, aduzem uma carrada de razões, que se enfileiram a guisa de ladainha, bastante longa... O culto do sol e das fôrças naturais; arquitetura egípcia, irmã gêmea da americana; organização numeral dos habitantes e dos guerreiros; as práticas agrárias e as obras hidráulicas e as construções públicas; a divisão dos tempos e das estações; uso da liga metálica igual à do cobre peruano; o embalsamento, a mumificação, as práticas funerárias; os conceitos e as crenças do alem como no Egito; a crença na transmigração; o uso dos "quipos" como manifestação ideográfica; o uso das plumas da ibis mitológica, semelhante ao ckoreqkenque incásico; o culto especial da serpente; a tatuagem; a perforação das orelhas; as deformações crânicas; a poligamia; o uso de almadias e de outras embarcações peculiares; a concepção do deu Khum, análoga à do Wiracocha americano; as festas religiosas; as superstições, as idolatrias e a veneração dos anciãos; o casa-

mento com irmãs; o uso dos escudos e mais algumas semelhantes.

A paternidade de nossa civilização, que êstes ajudicam ao Egito, outros a tribuem, e parece com boas razões, aos Shumérios, aos Caldeus, aos Assyrios, povos da Mesopotâmia e irmãos dos Egípcios. Encontram analogias entre o deus-peixe Oanes. com Wiracocha, emergindo do lago de Titicaca; no uso de tiaras caldeias nas esculturas mexicanas; na divisão do território em quatro regiões ou "suyos"; nos elencos das divindades; na crença de prêmios e castigos ultraterrenos; no influxo justiceiro da lua, quando deixa o horizonte; na existência de espíritos malignos. Alem disso dão como certa a proveniência do Quíchua e do Aymará, da língua shuméria.

Uns também lembram influxos do povo fenício: semelhanças acentuadas nos costumes, na religião, nos ídolos obscenos, no panteismo, nos sacrifícios humanos, na adoração de montes e de pedras, no culto de rios e das serpentes; semelhança nos sinais escriturais, encontrados na América.

Há quem lembre o influxo grego e romano, e até quem nos fale dos Carios Turianos. Influência grega a vemos nos caracteres e nos ideogramas de Chiapas. Pretendem ver analogias com os Latinos nos vocábulos latinos esparsos no Quíchua e na gramática desta língua; nos augúrios tirados das entranhas das vítimas; nos sacrifícios e no culto dos passados; nas práticas funerárias e rituais; na vestais romanas, iguais às acclas incáicas; no fogo sagrado; no panteon romano, igual ao Koricancha incáico; na oferta de alimentos e de bebidas aos defuntos; nas estradas e nas construções.

Os patrocinadores destas sentenças, quer admitam, sejam nossos pais na civilização os Egípcios, os Shumérios, os Fenícios, os Cartagineses, os Gregos ou os Romanos; ou, como preferem outros, os Hispanos, os Gauleses, os Anglos ou os Escandinavos — todos êles convêm, em que a nossa civilização

nós a recebemos do Oriente, através do Mediterrâneo e do Oceano Atlântico.

Não concordo com aqueles que afirmam que a nossa civilização nos veiu diretamente do Ocidente, pelo Estreito de Behering ou pelo Pacífico, invocando para prova de seus assertos as seguintes razões:

A procedência mongólica é evidente! As semelhanças físicas aí são indiscutíveis: os olhos, as proeminências dos zigomas. Dizem que Manco Capac foi filho do grão mogol Kublay, que em 1330 foi conquistar o Japão, e foi levado às costas da América do Sul; que Queatzalcoaltl, Bochica, Hanu Capac e outros reformadores, eram sacerdotes budistas; que as devadaris do culto budista são as acclas do culto incáicó; que o deus Con é Brama, Pachamac é Vischnu e Wiracocha é Siva!

As ilhas oceânicas também encontram semelhanças profundas nos povos americanos. A organização social; as construções ciclópicas; a veneração a lugares sagrados como os huacas incáicos; as analogias linguísticas; as deformações crânicas; o uso da flauta ou "quena"; as armas, os utensílios e a cerâmica; os monólitos; a trepanação do crânio e outras semelhanças.

A ilha de Pascoa, no Pacífico, para muitos, é o ninho da nossa civilização; entre o demais, nos apontam a grande semelhança existente entre as letras escritas daquela ilha com as inscrições rupenses de nossos Brasis.

Nem devemos esquecer os Chineses. A língua, os caracteres físicos, algumas crenças dêles; nos fazem lembrar os nossos americanos. Aliás, a facilidade com que os Chineses desfrutavam a navegação para a América, está patente. Consta que os Chineses conheceram o México sob o nome de Fu-Sang, e a êle, em tempos idos, enviaram missionários.

O tipo físico do japonês é retrato do americano. A língua japonêsa, em muitos pontos, se irmana com a americana.

Além da procedência chinêsa ou japonêsa, poderiamos lembrar também a siberiana e a indostânica, que muitas representações têm na América.

A nossa civilização pelo Ocidente ou pelo Pacífico, seja a dos chinêses como também a dos japonêses, seja da Malaia, das Filipinas ou da Polynésia, é reclamada pela corrente marítima do Kuro-siwo, o Rio Negro, ajudada pelos fortes ventos, que em época determinada, sopram do oeste para o leste.

São estas as razões dos Pacifistas contra os Atlantistas. Colocados entre essas duas fortes correntes de opiniões, que diremos? De onde viemos? Do Ocidente com os Mongóis, com os Chinêses, os Japonêses, os Polinesianos, ou então viemos do Oriente com os Egípcios, os Fenícios, os Shumérios, os Gregos ou os Latinos?

Viemos do Oriente e também do Ocidente! Explico-me! Nossos primeiros pais foram filhos de Noé, e nos vieram diretamente da Caldeia; êles eram irmãos dos Egípcios e dos Shumérios, e foram os primeiros povoadores da Atlântida; mais tarde, quando esta se separou do continente afro-europeu, recebemos o copioso elemento dos Atlantes e de outros povos que nos vieram da Caldeia pelo Egito; lá pelo século XX e depois, visitaram-nos os Gregos, ou melhor os Fenícios e os Cartaginenses: todos êstes povos nos vieram do Oriente pelo Mediterrâneo e pelo Atlântico; muito depois que a Atlântida se fixou no ponto onde a temos hoje, e firmou seu nome de América, fomos visitados, através do Pacífico, pelos Indianos, Chinêses, Japonêses, Oceânicos, que nos deixaram largas e significativas lembranças de suas visitas.

A América é a antiga *Atlântida*, povoada pouco depois do dilúvio, por filhos e descendentes de Jáphet, e depois por Japhétidas, Shemitas e Hamitas, guiados por um hamita célebre, o grande Sacerdote Raghemâh.

Os antigos nos conheciam muito bem: para os Gregos eramos a Atlântida, e para os Shemitas eramos o império de Tharshish ou de Tartesso. Eramos tão conhecidos dos antigos, que as naus que faziam rota para Tharshish, ficaram célebres! Se não fomos conhecidos melhor, devemo-lo ao ciume comercial dos Fenícios, os quais sumo interêsse acalentavam de nos manterem no olvido dos demais povos, para que êstes não viessem arrebatar-lhes a fonte de seus maiores lucros e comércio, qual era o mercado de Tharshish! A "auri sacra fames" vem de muito longe!...

Chegamos ao ponto desejado, à *Atlântida*, ao continente americano!

Uns aceitam como provável a opinião de Platão e de mais uns poucos autores antigos, que recordam a existência de um continente ou ilha, a que denominam de Atlântida. O que êles dão como opinião provável, nós a damos como fato muito acertado e certo. Vamos primeiramente respigar e examinar o que nos deixaram êsses autores antigos, a fim de que, do quê nos legaram, colijamos os pontos que podemos marcar como assentados e certos.

Os pontos que desde já podemos escorçar a êsse respeito, são: *a*) Existiu um grande continente ocidental, chamado Atlântida; *b*) Foi povoado em tempos remotíssimos por gente vinda da Caldeia e que passou pelo Egito; *c*) Os Atlantes, protegidos pelas riquezas naturais, prosperaram e progrediram, a ponto de poderem ameaçar seus irmãos do continente afro-europeu; *d*) A Atlântida, que estava perto dêsses continentes, durante um horrendo cataclismo, foi arrastada até o ponto, onde a encontramos hoje, sob o nome de América; *e*) A Atlântida foi em seguida visitada com muita freqüência pelos Fenícios, aonde iam fornecer seus famosos mercados.

A mitologia que foi inventada e usada para se contar a história humana a homens incapazes de abstração histórica, ela

nos pode fornecer preciosas indicações das estradas que procuramos nos ínvios desertos da história primitiva.

A mitologia fala-nos nas Hespérides, nas Ilhas Afortunadas, ou Atlântidas, nos Campos Elíseus, isto é, fala-nos das ilhas que se encontravam no Extremo Ocidente, além das Colunas de Hércules, do Estreito de Gibraltar.

Para a mitologia, as Hespérides são filhas de Atlas e de Hésperis. Esta filha de Hésperus (Ocidente) casou com o tio Atlas, e foi mãe das Hespérides, célebres pelos seus jardins, que reuniam os mais ricos produtos da natureza, onde cresciam as maçãs de ouro (fertilidade extraordinária do solo), guardadas por um dragão (o Oceano). Mui formosas e sábias, foram cobiçadas por Busiris, rei do Egito e filho de Netuno e da Lybia, o qual, por meio de piratas, as roubou nos próprios jardins; mas os ladrões foram surpreendidos por Hércules, que os matou e depois se apoderou das preciosas frutas.

A linguagem mitológica nos diz que as terras da Atlântida foram povoadas primeiro por filhos de Noé, e em seguida por levas de gente partida do Egito; essas terras, mais tarde foram visitadas pelos Fenícios, simbolizados por Hércules, após haverem transposto as Colunas de Hércules, arriscando-se na navegação do Oceano.

A narração histórica confirma, o que a mitologia deixa apenas entrever. A passagem que a êsse respeito poderíamos chamar de clássica, é a que nos conservou Platão nos seus diálogos a Timeu e a Critias.

No diálogo a Timeu, Platão nos transmite a tradição que Solon colheu dos lábios dos sacerdotes egípcios: "Relatam nossos documentos, que por Athenas, vossa pátria, foi, há tempos, destroçada uma poderosa armada, que surgindo do Oceano Atlântico, ia avassalando as costas da Europa e da Asia. Pois não se pode ignorar, que naquela época, o Mar Atlântico era muito navegável. Em frente à saída, a que pusestes o nome

de Colunas de Hércules, achava-se uma ilha, por extensão, maior do que a Lybia e a Ásia juntas. Desta ilha podia-se facilmente passar ás outras ilhas, e daquelas passar a todo continente (afro-europeu) que cerca de tôda a parte o Mar Interior (o Mediterrâneo); porquanto, aquilo que se acha aquem do estreito, de que estamos falando, é parecido com um pôrto de entrada estreita; assim mesmo é um verdadeiro mar, e a terra que o circunda, um verdadeiro continente.

Na ilha Atlântida dominaram reis de grande e maravilhoso poder: tinham sob seu domínio a ilha tôda, como também várias outras ilhas e até algumas partes da terra firme ou continente. Além disso, aquem do estreito, dominavam sôbre a Lybia até o Egito, e sôbre a Europa até a Tyrrênia".

O mesmo Platão, no diálogo a Critias, relata a descendência da estirpe real de Atlas, filho de Netuno; descreve as excelências do país, a fertilidade, a opulência e a beleza das cidades, a constituição política do reino, a fôrça do exército e da marinha: tôdas as venturas de um reino real. Era uma das mais belas regiões do universo; o ouro rutilava em seus templos; as florestas davam muita madeira para construção; os descendentes de Netuno nela reinaram 9000 anos (lapso que Eudócio reduziu a 9000 meses); viviam sóbrios, virtuosos e religiosos. Mais tarde, ao envés de cultivarem seus campos, de se entregarem ao comércio, de seguirem as leis, de respeitarem os deuses; estenderam sua dominação, subjugaram as ilhas vizinhas, tôda a África até o Egito e a Europa até a Tyrrênia. A tirania dos reis causou grandes desastres, de sorte que Júpiter, por fim, resolveu destruir o reino e a ilha, engulindo-a num só dia e numa só noite.

Da famosa ilha falam Homero, Hesíodo, Eurípides, Estrabon, Plínio, Eliano e Tertuliano. Ammiano Marcelino alude à destruição da ilha como a um fato notório; assim Tertuliano, Arnóbio e outros. Heliano cita Theopompo, poeta e historia-

dor grego; êste diz que Sileno ensinou a Midas, rei da Phrygia, que além, longe da Europa, da Ásia e da Lybia, que são propriamente ilhas, existe um único e verdadeiro continente que se chama Merópio, e é governado por Mérope, filha de Atlas, rei da Lybia.

As indicações que nos deixaram êstes escritores antiquíssimos, são demais numerosas e positivas e precisas, para podermos negar a existência da afamada ilha, da Atlântida.

A história da Atlântida foi escrita primeiramente pelos Egípcios, e deles a recebeu Solon, na sua viagem de instrução ao país dos Faraós. Platão ao transmití-la, faz notar que *dá nomes gregos à gente bárbara,* mas o faz, porque *os mesmos Egípcios haviam traduzido para a língua do Egito os nomes próprios, que haviam encontrado no idioma dos Atlantes.*

Conforme o modo de pensar dos gentios, na partilha do mundo, a Atlântida coube ao deus Netuno. Êsses deuses donatários das várias regiões da terra, *não são em origem, senão os próprios filhos de Noé,* entre os quais, após a loucura da torre babélica, foi dividida a terra tôda. O Netuno ou Posseidon dos Gregos, o deus das águas, a quem tocou em partilha a Atlântida, não é senão um descendente de Noé, que veiu povor a Atlântida.

A proto-história da Atlântida a devemos mendigar em parte à mitologia e às rápidas passagens que dela nos deixaram autores antigos, especialmente Platão, que, no caso, nos afiança *ter recolhido fielmente as tradições religiosamente conservadas pelos sacerdotes egípcios.*

O povoamento da Atlântida, segundo relata Platão, foi iniciado por um casal, *Evenôr* e *Leucippe* e a filha única dêles, *Cleitô.* Mais tarde Netuno ou Poseidon amou a Cleitó, e a tornou mãe de dez filhos, que lhe nasceram em *cinco* partos sucessivos, de dois filhos cada vez. Chega a recordar os nomes dos filhos: Atlas, o primogênito, o primeiro rei do império, e

o que deu nome a tôda a ilha e ao mar que a circunda; o irmão gêmeo de Atlas foi Gadeir, em grego "Eumelos", a quem coube a região gaditana; depois temos Ampheres e Euemon; Mneseu e Autochthonio; Elasippo e Mestor; Azaés e Diápres. Cada um dêles foi feito soberano de grande reino com numerosas povoações; reinos todos que reconheciam uma certa qual dependência do reino de Atlas, herança esta dos filhos primogênitos.

A tradição egípcia lembrava uma raça vermelha, que havia tomado parte nas primeiras conquistas do Egito. A deusa Isis (a novilha) representava as duas raças: a preta ou hindu e a vermelha ou de Hesus. Uma e outra no comêço se espalharam pelo Ocidente europeu; a vermelha só logrou firmar-se na Atlântida com os *Peles Vermelhas* ou Tartessos, os quais, fieis à sua representante, sempre praticaram o culto e os ritos de Osiris, que haviam trazido do Egito.

O rei do Egito, que mandou piratas invadirem os jardins das Hespérides e Hércules, fenício, representam os dois países que mais concorreram para o povoamento e a civilização da Atlântida: o Egito, fornecendo o material humano, e a Fenícia transportando com suas naus êsse material para o nosso continente.

Há tradições mexicanas, que julgamos se refiram à fundação do reino de Tharshish. Dizem que, passados 416 anos depois do dilúvio, deu-se uma confusão inexplicável entre o povo que estava edificando a torre "zacuali"; e, como não se entendessem mais, o povo se dividiu em famílias, que emigraram para as diversas partes do mundo.

Dentre êsse povo que emigrou, sete famílias andaram viajando dois séculos, isto é, 104 anos, através de montes — temos a viagem da Ásia para a América, pelas montanhas da Numídia e da Mauritânia — até chegarem ao sítio que denominaram "Tlapathan" ou "Vermelho". Tharshish significa "domínio

vermelho". Lapathan pode indicar: *than* – cidade, *pa* – defendida, *la* – famosa, brilhante. "Aqui, continua a tradição, fundaram a primeira cidade que chamaram de Tlapathan, da qual depois proveiu o atual Estado do Colorado.

* * *

Tupana. Muito se tem discutido sôbre o nome, com que os nossos Tupys indicavam o ser supremo ou o nome de "Tupan". Uns o fazem equivalente a "pai alto — *tub am*; outros, e são a maioria, o identificam com o "trovão". A língua shuméria nos faz ler: *Tup-An*: *An* ou *Ana*, quer dizer "*deus*" no rito do trigo; então teremos: *Tupan*, ou "o Deus dos *Tupys*"! Tupan para o nosso índio tupy, é o verdadeiro "Iané Iára" ou "Nosso Senhor". Iára na língua mãe nos dá: "O que espalha inundando (*ra*) o princípio (*a*) da criação ou da existência (*i*), *Deus*!...

O País de Tharshish — A Atlântida

Edmilson José

As correntes migratórias e povoadoras dos povos primitivos eram consideradas pelos autores antigos, como se foram cursos de água, que serpeiam pelo solo, a fim de o fecundarem. Daqui o chamarem as correntes migratórias de "irrigação" e de "serpentes" (*a, ra, ri*). O nosso continente, nas tradições dos Tzendais da América, era apelidado de *Oxlahunnachan*, que na língua dêles significa: "a casa das treze serpentes" ou "dos treze povoadores", e na língua mãe quer dizer: Campo (*kan*) primitivo (*na*) da cultura (*hun*) religiosa (*la*) do Povoador (*ush*).

Muitas das tradições antigas, referentes ao nosso país, concordam em lembrarem treze povoadores, que chefiando suas tribos, aqui aportaram e implantaram a civilização em nossas plagas: o número treze ficou com caráter de sagrado entre alguns povos da América, que o passaram para o culto e para o calendário.

Platão, em seu diálogo de Critias, logrou legar-nos os nomes dêsses treze primitivos povoadores do nosso continente; os três primeiros os dá como simples filhos do sólo, que os criou como se foram uma família completa: *Eunôr*, pai, *Leucippe*, mãe e *Cleitô*, a filha única do casal.

Os dez seguintes, os dá como se foram filhos de Cletô e do deus *Poseidon* — é que êles nos vieram pelo mar, que é o domínio sagrado do deus marítimo Poseidon, ao menos assim dizem as aparências.

Platão cita em grego os nomes dos nossos primeiros povoadores, e os diz traduzidos da língua "bárbara", como já outrora Solon os havia apanhado em língua egípcia dos lábios dos sacerdotes de Sais. A língua que Platão tacha de bárbara, isto é, estrangeira para êle, devia ser a língua sagrada dos Caldeus, a língua que acompanhava as ondas migratórias dêsses povos em demanda de novas sêdes, onde se levantassem altares a Deus, e lhe fôssem oferecidos sacrifícios; e, como as migrações revestiam o carater de sagradas, vinham assinaladas com o sacrifícios e com os animais — totens da tribo — elas também deviam expressar-se na língua sagrada, o shumério.

Guiados por êsse conceito, soletramos em shumério os nomes gregos de Platão, e nossa soletração nos deu os nomes que passamos a resenhar, e são os nomes dos epônimos, que fundamentaram nossa civilização americana, nos séculos XXVII e XXVI antes de Cristo, data resultante do fato de nossos primórdios serem contemporâneos da primeira dinastia egípcia, a qual, segundo as melhores interpretações, deve ser colocada nêsses séculos (2762-2527).

O primeiro colonizador da Atlântida, quando ainda estava unida ao continente único, foi *Magog*, o segundo filho de Jáphet. Platão chama-lhe de "*Euenôr*" isto é: "Aquele que tem e gera gente forte, viril"; cousa igual nos dá o shumério "magog"; *ma* — que gera, *gu* — fortes, combatentes, *ug* — boi, leão. Magog chefia as tribos do leão, e com sua raça povoou, em grande parte, o Egito, a Lybia e Ocidente europeu.

As tribos de Magog pertenciam às tribos militares, e faziam parte da confederação do deus Nin-girsu: *nin* — chefe ou sacerdote, *gir* — da espada, *Su* — sacrifício ou fundir; possuiam espadas fundidas, e usavam da espada como rito de seus sacrifícios. O emblema da federação, como vimos atrás, constava de uma águia, com cabeça de pantera, a repousar sôbre dois leões, Magog e os Lybios, representados por um kushita,

irmão de Nimerod; as cabras são Meshek e Thubal ou Tharshish. São êstes os elementos étnicos da federação, que fundou o primeiro império, o de Babilônia.

Magog outrossim é considerado como epônimo dos Scythas; pois tribos dele faziam parte da federação Kassita, que deve ser a dos Scythas. Também é dado como estípite dos *Aryas*: *ari* — leão, *a* — sacerdote, *chefe*; e Magog pode ser lido *ma* — língua, *a-ga* — do lançante, *ug* — leão. A tribo do leão se nos depara em tôdas as confederações, e criou o imenso império dos Scythas. Os menhirs e os dolmens são dados como obra sua.

Suas tribos fundaram com Menés no Egito em 2760, o império militar do Vale do Nilo; expulsos de lá, passaram para a Lybia, para a Ásia e para a Atlântida.

Nossa história recorda muitas vezes a um descendente famoso de Magog, o sacerdote negro, do culto do fogo, ou do culto do Leão ou de Nebo (seria uma espécie de Mercúrio), chamado também sacerdote da montanha, em oposição a Raghemâh, o sacerdote da vila ou cidade. O sacerdote negro foi o *adversário nado* do nosso Raghemâh, a quem hostilizou durante o longo lapso de seus trabalhos povoadores, rematando suas perseguições com a morte cruel e violenta do grande Povoador da América.

Se o sacerdote negro primou em perseguir a Raghemâh, o nosso Povoador encontrou um amigo do peito em *Tharshish*, sobrinho de Magog.

Enquanto Magog povoava o sul do nosso continente, chegava mais para o norte, o segundo povoador, *Madai*, a *Leucippe* de Platão. Madai é pai dos Mêdos, Latinos, Galatas, Kurlandeses, Russos e antigos Horreus; Leucippe quer dizer: "O que anda em cavalos brancos"; Madai nos dá: *mad* — cavalo, *ah* — branco, *i* — guiar, governar.

Os Madai faziam parte da federação que, de Sírpula na Caldeia, veio conquistar o Egito. Traziam como aliados os Latinos e os Hurreus. Nos monumentos de Hieracômpolis, um dêles aparece como faraó imolador, ornado com a cauda de cavalo, entre dois touros, Elam e Gomer, com o falcão de Huz, filho de Arám, o cão de Hul, e o peixe que representa Kush e Phut, ambos hamitas. Aqui, cerimônia da circuncisão, há um sacerdote sacrificador, que é o madai Baethos, o fundador da segunda dinastia, chamado também Buzua ou Busiris, que reinou contemporâneamente a Menés (2750-2700), que as tradições gregas e latinas identificavam com o seu Horus ou Apollo. (*Buz* — emigrado, *hi* — país, *ris* — capital, princípio; "emigrado do país capital", o Egito).

Pouco depois dêstes dois colonizadores, aparece como filha única do casal, *Kleitô*, "a famosa, a célebre, a gloriosa". Facil é adivinhar que o nome Kleitô é uma corrupção, casual ou voluntária de Platão ou dos copistas do filósofo; o original era *Alektor*, que em grego significava *Galo*, palavra que se traduz no shumério por *Tar*, *Thar* ou *Dar*, e que deu o nome do nosso *Tharshish*, o sobrinho de Magog e de Madai. O nome é: *Thar* — magnífico, brilhante pelas cores, vermelho, ave, galo; *Shish*, proteção, principado, nação: a que desfruta a proteção divina. Talvez leiamos melhor *Tharshish*: "lado, paragem, região dos Vermelhos": o País da raça Vermelha: Tharshish é o "País dos Pele-Vermelhas", dêsses índios americanos, que, divididos em tribos, guerreiros, hábeis, caçadores, cavaleiros admiráveis, depois de haverem lutado desesperadamente contra os Europeus invasores, confinados num pequeno território, vão perecendo miseravelmente nas barbas dos apóstolos da liberdade!...

Os três primeiros colonizadores do continente americano, pelo que podemos ajuizar, vieram-no da Caldeia, pelo então grande rio Gihon-Jordão-Nilo; estacionaram algum tempo no

Egito, depois, viajando por mar, e, se por terra, beirando o grande lago que era então o Mediterrâneo, alcançaram: os filhos de Magog, as praias ocidentais do sul, o Perú e o Chile; os filhos de Madai, as mesmas praias, na altura da América Central e do México, os filhos de Tharshish, ocuparam o território que hoje pertence aos estados da Georgia, Tennesses, Virgínia e Missuri, territórios que nesses tempos ainda estavam ligados ao continente afro-europeu.

Os Tharshishenses deram o nome a todo o continente, nome que permaneceu a tôda a terra, também quandò, pelos 2550 a. C. se deu a fragmentação do continente único, e o americano se foi afastando algum tanto do continente europeu.

O nome Tharshish foi o que usaram os Shemitas, especialmente os Hebreus; outros, mormente os Fenícios, nos conheciam pelo da capital de Tharshish — *Tartesso*, que traduzimos por "Domínio da raça vermelha" (*te* — raça, fundamento, *thar* — vermelho, *shu* — domínio, reunião). Outros chamavam ao império de Tharshish com o apelido de "Ilha Erytheia" ou "Ilha Vermelha"; outros o conheciam como "Poseidônia", Atlântida ou América.

Tharshish tinha o culto do fogo. A federação syro-fenícia o levou para o Egito, de onde o passou para outros países. Faziam-se grandes fogueiras, mormente a 19 de dezembro e a 19 de janeiro, no fim e no comêço do ano solar. Os nossos Gu-ah-nás eram adeptos dêsse culto, como o vimos praticado entre os Gu-ah-curús. Êstes, todos os dias ao romper da alva, cantavam um hino; e, aos primeiros raios da aurora, saiam todos de suas tendas, e adoravam ao sol nascente. Os nossos Gu-ay-anases de S. Vicente eram troglodítas, e, em suas cavernas subterrâneas conservavam o fogo a arder dia e noite.

Vários povos aqui se nos deparam como representantes e continuadores dos primeiros povoadores do nosso Continente: *a*) Os *Náhuas*, que pretendem ser os primeiros habitantes do

México. Seu nome pode sancionar a pretensão dêles, porque, e nos pode dizer: "Gente (*as*) do país (*hu*) das andorinhas (*na*)", pode muito bem dizer-nos: "Povo (*as*) do primeiro (*na*) país ou templo (*hu*)", ou também: "Povo (*as*) fundador do templo ou do país (*na-hu*)". Assim seriam os Náhuas, gente e núcleos das novas levas de povoadores, que demandaram a Atlântida, a começar pelos Atlantes. *b*) Outro povo que se gloria de ser indígena do México, é o dos *Othomís*. Apesar que seu nome não lhes abone a pretensão: "Federação (*mesh*) dos pastores (*ut*) do templo (*hu*)", dizem-se base das dez novas nações que vieram para a América. *c*) Idêntico título reclamam os Aztecas, outro povo antiquíssimo do México: "Povo (*as*) da primeira (*tek*) irrigação (*az*)".

Além dêstes poderiam entrar no mesmo concurso os seguintes: *Huastecas*, cujo nome pode significar: "as primeiras (*ka*) gerações (*te*) das tribos (*as*) do país (*hu*)"; os *Totonaques*: "Gente (*es*) gerada (*ak*) pelo leão (*tu*) da montanha (*tun*)" (Magog); os *Zacatecas*: "Povo (*as*) da primeira (*tek*) irrigação (*za*) do sumo pontífice (*ka*)"; os *Macawas*: "Descendentes (*wa*) do sacerdote moedor (*mak*) da irrigação (*a*)"; os *Turascos*: "Germe (*kus*) do povo (*as*) de Bel (*tur*)"; todos êstes povos parece tenham alguma ligação com os *Mayas* ou "Os filhos (*as*) de Mash (*Mash*)".

Após a formação da imensa ilha ou arquipélago da Atlântida, então o nome de Tharshish podia muito bem ser interpretado: "Principado, território (*shish*) arruinado, separado, arrancado (*thar*)"; então o nosso continente foi beneficiado por uma onda de colonizadores, que talvez viessem atraídos pela fama de riquezas que dormiam no seio da Atlântida. Agora entra em cena o deus Poseidon.

Poseidon, como nos conta Platão, apaixonou-se pela formosa, jovem e rica *Kleitô*, da princeza de Tharshish; desposou-a e a fez mãe de dez filhos, que a venturosa espôsa de

Poseidon deu à luz em cinco partos consecutivos, de dois filhos cada vez. Os partos foram cinco levas de colonizadores, que, compostas de várias tribos diferentes, vieram-nos em cinco épocas diversas, algo distanciada uma da outra; e como vinham sob a direção de Poseidon, vieram da Caldeia, através do reino do Egito, e seguindo a via marítima, em grandes jangadas fenícias, demandaram Tharshish, viajando pelo que já era mar Mediterrâneo, e atravessando as Colunas de Hércules, que se haviam aberto na fragmentação dos continentes, e facilitavam a passagem para o novo continente de Tharshish, ou da Atlântida.

* * *

A narração mítico-histórica de Platão poderia também ser interpretada — e nisto conviria o monumento do *Ingá* — no sentido de que Poseidon tenha trazido ao nosso Continente dez levas de Povoadores, em *duas viagens*, feitas à terra natal; após havê-las deixado algum tempo no México, tê-las-ia distribuído relativamente em *três* e *duas* tribos, cada uma composta de famílias pertencentes a dois Epônimos; e assim distribuidas, do México, as teria levado às cinco sédes de povoamento; isto é, no primeiro povoamento, ao México, à América Central e Nova Granada; no segundo povoamento, ao Perú e à Amazônia ou Brasil.

Com isto Poseidon teria feito cousa semelhante à que, cêrca de dez séculos mais tarde, fez Moysés, quando do Egito conduziu para a Palestina as doze tribos de Israel, e as localizou nas terras tomadas aos Cananeus.

Os condutores marítimos de nossas levas, foram os descendentes do sexto filho de Jáphet, Mashek, os famosos "ma-esh-ak" ou construtores de navios, chamados também pelos Egíp-

cios de "Caphtores" ou de Tyrios. Êsses Mesheks chefiavam a federação dos Thyro-Fenícios, os construtores e condutores das afamadas "naus de Tharsis", que eram tidas como naus de longo curso, pois atravessavam todo o Mediterrâneo, entravam no Oceano Atlântico para aportarem a Tharshish ou à Atlântida, ao nosso continente que já estava afastado do continente afro-europeu, numa distância não muito sensivel, talvez à altura das atuais Canárias.

Os dez povoadores trazidos à América por Poseidon, partiram da Caldeia e transitaram pelo Egito — roteiro ou entrepôsto natural para quem demandasse o nosso continente: Egito, em nossa língua mãe, é A-ig-up-tu, isto é: "Margens (*up*) do curso (*tu*) do gigantesco (*ig*) rio (*a*)".

Os nossos povoadores de passagem ou talvez com alguma estadia no país dos Faraós, necessàriamente deviam fazer carregamento de costume, de idéias e também de homens, os quais viriam de conserva para o nosso País.

Algumas das tribos que já estavam no Egito, nos podem interessar, pela possível, senão certa colaboração que nos prestaram no povoamento do continente americano.

Platão nos diz que o primogênito de Kleitô, o mais velho dos dois gêmeos, se chamava *Atlas*, palavra que em grego significa: "O que não (*a*) tolera, soporta, admite (tlas, do verbo "tlaô" palavra parente do, latino "tuli"). Atlas "o que não tolera, não suporta" o traduzimo em shumério por *hul*, que diz o mesmo que "fulminar com o olhar; olhar colérico, atrevido; revoltar-se".

Ora *Hul* é exatamente o nome de um neto de Shem, o segundo filho de Arám. Hul veiu chefiando a primeira dupla leva que Poseidon trouxe para o nosso continente, e sob o nome de *atlantes* se instalou na vermelha Tharshis, mais ou menos, no ponto fronteiro às Colunas de Hércules.

Ao vocábulo *hul* acrescentaram *te*, que significa "prole", e dêle fizeram o composto *te-hul*, ou contraído *tol*, que equivale a "prole de *Hul*" ou, ao grego *Atlantes*, descendentes de Atlas. Com *tol* nos deram *Toltecas*, ou: "Primeira (*ka*) geração (*te*) de *Hul;* e *Tolanzu*, que diz o mesmo que *Atlântida*.

Segundo nos reza a mitologia, Atlas foi filho de Japeto e da Ásia, ou de Neptuno e de Clito (Raghemâh e Cleitô); tinha três irmãos: Menétio, Prometheu e Epimetheu (Hul também tinha três irmãos: Hutz, Gether e Mash). Atlas, segundo Hesíodo foi condenado, por castigo de haver tomado parte na guerra dos Titãs, a sustentar sôbre os hombros o mundo (povoou o extremo Ocidente, a Atlântida). A mesma mitologia diz que Atlas se associou a Hércules na emprêsa de conquistarem as maçãs de ouro, cujas depositárias e guardas eram as Hespérides. A guerra dos Titãs, que tentaram escalar o céu e destronar aos deuses, é a tentativa da torre da Babel. Calímaco escreve que Poseidon (o nosso Raghemâh) tomou parte na luta dos Gigantes!

Os Atlantes ou Toltecas são tribos que já estavam no Egito, para onde tinham vindo, tempos atrás; mas depois recusaram submeter-se aos novos ritos religiosos, impostos pelos conquistadores do sul, os Kushitas: *não suportaram*, Atlas, Tol!

Um pouco mais ao norte do reino dos Atlantes ou Toltecas, as tribos do "Falcão" de Horus, reino que seria o principal da grande federação dos dez reinos toltecas ou atlânticos; um pouco mais ao norte assentaram-se os Gadídricos, tribos que vieram de conserva com os Atlantes, que Platão chama de filhos gêmeos do primeiro parto de Tharshish. Seu chefe é apelidado pelo nosso autor de *Gadeir* na língua nativa e de *Eumélos* na grega. Eumêlos, diz o mesmo que "abundância de ovelhas", e o shumérico "gadeir" me diz: *ga* — leite e *dir* — abundância. Trata-se de tribos dedicadas à pastoreação: são pastores de ovelhas.

Quem seria êsse povo que acompanhou para o nosso continente os Atlantes, e fundou o segundo reino tolteca, um pouco mais ao norte de seus companheiros de viagem?

No Gênesis, cap X°, ver. 23, enumeram-se os filhos do shemita Arám, e se cita como segundo a *Hul*, o epônimo dos nossos Atlantes, e como terceiro filho é resenhado *Gether*, que o grego lê: *Gather*. Com Gather estamos de posse do aliado dos Atlantes: Gather ou Gether é o mesmo que o shumérico Gadir ! Os filhos de Hul, quando, a convite de Poseidon, assentaram de buscar as ricas paragens do Tartêsso, para nelas fundarem seu reino, como bons irmãos, levaram a seus irmãos, os filhos de Gether, os quais em vindo a Tharshish, escolheram a região Gaditana, para seu reino, o atual estado da Carolina do Norte, e cremos sejam êles os *Othomís*: "Federação (*mesh*) dos Pastores (*ut*) do país (*hu*)". Talvez mais tarde tenham sido substituídos pelas *Choctaws*: "Descendentes (*us*) dos combatentes (*ta*) do mar (vindos do) (*zug*)" ou "do centro (*shag*)". Os Choctós eram gente de carater nobre e dada à agricultura.

A segunda leva nos presenteou com *Ampherês*, "o cercado por tôda a parte, o pôsto ao redor", que em shumério dizemos *sab* — fechar, e *tag* — prender, e traduzimos para o hebráico: *Sabathâh*. Êste é o nome do terceiro filho de *Kush* e neto de *Ham*. Teve como companheiro de viagem o parente e irmão, isto é, o filho mais velho de Kush, que o grego chama de *Euaimôn* ou "muito perito" e "sangrento", e tem seu equivalente na língua mãe: *sa* — sangue e *ba* — derramar ou estar cheio", e que nos dá o hebráico: *Sabá*.

Os dois parentes foram povoar as Antilhas e nos deram os *Caribes* ou a "Geração (*bes*) dos fazedores (*i*) de fortalezas, cercados, cabanas, aldeias (*kar*)". Além das ilhas, os dois filhos de Kush, povoaram parte das costas da Colômbia e da Venezuela.

A terceira leva que nos trouxe o amigo Poseidon, foi a de *Mnêséus* e de *Autochthôn*. Mnêséus diz o mesmo que "o que se lembra", palavra que tem correspondente no shumério *mu-us-ki* – "Lugar, depósito (*ki*) das pegadas (*ush*) faladas (*mus*)" = a "memória". O correspondente hebráico o encontramos em *Mosoch* "Mar, campo (*zuk*) das palavras (*mu*) = a memória": e vem a dar o nome do sexto filho de Jáphet. Foi o que deu o nome aos célebres *Muiscas*, ou *Chibchas*, de Nova Granada. *Chibchas* (?) "Povo (*sha*) do crepúsculo (*zib*)".

Seu companheiro de viagem foi o quarto filho de Arám, neto de Shem, *Mash*. Seu nome na língua mãe é: *ma* – interno, fechado, e *ash* – irrigação. Recebeu o apelido de *Tzeqil*, isto é "indígena, aborígena", e foi êste apelido que Platão traduziu em grego por *Autochthôn* (*ze* – irrigação, *qil* – fechada, interna). Mash mereceu êste apelido, certamente, porque, quando escolhido para chefe do povoamento, já estava na terra dos Atlantes, isto é, já estava com seus irmãos, Hul e Hutz, epônimos da primeira leva. Mash legou seu nome aos conhecidíssimos *Mayas*, os famosos *Quicés-Mayas* da América Central.

A quarta leva foi integrada por *Elasippos* e *Mestôr*. Elasippos é "o que guia cavalos, o cavaleiro" em grego e passa para o shumério com *Parash* ou Parsa, ou Far, Faris (*fa* – bem, forte, *ra* – guiar, *shad* – *cavalo*). O hebráico alterou um pouco a dição e nos deu *Arphaxad*, com o mesmo significado. Trata-se do terceiro filho de Shem e da família dos Parsis ou Persas. (*Pir* – sol nascente, dia, luz, e *sa* – tribo, família). Os Persas, que são shemitas, de início residiam no Elam ou Pérsia, juntamente com Hamitas, filhos de Kush e com Japhétidas, os Mêdos. Tinham o rito do sol nascente (*mith* – associado, *râ* – sol nascente). Arphaxad deu-nos os ascendentes dos Incas, ou os "Filhos do Sol", gente famosa do Perú.

Mêstor é "conselheiro, mentor" em grego, e traduz o shumério *Hu-uz*, o qual por sua vez passa para o hebreu *Huz*,

que é o nome do filho mais velho de Aram, neto de Shem. "Huz ou *uz*, iniciado com "ain", pronunciou-se *khuz*, que com o acréscimo de *wa* – "povo, gente", nos poderia dar o nosso *Quíchua*, que seria "Povo de *Hutz*". *Quíchua*, talvez responda melhor a: "Gente *a* do Vidente *shu* do santuário *ki*", ou gente de Raghemâh.

A quinta leva nos trouxe os *azaês* e os *diáprepês*. O grego *azaês* significa "seco, esquálido", e tem correspondência no shumérico: *Thubal* ou Thobal de *hub, bib* "derrubado, estragado", e *er*, cidade, tribo. Temos os Thibarenos ou os nossos *Hiberos* (Hibelos). São descendentes de Thubal, quinto filho de Japhet. Eram amigos dos Thyrio-Fenícios, com quem comerciavam escravos e vasos de cobre; eram aliados de *Gog*, e apareciam entre os Mesheks e os Javans. Tribos dêles estiveram no Egito com Menés, e mais tarde tiveram que fugir das terras dos Faraós e fundaram as várias Thebas. Uns querem que a *Europa* lhes deva o nome: *Eber* – dos Iberos e *up*, o país. Respeitavam como animal sagrado da tribo, a cabra. Desde as primeiras migrações, os Iberos entraram para "a federação da cabra, do carneiro e do leão", federação que, depois de ter estado no Egito, demandou o sul da Europa e passou a colonizar o Ocidente europeu.

Diaprepês, que em grego significa "exímio, ilustre", verte-se em shumério por *Habiláh*, de *ha* – brilhante, impetuoso, e *bil* – fogo, calor, luz, *an* – sol nascente, luz, inteligência. O hebráico lê: *Haviláh*. Trata-se do segundo filho de Kush, por tanto de um neto de Ham.

Thubal e Hevilah vieram para o Beracil, na quinta e última leva de povoamento, engajada por Raghemâh. Ambos, juntamente com Raghemâh, foram os pais do grande ramo dos nossos *Tupys*. Heviláh é irmão de Raghemâh; é seu grande amigo, que encontramos sempre unido ao sumo Pontifice da irri-

gação. Entre as heranças que os Tupys guardaram de seus chefes, uma foi a palavra "tuba", que significa *pai*, de Thubal.

Não nos será agora difícil esboçarmos um quadrinho etnográfico, com os nomes dos treze povoadores do império de Tharshish.

Euenôr	2.º filho de Japhet	Magog pai dos	*Nâhuas ?*	
Leucippe ...	3.º filho de Japhet	Madai	*Aztecas ?*	
Kleitô	2.º f. de Javan, n.	Japh. Tharshish	*Peles Vermelhas*	
Atlas	2.º f. d. Arám, n. d.	Japh. Hul	}	*Toltecas*
Eumêlos ..	3.º f. d. Arám, n. d.	Japh. Getiier	}	-
Ampheriês .	3.º f. d. Kush, n. d.	Ham Sabathâh	}	*Karibes*
Euaimôn ..	1.º f. d. Kush, n. d.	Ham Sabá	}	
Mnêseus ...	6.º filho de Japhet	Mosoch		*Muiscas*
Autochthon	4.º f. d. Arám, n. d.	Shem Mash (zeqil)		*Mayas*
Elasippos ..	3.º filho de Shem	Arphaxad	}	*Quichuas*
Mestor	1.º f. d. Arám, n. d.	Shem Hutz	}	
Azaês	5.º filho de Japhet	Thubal	}	*Tupys*
Diáprepês ..	2.º f. d. Kush, n. d.	Ham Havilâh	}	

Do quadro acima colhemos, que os nossos povoadores os devemos aos três ramos da grande família humana de Noé:

temos cinco Japhétidas, cinco Shemitas e três Hamitas, mais o hamita Raghmâh. Vemos na frente de nossa civilização, filhos de Shem com os Toltecas, os Mayas, os Incas, os quais em tôda parte representam as funções sacerdotais; enquanto os filhos de Japhet cultivavam a agricultura, tratavam da criação de animais e da pesca, e deixavam para os filhos do irmão mais velho, Ham, a caça, a guerra e as indústrias.

Com o advento da quinta leva, começa a gloriosa Federação Tolteca dos dez reis da Atlântida, que podemos chamar com a Escritura Santa: "a Federação dos reis de Tharsish". Temos assim os reinos de Tullan ou dos Atlantes, ou Toltecas, cabeça de tôda a federação; o dos Othomís; o dos Karibes; o dos Muiscas; o dos Mayas; o dos Aymarás; o dos Quíchuas; o dos Tupys, e outros.

O reino dos Atlantes mais tarde passou a chamar-se reino dos Toltecas; o dos Quichés identificou-se com o dos Mayas; o dos Quíchuas e dos Aymarás passou para o império dos Incas. O dos Muiscas é o dos Chibchas.

O império de Tharshish era conhecido pelos antigos como sendo "O Jardim das Hespérides", guardado pelo famoso dragão, *Ladon*. (*La* — abundância, extensão, prazeres: são os predicados do imenso império dos Atlantes; *Dun* — Oceano, a tarde, a escuridão: queriam impingir-nos as dificuldades quase insuperáveis de os mortais poderem chegar aos mágicos jardins!) Entrevemos o manhoso cuidado dos Fenícios em furtarem aos demais as felicidades e os tesouros que êles desfrutavam em suas viagens ao império do Sol Poente, a Tharshish.

Ladon era um cavalo com cáuda de serpente, cabeça de galo, azas de águia e garras de leão. O cavalo são os Madai; a cáuda de serpente, as tribos agrícolas; a águia, as tribos de Arám e o galo às de Tharshish: tribos fartamente representadas na grande federação do império da Atlântida. Além disso as

Hespérides possuiam um carneiro com velo de ouro: eram as tribos dos Mesheks-Iberos.

Também os Celtas deviam ter boa representação no nosso continente; pois sabemos que êsses descendentes de Riphat estiveram no Egito depois dos Osco-Bascos; pelo Danúbio subiram até o Atlântico; além dos Pireneus se uniram aos Iberos, e foram para as ilhas da Inglaterra e da Irlanda; com o nome de Dórios demandaram a Grécia. Em sua emigração para o Ocidente, não podiam deixar de legar um contributo ao novo continente, o El-dorado daqueles tempos.

* * *

OPHIR ESTARIA NA ATLÂNTIDA? — Não duvidamos afirmá-lo! O culto, os costumes, as leis, que surpreendemos no Perú, nos fazem pensar que essa região coube aos Persas, na federação dos dez reis da Atlântida. O nome dêsse país o interpretamos em shumério: *pir* — do Sol nascente; *hu* — templo ou santuário. O sentido do nome de forma alguma se altera, se o lermos transpondo-lhe as sílabas; assim podemos dizer: *pir-hu*, ou então *hu-pir*, ou *Ophir*.

Em vista disso nos permitimos de ver no *Perú* a famosa região, que tantas discussões tem provocado, especialmente no que concerne sua localização: a região de Ophir, região buscada pelos grandes navios de Tharshish, tripulados por marinheiros fenícios, para carregamento de ouro e de prata. Pretenderam colocar Ophir na Arábia, na Africa ou na India; nada melhor que o Perú para localizarmos a famosa região.

A leitura transposta do nome explica-se pela arte com que os Fenícios tentavam ocultar o paradeiro da riquíssima ilha! As viagens trienais das naus de Salomão, revelam que ao tempo dêste monarca, o continente americano já havia sido arrastado para o meio do Oceano.

Os reis de Tharshish mais tarde haviam de trazer dons preciosos ao Messias, o Esperados das nações!...

* * *

Povoadores contra povoadores — A Toponimia americana nos confessa que desde o começo do povoamento do Continente, efetuado por duas grandes turmas: a dos descendentes dos três primeiros jafétidas — Magog, Madai e Tharshish, e a dos nossos Atlântides com Raghemâh — desde o começo as duas turmas parecem porfiarem para lograrem a primazia no povoamento, na distribuição das terras e na difusão da própria gente, difusão ligada à difusão do próprio rito e culto.

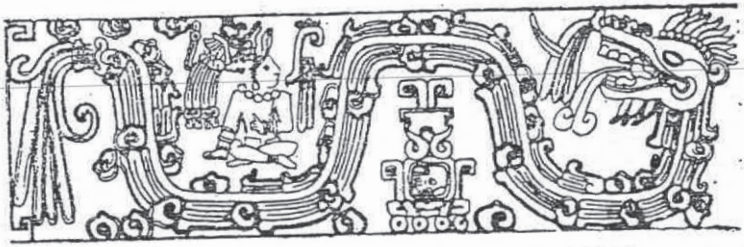
Uma e outra possui seus chefes, seus sacerdotes, seus guerreiros, seus agricultores e seu povo — conjunto que muita vez é conhecido pelo nome de "Templo". Uma e outra as encontramos serpeando na irrigação povoadora, e quase sempre uma ao lado da outra. Raghemâh com seus ofídios povoadores, com o culto do deus Bel e com o estandarte do Falcão; os três jafétidas, representados por Magog, com seu templo e sua gente que depende dos sacerdotes do leão ou da Montanha, com seu culto e rito do deus Nebo.

Os dois exércitos serpeiam pelos rios, sobem os montes, tomam posse das terras, assinalando a posse com seus numerosos litóglifos ou "tup-an"; nelas deixam povoadores e donos. Ao mesmo tempo que exercem a ação povoadora, as duas turmas se enfraquecem em lutas renhidas entre a gente do leão e a de Raghemâh. Povoando e combatendo, percorrem o México, a América Central, o Perú e o Brasil, até a remota Patagônia e à "Terra do Fogo".

O espírito de luta sem tréguas, que anima aos nossos primeiros povoadores — o Leão atacando e Raghemâh defendendo-se — êsse ardor transmitiu-se contagiosamente aos povos, às

tribos por êles semeadas. A vida de nossa gente, mormente depois que o continente se exilou de vez para o seio do Atlântico, parece haver-se resumido em luta fraterna incessante; luta que merece assinalada, entre outros fatores, como fator máximo do lento extermínio do nosso povo, hoje quase totalmente extinguido!

Surpreendemos resquícios dessa ogeriza, em duas palavras, frequentes na boca da nossa gente colonizadora e colonizada: os nossos índios apelidavam aos portugueses de *Emboabas*, e êstes correspondiam com a alcunha de *Bugres*. *Emboabas* parece-nos dizer: "Gente *as* gerada *ab* pelo Feiticeiro *bu* grande *em*"; *Bugres* o podemos traduzir: "Gente *es* ajuntada *gir* pelo Feiticeiro *bu*". Era moéda equivalente!...



Friso representando a grande "serpente" povoadora da Atlântida: as treze escamas salientes no corpo da serpente, são os treze Povoadores; o mesmo número é repetido nas treze fitas, tres sob as fauces, quatro no nariz e seis na cauda da serpente. Na terceira curva vemos Raghmâh a sopesar com a cabeça seus cinco partos duplicados, um deles gorado, porque os dois epônimos, dois pretos, bandearam-se para Magog e se tornaram companheiros do sacerdote do leão ou da Montanha, o inimigo nado de Raghmâh. O friso pertence a um relêvo das ruinas da Pirâmide de Xochicalco — entre os Estados de Morelos e de Guerreiro, no México.

O Poseidon dos Atlantes

Todos os nomes com que Platão disfarçou os treze epônimos das nações que no começo, pouco depois do dilúvio, povoaram a nossa Atlântida, podem ser decifrados, como julgamos havê-lo conseguido; tentemos também decifrar e identificar o nome principal, o do protagonista da grandiosa campanha do povoamento ou, como dizem êles, da "irrigação", da América; o nome de Netuno ou melhor o de *Poseidon*, que muito amou a formosa e brilhante Princeza Vermelha de Tharshish, a misteriosa *Kleitô*, a mãe dos nossos dez povoadores.

H. de Barenton, ao recensear o hamita Raghemâh ou *Ramâ*, 4.º filho de Kush e neto de Ham; nome que no egípcio significa "Filho de Râ" ou "do Sol Brilhante"; de Barenton, referindo-se a outros trabalhos seus, dá como provado, que devemos identificar a êsse Raghemâh com o Netuno-Poseidon; e acrescenta que êste "Raghemâh é mui célebre na história do Egito". Foi um dos campeões na luta pelos ritos, questão que convulsionou todo o País, mormente o Egito do Norte.

O nome do nosso *Poseidon* – nome que os mestres debalde tentaram afiliar linguisticamente ao tronco, de onde provêm os termos gregos: "pinos, pontos, potamos" e outros; tem sua cabal explicação em nossa língua mãe: "Com cavernas *pu* fechadas *ze* superou *i* o abismo das águas *dun*", ou também: "Inundou *se* com o fulgor de sua luz *pu* o santuário *i* e os abismos *dun*". Os Latinos quiseram passar para a língua do Látium a Poseidon e o verteram por Neptunus. Não foram

porém felizes na troca: Netuno nos pode dizer: "Grande *na* sábio e adivinho *ep* dominador *tu* dos peixes *nu*". O hebráico se aproxima muito mais com o seu "Raghemâh": "Aquele que sulca *ra* os mares *ghe* como dominador ou como sumo sacerdote *Mâh*".

Os mesmos nomes os poderiamos interpretar: *Poseidon* — "Sacerdote-rei *pu* do povoamento *ze* das regiões *i* do Oceano *dun*". *Neptuno* — "Sacerdote-rei *ni* superintendente *ep* do Oceano *dun*". *Raghemah* — "Sumo sacerdote *mah* da Irrigação *ra* do Poente *ghe*".

Na terra dos Faraós encontramos a Raghemâh como sumo sacerdote do culto do sol, Râ, culto que ficou peculiar aos Kushitas seus descendentes. Parece que o nosso Raghemâh foi pai de Osiris e de Amon; o primeiro dominou "pontificalmente" o norte do Egito, enquanto seu irmão, Amon, governava o Alto Egito. Osiris seria o faraó Usaphaides da 1.ª dinastia, que teria reinado no Egito, 2589 a 2569 a. C. Amon muito se empenhou para introduzir o culto obsceno no Baixo Egito. Os dois, Osiris e Amon, viveram e movimentaram o Egito, durante a conquista do mesmo por Menés e confederados, e durante quase tôda a 1.ª dinastia, a qual reinou simultaneamente com a segunda de 2760 a 2530, mais ou menos.

Foi exatamente durante a primeira dinastia, como nos parece, durante o reinado de Osiris, que Raghemâh, o nosso Poseidon, guiou para a Atlântida as cinco famosas levas de povoamento do nosso continente.

Poseidon era dado pelos Gregos como pai de vários monstros e de sêres gigantescos; entre os mais, era considerado como pai dos Lestrigones, do ciclope Polifemo, do Lybio Anteu, do egípcio Busiris e de Amicos, rei dos Bebrices.

Os autores acham dificuldade em localizarem os Lestrigões. O nome Lestrigones o podemos analisar: "Leos" — povo, "trigones" — de três gerações ou da terceira geração; ora, sa-

bemos que nos povoadores do nosso continente contam-se três gerações: a primeira, a de Euonôr e Leucippe; a segunda, a de Kleitô, e a terceira, são as cinco levas que Poseidon, Raghemâh, conduziu para a América. Assim podemos dizer que os Lestrigones são os povos da América, descendentes das cinco levas de Raghemâh. Polifemo corresponde ao hebráico Meshek: *Mesh* — vários, muitos, *ak* — falar. Meshek é o nosso Mosoch, o epônimo dos Muiscas.

Os Bebrices nos dão: "Povo *es* rebento *ik* do país *be* dos cordeiros *bir* ou do país dos Pastores"; Amicos equivale a: "Prole *us* do gigante *ik* do templo *am*". Podemos ver aqui Gether dos Gaditanos.

Podemos dar mais um passo em nossas identificações, e dizer que o Poseidon-Raghemâh se identifica também com o famoso *Votan*, o misterioso condutor e legislador dos povos da América Central. Votan quer dizer: "Príncipe ou grão sacerdote *va* mui sábio *dan*". Mais. Podemos identificá-lo com outro misterioso profeta, o chefe dos Mexicanos, *Quetzalcohuatl*, nome sesquipedal, que podemos soletrar: *Ket-sal-ko-hu-at*; isto é: "O pai *at* do templo *hu* que é habitação *ku* das mulheres *sal* vestidas de linho *ket* ou sacerdotizas". Os Guatemalenses veneravam como seu condutor e chefe a *Gucumats* ou "Germe *as* da família *ma* dos guerreiros *gu* da fundação *ku*". Ora, *Guatemala* nos pode dizer: "O sacerdote *me* da irrigação *la* instituiu *te* os guerreiros *gu* da irrigação *a*". Fácil é identificarmos a Gucumats com o nosso Raghemâh, o fundador da Milicia Consagrada *gu-ah*, que juntamente com as tribos sacerdotais e as tribos agrícolas acompanhavam ao grande Povoador nos serpeamentos povoadores da América.

Encontramo-lo entre os Muiscas com o nome de *Bochica*, ou: "Sacerdote *ka* do Sol *shi* nascente *bu*". Na América do Sul nos falam num misterioso *Sumé*, personagem que, com tôda a facilidade, reconhecemos como sendo o povoador da Amé-

rica, o grande Raghemâh, o grão sacerdote do sol. Sumé diz o mesmo que "Pontífice *me* da Sabedoria *zu*". Além dêle, há mais dois ou três dêstes misteriosos povoadores; mas todos êles se identificam perfeitamente com Raghemâ ou Wotan ou Sumé.

O nosso malsinado *Jurupari*, que para muitos é o demonio, não é sinão o próprio Poseidon ou Sumé: "O Vidente *i* da irrigação *ar*, é glória *ap* do santuário *shur*". Jurupari é Poseidon adorado como divindade especialmente na Amazônia.

Baseados em muitas tradições, conservadas entre os nossos antigos povos americanos, acêrca do misterioso Colonizador do Novo Mundo, temos que Raghemâh pertence à estirpe sacerdotal, dos *Kivim*. *Kib* é o sacerdote do rito da serpente, isto é, do rito irrigatório: Raghemâh pertence à tribo sacerdotal, adida à agricultura, a que prepara, semeando e regando, o trigo para o sacrifício.

As tradições insistem em nos repetirem que, conforme as palavras do próprio *Wodan*, o nosso profeta era descendente de Ham, porque era *Kivim*. Wodan queria provar sua missão povoadora; como descendente de Ham, tinha direito ao título de chefe supremo da religião; e como sacerdote da casta dos sacerdotes serpentes, ou adidos à irrigação do trigo dos sacrifícios, pertencia-lhe a irrigação da terra, mediante o povoamento da mesma.

Raghemâh com muita razão podia chamar-se com o misterioso nome de Joannes, o sacerdote da irrigação por excelência: *Io-an-ne-es*, isto é: "Sacerdote *an* do deus da irrigação *io*, iluminou com sua luz *ne* o universo *és*". Várias tradições nos falam dêsse ser misterioso, habitante do mar Erythreu, meio homem e meio peixe, segundo alguns; e segundo outros, sacerdote coberto com pele de peixe, o qual todos os dias saía do mar, de manhã, ia ter com os homens, e lhes ensinava a religião, as letras, as ciências, a agricultura e as artes.

Os povos por onde passou Raghemâh, o endeusaram e o fizeram de sacerdote do sol da Sabedoria que era, um outro deus solar, e lhe prestaram culto solene. Edmilson José Za:

Pelas mesmas tradições somos informados de que a nossa gente veiu do país ou da raça de Culhuaca: "Sacerdote *a* da palavra *ka*, progênie *kul* do santuário *hu*", isto é, da raça sacerdotal que tem por ofício semear o trigo do sacrifício e regá-lo com água — temos aqui a Caldeia: os primeiros povoadores da Atlântida vieram dos mares orientais, do continente afro-europeu, de onde desembarcaram, quer para se estenderem no interior da terra de *Papuhá* (multidão de volumosas fontes ou águas; ou "Fonte *pu* dos peixes *hâ* do sumo sacerdote *pâ*); ou então vieram para a feliz região de *Tamuaucham* (campo de trigo do sumo sacerdote; ou "Campo *kan* do Vidente *u* fundado *ta* pelas fôrças *mu* de irrigação *a*"). Fala-se claramente do México, da Terra entre as águas. No México e alhures, Raghemâh era conhecido também como *Cipactli*, que interpretamos: "O sacerdote-rei *si* invoca *pa* a luta *ak*".

Votan vinha de sua terra que é *Valum* (pátria de além) ou melhor de *Balam* (santuário de *Bal* ou *Bel*). Foi o primeiro enviado por Deus para repartir e povoar as terras de Kanés. As terras de Kanés ou "As terras dos três, (*kan* — campo, *és* — três) eram as terras da Atlântida, já em parte colonizada pelos três primeiros povoadores, ou, como se lhes dizia, "serpentes": Magog, Madai e Tharshish.

A primeira repartição e correspondente povoamento de nossas terras, foram feitos por expressa determinação e ordem de Deus, que, pelo que supomos, determinou explicitamente os lugares a serem povoados por cada um dos filhos de Noé; a cada família Jahvéh deu uma língua particular, e, juntamente com essa língua, lhe entregou o roteiro a seguir na dispersão geral das gentes. Mais, podemos admirar, de como Deus despertava de por entre os homens uns que deveriam ser os chefes.

os condutores dos outros – a delegação da autoridade divina. No Oriente admiramos o grande condutor de povos que foi *Nemrod*, o famoso caçador de povos (*nim* – apanhar, *rud* – laço), que conseguiu organizar o grandioso império de Babilônia, e logo em seguida, o não menos importante, de Nínive ou da Assyria.

Ao mesmo tempo que Nemrod, filho de Kush e neto de Ham e irmão do nosso Raghemâh, fundou os impérios da Mesopotâmia, e outros irmãos e descendentes seus estendiam o imenso império kushita a todo o Oriente do Sul, e outros colonizavam a extrema Índia e a China; ao mesmo tempo, um outro seu irmão, grão sacerdote do sol, Raghemâh, atendendo às ordens do Altíssimo, engajou cinco grandes caravanas de gente, que viria povoar o continente americano e nele fundar um imenso império, composto de dez reinos, todos êles chefiados por parentes próximos de Raghemâh.

O nosso Profeta insiste em nos dizer que é descendente de Ham e pertence aos *Kibim*. A palavra *Kib* na língua mãe significa "plantação, irrigação, cercado, meio e serpente"; também pode indicar a antigamente famosa cidade de *Sippar*, que a Bíblia chama de *Sepharvain*, e os nossos conheciam por *Zimbir*. Sippar estava ao norte de Babilônia e ao sudoeste do atual Bagdad, na margem esquerda do Eufrates. Era cidade com três quilômetros de circunferência.

Sippar reunia duas vilas: a "Siipar sha Shamash" ou Sippar do Sol, e a "Siippar sha Anunit", a de Anunit ou da deusa Istar, a estrela da alva. Sippar era cidade dedicada exclusivamente ao culto do Sol, como centro dêsse culto para o norte de Babilônia. Aqui os seus primeiros habitantes adoravam o Sol sob o nome de *utu*, nome que os Shemitas mudaram pelo de Shamash "o iluminador, o juiz supremo". *U-tu* significa: "O que cria, vê, contempla *u* ao correr *tu*".

Dizia-se que o Noé babilônico, Xisuthro, escondera em Sippar, antes do dilúvio os escritos misteriosos. *Xisuthro* pode ser: "O que logrou fugir *ru* num instrumento de madeira *ud* as águas salgadas *shish*". *Edmilson José Zanin*

O grão sacerdote, filho da cidade do Sol, Sippar, engajou a primeira leva dos povoadores da Atlântida, de entre as famílias de dois filhos de Arám — Hul e Gether. Raghemâh nos diz que em sua viagem — e suas viagens foram várias — palmilhou a rota seguida pelas "serpentes" suas irmãs, isto é, pelos primeiros chefes povoadores da Atlântida: passou pela cidade das treze serpentes (deve ser a Atlântida), tratou de chegar com os seus até a raís do céu, isto é, demandou a costa ocidental do nosso continente, o México. *México* é: "Onde o Vidente *u* inaugurou *ik* seu mister ou expedição *mesh*". Foi do México que se espalhou o povoamento das Américas.

Consoante as mesmas tradições, a primeira leva de povoadores, trazida por Raghemâh, arribou ao Golfo do México, no bojo de sete "cavernas", nadantes sôbre a água: daqui o apelido de Raghemâh, o de *Poseidon* — "Superou as águas profundas em cavernas fechadas". Eram sete naus, e nelas vinham os Chichimecas. *Chichimeca* significa: "Os núcleos *ka* das tribos *me* dos revoltados, dos que não suportaram as imposições dos Faraós, mormente as imposições culturais, e por isso sairam do Egito; ou "O gigante *ek* da irrigação *a* cria *im* os irmãos *shish*". Os mesmos também receberam o nome de *Toltecas*, com igual significação: *tol* é contração de *te* — geração, prole, e *hul; te — hul* deu-nos *tol*, e assim temos Toltecas: "Primeira *ka* descendência *te* dos insofridos *tol*". Significado semelhante encontramos em *Aztecas:* "Govêrno, reino *ka* da federação *tê* dos animados, irritados, excitados *ash, az*".

O próprio Votan nos assegura que foi destinado pelo mesmo Criador do universo, a povoar e dividir uma das regiões daquelas partes do mundo. Veio com sete famílias, e se esta-

vou o reino central dos Atlantes a um imenso império, num perfeito regime teocrático.

Após vinte anos de glorioso govêrno, Huemac, rei de Culhuacan, um dos membros da Federação Tolteca, coligado aos velhos sacerdotes, inimigos e dissidentes de Raghemâh, fêz com que o grão sacerdote, para evitar luta armada, renunciasse ao império, e, seguido por alguns súditos fiéis, fôsse residir em Cholula.

Cholula é uma cidade do Estado de Puebla, no México Central, que, um tempo abrigou mais de cem mil habitantes; nela se admirava uma grandiosa pirâmide, atribuída ao chefe dos Mayas, Xelhua: "Sacerdote *a* do tempo *hu*, do canto sagrado *el* e da luz *she*"; nome que nos revela o próprio Raghemâh. Cholula a podemos interpretar: "Domínio *shu* do chantre *lu* da Sabedoria *la*"; antes chamava-se, Churultecal: "Fundação *tê* primeira *ka* do Vidente *u* do santuário *shur*".

Em Cholula, Raghemâh governou e civilizou aquêle povo, durante dez anos, no fim dos quais, perseguido, pelo mesmo Huemac, teve que fugir, e foi refugiar-se entre seu povo do Yucatã, os Mayas.

Veiu para o Yucatã com o nome de *Coculcan:* "Sacerdote *kan* que semeia e colhe *kul* a farinha de trigo *ku*". Estabeleceu-se na capital ou Mayapan; nela organizou um govêrno modêlo; e, nomeado chefe do mesmo, associou-se dois dos maiorais dos Mayas, e com êles formou uma federação de três reinos: o de Chichen, de Uxmal e de Mayapan. Esteve à frente da federação dos três reinos dez anos e depois desapareceu.

Atribue-se a Votan a fundação de várias cidades; entre as outras, se lhe atribuem: *Culiacan*, perto de Palenque, estado de Chiapas; Huehuetan e Zacat ou Ghovel no mesmo estado; Utublan ou Gumorcaah, antiga capital dos *Quichés*, e Copan ou Copant nas Honduras. *Culiacan* diz: "Onde os sacerdotes *an* de Nebo *ak* aprisionaram *kul* ao Vidente *i*"; *Palenque* —

"*Cidade ki* da descendência *pal* do templo *en*"; *Zacat* — "Restauração *kat* da irrigação *za*"; *Ghovel* — "Lamentações *el* pela destruição *hub* das casas *ge*"; *Utublan* — "Cidade *an* devastada *bal* pelo vidente *u* da Montanha *ud*"; *Gumurcaah* — "Fundação, cidade *ah* cobiçada *ka* pelo Negro *ur* destruidor *gum*"; *Quichés* — "Povo *shés* do santuário *ki*".

Tamaulipas — "Gente *as* do Mágico *ip*, mas rebento *ûl* das forças *ta* do sumo sacerdote *ma*", *Izmachi* — "Remanescente *chi* do sumo sacerdote *ma* das lamentações *iz*"; *Chiapas* — "Gente *as* gerada *ap* pelo sacerdote-rei *shi*"; o deus *Tohil* — "Plenitude *il* da totalidade *hi* do movimento *tu*". *Tiahuanaco* — "Onde o vidente *u* da Sabedoria *àk* fundou *ti* os sacerdotes *an* do templo *hu* da irrigação *a*". *Chapultepec* — "Gente *pek* gerada *te* pelo destruidor *pul* do santuário *sha*". *Copacabana* — "Lugar *a* onde o sacerdote *an* esquerdo, inimigo *kab* do sumo sacerdote *pa* oferecia sacrifícios *ku*".

Durante os anos que Raghemâh governou os Mayas, deve ter ido e estado tempo nas Honduras. Os Índios de Copan se lembravam que descendiam de um grão senhor do Yucatã, o qual conquistou o país, levantou os edifícios de Copan, e depois voltou para a península do Yucatã. Sabemos mais que o império de Votan abrangia como Feudos: Tula, o Yucatã, Guatemala e Honduras.

As ruinas de Copan — "cidade *ku* nova *pan*" — são mui semelhantes às de Izamal ou Uxmal, no Yucatã. Estendem-se por uma superfície de sete a oito milhas de comprimento por duas de largura, e contam ruas, praças, pátios, calçados, monumentos, palácios, templos, colunas, e até um sistema de exgotos — o que atesta incontestavelmente uma civilização antiquíssima. Quer-nos parecer que a grande cidade nova de *Copan* caiu em ruinas e, com ela as numerosas cidades em ruinas da América Central, quando, pelo século XI.º antes de Cristo, se deu o deslizamento de nosso continente, das proxi-

nidades do continente afro-europeu, para o meio do Oceano Atlântico: o extremo Norte ou o extremo Sul ou ambos os extremos do nosso continente, se afastaram mais que o restante central do continente, e ocasionaram o abaixamento da parte central oriental — o Mar das Antilhas.

Os antigos deixaram dito, que o Oceano Atlântico, após o deslizamento do nosso continente, por bastante tempo ficou inavegável na frente das Colunas de Hércules, por causa do muito lodo que o continente havia deixado após si: é que aqui o continente nosso, ao deslizar para o centro, levou consigo camada de solo menos profunda, e essa parte, que antes era alta ficou debaixo das águas, em parte!

Em Uxmal existe uma imagem de Zanná, que se diz ser companheiro de Votan, o civilizador da América e fundador do grande império de Xibalbay; Zanná teria governado o império, enquanto Votan se ausentou para ver a pátria. Quer-nos parecer que Zanná (Sacerdote — *na*, da serpente — *an*, irrigatória — *ze*) é o mesmo Raghemâah, depois que voltou de vez da sua pátria. Confirma nossa opinião a tradição que nos diz que os Mayas tinham a Raghemâh como grande Profeta, e com êle vieram para o sudeste; e nessa ocasião o chamaram de Zamná: "Sacerdote (*na*) da irrigação (*ze*) do templo (*am*)".

Na Guatemala setentrional, rente do México, há o departamento de *Peten*, margeado pelo rio *Ucumacinta*: "As fôrças (*ta*) dos combatentes (*shin*) consolidam (*ma*) ao Vidente (*u*) do Leão (*ug*)". O rio era ladeado por antigas e opulentas cidades e formidáveis fortalezas. Entre as cidades, destacava-se a grande cidade de *Saxtaquiqui*, ou: "Onde o vidente *i* gigante *ig* ergueu *sash* o Falcão *tak*". Hoje dela só restam ruínas.

Os Mayas se extendiam na parte meridional do México, em tôda a Guatemala e um pouco em S. Salvador e nas Honduras. Os Mayas propriamente ditos estavam no Yucatã e no Chiapas; os Huaxtecas, nos estados do México de Vera

Cruz e Tamaulipas; os Quichés na Guatemala. A cidade principal dos Quichés era Izmachi; o culto dêles era o de Tohil, que também era a religião de Estado.

As tribos Mayas do Yucatãn, as dos Itzas, diziam que haviam viajado 8ç anos para chegarem à península, e que vieram guiados por um chefe chamado *Holochan* (Cantor *lu* precioso *chan* do templo *hu*), ou *Tepeuh* (O cantor *uh* fundador *te* do reino *pe*), ou *Mekat Tutulchiu* (Sete dos chefes *mekat*), dos geradores da luz do caminho do Santuário — *u-shi-tu-tul*, títulos que se identificam com o de *Coculcan*, Raghemâh. Pertenciam a quatro tribos, e vieram para *Chichen-Itza*, e depois colonizaram Izamal, Tihoo e Campotin ou Chacanputin, e mais tarde, Mayapan. *Yukatã* é "domínio *dan* do senhor *shu* da palavra *ka*".

A grandiosa cidade, hoje só ruínas, de Itzimté, no Yucatã, nos recorda o nosso Profeta: "Fundação *tê* do sacerdote *îde* da irrigação *zi* do céu *ir*". Os templos principais dos Mayas estavam na cidade de Izamal, no Yucatã (recinto — *mal*, do sacerdote — *ide* da irrigação — *za*). Outrora ela foi a grande cidade das pirâmides, do culto dos Mayas; entre elas havia duas maiores, a do Sol e a da Lua, e uma dedicada aJinich-Kakmo — "a ara do fogo solar", que é a hipóstase de Itzamna (Tesouros *na* do sacerdote *ide* da lotação *zam*); que é o próprio *Coculcan*.

Entre os Mayas, Raghemâh era também conhecido pelo nome de *Cuquican*, que diz o mesmo que: Impulsor *kan* da formação *ku* do País *ki*". Entre os seus de Nicarágua era chamado de Yomagarden ou Yomagata, que podemos traduzir: "Poder *ta* rápido *ga* em edificar *ma* aldeias *shu*". O próprio nome de *Nicarágua* parece relacionar-se ao Profeta das Américas: "Os rios *ra* correm *ga* para o brilhante *ni* orador profeta *ka*". Aqui também era conhecido pelo nome de *Bochica*:

"Sacerdote *ka* do Sol *shi* nascente *bu*". Com êsse nome deixou os Índios de Nicarágua, do istmo de Panamá, e tomou o caminho para a sua gente da banda oriental da Colômbia, os Chibchas ou *Muiscas*, ou Moczas, gente parente dos Índios do Panamá.

Entre os Muiscas consolidou e aperfeiçoou o reino material, e ao lado dêste ergueu o reino espiritual, escolhendo para capital religiosa, *Iraca*, que também respondia ao nome de Sugamuxi ou Sogamoso: "Berço *mu* da luz *shi* e seio *ga* de Sabedoria *zu*". Iraca (séde – *ka*, dos sacrifícios – *i*, da irrigação – *ra*), perto de Boyacá, cidade com seu rio sagrado, era uma como Roma dos Muiscas, séde do grão sacerdote. Possuia templo magnífico, portento de riquezas, coberto de lâminas de ouro. Era outrossim o arquivo dos Muiscas – cousas tôdas que a "auri sacra fames" dos Espanhóis conquistadores enguliu tragicamente, com a alta pretensão de dar cabo ao paganismo!...

O nosso Profeta deve ter estado algum tempo em Muiquitá, onde o tratavam de "Nemterequetaba", isto é "O homem que repartia *ba* poderosamente *ta* os mistérios *eb* do santário *ke* e os produtos do vergel *ter* do céu *nem*". Em Sogamoso era apelidado também de "Sadiquia": "Pai *a* do país *ki*, salvador *di* dos templos, da nação *sa*". Da mesma forma o chamavam de "Sonoda": "Poderoso *da* em governar *mu* com sabedoria *zu*". Havia outrossim quem o conhecia como: *Chimizapagua*, que pode significar: "Pai dos guerreiros, profeta da irrigação e sacerdote do sol nascente". Conheciam-no também por *Zuhé*: "Gerador *hé* da Sabedoria *zu*".

A tradição nos conta que Raghemâh, supremo Hierarca de Iraca, onde fundara um pontificado riquíssimo, de noite se recolhia a uma caverna para descansar e meditar os mistérios do Altíssimo; de dia corria por entre a sua gente, e lhe ensi-

nava a fiar algodão, tecer e pintar mantos; infundia-lhes a crença no Ser supremo, na imortalidade da alma, no juizo final e na ressurreição dos corpos humanos, verdades que êle pregava com sua palavra profética e mais ainda com a austeridade de sua vida penitente e como que celestial.

As mesmas tradições nos informam que o Profeta dos Muiscas viveu entre êles dois mil anos, e depois se retirou dêles por causa dos inimigos. Morto, foi endeusado pela sua gente, que o considerou como "luz", como "sol" ou como "O Bem personificado". Criou-lhe até um culto, consagrado, entre o mais, pelo sacrifício de um jovem, que lhe era sacrificado cada quinze anos. O jovem era escolhido desde criança; era criado e educado principescamente; e, ao atingir o décimo quinto ano, era com solenidades extraordinárias, flechado em pública praça em honra de Bochica!

Não podemos aceitar os dois mil anos de permanência entre os Muiscas — por quanto sabemos que Raghemâh, de Iraca passou a organizar seus povos no imenso império das *Amazonas*, onde fechou gloriosa mas tragicamente sua vida de trabalhos e de merecimentos.

As cinco campanhas de povoamento da Atlântida, foram emprêsa tão importante que chegou a dar ao México, campo inicial dessas campanhas, o nome de *Anahuac*, nome que na língua mexicana significa "Junto, perto das águas", mas, na língua mãe, diz: "Núcleo *na* de geração *a* das dez *hu* campanhas *ak*", ou melhor: "As dez *hu* campanhas *ak* do Sacerdote *an* da irrigação ou povoamento *a*": campanhas realizadas pelo grande Povoador das Américas, Raghemâh.

Além dêsse nome podemos lembrar que no México temos a cidade e o estado de *Chihuahua*, que traduzimos: "Fundamento, início, alvorada *shi* das dez *hu* gerações *a*": Huahua, em duplicata, pode indicar os cinco partos germinados dos do-

cumentos egípcios, conservados por Platão. Também se traduz: "O Vidente *u* da irrigação *a* ilumina *ah* o templo *hu* de Bel *shi*".

O centro para onde Raghemâh trazia sua gente, e de onde a distribuía para o povoamento do nosso continente, foi o atual estado de Chihuahua, México do Norte. Nele encontramos os *Tarahumaras*, que mais tarde figuram nas célebres missões dos Jesuítas. Seu nome pode ser traduzido: "Gente *a* vermelha *tar* das dez *uh* irrigações *ra* do grão sacerdote *ma*"; ou também: "Gente *as* saídas *mar* do templo ou país *hu* do sacerdote *tar* da irrigação *a*". Os Tarahumaras eram caçadores, de grande cultura, de índole suave. Sua língua é a que mais se aproxima da língua mãe. Ostenta simplicidade de regime; em geral não admite duas consoantes juntas, nem finais; revela escassez de termos para exprimir conceitos abstratos; possui o "sh" e uma consoante média entre o "l" e o "r".

Se consultamos as tradições mexicanas, saberemos que Raghemâh apareceu no rio Panuco (*ku* — morada, estadia, *nu* — multidão, povo, *pa* — do grão sacerdote) perto de Tampico, Golfo do México, acompanhado per um grupo de brancos, vestidos de túnicas compridas, que foram se estabelecer no reino de Tollan, por tanto no reino dos Atlantes. *Tollan* é a tradução de *Atlântida*. Dizem-nos mais, que seu chefe Quetzalcoatl, era homem branco, de estatura elevada, testa ampla, olhos grandes, barba espessa, farto cabelo negro; mui sábio e virtuoso ensinou aos Toltecas a arte metalúrgica e outras indústrias por êles desconhecidas; pregava uma religião nova, o amor ao próximo e tôdas as virtudes.

Além de difundir a arte de fundir metais, ensinou a cortar pedras; melhorou o cômputo do tempo, edificou palácios de prata e de pedras preciosas; todos os cidadãos sob o seu govêrno, eram ricos e ditosos; era de coração manso e amo-

roso: desterrou os sacrifícios humanos: só se deviam oferecer à divindade frutas e flores; os pecados se deviam expiar com jejuns e tirando-se sangue da língua e das orelhas.

Foi adorado como deus: seus templos eram circulares, com forma de cone cortado; seus sacerdotes usavam vestes de algodão brancas. Invejado pelo deus supremo, emigrou para o Oriente com a promessa de que havia de voltar.

FOMOS E SOMOS A ATLÂNTIDA

Moysés conhecia a América? — Cremos que sim. Os sacerdotes egípcios conheciam muito bem a Atlântida. Moysés teve educação na côrte dos Faraós. Os Atlantes chegaram a dominar no continente africano até o Egito. Moysés não podia desconhecer o nosso continente. E ousamos dizer, que o conhecia sob o nome de "*A Haviláh*", da qual faz menção no Gênesis, cap. 2.º, vers. 11, onde, recordando os quatro braços do grande rio do Éden, diz:

"O nome do primeiro é *Pishon*, e é aquele que rodeia todo o país de *A Haviláh*, onde se encontra o ouro — E o ouro dêste país é ótimo; alí se acha também o "bedoláh" e a pedra "shoham". O nome do segundo rio é *Gihon*, êste é aquele que rodeia tôda a terra de Kush (Aithiopia)".

Haviláh nos diz: "O oceano *ha* a ataca *îl* pela esquerda *kab*". O rio *Pishon* o traduzimos: "Curso dágua *un* que vai rolando *pish*". A Haviláh é um continente cercado por todo o lado pela água: Moysés o conheceu, quando já separada do continente único, mas ainda próxima do continente afro-europeu. Moysés viveu no século XV antes de Cristo.

A terra de *Kush* deve ser o continente africano, cercado pelo rio *Gihon* que nos diz: "Vagas *hum* que rodeiam *gi*".

O grande Povoador do Perú.

As poéticas campanhas de povoamento dos nossos Epónimos eram movimentos totalmente religiosos: o fito supremo visado pelos intrépidos e crentíssimos empreendedores do povamento do nosso continente, era de levarem até os confins da terra a fama da glória de Deus, do altíssimo e todo Poderoso Senhor do Universo. Os Incas, fiéis ao primitivo programa de povoamento, por tôda a parte, por onde estendiam seus domínios, cuidavam em levantarem um templo, um palácio real e uma fortaleza: isto para os vivos; para os mortos nos vários combates da vida, caprichavam em lhes construirem majestosos túmulos ou sepulcros: as *guacas* ou *huacas*: "Elevação do terreno *a* dos combatentes *ak* do templo *hu*". Por "Templo" entendia-se a caravana povoadora.

As tradições peruanas nos dizem que o país, no comêço, foi habitado por gentes selvagens, que adoravam ervas, árvores, antros, rochas, leões, macacos e o condor: a êles ofereciam sacrifícios, até sacrifícios humanos — o coração e os pulmões da vítima. São os descendentes de Magog, que passaram para a América, antes que viessem os Atlantes: eram do rito do leão e cultuavam ao deus Nebo, ou Nabu, com o culto do fogo. Nebo é uma espécie de deus destruidor, princípio do mal; mais ou menos — Mercúrio.

Continuam as tradições a dizer-nos, que o deus bom, o Sol se amerceou dêsses coitados e lhes enviou dois de seus filhos: um filho e uma filha: é Raghemâh com a família sacer-

dotal que êle conduziu ao Perú. Êstes foram estacionar nas vizinhanças do lago de Titicaca. *Titicaca*: "Lago *a* criador *ak* do aparecimento *ti* das famílias *tik*": das margens dêste lago, os nossos partiram para o povoamento do País.

No Perú, mormente em Lima, damos com o culto do deus *Pachacamak*. Seu ídolo era um grande monstro de madeira: opunha-se ao deus Sol. Êste era sumamente beneficiente da humanidade; aquele maléfico. Áquele se ofereciam sacrifícios até humanos. Seu nome nos diz: "O deus Nebo, o do rito do leão *ak*, mau, destruidor *kam*, inimigo *sha* do sumo sacerdote *pa*", era o deus cultuado pelos descendentes de Magog, os quais opuseram ferrenha resistência a Raghemâh, que cultuava o deus Sol.

Os sacerdotes do rito do leão, ou do fogo ou de Nebo, acompanharam em tôda a parte ao nosso Povoador, que cumpria sua missão de povoamento.

Se consultarmos a Toponimia do Perú, ela nos contará a peregrinação povoadora de Raghemâh, com seus colegas, que, a guisa de serpentes, a serpearem, e ao mesmo tempo a lutarem contra o sacerdote do leão, ou de Magog, do culto do fogo, percorreram o grande país, que se chamou Perú — domínio do sol — ou *Tahuantinsuyo*: "Domínio *shu* vasto *su*, fundado *tin* pelos sacerdotes *an* do templo *hu* poderoso, brilhante *ta*".

O grand Povoador foi conhecido sob o nome de *Manco Capac*, nome que facilmente interpretamos: "Celeste *kap* fundador *ak* do país *ku* dos irmãos *man*"; e depois foi endeusado e venerado sob o título de *Huira-Cocha*, título que nos diz o mesmo que: "Pai *a* da geração *ush* fundadora *ak* da cidade *ir* do templo *hu*"; ou "Criador, fundador *ku* do templo *sha* da grandiosa e abundante *bir* irrigação *a*". As tradições diziam que Viracocha viera de muito longe e era branco: condizem bem com o nosso Raghemâh. O templo em questão, é o de Kusco, que, pela magnificência e riqueza, era chamado "depó-

sito de ouro": era dedicado ao Sol. O nome do templo era: *Koricancha*, que podemos ler: "Templo *sha* dos sacerdotes *an* do gigante *ik* fulgurante *kur* — o Sol. Nele havia uns 4000 sacerdotes!

Raghemâh trouxe do México para o Perú a quarta leva de sua gente. Esta leva vinha chefiada por família sacerdotal: Arphaxad e Hutz são seus capitães, pertencentes à família sacerdotal de Shem: o primeiro era filho, o segundo era neto do Patriarca.

O munus sacerdotal devia ser privilégio da família de Ham, o filho primogênito de Noé; porém, desde os primeiros tempos, o vemos exercido pelos descendentes de Shem, o filho mais novo. Talvez expliquemos o fato, se lembrarmos que os Japhétidas andavam ocupados de modo especial com a criação de animais, com a pesca e com o comércio; os Hamitas, os herdeiros naturais do sacerdócio, pela primogenitura, não estavam muito indicados para o recolhimento religioso e científico, exigido dos servidores consagrados ao templo, porque êles, os Hamitas, tinham a seu cargo a defesa, a guerra, a caça e as várias indústrias. Os Shemitas eram os mais indicados para o serviço do templo; o próprio nome do seu epônimo o confirma: Shem em shumério se lê: *she*, *shi* — guardar, zelar, *im* — o que provem do céu, a lei do céu.

Raghemâh como condutor da quarta caravana se chama *Manco Capac* ou então *Huira-Cocha*: um e outro título designam o mesmo personagem. Raghemâh foi pessoalmente instalar no império do Sol a gente de Arphaxad — gente sacerdotal — a qual vem chefiada por três homens e quatro mulheres, todos sacerdotes e dedicados ao serviço ativo do templo. Os homens são: *Cachi*, ou "o Vidente *i* que corre *kash*"; *Uchu*, "O vidente *u* sublime *ush*"; *Ouca*, "A luz *a* brilhante *uk* da irrigação *a*". As mulheres se chamam: *Oclo*, ou "Cantora *lu* brilhante *uk*" — irmã e espôsa no sacerdócio do Manco Ca-

pac; *Huaco*, ou "A vigilante *u* dos combatentes *ak* do templo *hu*"; *Cura*, ou "A grande *kur* sacrificadora *a*"; Raua ou "A inteligência *wa* da irrigação *ra*". Temos uma família inteiramente sacerdotal, que mais tarde nos vai dar a grande e nobre família dos *Aymarás*: — Gente *as* saída *mar* do germe *ash*".

Cada um dos fundadores é chamado *Ayar*, que podemos interpretar como "Chefe *har* da família *a*".

Manco era o irmão mais velho pelo sacerdócio e o chefe da caravana, e ia processionalmente, como as nossas bandeiras do Divino — aliás todo o movimento de povoamento se revestia de carater religioso; Manco ia carregando uma espécie de fetiche, que apresentava forma de pássaro — era o falcão ou gavião, ou melhor, o deus Horus com cabeça de falcão ou gavião — chamado *inti* (sol); além disso trazia uma vara de ouro, que devia assinalar-lhe o lugar da residência. Conseguiram ajuntar dez tribos selvagens e depois foram assentar morada em Cuzco ("*cuz* — centro, *ko* — da fundação").

Conforme a tradição, sairam de uma caverna, situada cêrca de sete léguas a léste de Cuzco; caminharam junto até o monte Huanacauri (*uri* — entrada, *ka* — pronteira, *hu* — para o templo, *an* — do sacerdote, *a* — da irrigação), o sêrro legendário das vizinhanças de Cuzco. Teriam vindo de Pacári Tampu (casa da aurora — do Oriente), onde se levanta a colina de Yampu Tocco (casa dos ventos — trazidos pelos ventos), onde se abriam certas cavernas (enseadas em que se abrigavam as jangadas cobertas, que faziam longo trajeto).

Resolveram estacionar junto do monte Huanacauri, onde começaram a plantar milho, que haviam trazido das cavernas. Pouco depois, porém, sobrevieram desinteligências entre êles, os quatro irmãos. O mais velho, o Ayar Cachi, dotado de vigor e fôrça sobrehumana, era temido pelos outros irmãos, os quais, para dêle se livrarem, persuadiram-no, com vários

pretextos, a regressar à caverna abandonada, cuja entrada fecharam rapidamente com grandes blocos de pedra.

Os outros três então combinaram que um dêles ficasse no monte Huanacauri, permanecendo assim perto do sol, de cujo culto devia encarregar-se; os outros dois deviam continuar a peregrinação com as irmãs. Ayar Uchu, que ficara no monte, foi mais tarde transformado em estátua de pedra, com o que se tornou objeto de culto para os futuros Incas, que veneravam e adoravam nele o deus particular de sua geração, isto é, *Huaca* (*ka* — geração, *a* — da irrigação, *ku* — do Templo).

Os outros dois Ayars, com as quatro mulheres, chegaram a Cuzco, naquela época, pequena aldeia, habitada por índios selvagens, aos quais tanto impressionaram, que conseguiram dêles uma boa nesga de terra, da qual tomaram posse. Pouco depois morreu o Ayar Auca, ficando o quarto, o qual, adoptando o nome de Manco Capac se tornou o primeiro Inca, e se constituiu chefe supremo de todos os habitantes do Perú.

Os índios lembravam que Manco Capac, para recordar sua origem e simbolizar a residência de seus antepassados, mandara erigir uma construção com três janelas: a primeira chamara de "Tamputocco", a segunda "Marstoco" e a terceira, "Sutistoco". A dita edificação foi descoberta, parece, entre as ruínas de Machu Picchu, grande cidade, edificada no cume de elevado monte, ao norte de Cuzco, escondida na parte de mais difícil acesso dos Andes.

A quarta leva que Raghemâh guiou para o Ocidente da América Meridional bipartiu-se: Arphaxad deu os Aymarás — família dos sacerdotes do Sol, e os Araucanos do Chile (povo que contempla o sol na água — o Ocidente); Hutz foi chefe dos *Quíchuas* e dos *Yungas* — "Povo *as* vindo *ga* do lote ou mercado *sham*", ou *Chimus* — "Povo *us* dos combatentes *shim*". Os Incas tiveram origem dos Aymarás — "Povo *as* tirado *mar* dos primitivos *ash*", e vieram chefiar aos *Quíchuas* — "Povo

as do país *ki* do poente *shu*", que habitavam as serras, e aos poucos foram absorvendo aos Yungas, que dominavam na costa.

Na costa peruana e chilena encontramos os *Changos*, que são os mesmos que os Yungas. Encontramos outrossim os Andes ou *Anti*; êstes, como nos diz seu nome, são descendentes de sacerdotes (*ti* — descendência, filhos, *an* — sacerdotes).

Os Yungas recordavam o início do povoamento de suas terras: diziam-se vindos do norte, por mar; e davam-se por filhos de um chefe, chamado Maymlepe e de sua espôsa Ceterna. Os dois nomes facilmente se reduzem aos de Manco Capac e de Mama Oclo, sua espôsa e irmã. *Maymlepe* o podemos traduzir: "O senhor *pe* ilustre *le* sumo sacerdote *ma* do céu *mi*"; Ceterna nos dá: "Origem *na* do jardim *ter* fechado *ze*".

Os autores dizem que os *Atumuranas* invadiram o Perú, no tempo primitivo na época da dinastia Pirhua. Atumuranas deve significar: "povo *as* proveniente *an* do lado *mur* do missionário *tu* da irrigação *a*". Pirhuas-Sol *pir* templo *hu*, geração *a* — "Gente, oriunda do pessoal do templo do Sol". *Huanaco*, é: "Edificação *ku* do Vidente *u*, sacerdote *an* do templo *hu*".

Os antigos peruanos mantinham culto extraordinário para com *Wiracocha*, que é o mesmo Raghemâh, a quem davam como filho do sol, e diziam haver aparecido a um de seus reis, ao qual profetizara as futuras desgraças que assolariam o "País dos Filhos do Sol". Aparecera-lhe como um fantasma, com grandes barbas, trajo talar, e trazendo preso pelas rédeas um animal desconhecido. Viracocha ou Hira cocha o traduzimos: "A plena*ku* inteligência *sha* do curso completo *hi* do sol *ra*; é título que condiz plenamente com o nosso Povoador das Américas, Raghemâh.

A América Meridional pode muito bem ser apelidada de "Império do Sol". Começamos pelo Perú, que é: "Santuário,

domini *hu* do sol nascente *pir*". O Perú de então abarcava todo o norte e o oeste da América Meridional. *Bogotá* é: "Região *hu* dos guerreiros *guth* do sol nascente *ah*". O Chile, que os Aymarás chamam de *Chilli* e interpretam: "Confins do mundo", nós o lemos: "Atrás *li*, *le* do sol nascente *shi*", ou também: "País *ki* da luz solar *li*". Se a nossa América, pelo norte e pelo poente, nada nas chamas do sol, nada fica a inveja-la a parte oriental, o nosso País: seu nome o esta proclamando, porque o podemos explicar: "Parte *cil* dos domínios *be* da irrigação ou povoamento *ra;* também podemos traduzí-lo: "Parte *cil* dos domínios *be* do Sol *ra*, isto é — *be-ra-cil*, que se contraiu em *Bracil*: a terra dominada pelo sol do pleno meio dia!

Acêrca do nome do nosso continente — América— sem precisarmos incomodar o sono dos manes de Américo Vespucci, a quem obrigaram a endossar um batisado, em que entrou como Pilatos no credo — podemos dar a seguinte explicação. O grão sacerdote Raghemâh trouxe para o nosso continente os quatro filho de Arám: Hul, Gether, Mash e Hutz; trouxe-nos todo o povo de Arám ou o *Aramer* (*er* — povo); ao Aramer emigrado *rik*, chamou-se naturalmente *Aramerika* nome que foi atenuado em "Armérica", e depois em "América". Na Guatemala temos uma região montanhosa, ainda habitada por Índios, que responde ao nome de América, e esta nada deve a Vespucci!

Poderiamos também traduzir o nome "América" por: "País *ri* dos trabalhos *ka* do Sacerdote *me* da irrigação ou povoamento *a*".

Foi para o Beracil que Raghemâh trouxe a quinta e última leva de povoadores. Pelo que rezam as tradições, o grande Colonizador, seguindo o roteiro dos três primeiros povoadores, Magog, Madai, e Tharshish, de sua pátria de além rumava sempre para o Golfo do México, com escala em Haiti (*ti* —

federação, *i* — da tribo, *ba* — do peixe), e em *Cuba* (*ba* — porta, *ku* — do povoamento).

Do México, Raghemâh deve ter vinto ao Equador, de onde se encaminhou para o Beracil. Aqui a caravana se bipartiu, mas unida — a gente de Thubal e a de Haviláh — se estenderam Amazonas abaixo. No Egito, como aqui, encontramos Japhétidas ou Shemitas em plena harmonia de trabalho com Kushitas, filhos de Ham.

Thubal, japhétida, tira seu nome de "thib" ou "thub" — "caçar, pescar, pegar" — rádical que deu *Hiber* (povo de pegadores) e *Iberos*, a famosa tribo que encontramos federada a muitas outras, na Caldeia, depois no Egito, na Europa Ocidental, na Syria e agora a surpreendemos no Brasil.

Thubal é o epônimo dos nossos *Tupys*. Tupy o colhemos de "thub" — pegar, (caçar ou pescar) e *pu py* — descendentes. *Tupys* são os descendentes dos caçadores e pescadores, que foram os Iberos trazidos ao Beracil por Raghemâh ou *Sumé*.

Talvez interpretemos melhor a palavra *Tupy*, como sendo: "Geração *u* dos gravadores ou dos gravados nas rochas *tup*", istò é, os Tupys são descendentes dos primeiros povoadores da América, cujos rostos foram gravados nas rochas que bordam nossos rios ou no alto das serras e outeiros.

O grande Povoador do Brasil

Que Raghemâh tenha visitado o Beracil, e nele se tenha detido muito tempo em sua missão povoadora e organizadora, não o supomos, mas o damos como certo, porque de sua estadia entre nós, temos páginas de história, gravadas, com caracteres indeléveis, nos mapas que desenham nosso continente: a constatação é muito fácil, mormente, quando corremos o olhar sôbre o Amazonas e o Pará. Aqui a toponimia nos conta o último quartel de existência gloriosa do grande povoador das Américas que foi Raghemâh.

Quando de seu desaparecimento misterioso de por entre seus amigos os Muiscas, Raghemâh, agora Sumé, se encaminhou para as cabeceiras do Amazonas, e, confiado às águas do caudaloso rio, numa longa e penosa peregrinação de missionário povoador, veiu até a grande ilha de *Marajó* ou de *Joannes*, que assim se denominou em honra do famoso Povoador e em memória do mesmo. Na Ilha de Marajó temos a aldeia ou vila de Joannes, que chama-se também de *Tipuçú* — "Aldeia *ku* nascida *pu* do Sacrificador *ti*" ou se chama de *Sacacás* — "Fundação *kash* do sacerdote-rei *ka* do templo *sa*".

Na história religiosa da Assyria encontramos: *Ea, Ôê, Áos, Eá ánnes* e *Oánnes* — nomes que nos indicam o espírito do abismo, do oceano e dos rios: era o deus da sabedoria e da magia, figurado sob a forma de um peixe, ou de homem revestido com pele de peixe, e trazendo como tiara a cabeça do peixe. Atribuia-se-lhe a origem de todo o conhecimento.

As peregrinações missionárias de Raghemâh deram, parece-nos, ao gigantesco rio as três denominações que muito nos enleiam, se as quisermos explicar. A primeira,, após o trecho chamado Nupe, desde a confluência do Uatlaga e do Ucayali até Tabatinga, denomina-se *Maramõn*, de "Campo de trabalhos *hum* do Sacerdote-profeta *ma* do povoamento *ra*". No Estado do Amazonas é conhecido por *Solimões*, que interpretamos: "Campo *mu* de movimento *en* do Cantor *li* da Sabedoria *zu*". Os nossos índios o corromperam em Suriman, nome com que êles denominam o rio todo. No Estado do Pará lhe dizemos: *Amazonas*, que na língua mãe nos lá: "Rios *as* onde labutou *sun* o sumo sacerdote *mah* do povoamento *a*". Amazonas em sentido profano nos pode dar: "Rios *as* onde as mulheres *am* em cavalos *mat* combatem *sun*". Como as mulheres hibéricas, também as nossas combatiam ao lado de seus maridos montadas em cavalos.

Pelo que podemos apurar, o trabalho povoador de Raghemâh no Beracil, se desdobra nas excursões missionárias pelos rios afluentes do Rio-mar, excursões intensificadas nas vilas e aldeias que margeiam o grande rio. O ponto de partida, como o ponto de volta de suas excursões, é a sua ilha venerada, a grande Ilha de Marajó, em que o profeta conseguiu erguer majestoso templo ao *el* todo poderoso, ao *el* do universo. Marajó nos diz "Templo *hu* = *jó* do profeta *ma* da irrigação *ra*". Antes de chegarmos à séde do templo a aldeia de Parajó — Çametá — lembrava que na frente estava "O Templo *hu* do chefe *pa* da irrigação *ra*". Na boca do rio Xingu, a aldeia de *Arapigó* proclamava que: "O Pai *a* da irrigação *ra* dominava *pi* o Templo *hu*".

Soletrando os nomes geográficos, podemos acompanhar a Raghemâh que trabalha na região amazônica. No trecho assinalado pelo serpeio do Maranhão, seu trabalho parece-nos fraco: naturalmente ! Já havia sido feito no povoamento da Nova

Granada e Perú. Os trabalhos aumentam, quando o Profeta entra na zona do Solimões: aqui suas excursões se desdobram pelos afluentes do grande rio. O Madeira, antes *Cayari*, nos apresenta o Profeta trabalhando em suas margens: "A magnificência *ri* da palavra *ka* do Vidente *u* da irrigação *a*". O rio Negro no seu antigo nome *Quiary*, recorda-nos que seu curso foi: "A pista *ru* da irrigação *a* do País *ki*". O *Rio Branco* nas suas cabeceiras *Uraricuera*, nos diz que: "Êle fôra *kuera* campo de ação *ri* do Vidente *u* da irrigação *ra*". A cidade de *Manicoré* é "Cidade *re* grande *kur* onde viveu *ni* o Profeta *ma*".

Os trabalhos se avolumam com a passagem do Profeta para o Estado do Pará. *Pará* significa: "Irrigação ou povoamento *ra* do sumo Sacerdote *pa*". O Profeta desce o *Tapajoz*, que interpretamos: "Curso de água *hu* onde falava e mandava *ta* o grão Chefe do Templo *pâ*".

As bandeiras povoadoras de Raghemâh iam sempre acompanhadas por famílias de soldados — tribos confederadas que iam para proteção do Profeta e dos chefes do povoamento, para defesa do Templo e para assegurarem as disposições dos povoadores. Na excursão pelo rio *Xingú*, parece que o nosso herói se surpreendeu a braços com uma revolta dos seus soldados. Xingú diz: "Combate *shin* dos soldados *gu*"; e a cidade de *Curupá* recorda: "O sumo Sacerdote *pa* fugiu *ru* dos soldados *gu*".

Pouco depois o nosso missionário estava a sulcar as águas do *Tocantins*: "O campo *kan*, onde reviveu *tin* o sumo Sacerdote *tu*". *Cametá* nos diz: "Marcha *ta* do sacerdote *me* para a frente *ka*". Ao descermos o Tocantins até a confluência com o Araguaya, daremos com *Marabá*, que lembra: "desaparecimento *ba* do Pontífice *ma* do povoamento *ra*". De Marabá é fácil a entrada em *Goyaz*, que traduzimos: "Partilha de terras *haz* dada aos soldados *gu* da federação do povoamento".

Os soldados devem havê-lo descoberto, porque, voltando pelo Tocantins, chegamos a *Mocajuba*, que nos diz: "Entrada *ba* acidental ou triste *shu* para a aldeia *mu* do Grão-sacerdote *ka*". O rio *Parawahu*, a sudoeste da ilha de Marajó, lembra: "Extensão *wa* do Templo *hu* do Profeta *pa* da irrigação *ra*". Deixando Mocajuba, encontramos a Raghemâh na *Ilha* de *Marajó*. Esta pelo seu nome nos avisa que estamos no "Templo *hu* do Pontífice *ma* da irrigação *ra*".

Em outros tempos a grande ilha era chamada *Marinatâmbalo*, nome que podemos verter: O vidente *u* do leão *bal* abalou *nat* o templo *am* do vidente *i* ausente *mar*". A ilha também era conhecida como *Camamoro*, que podemos interpretar: "Onde o vidente *u* negro *ur* cercou *kam* o templo *am*". Êstes nomes referem-se à luta entre os dois Povoadores.

A ilha de Marajó também era conhecida como "Ilha grande de *Joannes*". Hoje nela existe a "Vila de Joannes". Esta denominação se liga ao título que possuia o nosso Profeta, pelo cargo que exerceu no meio de seu povo. *Joannes* eram na crença popular, seres, meio-homens e meio-peixes, que viveram no Golfo Pérsico, e vinham ensinar aos homens as letras, as ciência, as artes tôdas, a fundação de cidades, a ereição de templos, a instituição de leis e as regras da geometria; e além disso, o modo de semear e de colher frutas. Esses Joannes teriam também escrito sôbre a origem humana e sôbre a administração das nações. Raghemâh, com sua vida, realizou perfeitamente os atributos adjudicados a um Joannes. Daí o nome do nosso Profeta e o da ilha que o acolheu na tarde e no crepúsculo de seus labores missionários.

A ilha de Marajó deve ter sido por muito tempo domínio pacífico de Raghemâh, e então podia ser chamada: "Marashó": "Domínio *shu* do Pontífice *ma* da irrigação *ra*". Torrão predilecto do Profeta era a ilhota artificial que surge no meio do lago igualmente artificial, chamado *Arary*: "O que encerra,

seio, coração *ru* do Pai *a* do povoamento *ra*"; a ilhota é o *Pacobal* ou "Morada *ku* sagrada *pa* do Encantador, Rei-sacerdote *bal*" — é o Templo querido e majestoso de Raghemâh, onde o nosso Sacerdote pontificava nos seus fúlgidos ritos, templo que ficava bem perto do meridiano do meio dia, e Raghemâh era grão sacerdote do Sol que brilha em pleno meio-dia, o fulgurante *ra*.

Cidade querida do Profeta, era *Muaná*, porque era "Rebento *mu* do sacerdote *an* da luz, da palavra, do sol nascente *ah*". Fronteira a Huaná, na margem direita do Tocântins, surge *Abaeté*, que recorda, o Profeta: "Edificação *tê* do Povoador *a* que iniciou *ba* o povoamento *e*". As duas ilhas que ficam ao norte da do Marajó, também gozavam das amigas visitas do Profeta. A maior, *Caviana*, é: "Onde o sacerdote *an* da irrigação *a* derrotou *kab* ao vidente *i*". A *Mexiana* diz: "Onde o sacerdote *an* da irrigação *a* prendeu *mesh* ao vidente *i*".

Bem para leste da ilha de Marajó encontramos *Maracan*, que nos diz: "Campo de cultura *kan* do sacerdote *ma* da irrigaçã *ra*". Mais temos *Guamá*, que pode ser: "O sumo Pontífice *ma* dos guerreiros *gu* do povoamento *a*". Mais aquem está *Marapinim*: "O jardim *nin* do sacerdote *ma* da irrigação *ra*".

O Noroeste nos fala muitíssimo no grande Raghemâh, nos seus labores de povoamento, da "irrigação", como diziam êles". O próprio nome do *Amazonas*, além do sentido que lhe demos, é passível do seguinte: "Rios *as*, onde trabalhou *sun* o sacerdote *ma* da irrigação *a*". *Ceará* é: "Irrigação *ra* do sacerdote *si* da irrigação *a*". *Pernambuco* pode ser: "Região *ku* cultivada *bu* pela palavra *nam* do Sacerdote *pa* da irrigação *ra*". *Solimões*, além do sentido que já vimos, pode interpretar-se: "Seara *mun es* (plural), do Ungido *lih* da Sabedoria *zu*". *Piahuy* é: "Domínio *pi* dos soldados *uhu* da irrigação *a*".

Temos ainda, entre muitos outros nomes topônímicos: *Mossoró* — "Onde o Sacerdote *ma* edificou *ru* o santuário *ushu*". *Apody* é: "Vila *du* do altar *pu* da irrigação *a*". *Mipibu*: "Grande *pi* mata *bu* do Sacerdote *mi*". *Caicó*: "Aldeia *ku* ereta *i* pelo grão Sacerdote *ka*". *Piancó*: "Habitação *ku* do grão *pi* Sacerdote *an*". *Patu* (serra e cidade): "Caminho *tu* do grão Sacerdote *pa*". O rio *Pajehu* é: "Templo *hu* do descanso *she* do grão Sacerdote *pa*". A serra *Uman* diz: "do Sacerdote *an* do trigotum". *Maxaranguape* nos pode avisar que "O sacerdote *an* do lindo *ma* santuário *shar* domina *pe* os soldados *gu* da irrigação *a*". O rio *Assu* lembra: "Plantação *su* dos aliados *as*". *Seridó* é: "Caminho *du* do vidente *i* negro *ser*".

Um dos fatos mais salientes que vieram infestar os labores missionários de Raghemâh, quando no Beracil, foi uma luta tremenda, renhida com um falso profeta, sacerdote do rito do fogo, rito a que deviam estar ligados *gu-ah* ou descendentes de Magog, os quais tinham assento na *Guayana*. A luta foi travada em terras entre o Brasil e a Venezuela, nas vizinhanças da Serra *Imenearis*. O Feiticeiro com sua gente armou seu quartel na Serra do Sararé. O rio Mahu seria o campo de Raghemâh. Um encontro mui grave entre as duas fôrças se deu no rio Coterige. Os exércitos vieram descendo. Em Manáus se renderam parte dos rebeldes, e em Urucará, perto de *Parintins*, Raghemâh conseguiu infligir forte derrota às fôrças do Mágico.

Passam as fôrças para o Pará. Entra em cena o povo, parte favorável ao sumo Sacerdote, e parte amigo do Feiticeiro. Os chefes das fôrças, inclusive Raghemâh e o sacerdote do fogo, foram presos várias vezes e várias vezes foram libertados. A luta foi caminhando até a Ilha de Marajó, onde surgia o majestoso Templo de Bel. Aqui se travam graves combates; caem prisioneiros de ambos os lados. Os revoltosos conseguem apoderar-se do Templo: Raghemâh porém lho retoma.

Há solenes exorcismos, imprecações e maldições de uns e de outros. Num derradeiro encontro, a sorte sorrí a Raghemâh, que pôde mandar para o Templo como prisioneiros numerosos inimigos. Durante a tremenda campanha parte dos *gu-ah* fugiram do Profeta, e parte se uniu aos inimigos dêle e combateu contra Raghemâh: é o que depreendemos de *Paraguay*: "Os *Gu-ah* que fugiram *ra* do Profeta *pa*"; e *Uruguay*: "Os *gu-ah* que combateram *ru* contra o Vidente *u*".

A final Raghemâh consegue infligir séria derrota ao Mágico; êste foge e deixa ao nosso Povoador dias de paz, em que Raghemâh purifica o Templo e queima a cidade do adversário.

Acompanhando a toponimia, ficamos sabendo que, após dias pacíficos passados no Pará, especialmente na Ilha de Marajó, o nosso Raghemâh com sua caravana povoadora, percorreu, serpeando, todo o Nordeste brasílico, distribuindo famílias e povoações. Temos, por exemplo, os *Arauás* — espalhados pelas terras do *Marajó:* "Gente *us* filha *a* do vidente *u* da irrigação *ar*"; o cabo *Magoary*, pode ser: "O vidente *u* da irrigação *ar* estabeleceu *ma* os guerreiros *gu*"; a cidade de *Affuá* pode ser: "Gente *a* proveniente *pu* do grão- Pai *ap*"; a lagoa *Atuá*: "Gente *a* gerada *u* pelo grão-Pai *at*"; a cidade de *Anajás* é: "Gente *as* filha *ash* dos sacerdotes *an*".

Ao mesmo tempo que a caravana de Raghemâh povoava o Nordeste e vinha baixando para o Sul, aparece o inimigo com sua gente: o sacerdote negro, da Montanha, de Nebo, que porfia em imitar a obra povoadora de Raghemâh e em lhe criar obstáculos de tôda a sorte. *Macapá* nos diz: "Gente *a* esquerda, inimiga *kap* do sumo sacerdote *ma*"; a vila *Monsarás* pode dizer: "Gente *as* saída *zar* da floresta *mun*".

O Negro tem seu quartel general no *Sergipe* — "Domínio *pe* do sacerdote *gi* negro *ser*"; o de Raghemâh fica-lhe próximo, na *Parahyba* — "Partilha *ba* do templo *hu* do sumo sacerdote *pa* da irrigação *ra*".

De luta em luta, com sucessos alternados, as duas caravanas vem passeando todos os nossos futuros estados sulinos, até chegarem ao Rio de Janeiro, onde o sacerdote negro consegue infligir a morte a seu adversário, ao nosso grande Povoador Raghemâh — é, ao menos, o que nos diz a toponimia! Nas praias de Nicteroy admira-se o Leão triunfante!

O lago Arary com sua ilhota do Pacobal constituem magnífica estrofe dessa estupenda epopeia do grão Sacerdote, o Povoador das Américas, da Atlântida. Sua epopeia não foi gravada nas pirâmides do Egito, nem nas estélas da Mesopotâmia, sua Pátria; mas foi cinzelada na página inapagável de nossos mapas, constelados de nomes sagrados, que na sua feliz *Polisemia*, nos contam as proezas do grande Raghemâh, o maior Povoador da América.

* * *

Raghemâh não seria o famoso *Menés* do *Egito?* — Após havermos acompanhado a Raghemâh nas grandiosas campanhas de povoamento da América, sabedores da parte ativa que tomou na conquista do Egito, parece-nos não seria descabida a suposição, de que Raghemâh, antes de realizar a povoação da América, chefiaria a conquista do Egito sob o nome de Menés, o famoso e ao mesmo tempo misterioso fundador da monarquia egípcia.

O nome do conquistador egípcio é *Menés*, que vertemos: "Sacerdote *me* que ilumina *ne* o universo *es*". Menés conforme a melhor cronologia, teria reinado no Egito de 2762 a 2700. De 2700 em diante Menés está na América na sua missão de povoamento. Menés no Egito fundou a cidade de Memphis, com seu célebre templo consagrado a Phtah. Temos outra Memphis na América do Norte. Não temos dificuldade em estendermos mais um pouco a vida movimentada de Raghemâh

— aliás trata-se evidentemente de um mortal que traz consigo as credenciais insofismáveis da missão divina — Raghemâh é um delegado especial de Deus; por isso não cremos seria temeridade, se aos mais títulos, de que anda carregado o nosso Povoador, lhe endossassemos mais o de "Organizador do grande império do Egito".

Raghemâh aparece num relêvo do templo da Cruz nas ruínas de Palenque, onde traz o nome de *Quetzacohuatl;* aparece na sua figura hierática, com o dorso coberto de vistosa pele de pantera com bico de águia; emboca um canudo, do qual faz sair umas como serpentes — irrigação do trigo, pois êle é sacerdote, não da casta dos sacrificadores, mas sim dos irrigadores e preparadores do trigo com que preparavam o pão a ser usado nos sacrifícios.

Seus *despojos* onde foram repousar, no sono da morte? Opinamos que o grandioso Monumento do *Ingá*, na Parahyba do Norte, seja o *Túmulo Mortuário* de Raghemâh. O nome *Ingá* parece indicá-lo: *ga* — seio, *im* — do deus das chuvas. A grande e misteriosa inscrição que cobre todo o rochedo, as inúmeras figuras e caras humanas que o pontilham, e se veem espalhadas pelos arredores, tudo nos faz adivinhar que o *Monumento* do *Ingá* é o *Túmulo* do nosso Povoador, Raghemâh!

Depois de morto, Raghemâh foi tido e cultuado como deus, quer pelos Mexicanos como também pelos Mayas: o culto divino que lhe prestavam, chegou até aos sacrifícios humanos! Entre êles era o deus da agricultura, o deus *Serpente*. Entre os muitos méritos que lhe atribuiam, havia também o de haver trazido o povo de Cholula para Guatemala.

Quando o vemos representado como deus, seu ídolo, quase sempre de pedra, no-lo mostra com o rosto, os membros, o corpo pintados de preto, e geralmente com a cara terminada em bico, de cor vermelho vivo; no peito ostenta uma como espiral ou então uma concha partida pela metade.

Data interessante e ao mesmo tempo enigmática encontramos nos compêndios das tradições referentes a Raghemâh; vem logo no começo: "História de tôdas as cousas que se realizaram muito tempo atrás: a da repartição da terra, propriedade de todos, a sua origem e sua fundação, e o modo como o Sol (o rei Votan) dela fez a repartição, há já *seis vezes quatrocentos anos*, mais cem anos, mais treze, a contar do dia de hoje — 22 de maio de 1558, isto é, 7993 anos antes da era vulgar".

Para alguns, Votan teria aportado no México, com sua primeira leva imigratória, exatamente nessa data, 995 antes de Cristo. Pelo que sabemos, porém, Raghemâh povoou o nosso continente lá pelo século XXVI antes de Cristo: assim a tal data não pode ser data da imigração. A data em questão, cremos, se refira à distância, a partir do início do mundo humano, como acontece com outras datas conservadas pelas tradições mexicanas. Assim parece-nos mui provavel, que tal data queira indicar o início dos trabalhos de Raghemâh, como povoador da Atlântida, início que coincidiria com o ano 2686 antes de Cristo.

Aqui se nos aflora à mente a pergunta: "Que religião ensinaria e praticaria o nosso ilustre e indefesso Povoador da América?

A religião de Raghemâh certamente não era o paganismo nem a idolatria, êrros que só apontam lá pelos anos 2000 antes de Cristo. Cremos que Raghemâh foi sacerdote do verdadeiro Deus, o *El* todo poderoso, *Bel;* não só; mas pelos títulos que usou, ou lhe foram concedidos, cremos tenha sido um enviado especial de Deus, para manifestar aos homens a *sabedoria* do *Altíssimo*, o Verbo de Deus, o Verbo que era luz verdadeira, que ilumina todo o homem que vem a êste mundo; o Verbo,

que estava neste mundo e o mundo foi feito por Êle, mas o mundo não o conheceu.

Assim podemos dizer de Raghemâh: "Houve um homem enviado por Deus, que se chamava João (o nosso é Joannes). Êste veiu para testemunho, para dar testemunho da luz, a fim de que todos crescem por meio dele; êle não era luz, mas veio para dar testemunho da luz"!

* * *

Acêrca da *religião dos nossos Povoadores,* não duvidamos afirmar que êles possuiam a religião verdadeira, a do avô Noé — religião que o então recente Dilúvio devia ter arraigado mui profundamente nos seus espíritos, que só por mercê de Deus tinham sobrevivido ao medonho cataclismo. Adoravam ao Deus que mais tarde adorou Abrahão e mais tarde os Hebreus.

Apesar de serem consumados gravadores nas rochas, nunca se atreveram a debuxar sequer a El, que é puro espírito. O que fizeram, foi representá-lo, como se residisse nas obras que melhor refletem o poder e a sabedoria de Deus, mormente as que mais atestam a vida — atributo máximo de Deus. A vida, para êles, como que estava concentrada no sol — vida do mundo — e na geração humana — vida dos homens. Daqui o culto especial dessa gente, quer para o sol, quer para os órgãos genésicos humanos: o culto solar e o culto genésico, cultos que por muito tempo conservaram em pé de guerra aos fundadores do império egípcio.

Os nossos Povoadores fizeram seu estágio na terra dos Faraós; lá se imbuiram fartamente dêsses cultos, que ao depois transportaram para a Atlântida. Conseqüência dessa transportação deve ser também a cerimônia da circuncisão, que foi encontrada entre alguns dos nossos indígenas, como a surpreenderam entre os índios Tucumas do Amazonas.

Esta constatação nos revela algo sôbre as lutas fratricidas que lastimamos já entre os nossos Povoadores, como depois as deploramos entre as tribos descendentes dêles. A mesma nos explica outrossim o fato de ouvirmos a linguagem dos nossos índios, inçada de termos referentes à gênesis humana e aos órgãos dela.

Do culto genésico talvez tenha derivado o especial culto que os nossos consagravam às "mães" das cousas: Mãe dágua, do mato, do campo, dos bichos, dos dias, da noite, das serras, dos ventos e outras.

O que foram os Atlantes

Os descendentes dos treze colonizadores da nossa Atlântida, foram crescendo e prosperando no continente, durante longa série de gerações; dilataram seu império sôbre outros povos conseguindo estendê-lo além das Colunas de Hércules até o Egito e até a Itália. Ao mesmo tempo que estendiam o poder, aumentavam as riquezas, e a terra se esmerava em lhes oferecer com abundância, tudo o que podiam desejar. Além dos muitos gêneros que importavam de fóra, a ilha lhes produzia quase tudo, o que era necessário para a vida.

Platão nos descreve a ilha famosa. O solo estava muito acima do nível do mar, e terminava em costas cortadas a pique. Em todo o redor da Capital, se estendia uma planície, que estava rodeada por um cêrco de montanhas, que se prolongavam até o mar; a superfície era unida e regular, de forma oblonga; de um lado media três mil estádios (uns 620 Km.) e do centro ao mar, acima de dois mil (420 Km.).

Tôda esta parte da ilha olhava para meio dia, e estava protegida contra o vento do norte. As montanhas que a cercavam, pelo que se dizia, sobrepujavam em número, tamanho e beleza, tôdas as que se podem admirar hoje. Abarcavam um grande número de cidades mui ricas e mui povoadas. Essas terras eram irrigadas por lagos e por rios e cobertas de prados, que forneciam excelente forragem aos animais selvagens e aos domésticos. Florestas numerosas e de tôda espécie ofe-

reciam a tôdas as artes recursos variados para tôda a sorte de obras.

No mapa facilmente descobrimos êsse grupo de montanhas, que um dia defrontavam o estreito canal das Colunas de Hércules. Pelo norte vemos os Montes Alleghanys e a Flórida; no centro, as Grandes Antilhas, e ao sul, as Pequenas Antilhas. O mar que êsses restos de montanhas encerram, causa uma depressão do Oceano de 6.000 a 8.000 metros.

A planície formava um paralelograma, e lhe haviam feito correr ao redor uma vala ou fôsso, que parece obra mais que humana, pois tinha de profundidade uma geira (uns 110 metros), um estádio de largura, e dois mil estádios de comprimento (3 mil e tantos Km.). O fôsso recebia tôdas as águas que corriam da montanha; trazia-as para a cidade, e de lá às deitava no mar. Outros numerosos fôssos cruzavam a planície em várias direções, sempre com rumo para a cidade, e serviam para o transporte das madeiras e de outros produtos, destinados à cidade.

O palácio real da Capital dos Atlantes com seu majestoso Templo, erguiam-se numa pequena montanha. Ao redor desta, para fechá-la e isolá-la, abriram tríplice fôsso, cheio de água, fôsso que, em suas sinuosidades desiguais, encerrava duas muralhas de praça forte, bem no centro da ilha. Mais. A começar do mar até a defesa externa, abriram um canal de três geiras de largura, cem pés de fundo e cincoenta estádios de comprimento; e. afim de que servisse de pôrto, aos que viessem do mar, deram-lhe desembocadura, em que podiam navegar os maiores navios. Nos diques que separavam os fôssos entre si, atravessaram valas, ao lado de pontes, valas bastante largas para a passagem de uma trireme; e como de cada lado destas valas, os diques se levantavam muito acima do mar, lançaram, de uma margem à outra, tectos que permitiam aos navios navegarem ao coberto.

O maior dos fôssos circulares, o que comunicava com o mar, tinha três estádios de largura, e igual dimensão tinha a faixa de terra que lhe vinha em seguida. As duas faixas seguintes, uma de água e outra de terra, tinham cada uma dois estádios, e a última, a que contornava tôda a ilhota, tinha de largura um só estádio; em fim a ilhota em que se erguia o palácio, media diámetro de cinco estádios.

Defenderam com muro de pedra o contôrno da ilha, os diques circulares e os dois lados da vala, que tinha uma geira de largura, e estabeleceram torres e portas à entrada das abóbadas, sob as quais havia livre passagem para o mar.

Para estas construções valeram-se de pedras brancas, pretas e vermelhas, extraídas dos flancos da própria ilha e dos dois lados dos diques. Ao mesmo tempo que faziam estas excavações, abriram para os navios, no interior, duas profundas bacias, às quais o mesmo rochedo servia de tecto. Nestas construções ora usavam pedras da mesma cor, ora alternavam as cores.

Cobriram com bronze, a guisa de revestimento, todo o muro da faixa exterior; com estanho a segunda faixa, e revestiram as margens da ilha com uma cinta de oricalco, que brilhava como fogo.

Na distância de cincoenta estádios, corria paralelo ao último fôsso que cercava a ilha, um muro circular que partia do mar, volteava a ilha tôda, para vir morrer novamente no mar. A faixa de terra entre êste muro e o terceiro da cidade, estava coalhada de casas, uma pegada à outra.

Havia mais um fôsso que nem parecia obra humana. Corria as extremidades da planície, que cercava a Capital. Tinha uma geira de fundo com um estádio de largura, e no comprimento acompanhava tôda a planície: em tudo media uns dez mil estádios. Êste recolhia as águas que vinham das montanhas e após havê-las trazido à cidade, ia despejá-las no mar.

Todos os anos havia duas colheitas, porque a terra era fecundada, no inverno, pelas chuvas, e regada no estio, com as águas tiradas dos muitos canais. Podiam cultivar as artes, porque dispunham de numerosas minas, que lhes forneciam metais sólidos, fusiveis e preciosos. Criavam animais em grande escala. Os campos lhes produziam frutos em quantidade: trigo, uvas, legumes e outros. O seu maior pôrto estava coalhado de navios e de negociantes, que lhes vinham de tôda parte do mundo. Nele havia um tumulto contínuo, em que se percebiam tôdas as línguas da humanidade.

Senhores de tantas e tamanhas riquezas, que lhes prodigalizava o solo, seus moradores construiram templos magníficos e riquíssimos; palácios, portos e abrigos para seus numerosos navios. Não se limitaram ao útil e necessário; passaram às obras de embelezamento da ilha.

Construíram canais, estradas, pontes, para ativarem o trânsito e o comércio. O palácio real era uma magnificência. No centro dêle elevava-se o templo de Netuno e de Clitô, santuário riquíssimo, cercado de muro de ouro. Era o ponto das peregrinações anuais das gentes dos dez reinos da Federação.

Êsse templo tinha um estádio de comprimento e três geiras de largura e altura correspondente. Todo o exterior dêle estava coberto de prata, exceto os acrotérios, que eram de ouro; no interior, a abóbada estava forrada de marfim, enriquecida com ouro e com oricalco (misto de cobre, ouro e prata). Todo o restante dos muros e das colunas e os pavimentos estavam cobertos de oricalco.

Viam-se numerosas estátuas. O deus Netuno do alto de seu carro, guiava seis cavalos alados. Era tão grande, que com a cabeça tocava a abobada do templo. Ao redor dêle miravam-se cem *Nereidas*, assentadas sôbre delfins.

Ao redor do templo estadeavam-se as estátuas, de ouro, de todos os reis e rainhas descendentes dos dez filhos de Netuno,

e muitas outras doadas pelos reis e cidadãos, quer da mesma cidade, quer dos países dependentes.

Na capital, havia casas balneárias para todos; templos, jardins, ginásios e hipódromos, e casernas para o exército.

Acêrca da organização militar, a parte plana do reino foi dividida em sessenta mil zonas, e cada uma delas abrangia cem estádios. Os habitantes das montanhas, que eram inumeráveis, constituiam divisões especiais. Cada divisão apresentava um chefe, e êste devia providenciar pelo custeio da sexta parte de um carro *carro de guerra*, dos quais *o país dispunha de dez mil*.

Cada chefe de divisão devia fornecer dois cavalos com seus cavaleiros, uma parelha de cavalos sem carro, um soldado combatente, armado de escudinho e outro para guiar os cavalos, dois soldados peões com armas pesadas, dois archeiros, dois fundeiros, dois peões com armas leves; além dêstes, três soldados munidos de seixos e com dardos: e mais ainda, quatro marinheiros para *a frota, a qual se compunha de mil e duzentas naus*.

No tocante a magistratura, cada um dos dez reis, em seu reino, gozava de poder absoluto sôbre seus súditos e sôbre as leis; podia a seu talante, decretar leis e impor penalidades. Leis muito interessantes dirigiam a administração do país; e processos excelentes acompanhavam a ação julgadora e punitiva da justiça.

Um rei não podia mover guerra a outro, e todos se deviam congregar contra aquele que houvesse *tentado enxotar de seu* estado uma das raças régias. A guisa do que haviam feito seus antepassados, deviam reunir-se para em comum deliberaram acêrca da guerra e dos negócios importantes, deixada porém para o ramo, proveniente diretamente de Atlas, a autoridade principal. O chefe supremo não podia condenar à morte seus parentes, sem o consentimento da maioria dos outros reis.

As poucas e avarentas páginas que Platão nos oferece sôbre a Atlântida, nos colocam na presença de uma civilização muito adiantada, civilização que se prende admiravelmente às civilizações que encontramos depois no México, na América Central e no império dos Incas ou Perú.

— *Tartessos* — Muito se tem escrito e discutido acêrca de Tartessos, a pretensa capital dos Tartéssios. O Periplo de "Ora Marítima" deu lugar a muitas suposições, e até encorajou várias excavações nas vizinhanças de Guadalquivir, na Espanha, na esperança de se descobrirem os escombros da falada Tartessos. Dêsses trabalhos nada resultou de certo, e deixaram o problema de Tartessos na sua plena incognita, e até desanimaram completamente os esperançados de encontrarem, no lugar indicado, o precioso tesouro.

Cremos que essa incógnita pode ser resolvida, se dissermos que Tartessos era a capital do império dos Atlantes, e acrecentarmos, que tudo o que Gregos e Fenícios contavam e relatavam acêrca da capital dos Tartéssios, cabe perfeitamente aos Atlantes e a sua cidade capital.

O próprio nome de Tartessos significa: "Domínio da raça vermelha"; vem de *tar* — vermelho, *tê* — fundamento, raça, *shu* ou *eshsha* — domínio, reunião, federação. Ora o domínio da raça vermelha é Tharshish ou a Atlântida.

Várias são as semelhanças que se notam entre a capital dos Atlantes e a suposta Tartessos da Andaluzia. Em ambas coincidem as riquezas, o comércio florescente e a abundância de gados e de metais; a capital atlântida é cidade insular, com uma rede de canais ou rodeada de círculos de água — a Tartessos bética estaria assentada no delta do Betis; uma e outra desapareceram no mar, sem deixarem vestígio algum. Na época imperial, nem mais se conhecia o local, em que devia ter surgido a famosa Tartessos!

Concluimos, que *a Tartessos dos antigos é a mesma capital do reino dos Atlantes, e que surgiu não na Espanha, mas sim na América.*

Mais tarde, pelos séculos XI.º ou X.º, aparecem os Tartéssios da Espanha, provenientes, pelo que parece, do norte da África, e são visitados posteriormente pelos Gregos, especialmente pelos Focenses. Os Romanos os conheciam como sendo Turdetanos.

Os autores confundem a êstes com os Tartéssios da Atlântida, e atribuem àqueles, o que pertence a êstes; por exemplo, uma civilização antiquíssima, canções, leis e anais, aos quais Estrabon concede uma antiguidade de seis mil anos.

Acêrca dos reis considerados Tartéssios, cremos que alguns pertencem realmente à história, mas reinaram no império dos Atlantes. Assim temos Gárgoris, a quem atribuem a indústria do mel; Abis que teria dado impulso considerável à agricultura, e Habis que dividiu o povo em sete classes ou castas. Certamente pertence ao império de Tharshish o famoso Geryon (o falador), que a mitologia faz rei da Ilha Erytheia (a vermelha), monstro com três corpos (três reinos), e defendia seus reinos com o dragão Euryton (o que corre bem) — o Oceano. Geryon luto contra Hércules (os Fenícios) e por êles foi morto, porque, como diziam, alimentava seus bois com carne humana. Não seria a luta travada entre Raghemâh e o sacerdote do fogo?

Vemos aqui a luta dos Fenícios contra Tharshish, para se apoderarem do império dos Atlantes ou ao menos para se assenhorearem do mercado de metais, finalidades visadas nas viagens que os Fenícios faziam à Atlântida.

A influência egípcia e a seguinte influência fenícia no império atlântico, a mitologia a fixou na história das Hespérides ou Atlântides. Estas, filhas de Atlas, ninfas do Extremo Ocidente, célebres pelos seus jardins, que reuniam os mais ricos

produtos da natureza, e onde cresciam as maçãs de ouro, guardadas por um dragão, eram demais lindas e sábias. Busiris, rei do Egito, enamorou-se delas, pelo que ouvira de sua formosura e riqueza: enviou para lás piratas que conseguiram raptá-las em seus próprios jardins. Temos aqui o período da influência egipcíaca: os conquistadores egípcios, isto é, os treze povoadores que nos vieram do Egito, se apoderaram das terras da Atlântida.

A mitologia continúa: Mal, os piratas se haviam apoderado, sobrevem o herói fenício, Hércules, que surpreende os piratas e os mata. Atlas, pai das Hespérides, grato a Hércules pelo feito glorioso, deu-lhe em recompensa, não as filhas, mas sòmente as ricas maçãs, que êle viera buscar. Os Fenícios não se apoderaram das terras de Tharshish, mas sòmente se apossaram do mercado e das minas de metais, campos que cuidaram ocultar ciosamente e monopolizar a todo o transe.

O comércio de Tharshish, alimentado pelos Fenícios, estendeu-se na África até as Ilhas Cassitéridas, ao país de Cornwalle, na Bretanha, e elevou a capital dos Atlantes a uma respeitável prosperidade. Desconhecemos a história de sua decadência, mas deve remontar-se a tempos antigos. No início da era cristã, não existia mais indício algum dêsse comércio, outrora tão florescente. Esteve muito flórido nos tempos dos reis de Judá: as viagens entre a Fenícia e Tharshish eram muito frequentes.

* * *

Shebá — Barenton, estudando a Shebá, o filho mais velho de Raghemâh, descobriu que êle é o mesmo que o VII.º faraó da primeira dinastia, e deve ser identificado com Shu-Semempsés-Harmakhuti, que reinou de 2553 a 2527 a. C. Nota esta que vem realçar ao nosso misterioso Sumé, por mostrar-

nos a importância política dêle. O ilustre orientalista, ao analisar-lhe o nome, descobriu que Shebá fizera aliança com Tharshish, e que o sucessor de Shebá, Thot-Ubienthés, aparece ornado com a "crista de galo", que é o emblema do império de Tharshish.

Mais uma prova da povoação da América, nos tempos primitivos, por gente que vinha do Egito, e que certamente vinha enviada pelos monarcas do império do Nilo, ou, ao menos, com a aquiescência dêles.

Com Raghemâh fechamos o *Primeiro Período* da nossa história, período que calculamos de 2700 a 2500, período de influência egípcia; no segundo período admiramos o prodigioso trabalho nacional, de expansão dos dez reinos da Atlântida e de sua organização; no terceiro aparece-nos o Hércules fenício, a explorar mui ciumento as riquezas fabulosas do nosso continente.

Que os Fenícios ocultavam cuidadosamente suas descobertas e ainda mais suas fontes de comércio, o podemos colher da tradição, a qual nos conta que Hércules com sua gente demandou a Hibéria, atraído pela fama de suas riquezas; alí venceu os filhos de Geryonte, os governantes da segunda dinastia espanhola; assumiu o govêrno da Espanha; proibiu aos Espanhóis possuirem pratas, para obstar a que estrangeiros não viessem conquistar o país, em vista do precioso metal. Passou em seguida o trono a seus filhos, para reassumi-lo mais tarde, morrendo como rei da Espanha.

Quando de sua morte, como reza a tradição, Hércules passou o reino espanhol para um dos seus capitães, Héspero, e êste o transmitiu à dinastia dos Atlantes, que teriam governado a Hibéria durante uns 230 anos, isto é, mais ou menos, de 2300 a 2070 a. C., e lhe teriam dado os reis seguintes: Atlas, Sicoro, Sicam, Sicaleo (durante o reinado dêste teria aconte-

cido o dilúvio de Deucalion, as pragas do Egito, e a passagem do Mar Vermelho pelos Israelitas) mais Luso e Ulo.

Os Fenícios foram os maiores despistadores da rota que levava à Atlântida, mormente depois que esta foi arrastada para o meio do Oceano Atlântico.

Os Fenícios eram ótimos navegantes. De dia, se guiavam pelo curso do sol, e de noite, pela estrela polar. Conheciam com muita perfeição as constelações, o curso de várias estrelas, as correntes marítimas e os ventos reinantes nas várias regiões: o voo das aves e as migrações dos peixes e os prenúncios das tempestades. Haviam assinalado lugares perigosos por meio de grandes pedras ou faróis.

Suas viagens marítimas eram de meado de fevereiro a fins de outubro. Auxiliados pelas velas chegavam a vencer umas 33 milhas geográficas por dia — uns 60 quilometros. Em 70 dias eram capazes de percorrer a distância do Nilo às Colunas de Hércules.

A Fenícia deriva seu nome de "p *a* henic *palmeira*". Punico é um derivado. Os egípcios chamavam aos Fenícios de "*Kaf-tu* ou Caphtores" fabricantes de navios. Apenas começa a dispersão dos povos, encontramos os Fenícios a navegarem: aparecem no Egito, como auxiliares ou como inimigos dos Faraós da primeira dinastia.

Os pontos mais distantes do mundo antigo eram desconhecidos aos Gregos, porque os mercadores fenícios propositalmente dêles davam descrições envôltas em mistérios de terror ou de escuridão. No rol dêstes sacrificados está a nossa Atlântida, a qual teria muita história para nos contar, se o segrêdo comercial dos Fenícios não houvera sonegado muitos fatos referentes ao nosso cont nente: fatos que foram abafados com o silêncio, se não eram mui clamorosos; e, se eram rumorosos, foram adrede deslocados para outras regiões, a fim de despistar a atenção dos Gregos.

Não foram êsses ciumes comerciais, saberiamos que a Atlântida fôra teatro de expedições semelhantes à famosa expedição dos *Argonautas*, que demandaram a Cólquida para a conquista do riquíssimo velo de ouro — os riquíssimos tesouros do rei de Eéta, o filho do Sol. Ao lermos as façanhas da expedição de Jasão, parece-nos estarmos em pleno Perú!... Parece-nos estarmos contemplando uma expedição grego-fenícia, que vai explorar as riquezas metálicas do império de Tharshish!...

A própria *Guerra de Troia*, em nosso ver, é a narração mitológica da última e tremenda luta travada entre os Grego-Fenícios e a Federação dos dez reinos da Atlântida.

A Grécia tôda em pêso se levantou para, com seus aliados, desafrontarem o vergonhoso crime de Príamo, rei de Troia, cujo filho Páris se atrevera a raptar a formosa Helena, espôsa de Menelau, rei de Esparta. Os príncipes e os heróis gregos, embarcados em umas duas mil naus, se lançaram contra Ílion: lá desembarcaram e combatem dez anos. Troia é destruida; mas ninguém nos sabe dizer, como tal fato se deu!

Podemos ver na bastante misteriosa história de Troia, a Grécia que se joga em pêso contra a capital da Federação dos Atlantes, contra a poderosa e insaciável Tharshish!

Troia diz o mesmo que: "A poderosa *ta* virada, derrubada, afugentada, dividida *ru*, por Deus *ia*"; *Ilion* por sua vez se interpreta: "Deus *il* a exaltou *i* princeza *unu*". A capital dos Atlantes bem merecia êsses nomes, depois de vencida. *Príamo* soa: *P'ri* (do sol *am* (rebento); *Páris* significa: *Pa* (filho) *ris* (do sol); *Helena* é*Selene*, a lua.

A causa da guerra de Troia, dizem-nos que foi o rapto da bela espôsa de Menelau, crime perpetrado por Páris. Substituamos *Helena* por *Hellênia*, a Grécia. Teremos: Os filhos do sol poente, os Tharshishenses, raptaram a linda Hellênia, estenderam suas mãos cubiçosas sôbre a Grécia!

Dos Atlantes sabemos que dominavam, além do estreito de Gibraltar, sôbre a Lybia até o Egito, e sôbre a Europa até a Tyrrênia ou Itália Meridional. Sabemos mais, que um dia, pelos Gregos foi destroçada uma armada, que, surgindo do Oceano Atlântico (era a forte armada dos Atlantes!) ia avassalando a costa da Europa e da Ásia... Não seriam os filhos do sol poente, os reis de Tharshish, que se haviam apossado da formosa Helênia, ou de alguma das principais ilhas da Grécia?

A fim de desafrontarem a injúria, demandam pressurosos a Princeza dos Vermelhos Tartéssios, e lá empenham uma longa luta de dez anos, que se desenrola com sucessos variados, cingindo-se a luta à planície e ficando a capital fóra da refrega.

Os Gregos em Tharshish encontram guerreiros que podem enfrentá-los com valor e com vantagem. Aqui estão, na federação dos Atlantes, os destemidos Persas, os hábeis condutores de ginetes, que parecem viver encarapitados em seus cavalos e formar um corpo só com êles: são os Centauros (*Kint-a*, no cavalo; *ur*, sentar, ir, estar preso); são as nossas Amazonas, as cavaleiras dos nossos Iberos (*a* — seios, *mat* — cavalo, *sun* — domar) as mulheres domadoras de cavalos! Filhas dessas Amazonas foram certamente as mulheres guerreiras, admiradas mais tarde a lutarem nos campos ribeirinhos do *Suriman: Hu* — águas, *ri* — correnteza, *man* — chefe: guerreiras que deram azo a que o rio ficasse conhecido como "Rio das Amazonas"!

Da grandiosa luta, quem saiu vitorioso? A Grécia que por meio de Athenas, a qual na última hora ficara sosinha na refrega, ganhou a luta; mas um temporal medonho acabou com a esquadra grega no momento, em que seus heróis iam entoar o epinício! Parece tratar-se do dilúvio de Deucalion pelos anos 1300 a. C. Mas também a nossa Atlântida na mesma ocasião desapareceu, arrastada para o meio do grande Oceano!...

A América é a própria Atlântida dos Antigos !

As tradições constantes dos Guatemaleses, dos Chichimecas e dos Quichés concordam em nos informarem, de que treze chefes, cada um à testa de uma tribo, em épocas diferentes, desembarcaram no fundo do Golfo do México. Vinham do Oriente. Os primeiros foram os Chichimecas, que chegaram em sete cavernas flutuantes (naus-jangadas) nas quais atravessaram o Atlântico. As tradições do Yucatã acrescentaram, que primeiro desembarcaram em Haiti, passaram por Cuba, e de Cuba demandaram o México.

As tradições enquadram narrações mitológicas. Depois do dilúvio universal, em que perecêram todos os homens, segundo as crenças dos Tzendais da América Central, Deus criou da farinha de milho quatro homens e quatro mulheres, os quais povoaram de novo o mundo". A posteridade dos quatro homens de milho, havendo-se multiplicado ao infinito, se dirigiram para Tollanzu (seria o reino dos Atlantes), de onde as famílias das quais nós descendemos, emigraram para estas regiões do Ocidente". Ao separarem-se das demais, estas famílias mudaram de nome.

Cousa semelhante recordam os Peruanos, ao lembrarem Manco Capac com seus três irmãos e suas quatro irmãs, que vieram povoar a terra dos Incas. São tôdas confirmações do fato bíblico do dilúvio e da sobrevivência de Noé e de seus filhos, ao todo, oito pessoas.

Os Índios do Chiapas lembravam uma terra pouco distante do Yucatã, onde os antepassados de Votan haviam estabelecido sua primeira colônia em companhia de treze tribos.

Platão nos conserva os nomes dos treze colonizadores da Atlântida; dez dêles no-los dá ligados intimamente ao deus Netuno, para indicar que do Egito vieram para as paragens americanas por mar. Netuno é o deus do mar e do sol que brilha no meio das nuvens, que são as águas superiores: foi Netuno que trouxe as dez levas para a Atlântida através do Mediterrâneo e do Atlântico. Essas tribos vinham impregnadas com o culto do sol, pois vinham do Oriente, o berço do Sol e do culto solar; passaram pelo Egito, terra do Sol, e vinham patrocinadas por Netuno, o deus solar! Encontramo-las tôdas na América, adorando o sol e a lua! Os templos do sol e da lua são numerosos em nosso continente: o culto do sol o vemos levado ao exagêro horrendo dos sacrifícios humanos!

As tradições nos dizem que a América é a Atlântida; dizem-nos que a *América em todos os sentidos, não é senão uma continuação da Atlântida:* a vida, os costumes, as obras utilitárias e defensivas, a legislação dos Atlantes se repetem e continuam perfeitamente nos sucessores: Nahuas, Othomis, Toltecas, Mayas-Quichés, Aymarás e Caribes.

O Extremo Ocidente do grande continente terrestre, após a separação dos continentes, passou a chamar-se Atlântida, porque povoado pelos Atlantes.

Os mestres da arquitetura distinguem no México três ordens de edifícios: a primeira a atribuem aos Aztecas (1240-1500); a segunda aos Toltecas (540-1050); e a terceira — a de Palenque, de Guatemala e do Yucatã — remontam-na ao segundo milênio antes de Cristo. Esta última condiz muito bem com os Atlantes, as primeiras levas que Poseidon trouxe para a América. Assim as numerosas cidades destruídas que encontramos na América Central as atribuimos a estas levas.

Humboldt descreve um "teocalli" ou casa dos deuses mexicanos. "Êstes edifícios, ainda que de dimensões diversas, aparentavam todos as mesmas formas: pirâmides de vários andares, com o fundo colocado na direção exata do paralelo do lugar. O teocalli surgia no meio de um vasto recinto quadrado que pode comparar-se com o "peribolos" dos Gregos, e nele incluia jardins, chafarizes, habitações sacerdotais, às vêzes, casas de armas, visto que tôda a casa de um deus mexicano era uma praça forte, como o foi o antigo templo de Baal Berth, incendiado por Abimelech.

Ampla escadaria levava ao cimo da pirâmide truncada, em cuja plataforma encontram-se uma ou duas capelas, a guisa de torres, que abrigam as imagens colossais das divindades, a quem o teocalli é dedicado. Esta parte do edifício há de se considerar como a mais essencial: é o "naós" ou antes o "secós" dos templos gregos. Aqui os sacerdotes mantinham o fogo sagrado. Devido à forma do edifício, o sacerdote sacrificador podia ser visto ao mesmo tempo por muita gente; de longe contemplava-se a procissão dos "teopixqui", que subiam e desciam as escadas da pirâmide. O interior do edifício servia para sepultura dos reis e dos maiorais mexicanos.

Confiramos esta descrição da pirâmide mexicana com a descrição do palácio real dos Atlantes — que se erguia na acrópole ou cidadela, na parte mais elevada da capital, a qual por sua vez se erguia sôbre uma colina.

No centro do palácio real estava o templo consagrado a Poseidon e a Cleitô, formidavel santuário, cercado por muralhas de ouro. O templo media um estádio de comprimento e regulava três geiras de largura com altura proporcional. No interno a abóbada estava revestida de marfim, enriquecido com ouro e oricalco.

Os teocalli mexicanos imitavam o primeiro teocalli, o que os Atlantes ergueram na capital de Tharshish; as pirâmides supriam as colinas, lugares preferidos para a casa de Deus.

Os de defesa são grandes: construídos de pedra ou de ladrilhos ou de terra; são muros ou paredes paralelas que se levantavam sôbre o solo ou sôbre paredes subterrâneas. As fortalezas trazem parapeitos, e tem fossos com portas abertas para o nascente. Uns dêstes são notáveis pela extensão. Um dêles, no estado do Ohio, ocupa mais de quarenta hectares de superfície: é uma parede de quatro metros de altura por cinco de espessura na base, rodeada, por todos os lados, afora o do rio, com um fôsso largo sete metros.

A maior parte dêles está situada nas margens dos rios, e mostram figura retangular, com mais de 200 metros de comprimento e 180 de largura; outros construídos à alguma distância dos rios, são circulares, com um diâmetro que, raramente, passa de 50 metros. Há alguns dêles também ao sul do lago Erie; uns tem dimensões extraordinárias. Um, nas vizinhanças do lago Pepin e do Missuri, aos 53 graus de lat. norte, tem uma milha de extensão, forma circular, e com capacidade para conter uns cinco mil homens.

Uns estão cercados de importantes fortificações; outros, em suas bases, ostentam figuras de animais cultuados.

A maior parte dos montículos são monumentos funerários, sob os quais foram encontrados esqueletos, envôltos em cortiça trançada, ou cobertos de placas de mica, com armas. Seus construtores parecem cultos e dedicados à agricultura, com conhecimentos do cobre e do chumbo. Pelos crânios que encerram, deixam ver que pertenceram a várias raças e épocas.

Êstes montículos enxameiam exatamente na região ocupada pelas primeiras levas migratórias à Atlantida; as de Atlas e Gadir.

Também o Brasil ostenta os seus "mounds-builders"; no imenso vale do Amazonas, especialmente na grande ilha de *Marajó*, onde se conhecem sob o nome de *Pacobal*, nome emprestado do Pacobal da ilhota de Arary, no mesmo Marajó. Veem-se outrossim nas margens do Madeira, do Beni e do

Guaporá. Pacoval nos vem da língua mãe, e se quisermos nos dirá: "Cova *bal* para morada *ku* fechada *pa*".

Nesses montes artificiais, encontra-se muita louça, como sejam pote, furnas de farinha, bacias, idolos etc. — quase todos ornamentados com figuras pintadas ou gravadas, com desenhos quase sempre decorativos e poucas vêzes naturais. Os objetos mais perfeitos neles encontrados, são as *igaçabas* — potes que encerram ossos de defuntos. Os defuntos, pelo que parece, eram acondicionado nas igaçabas, depois de as carnes estarem decompostas.

Na Ilha do Marajó há muitos "mounds"; um grupo dêles é conhecido pelo nome de "Camutins". (De *tin* — ereção, *mu* — fortificada, *ka* — na frente). Os montículos Camutins estão situados na margem do igarapé do Camutins, que desemboca no rio Anajás. O principal dêstes montículos, de base elíptica, mede uns 210 metros de comprimento por 8 de largura na base está a 13 metros de altura, acima do nível do campo. Há muitos menores em todo o curso do igarapé; dizem existirem doze, na pequena distância de uma meia légua.

Ao oeste do estado do Colorado e de Utah, até o interior da república mexicana, encontramos construções diferentes: montículos mais baixos de forma piramidal, não de terra, mas de adobes; e junto com êles vemos cidades, que hospedaram milhares de habitantes. São as obras dos índios "pueblas": edifícios com centenares de celas, alguns até de nove andares. A arquitetura dêsses edifícios, como também a cerâmica neles encontrada, irmana seus autores aos Aztecas mexicanos.

Se quisermos passear o olhar pelos relatos dos viajantes, que admiraram as inúmeras ruínas da civilização americana, daremos com obras que são continuação perfeita, das que executavam os Atlantes: margens artificiais de estradas e de rios; escadas que levam a rios; valos e outeiros artificais feitos com arte e construidos com terra ou pedra, obras grandiosa de de-

fesa ou para o culto religioso; imensas linhas de fortificações, a correrem do lago Ontário ao Golfo do México, e dos Montes Allaghanys às Montanhas Rochosas: vastos recintos poligonais.

As obras de defesa assinalam providências dêsses povos contra as invasões do norte e do leste: estão a indicar que essas obras foram realizadas, quando o continente americano ainda estava perto do continente europeu, de onde podiam vir inimigos e haver surpresas.

Tudo isso nos parece continuação da Atlântida!

As ruínas de quarenta e quatro cidades no estado de Chiapas, as de Vera Cruz, as de Yucatã, de Honduras, da América Central; as numerosas pirâmides, semelhantes às do Egito e de Babilônia; as ruínas do império dos Incas no Perú; os palácios e os muros de construção ciclópica; os templos e os ídolos colossais; os ornatos de ouro massiço, os ídolos de ouro, de cobre, de bronze; os ritos, os sacrifícios, as vítimas... tudo nos está afirmando que a civilização dos Incas no Perú, dos Mayas no Yucatã e na América Central, a dos Mexicanos e a dos Muiscas de Nova Granada, são a mesma, são continuação da civilização que os sacerdotes do Egito atribuiam aos Atlantes, quando a Atlântida estava a pouca distância do continente afro-europeu.

A grande e magnífica capital dos reinos dos Atlantes, Tartessos, que se defrontava com o estreito das Colunas de Hérlules, hoje a encontramos na grande cidade da *Atlanta,* capital do estado da Geórgia, na América do Norte, no mesmo meridiano, em que surgia a capital dos Atlantes. Atrás dela surgem os Montes Alleghanys ou Apalaches. A capital da Geórgia nos parece uma reprodução fiel da capital dos Atlantes, qual no-la descreve Platão.

A Atlanta está situada aos pés dos Montes Azues, perto do rio Chatahoochee, a 3600 metros sôbre o nível do mar; é edificada sôbre uma área circular, que mede seis quilómetros

de ráio. Ao redor desta, surgem disseminadas em vários estados da União, dezesseis povoações com o nome de Atlanta!

Pouco distante da Atlanta, vemos a cidade de *Memphis* americana, para lembrar-nos, que várias levas dos povos que colonizaram o país dos Atlantes, partiram do Egito do norte, onde Memphis era cidade muito importante.

Os vultosos monumentos que bordam as margens do Ohio, do Illinois, do Missuri e do Tenessee, todos na Atlântida de Platão, como também os numerosos "mounds", espalhados pela região, nos afiançam que a Atlântida existiu, e que fugiu para a América! A Atlântida somos nós mesmos.

E o podemos afirmar sem receios! Os nossos Americanos herdaram a civilização dos Atlantes e dos povos a êles confederados; os americanos herdaram a civilização dos Atlantes, porque a América é a mesma Atlântida, que num dia e numa noite de horrendo cataclismo, seriam iras de Jupiter, segundo Platão, a Atlântida, por fôrças misteriosas, foi arrastada, da proximidade do continente afro-europeu, para o sítio, onde a temos, hoje, e onde responde ao nome de *América*.

Platão faz notar que o solo da ilha, onde surgiu a cidade principal, estava muito acima do nível do mar, e a praia estava cortada a pique: sinal de que houvera separação dos continentes.

Alguns autores pretendem explicar a semelhança da civilização americana com a da Atlântida, por um intercâmbio entre os dois continentes: uns dizem que a Atlântida foi quem civilizou a América; outros, pelo contrário, afirmam que a América foi o centro, de onde partiu a civilização da Atlântida, do Egito, da Ásia e de outros países. Ora é muito mais fácil e mais lógico afirmarmos que a civilização americana é a mesma que a da Atlântida, porque a *Atlântida* e a *América* são *a mesma cousa* — são o mesmo continente: por isso a civilização americana é a mesma que a da Atlântida, marcada porém com

a nota mui patente e mui triste e aflitiva, de progressiva decadência: na Atlântida, a civilização sobe para o alto; na América, desce até o mais aviltante desaparecimento!

Em resumo: damos como certa a existência da misteriosa ilha ou continente da Atlântida, e além disso sustentamos que *a nossa América é a própria Atlântida!* Edmilson José T

Quem pretende hoje iluminar, mesmo de leve, as silenciosas trevas que envolvem a proto-história do nosso continente, há de necessariamente, reportar-se e remontar-se à misteriosa ilha ou arquipélago, recordado por autores antigos, sob o nome de Atlântida, situada no Extremo Ocidente, além do atual estreito de Gibraltar, as antigas Colunas de Hércules.

Houve tempos, em que a existência da Atlântida foi objeto de dúvidas, e até se nos depararam autores que, mesmo sem lhe concederem as honras do inventário, a relegaram entre as lendas poéticas da prehistória. Porém, estudos mais refletidos cotejos mais escrupulosos, hoje nos convencem plenamente, de que as referências, que alguns autores antigos fizeram à misteriosa ilha, assentam em bases mui seguras. Assim, não obstante o silêncio de muitos autores antigos; não obtante o estilo interesseiramente ampliativo, com que da Atlântida nos informa Platão; apesar outrossim das pesquizas infrutuosas e decepcionantes, feitas com o intuito de se descobrirem no Atlântico ou alhures os escombros e os fragmentos da inditosa ilha: hoje homens de renome, como o P. Moreux e outros, aceitam como certa a existência da Atlântida, lhe reservam papel importante no mapa da civilização, ligando-a ao Egito e a outros centros asiáticos.

Houve muitos, e ainda os há, que negam a existência da Atlântida: a razão principal, em que esteiam sua incredulidade na Ilha Atlântica, é porque não foi possível encontrar vestígios reais dela nas numerosas e meticulosas pesquizas efetuadas, com

o fim de provar a realidade da ilha: as muitas sondagens do Oceano deram sempre resultados negativos!

Naturalmente!... Procuraram a ilha, onde ela não estava; não podiam encontrá-la!... A questão toma aspecto todo diferente, se, ao envés de dizermos com os antigos, que a ilha foi submergida, dissermos que a ilha, num dia e numa noite, foi por medonho cataclismo, arremessada, deslizando sôbre seu núcleo central, para o lugar, onde encontramos hoje o nosso continente americano, e qual é, nada mais nem menos, do que a célebre ilha ou melhor, o arquipélago da Atlântida: impulsão e deslizamento, que julgamos acertado colocar no século XII.º antes de Cristo, época em que a história assinala migrações colossais do Oriente para o Ocidente, verdadeiras avalanches de povos, que emigraram, acham alguns, por causa de enorme degêlo ou em fôrça de outros cataclismos, que os anais não conseguiram arquivar para a história da civilização; fatos e notícias que podem muito bem ter sido escondidas pelos ciosos mercadores da Fenícia!

Segundo nos informa Platão, os Atlântides gozaram de sua felicidade e lograram formidável poderio durante muitas gerações, enquanto conservaram algo de sua origem divina, obedeceram às leis dos deuses, e respeitaram o princípio divino, comum a todos os mortais. Nesse tempo amavam a verdade, suas almas só se abriam a nobres sentimentos; em tôdas as circunstâncias primavam por prudência e pela mútua concórdia e moderação no uso das riquezas.

Um dia, porém, prevaleceu neles o elemento humano, com prejuizo do divino; foi então que caiu sôbre êles o castigo dos deuses. A famosa Ilha Atlântida foi arrancada de suas bases, e, impelida por fôrças tremendas, foi desterrada para o centro do Oceano, onde, no seu isolamento, multisecular, descontaria seus orgulhos e suas deshumanidades!...

"Um dia foi êste vasto império reunindo suas fôrças de guerra, com propósito de se apoderar de um golpe, não só de vossa e nossa pátria (Egito e Grécia) senão de tôda a região do Estreito para cá (do Mediterrâneo todo). Eis, senão quando foi revelada ao mundo a virtude e a bravura de vossa cidade, Solon (de Athenas), a qual, superior a todos em coragem, valor e arte militar, se aventurou generosamente à frente de todos os Gregos. Embora abandonada por seus aliados, sem outros recursos, senão a própria valentia, conseguiu derribar o inimigo feroz, salvando assim da ignomínia e da escravidão os povos, e restituindo a liberdade a tantas nações de aquem das Colunas de Hércules.

Aí, porém, nesses tempos se deram terremotos medonhos; as ondas do mar, impelidas pelos ventos, vieram invadindo com ímpeto e varrendo num só dia tôda a vossa armada. A Atlântida, por sua parte, também desapareceu debaixo das águas. Por sinal, ainda hoje em dia, aquele mar é pouco navegável, não permitindo explorar-se, por causa da muita lama que a ilha ao submergir-se, deixou atrás de si".

Ó nosso historiador nos conta que a grande ilha, num dia e numa noite, foi sepultada no abismo das águas. Bem disse êle que foi num dia e numa noite, porque, se o castigo se houvera realizado sòmente durante o dia, os habitantes do continente afro-europeu teriam visto a imane mole, não a precipitar-se fragorosamente nos negros vórtices do Oceano, mas todo pasmos, a teriam admirado a sulcar o imenso mar, a guisa de mastodôntica nau ou de colossal iceberg, deslizando sôbre o centro imóvel da terra, numa velocidade espantosa, até terminar a louca carreira no ponto opôsto à partida!

Ao dia terrível que arrancou o continente de sua base, sucedeu uma noite tenebrosa, fatídica, e nessa noite o nosso continente foi arrastado até o meio do Oceano! A Atlântida não pereceu submersa sob as ondas do Oceano; fugiu deslizando para

América! A nossa América é a própria Atlântica, castigada e desterrada pelas iras divinas! Edmilson José Zanin

No seu longínquo degrêdo, continuou a trilhar os caminhos da civilização encetada, quando vizinha e irmã gemêa do continente afro-europeu; continuou a arrancada, para mais tarde entrar no declínio inglório da civilização, e chegar aos estertores da agonia e ao aviltante desaparecimento, atestado pelos mudos acervos de pedras, que jazem semeados pela América Central, pelo México e pelo Perú, como outros tantos chorões a bordarem as campas silenciosas de um cemitério!...

Se alguém quisesse explicação, porque o nosso continente foi arrancado da proximidade da Europa e lançado no coração do Oceano, lhe poderiamos fazer presentes as razões expendidas no caso pelo nosso historiador, o mesmo Platão.

"Durante numerosas gerações, enquanto os habitantes da Atlântida conservaram algo de sua origem divina, obedeceram às leis e respeitaram o princípio divino, que lhes era comum a todos; nesse tempo, suas almas, apegadas à verdade, só se abriam a sentimentos nobres; sua prudência e moderação brilhavam em tôdas as circunstâncias e em tôdas as relações entre êles. Não conheciam outro bem, a fóra da virtude; faziam pouco caso de suas riquezas, e não tinham dificuldade em considerarem como fardo o ouro e as muitas vantagens do mesmo gênero. Longe de se deixarem inebriar pelas delícias da opulência, e de perderem o govêrno de si próprios, não se afastavam da temperância; compreendiam perfeitamente que a concórdia com a virtude aumenta os outros bens; os quais, se buscados com demasiado ardor, se perdem, e com êles a virtude.

Enquanto seguiram êstes princípios e a natureza divina neles prevaleceu, tudo lhes saiu às mil maravilhas; mas, quando neles começou a se alterar a divina essência, por se haver ela tantas vêzes aliado à natureza humana, e a humanidade tomou a dianteira, incapazes de suportarem a própria prosperidade,

degeneraram. Então Júpiter, ao ver a depravação desta raça, outrora tão virtuosa, resolveu, puní-los, para torná-los mais prudentes e mais moderados. Convocou todos os deuses no santuário do céu, situado no centro do mundo, e assim que estiveram todos presentes, disse..."

E aqui termina bruscamente a narração das glórias da nossa Atlântida, a qual, no dia em que sonhara, mediante seu enorme poderio reunido, atacar, desbaratar e submeter o Egito, a Grécia e todos os povos do Mediterrâneo, foi vencida e desbaratada pelos Gregos. Estavamos então, cremos, no século XII.º antes de Cristo.

Platão não diz que os deuses destruiram, acabaram com a Atlântida; mas sim faz notar que "Júpiter resolveu *puní-los*, para torná-los mais prudentes e moderados": a punição foi a de arrojá-los longe, muito longe dos homens e isolá-los dêles mediante a vastidão do Oceano. A Atlântida não foi submergida; foi lançada ao longe, onde a encontramos agora!

Em seu novo sitio ou degrêdo, aos poucos a nossa Atlântica foi esquecendo suas glórias e sua derrota e até seu primeiro nome de Atlântida, para, vinte sete séculos mais tarde, ser batizada solenemente com o nome oficial de América!

Muito se tem discutido acêrca do nome *América*. A opinião mais aceita no tocante a origem do nome, é a que liga o nome ao de Américo Vespucci. Há quem lhe reivindique origem indígena. Acompanhamos a êstes. Aliás na América Central há uma América que é inteiramente indígena e nada fica a dever ao Vespucci. E' uma região montanhosa em Nicarágua, na província de Chontales. A região apresenta vertentes para os dois Oceanos. A parte oriental é habitada por índios "Ramas" (*ra* — do sol, *ma* — servos).

Se prolongarmos a civilização dos Atlantes, qual nos é relatada por Platão, e a fizermos chegar até à época seiscentista, admiraremos a facilidade com que conseguimos atar êsse pro-

longamente com a civilização encontrada na América pelos conquistadores, no México, na América Central e no Perú. *A civilização americana seiscentista não é senão um capítulo da civilização da Atlântida:* uma se liga perfeitamente à outra, como partes integrantes do mesmo todo.

A América é a própria Atlântida.

O nosso Visconde de Araguaia, em "Opúscolos Históricos e Literários", escreve: "Infelizmente os Bárbaros da Europa, que aniquilaram o colossal império dos Incas, que devastaram tantas cidades florescentes do México e do Perú, e tantos monumentos destruiram, com tão estúpida ferocidade, nos roubaram as melhores páginas que nos podiam guiar na pesquiza da antiguidade americana. Contudo, à vista dessas ruinas eloquentes de Cusco, Teaguanaco, Utatlan, Tulla, Tenochtitlam, Culhuacan e Tezcuco, essa Athenas americana, onde Summaraiya, primeiro bispo do México, invejoso da glória atribuida a Omar, amontoou em uma praça todos os documentos da história, da literatura e das artes dos Azteques, e ergueu uma pirâmide, que entregou às chamas; já à vista dessa multidão de cidades, de canais, de pontes, de pirâmides, do papel de pita, cartas geográficas, e divisão do ano em 365 dias, e dessa maravilhosa estrada de quinhentas léguas de Cusco a Quito, por entre montanhas, talhadas nas rochas, e guarnecidas de arsenais, fortalezas, templos e hospícios para os caminhantes; à vista dessas gigantescas ruínas descritas por Garcilasso, Humboldt, Kingsborough e outros viajantes; documentos incontestáveis de uma civilização de caráter antigo e original, que denuncia gerações sucessivas e séculos para ter chegado a êsse ponto de grandeza e esplendor; à vista de todos êsses fatos, tão fácil nos é supor essa civilização anterior, como contemporânea da mais antiga civilização da Índia e do Egito".

Outros Povoadores da Atlântida ? Não !

Pela sua posição, a Atlântida estava a fechar, pelo poente, o Mediterrâneo, e, ao sul, defrontava a Lybia, como ao norte enfrentava a Espanha. Naturalmente foi influenciada pelos povos de cima, como pelos de baixo; e não há duvidar que tribos lybicas e hibéricas hajam transferido domicílio para as terras da vizinha Atlântida. Essas transferências se tornam mais provaveis ainda, se recordarmos o espírito altamente nômade dos primeiros povos.

Os Fenícios não podem ter deixado de, instigados por seu instinto mercantil, visitar, e com boa frequência, as paragens da Atlântida.

Como o século XXI.º a. C. foi um século de grandes migrações de povos, especialmente do Oriente para o Ocidente, somos obrigados a supor que o nosso continente não podia ficar esquecido dessas ondas migratórias. A Atlântida deve ter dado hospedagem, e talvez mui generosa, a êsses aventureiros, que precediam os futuros "Fazedores da América" !

Nessa época de movimentos gerais dos povos, devemos admitir uma grande migração de gente para as ilhas e as praias da bacia do Mediterrâneo — os Henebu — dos Egípcios; todos êles marcados com cultura do primeiro período neolítico: usavam instrumentos e armas de pedra; tinham cerâmios feitos à mão; inumavam de alguma forma os cadáveres; moravam em cavernas ou grutas, naturais estas ou artificiais ou em choupanas.

Tudo isto consta das excavações, executadas na bacia do Mediterrâneo; desde Hissarlik na Tróade, Asia Menor, às ilhas do Egeu, da Lybia, à vizinha Ibéria, das ilhas da Sardenha e Córsega ao continente italiano.

Também poderiamos mencionar os *Guanches*, das ilhas *Canárias*, e muito mais os famosos *Hetheus-Pelasgos* — êsses irmãos dos Egípcios, que da Ásia emigraram para a Grécia e para a Itália.

Edmilson José Zanin

Pelo que nos diz a filologia, e pelo que nos recordam os monumentos, que se nos deparam no México, na América Central e no Perú, *não estamos autorizados a admitir migrações*, ao menos em grande escala, *dos Hetheus-Pelasgos para a Atlântida:* os nossos treze povoadores respondem perfeitamente por todos os pontos da civilização que admiramos em nosso continente americano.

Além disso, as numerosas obras defensivas que levantaram os Atlantes no lado oriental de Tollanzu, tôdas elas voltadas para o continente afro-europeu, nos dão testemunho da severa vigilância exercida pelos nossos para não permitirem invasões de nova gente. Esta nossa persuasão aumenta, se lembrarmos que os nossos haviam estendido seu domínio pelo Mediterrâneo a dentro, até a Itália e a Grécia.

Alguns exigem imigrações de vários povos na Atlântida, durante o segundo milênio, para podermos explicar o grande número de raças que foram encontradas em o nosso continente, quando da descoberta.

Para explicarmos êsse número de raças, basta-nos conhecermos os nossos treze povoadores caldáico-egípcios, e sabermos que seus descendentes se misturaram entre si muitas vêzes, e com isto nos deram a multidão de raças que notamos entre nós.

O que não devemos esquecer, e que deve ter concorrido muito na transformação ou melhor na degradação de nossas

raças, é o coeficiente dos *fenomenos físicos*, a que estiveram sujeitos os nossos ameríndios.

Edmilson José Zanin

No correr dos tempos, certamente já no segundo milênio antes de Cristo, o continente americano deve ter sido teatro de espantosos fenômenos geológicos, convulsões medonhas do solo, seguidas de elevações e respectivas depressões da crosta da terra, inundações pavorosas, terremotos, maremotos, como rezam a tradições mexicanas. Com êstes cataclismos submergeria parte da América Central, dando lugar a profundas modificações no golfo do México e no mar das Antilhas. Os conquistadores espanhóis ainda encontraram no Yucatã, os escombros de umas cincoenta cidades, restos de uma grande civilização, havia tempo desaparecida.

Consequência dêsses fenômenos espantosos, foi, no meu ver, o abalo, o medo, o terror imprimirem-se profundamente nos sentidos, na imaginação e na memória, na alma tôda daquela gente, a ponto de transformar-lhe radicalmente a índole, o natural, criando neles uma tristeza imensa da alma, a transparecer-lhes nos olhos, em todo o semblante; juntamente com a tristeza nasceu-lhes um receio insopitável, uma concentrada e contínua desconfiança, de que lhe sobreviessem novas desgraças; mais, despertou neles a necessidade da vida nômade, da vida em plena natureza, a vida das selvas, onde estariam a coberto da desgraça, e onde, no suspirar rumoroso da natureza, encontrassem um seio amigo e fiel, a quem desposassem seus temerosos sentimentos.

Lembra-me de um trecho que encontrei não sei onde, referente aos ameríndios mexicanos. Dizia: "O índio mexicano é triste até a rudeza. Sua melancolia tem um quê de áspero, por lhe não sobrar mais esperança alguma, e a dor que em nossos olhos aponta como lágrimas, nos dêle brilha com o clarão de sinistra atonia". Ao terror que lhe incutiu a natureza convulsionada, o autor ajuntava o sofrimento que mais tarde lhe

trouxe a escravidão dos conquistadores quinhentistas: "Os dias de vassalagem que teve que suportar, os direitos que lhe foram roubados, tudo gravou em sua estirpe uma tristeza sem igual. Por isto, até sua alegria parece sombria. Lúgubre é seu canto, que se exala em frequentes estribilhos monótonos. Melancolicas e tristes são suas dansas populares e religiosas".

O que o escritor diz do índio mexicano, cabe perfeitamente também aos nossos índios brasílicos. Outrossim não seria fóra de propósito querermos ligar a êsses espantosos fenômenos, que tanto abalaram os ânimos de nossos selvagens, a fixação do nome de Deus no vocábulo "tupàn", o trovão. Os cataclismos que revolucionaram a terra, centro de nossos primitivos, certamente vieram acompanhados de medonhas tempestades; nestas o trovão teria tido parte mui saliente, e daí seria fácil a passagem para chamarem ao grande espírito, o causador — como diriam êles — de todos aqueles terriveis movimentos, com o nome de trovão, isto é "Tupan" "o causador do trovão, o que despede o raio".

Temos aqui ensejo para recordarmos que das relações dos historiadores resulta os Ameríndios em geral terem uma idéia ainda que imperfeita, às vêzes, de um ente supremo, absoluto e eterno, e crerem que êle fôsse invisível e incorpóreo; não o pintavam nem o esculpiam; conheciam outrossim numerosas divindades inferiores, e estas pintavam e esculpiam; mais julgavam que as almas dos homens, como também as dos animais, eram imortais.

Edmilson José Zanin

Aqui também nos ocorre uma observação feita por Von Martius. Refere-se à fácil transformação de uma língua em dialetos. Entre as causas desta transformação, o sábio americanista acha, tenha contribuido bastante o costume de índios se apoderarem de mulheres de outras tribos: um contingente de mulheres estranhas, diz êle, por pequeno que seja, basta para em pouco tempo transformar o idioma de uma tribo, cujos

homens, durante a maior parte do tempo, não estão presentes, ou se estiverem, por silêncio habitual, não são aptos para contrabalançarem o influxo estrangeiro sôbre sua língua. Na América, conclue o sábio, a influência da mulher em conservar sua língua, deve ter sido tanto maior, quanto é sabido que aqui as mulheres são mais vivas e de maior atividade intelectual do que o sexo masculino, sempre mais selvagem e taciturno".

Com o andar dos tempos os nossos índios foram alterando para peior a linguagem, outrora comum — como resulta da morfologia comum, ainda que haja diferenças léxicas — e também foram perdendo o gosto artístico e os bons princípios da civilização que haviam herdado do centro da América, e nisto seguiram a lei comum da degradação das fôrças, seguindo a lei da "entropia".

Admitimos essa lei, porque no-la impõem os fatos. A vida física do homem, vemo-la enfraquecer de geração em geração. Basta compararmos nossos moços com nossos pais e avós; caminhamos fatalmente para o zero de saúde e fôrças físicas; quando sabemos que os nossos primeiros pais andaram rentando os mil anos. Na religião, a humanidade preludia com sua fé num só Deus, o monoteismo; aos poucos vai descambando até chegar ao politeismo, e dêste ao feitichismo e à autolatria. Em fato de moral, consoante a Bíblia, o homem alicerça o instituto sublime da família na poética união monogâmica, para aos poucos, descendo das alturas, animalizar-se na poligamia, e depois passar sem vergonha para a degradação animalesca do amor livre — o sistema que praticamente vai adquirindo fóros de cidadania, não obstante os reclamos da fé e da razão.

Queremos mais um caso interessante da degradação das fôrças? Encontramo-lo na linguagem. Vamos pedí-lo só às línguas chamadas japhéticas. Estas, ao envés de nos oferecerem uma escala ascendente em seu desenvolvimento gramatical, antes nos apresentam um desgaste sucessivo do idioma, que o

torna cada vez mais imperfeito, quer na relação de seus sons com o significado radical de seus vocábulos, quer no seu artifício gramatical, pois podemos provar com rigor científico que, dentro da família ariana, as palavras foram perdendo primeiro as formas gramaticais mais delicadas, e ao depois, quase tôdas as mais formas, qual a pedra que arrastada por um contínuo rodar numa torrente, começa por perder as arestas, e termina tomando a figura uniforme de pedregulho. Podemos subir das línguas românticas atuais, ao gótico e ao latim; do latim ao grego, do grego ao sânscrito épico; dêste ao sânscrito védico: longe de encontrarmos simplificações ao subirmos essa escada, como doutrinam os daruinistas, os homens do progresso e da transformação das espécies, encontramos justamente o contrário: língua cada vez mais perfeita, dotada de mais ricos matizes para significar conceitos mais delicados: do analiticismo mais alargado, como é o da língua inglesa, quase monossilábica, subimos encontrando um sintetismo cada vez mais perfeito e mais eloquente.

Se apontamos o sânscrito como parente do latim ou do grêgo, não pretendemos com isto afirmar que êle tenha sido a língua primitiva dos povos arianos, muito menos a dos povos primitivos; menos ainda dizemos que êle tenha sido o idioma da família de Jáphet, antes de esta se separar dos Shemitas e dos Hamitas; muito menos então o damos como língua primitiva da humanidade. Há quem pretende demonstrar que a língua primitiva dos homens foi a Shuméria, e que dela derivam as demais línguas do mundo. E' muita cousa!

O que podemos afirmar, é que a língua primitiva, devia ser uma língua perfeitíssima qual convinha a uma criatura, feita à perfeita imagem do Criador, e a que Deus constituia rei da creação. Devia ser uma língua que traduzisse perfeitamente o pensamento humano, com tôda a sua fôrça e em todos os seus matizes. Temos uns espécimes dessa perfeição

no fato de Adão ter passado em revista todos os animais terrestres, e a todos êles pôs nomes convenientes, conforme à natureza de cada um dêles. Mais. Adão devia possuir uma linguagem perfeitíssima para, no momento em que contemplou extático sua companheira, poder improvisar o sublime cântico epitalâmico, o primeiro hino humano que ecoou pelas regiões etéreas.

Em tudo vemos traduzir-se a grande lei de degradação das fôrças!

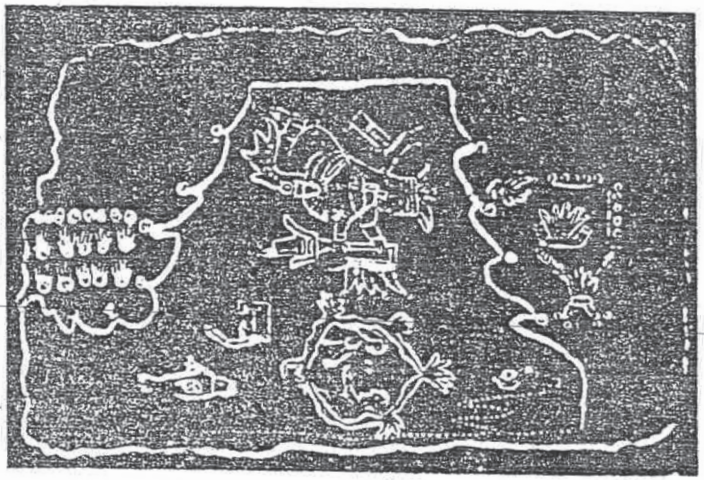
Assim os nossos homens bronzeados, os primitivos americanos, atingiram rapidamente uma civilização importante, para depois descerem a tamanha decadência, que se fêz necessária a intervenção da Igreja para protestar contra a bárbara teoria assoalhada interesseira e deshumanamente pelos conquistadores — de que os Índios americanos não tinham alma humana!...

Ainda hoje o nosso aborígena é alcunhado de homem selvagem! Talvez mereça êle hoje ser chamado de "homem selvagem", mas selvagem, que outrora não foi selvagem!...

O americano primitivo possuia uma civilização adiantada; que aos poucos for perdendo, até chegar à atrofia, e à degeneração intelectual presente. Provas de sua civilização, além dos numerosos monumentos que espalhou pelo México, pelo América Central e pelo Perú, além dos artefatos, dos cerâmios, o americano nos oferece uma crença num ser superior que tudo governa, crença muita vez transferida nas práticas supersticiosas, manipuladas pelos pagés e feiticeiros; encontramos com êle princípios de direito natural acêrca da família, e da propriedade; oferece-nos símbolos e lendas, vestígios de uma civilização superior, favorecida nas cidades pelo convívio, e prejudicada nas aldeias e pequenas agremiações, pela dispersão dos indivíduos.

Suas línguas possuem palavras para indicar objetos espirituais, sinal de progresso; mas ao mesmo tempo, suas contí-

nuas transformações e formação de novos diáletos — só na América há uns 1300! — denotam uma degeneração de longa data. Provas de língua pertencente a um povo civilizado, temo-las outrossim na facilidade com que os missionários conseguiam encontrar termos nas línguas americanas, para exporem as verdades tão sutís do cristianismo!



Hieróglifo mexicano, que representa os DEZ povoamentos da América, realizados por Poseidon-Raghmâh. No centro, o deus aparece a Kleitô, com os cinco partos. Cerca-o o cordão das dez "Irrigações": seis à esquerda e quatro, à direita. À esquerda, notamos os dez chefes das irrigações, cinco mais cinco: logo encima há o desfalque dos dois pretos, e ficam só oito os povoadores fiéis a Raghmâh. Na extrema direita vemos três grupos: cinco — os Japhétidas; mais cinco, os Shemitas, e mais quatro, os Hamitas. A parte inferior está pontilhada: cremos que os pontos indiquem os anos empregados por Raghmâh na condução das dez irrigações.

Visitas e despedidas da Atlântida

Fato indiscutível é, que durante os séculos X e XI da nossa era, antigos Escandinavos descobriram e visitaram o nosso continente setentrional.

Pelo ano mil da era vulgar, Olavo IV da Noruega, havia pouco convertido ao cristianismo, com seu povo, mandou à colônia normanda da Groenlândia, Leif Herksson, a fim de lá introduzir o credo cristão. Os ventos desviando-lhe a rota, conduziram o missionário ao lugar hoje chamado Cambridge, perto de Boston, Estados Unidos. Apelidou o sítio de "Vinc-land", por haver encontrado alí uvas selvagens. Além da colônia de Vineland, Leif fundou Helluland – terras das pedras, e a de Markland – terra dos bosques. Leif deteve-se alí algum tempo, e depois voltou para Groenlândia.

Irmãos de Leif se interessaram da colonização, e o fizeram com algum sucesso. Mais bem sucedido foi o sueco Thorfinn Karlsefne, o qual com sessenta homens, sete mulheres e gado de várias espécies, veiu a Vineland, onde construiu uma aldeia.

Começaram a entrar em relação com os índios, com os quais permutavam peles, a troca de leite e de outros artigos. A colônia foi medrando, não obstante de vez em quando enfrentar muitas dificuldades. Sofreu muito porém com a peste negra, a terrível epidemia do século XIV; e, como os cuidados religiosos fôssem absorvidos pelas Cruzadas, a colônia de Vineland aos poucos caiu no olvido.

Após as viagens dêstes Normandos, temos as visitas de outros viajantes a Massachussets, Jarmout, Nova Escócia, e à baía de Baffin. As enfermidades contagiosas, as fomes, os rigores do clima, dizimaram inclementes as colônias normandas, as quais vieram a acabar, quer pelos ataques dos Esquimós, quer por não receberem auxílio do país de origem. Além disso devemos lembrar lutas sangrentas entre êsses colonos e os índios.

Os índios da Flórida lembravam que, em tempos idos, antes do ano mil, ela era habitada por homens brancos, que usavam instrumentos de ferro: o que coincide com o fato de o irlandês Arc Marson em 983, haver sido por uma tempestade lançado àquelas paragens; depois êle se batizou. Nessa época havia relações entre Irlandeses e Americanos.

Muito antes de pelos Normandos, fomos visitados pelos Egípcios e muito mais pelos Fenícios, que tentaram, parece, apoderar-se da Atlântida.

As visitas dos Fenícios constam pelos vários testemunhos de historiadores antigos, os quais nos ensinam que os povos antigos das costas do Mediterrâneo, Cartagineses, Fenícios e Grègos, levaram suas excursões comerciais e exploratórias além das Colunas de Hércules, às Ilhas Afortunadas, Elíseas e Hespérides.

Diodoro de Sicília, no ano 45 antes de Cristo, nos descreve a Atlântida: "Está distante da Lybia muitos dias de navegação, e situada ao Ocidente. Seu solo é fertil, de grande beleza e regado de rios navegáveis. Ali se veem casas suntuosamente construídas. A região montanhosa é coberta de árvores frutíferas de tôda a espécie. A caça fornece aos habitantes bom número de animais; em fim o ar é de tal modo temperado que as frutas das árvores e outros produtos ali brotam com abundância, durante quase todo o ano".

Fala-nos que foi descoberta pelos Fenícios: "Os Fenícios se haviam feito à vela para explorarem o litoral alem das colu-

nas de Fércules; e, enquanto costeavam as margens da Lybia, foram lançados por ventos violentos mui longe no Oceano. Batidos pela tempestade durante muitos dias, abordaram em fim à dita Ilha. Tendo tomado conhecimento da riqueza do solo, comunicaram a todo o mundo a sua descoberta. Por tanto, os Tyrrênios poderosos no mar, também quiseram mandar para lá uma colônia; porém foram impedidos pelos Cartagineses, que receavam que um demasiado número de seus concidadãos, atraídos pela beleza da ilha, desertassem da pátria".

Informa-nos Aristóteles: "No mar, mais alem das Colunas de Hércules, os Cartagineses descobriram, a uma distância de vários dias de viagem, uma ilha deserta, por tôda a parte coberta de bosques, sulcada por rios navegáveis, e maravilhosa por seus frutos". Acrescenta que os Cartagineses, por meio do senado, decretaram a pena de morte a quem tentasse navegar para essa ilha, pelo receio de verem os colonos sacudirem o jugo da metrópole cartaginesa.

Diodoro afirma que os Cartagineses seguiram aos Cários ou Cares na navegação dos mares do oeste. Os Cários estavam estabelecidos nas Cíclades e em outras ilhas do Mediterrâneo, de onde partiam para navegarem o Oceano Atlântico. Na América há alguns vestígios dos Cários. Os nossos Caraíbas ou "Homens Cários" são uns dêles. (*Cários*, de *kar* — fortaleza, e *i* — levantar, construir).

Plutarco conta de Hércules que numa expedição que êste fez para o oeste, visitou o continente em que reinava Mérope; e que seus companheiros alí apuraram a língua grega, que começava a ser adulterada.

Podiamos também lembrar para o nosso fito, as correntes equatoriais opostas, que facilitam imenso a travessia entre os dois continentes, para a ida e para a volta.

A vinda dos Fenícios ao nosso continente é tão certa que o Inst. Geog. do Amazonas, em 4 de Maio de 1919, adoptou

como síntese do trabalho de Bernardo Ramos, as seguintes conclusões: *a*) Existiu no Brasil uma civilização precolumbiana; *b*) Tal civilização foi trazida por migrações de Fenícios e de Gregos; *c*) Essas migrações remontam a uma antiguidade maior de oitocentos anos antes da era cristã.

Da vinda dos Fenícios ao nosso continente, nos fala uma antiga tradição, segundo a qual os Fenícios, seguindo o litoral gálico, se transportaram à Irlanda, onde tinham uma colônia; daí passaram à América e fundaram uma nova civilização. Levantaram soberbos monumentos, cujas ruínas vão-se descobrindo aos poucos, tais como as suas torres cônicas, que existem na Irlanda e também no continente americano.

Os Cartagineses, herdeiros da supremacia marítima, bloquearam o Mediterrâneo para impedirem sob pena de morte, a quem se atrevesse passar à sua colônia na América, a qual ameaçava eclipsar a metrópole Púnica. Depois dos decretos cartagineses, foi-se obliterando a existência e a rota da América até o século IX° e X°.

A mitologia, na sua linguagem meio misteriosa, também nos conta a viagem dos Fenícios para o nosso continente. Hércules, o grande herói, representa aos Fenícios. Entre as doze fadigas atribuídas ao herói, duas se referem aos trabalhos dos Fenícios na Atlântida: a dos bois de Jerião e a das maçãs das Hespérides.

Os Caraíbas insulares contavam que antigamente um povo, vindo do lado do Este, por mar, tinha tomado posse da ilha de Haití, mas que posteriormente um exército de Caraíbas, vindo da terra firme, matou aos primeiros possuidores de Haití, exceto as mulheres, que foram poupadas.

Diz-se que os Fenícios a princípio se estabeleceram em Haití, e, para fundarem colônias ou cidades no continente americano, passaram pela ilha de Cuba.

Talvez possamos ligar aos Fenícios, o que Montezuma confessou a Fernando Cortés:" Sabemos pelos nossos livros que eu e êstes habitantes não somos indígenas, mas aqui viemos de muito longe. Sabemos também que o chefe que guiou nossos avós, voltou por algum tempo à terra nativa, e veiu de novo para cá, para buscar os que aqui deixara, mas os encontrou casados com mulheres daqui, pais de muitos filhos, e vivendo em cidades fabricadas por êles mesmos; e não quiseram por isso obedecer ao antigo senhor, o qual se foi embora sosinho. E temos sempre acreditado que seus descendente viriam um dia tomar posse dêste país. Ora, como vós vindes do lado, onde nasce o sol, e me dizeis que me conheceis há muito tempo, não posso duvidar que o rei que vos enviou, não seja o nosso natural patrão". — Não teriamos dificuldade em aplicar êstes termos ao nosso Povoador das Américas, Raghemâh !

Ora, se houve quem admitisse a Amazônia como termo das viagens dos fenícios, que havegavam por conta de Salomão, e até houve quem tentasse provar que a civilização da Ásia antiga e da Europa teve início no continente americano, muito mais facil nos é admitirmos que Egípcios e Fenícios visitaram e colonizaram a América !

Se damos porém como certo o deslizamento do nosso continente, devemos admitir que no deslizamento o nosso continente padeceu modificações bastante sensíveis, deformações e novas desagregações.

No meu modo de ver, o nosso continente, no seu catastrófico deslizamento, sofreu a depressão e a submersão parcial do que mais tarde foi chamado de América Central. Aliás não é esta a única submersão sofrida pela América Central. A primeira repetiu-se várias vezes, se atendermos às tradições ainda hoje existentes.

A civilização dos Mayas, não há dúvida que remonta a tempos mui remotos; mas é certo que a América Central co-

nheceu outras civilizações além daquela, as quais se foram desenvolvendo na América Central e foram devastadas por cataclismos neptúnicos ou plutônicos ou pelos dois em combinação. Antigas lendas mencionam uma terrível chuva de resina ardente com ar asfixiante, com movimentos terráqueos e inundações marítimas, que, unidos constituiram um horrendo cataclismo, que destruiu uma cultura centro-americana.

Na América Central e nas Antilhas é tradição geral, de terras misteriosas desaparecidas. Umas tradições dizem que as migrações caribes tiveram como ponto de partida as terras de Ticomega e de Magnatega, terras que sucumbiram num medonho cataclismo plutônico. *Ticomega* nos diria: "O melhor *eg* da irrigação *a*, destruido *kun* pelo afundamento *ti*"; e *Magnatega* seria: "O melhor *eg* da irrigíação *a*, eclipsado *nat* com o afundamento *mak*". Creio que isto tenha ocorrido no século XII antes de Cristo, quando a Atlântida foi arrojada ao ponto, onde nos encontramos hoje.

As Ilhas *Canárias* poderiam ser agregadas ao acervo da Irrigação americana, pois podemos interpretar o nome delas: "Gente *ya* gerada *ar* pela Irrigação *kan*". Nem seria dificil acrescentar-lhes as Ilhas dos *Açores*, se estas correspondessem a *Asuris*, que nos diriam: "Montes, cumes *ris*, cultivados *su* pelo *Ancião*, o grão Pai *A*".

O deslizamento que atribuimos ao nosso continente, que por razões plausiveis colocamos no século XII° antes de Cristo, com muita probabilidade se liga ao esvaziamento do antigo mar do Sahara ou a algum outro cataclismo semelhante. O rio Gihon, um dos quatro do Éd n, nos tempos antiquíssimos partia da Arménia, seguia o leito do Oronte, e depois, o do atual Jordão; corria para o sul, pelo leito do Mar Vermelho; atingia a região dos Lagos; e, emprestado o curso do Nilo atual, ia deitar suas águas num imenso mar que ocupava o atual

deserto do Sahara. Possível que êste vale com seu rio, à altura do Mar Vermelho, se dividisse, e um ramo ia encher o mar, enquanto o outro ia completar o cêrco da Etiópia.

* * *

Creio agora poder dar uma como súmula da proto-história do nosso continente, como conclusão do sobredito.

Durante o século XXVII, e talvez já no XXVIII, em que se deu a dispersão dos povos, após o dilúvio universal, o nosso continente, quando ainda unido ao continente único, recebeu seus primeiros povoadores: foram descendentes de Magog e de Madai, 2.º e 3.º filhos de Jáphet. Pouco mais tarde, os dois foram reforçados por descendentes de Tharshish, filho de Javan e neto de Jáphet.

No meado do século XXVI deu-se o desmembramento dos continentes: a Atlântida se afastou um pouco do continente afro-europeu, dêle separada por largo braço do Oceano Atlântico. Separada cresceu e prosperou admiravelmente pelo vultoso refôrço que lhe trouxeram novas levas de povoadores. Por êsse tempo já se achavam abertas as Colunas de Hércules e o Mediterrâneo já estava em comunicação com o Atlântico: Poseidon foi o encarregado dos novos colonizadores do nosso continente, colonizadores que a nós vieram após haverem feito seu estágio no Egito.

Tivemos as imigrações dos Atlantes, dos que não quiseram mais suportar o jugo dos reis do Egito. Os Atlantes nos vieram em dez levas consecutivas, cremos, durante o século XXV a. C., e de preferência foram se localizando e formando seus reinos em territórios situados na parte central do nosso continente.

A primeira leva nos trouxe os Atlantes e os Gadíricos, tribos descendentes de Hul e de Gether, filhos de Arám e netos

de Shem. Vieram e se confederaram com seus parentes, filhos de Jáphet.

A segunda leva pertence aos Hamitas: são descendentes de Sabatháh e de Sabá, com os Karibes. A terceira é mista: um japhétida, Mosoch, e um shemita, Mash ou Zeqil, o indígena, com os Muiscas e os Mayas. A quarta é de shemitas: Arphaxad com os Aymarás, e Huts com os Quechuas. A quinta nos trouxe Thubal, pai dos nossos Tupys, e um hamita, Haviláh.

A primeira leva povou o continente na região fronteira às Colunas de Hércules; a quinta povou o nosso Beracil. A segunda, a terceira e a quarta se estenderam entre a primeira e a quinta e atrás delas, como no México e no Perú.

Estas dez caravanas de povoadores, impulsionadas pela ordem do Altíssimo, a guisa de dez gotas de precioso óleo, estenderam-se rápidas pelo continente todo, e nos deram a grande civilização americana.

Os documentos de que dispomos, mormente a filologia, não nos aconselham a que admitamos outras caravanas povoadoras do nosso continente: com os nossos treze epônimos — que não achavam lugar em outras terras! — temos cabal explicação da origem de nossa grandiosa civilização, a que tanta admiração despertou nos conquistadores do que êles chamaram de Novo Mundo, e que era talvez bem mais velho que a Espanha e Portugal!

Platão nos diz que na Atlântida reinaram reis de grande e maravilhoso poderio: dominavam tôda a ilha da Atlântida, mais outras ilhas, como também parte do continente fronteiro; além disso, aquem das Colunas de Hércules, reinaram sôbre a Lybia até o Egito, e sôbre a Europa, até a Tyrrênia, isto é dominaram a costa do Mediterrâneo, até o Egito, e a costa norte, até a Itália. Era tamanho o poder dêsses reis confederados, que, um dia, tiveram a ousadia de reunirem suas armas,

no intento de submeterem todos os povos do Mediterrâneo, e com êles, os Gregos todos.

Essa tentativa de conquista da Grécia, achamos se esconda na história de Troia, no rapto da linda Helena, ou Hellênia, tentativa que avivou a coligação de todos os Helenos contra os reis da Atlântida, numa guerra sem fim, terminada misteriosamente.

Conforme o nosso informante, os Atlantes teriam governado espaço de *nove mil* anos... Talvez o escritor quisesse dizer: "nove centos anos"!

O período mais glorioso dos reis da Atlântida, deve ser contemporâneo da Thalassocracia cretense, da civilização micena, e sobretudo dos três períodos da civilização homérica: o anterior à influência oriental — século XVII; o da influência oriental, fenícia e egípcia, e também da Atlântida! — correspondente ao domínio dos Aquéus na Grécia, nos século XV, XIV e XIII; o posterior à influência oriental, no século XII.

Neste último período, cremos, deu-se o encontro fatal entre as fôrças da Atlântida e aliados com as da Grécia, chefiadas pelo exército de Athenas; encontro, em que ésta ficou sosinha, mas conseguiu derrotar as fôrças dos Atlantes, frustando-lhes de vez a projetada invasão do Mediterrâneo oriental. Enquadram-se aqui as façanhas de Theseu, isto é, a Grécia consegue libertar-se da influência cretense, da fenícia e da egípcia, como também da atlântica. Hércules a arrebatar as frutas áureas das Hespérides, é ainda a Grécia que vence os Atlantes.

O nosso autor nos diz que após a vitória estrondosa dos Athenienses sôbre os Atlantes, que deve ter fechado o segundo período de civilização homérica, no século XIII antes de Cristo, grandes estremecimentos da terra acompanhados de inundações, enguliram num dia e numa noite fatal, todos os guerreiros de Athenas; e, ao mesmo tempo, a famosa ilha Atlântida, a soberba Tharshish, o domínio da raça vermelha, desapa-

receu para sempre, sepultada sob as águas do mar, o qual se tornou inaccessivel e impróprio à navegação, por causa do muito lôdo que a ilha deixou após si!...

O cataclismo que enguliu as milícias athenienses, e com elas também a ilha da Atlântida, deve ter tido imensa repercussão, porque, logo em seguida, assistimos a um enorme movimento de povos do mar Egeu, que chegam até a Palestina e o Egito. O movimento vem do norte da Grécia com a invasão dos Dórios, enquanto os Tracophrygios, da Thrácia, invadem a Ásia Menor, e derrubam o grande império dos Hetitas, do qual resultaram os estados da Frígia, Lídia, Mísia, Cária, Lícia e outros.

O efeito para nós de capital importância dêsse cataclismo, foi o deslizamento do continente da Atlântida, que, deslizando por sôbre o núcleo central, veiu estanciar, onde estamos, e onde o chamamos de América. A Atlântida é a própria América.

O misterioso deslizamento, no nosso modo de ver, deve ter-se dado no século XII antes de Cristo. Na sua nova estância a Atlântida foi visitada pelos Fenícios, pelos Gregos e por outros povos.

Base da nossa civilização é a dos Atlantes, matizada com laivos da fenícia, da egípcia, indiana, chinesa, japonesa e de outras. A parte fundamental a devemos aos Shumérios. No México, na América Central, no próprio Brasil, pululam nomes que são shumérios, isto é, se analisam perfeitamente com a língua shuméria.

Acêrca do desaparecimento da Atlântida, encontramos algo nas tradições mexicanas. Dizem-nos estas que, no ano 1715 após o dilúvio, ocorreu um medonho furacão, que andou derrubando casas, arrancando árvores e rolando pedras, que mataram muita gente; e, cousa estranha, logo em seguida a terra foi invadida por horda incalculável de *macacos*. Confor-

me os nossos cálculos, esta invasão teria acontecido pelo ano 1237 antes de Cristo.

Os macacos de que fala a tradição, podem ser os Fenícios e os Gregos, habitantes do Mediterrâneo, e de suas costas, habitantes que os Egípcios chamavam de *caf*, isto é, habitantes das ilhas e das costas do Mediterráneo. Ora "macaco" é "kepos" em grego; "kapi" em sânscrito; "gof-gôfu" em egípcio, e "qôf", em hebráico. Podiamos bem pensar na Guerra de Tróia!

Mal transcorreram 158 anos após aquela invasão, conforme nossa cronologia, seria o ano 1079 a. de C., novo flagelo açoitou novamente a região mexicana: um pavoroso terremoto abalou todo o país, fez submerger uma grande ilha que não estava longe do México, e ocasionou por isso o extermínio de um povo gigante, chamado *Quinametzin*, inimigo dos Toltecas.

Quinametzin na língua mãe pode dar: "País *ki* nativo *na* do povo *me* do cobre *shin*". Conhecemos vários povos da Ibéria que se dedicavam à indústria do cobre: êstes eram fronteiros e inimigos dos Toltecas.

Ora, quando a Atlântida foi arrastada para longe, no Oceano, os nossos Mexicanos naturalmente viram desaparecer a grande ilha fronteira, isto é a Ibéria, e julgaram que o povo gigante dos Quinametzin havia sido exterminado; quando, pelo contrário, eram êles que haviam sido arredados para lugar muito distante, onde ficariam quase que perdidos no coração do Ocean.o

As línguas americanas

De posse da história dos treze povoadores da Atlântida ou Tollanzu, e após sério e meticuloso estudo da *toponimia* americana, especialmente dos montes ou serras e dos rios, podemos concluir, e cremos estar fundados em princípios seguros:

1.º — Os treze fundadores de Tollanzu levaram consigo do México até o Alto Canadá, do México a tôda a América Central, do México até o extremo sul da América Meridional; levaram consigo, usaram e difundiram a língua *shumérica*, a da Caldeia postdiluviana.

2.º — A língua, como a religião, a política e a administração do Estado, estava confiada aos sacerdotes: oficialmente, aos das tribos shemitas, e em parte aos sacerdotes provenientes das tribos hamitas. Como a linguagem fôsse atribuição dos sacerdotes, êstes, por ofício, dela zelavam, isto é, a conservavam e a ensinavam a suas gentes, e cuidavam de sua pureza.

3.º — Os povoamentos que estiveram a cargo dos chefes-sacerdotes. conservaram a língua shumérica na sua integridade e pureza; pelo contrário, as tribos, que se foram organizando sob a chefia dos Japhétidas ou de Hamitas não sacerdotes, estas foram aos póucos corrompendo a língua mãe, e foram formando as línguas peculiares de cada uma dessas tribos. Entre os poucos que melhor conservaram a língua sagrada da Caldeia contamos os Toltecas, os Mayas, os Aymarás e os Quíchuas, todos êles descendentes de Shemitas, e por tanto de sacerdotes; os demais se foram afastando insensivelmente da pureza da

língua mãe, para formarem os próprios dialetos, conservando porem da língua mãe os carateres fundamentais.

Devemos acrescentar: a vida nômade levada pela maior parte das nossas tribos, que, em suas intérminas peregrinações, se cruzavam em tôdas as direções – peregrinações porem que só se verificaram muito tempo depois dos povoamentos dos nossos chefes –; essa vida fez com que se misturassem e confundissem os vários idiomas, e dessa confusão nascessem novas formas dialetais, acrescidas estas pelas pequenas migrações que sobrevieram ao nosso país no decorrer dos séculos, posteriores à grande migração Shûmero-Egípcia do grão sacerdote Raghemâh ou do nosso Poseidon.

Explica-nos isto o fato altamente estranho das três mil línguas que os linguistas ajudicam ao nosso continente. Nem podia ser diversamente! quarenta e cinco séculos de peregrinações, são tempo mais que suficiente para baralhar umas poucas formas linguísticas primitivas, e do seu baralhamento interessante, durante tamanhõ lapso, fazer sair umas três mil formas!

Estudando a toponimia do nosso continente americano, especialmente a parte meridional, podemos facilmente distinguir como que três camadas bem distintas e uma sobreposta a outra. A primeira e a mais profunda, é semeada de nomes emprestados diretamente da língua shuméria dos nossos povoadores; a segunda tem sabor próprio americano, como seria o do tupy-guarany para o Brasil; a terceira e última, nos lança nos braços fartamente religiosos dos colonizadores portugueses e espanhóis.

No que respeita à camada shumérica, podemos dizer que a encontramos diversamente representada no território brasílico; nos estados nordestinos é a dominante; nos outros oferece regular representação.

Pertencem à camada shumérica bastantes palavras que aparentam abertamente o facies indígenas, mas que relutam a enfileiraram-se entre os modestos tupys ou guaranys.

Dentre muitos espécimes tomemos, por exemplo, a palavra *carioca,* o sagrado rio dos Tamoyos, o amigo que dava beleza às donzelas e voz suave aos cantores. Filólogos engenham-lhe etimologias; se o lermos shumericamente, poderemos entender: "Elevação *ka* de onde se avista *u* a abertura *i* do desfiladeiro ou garganta *kar*" ou também: "Elevação *ka* que olha *u* a entrada *i* da fortaleza *kar*".

Da Carioca olhemos para o *Morro dos Caboclos.* Os nossos tupyfilos nos dizem que "cabôclo" significa: tirado, arrancado do mato, de "caá" — mato e "oc, boc, uoc" — arrancado. No shumério ao envés lemos "O que se revoltou, o rebelde *lu* à ordem *ka* de continuar *bu* o combate *ak*"; "bu e "ak", contraem-se em *boc*: *ka-boc-lo.* O nome deve prender-se a algum acidente histórico, acontecido naquele morro ou em lugar semelhante, e não ao fato de se trazerem campônios para a cidade.

Mais uns espécimes a esmo *Camaquam* da: "Templo *am* edificado *ku* pelo sacerdote *ma* da palavra *ka*". Em Caçapava podemos ler: "entrada *ba* do cercado *pa* para sangrar *sa* os bois *ka*". *Mococa*: "mato *mun, mu, mo* do curral ou da casa *ku* do boi *ka*". *Macahé*: "começo *he* das sete *ka* aldeias *ma*". *Sabará*: "rio *ra* cheio *ba* de sangue *sa*". *Jeromoabo*: "mato *bu* destruido *hum* pela devastação *wa* do inimigo *sher*". *Maroim*: "curva *mar* de onde se vê *u* o céu *im*". *Juruá*: "rio *a* que na volta *ru* se torna escuro,, preto *shu*".

Com o shumério podemos explicar cabalmente as palavras das línguas dos povos americanos. Os Toltecas chamavam o sol de *Tonatiuh*: a língua mãe nos explica o termo tolteca: "Germe *na* fundamental *tu* da vida *ti* do sangue *uh*". Os nossos Tupys mutilaram o sol e lhe deixaram o *Coraçy*, que pode muito bem ser corrupção de "tunatî". Coracy nos pode dizer: "O que o universo *ku* inunda *ra* de vida *cy*" ou também, se preferirmos *Coaracy*: "Luz, fogo calor *si* que derrama *ra* geração,

vida *a* ao habitado *ku*". A poética lua dos nossos Tupys nos diz: "Vida *cy* do coração *sha*", ou: "Luz *si* das águas *a* altas, superiores: as nuvens *i*". *Tupixaba* — "Gente *a* dos senhores *shab* dos Tupys". *Cacique* — "Maior *kas* vigilante *i* do país *ke*". *Sambaquis* — "Restos, poeira *is* das aves *bak* negociadas, apreciadas *sam*". *Pagé* — *Piaxé* — "Filho *she* do fundador *pi* da irrigação *a*".

Pelo shumério facilmente analisamos o nosso tupy. Vão alguns exemplos: *Sapucáia* é "galo"; lido na língua mãe nos diz: "bicho *ia* com voz *ka* apertada como presa *sa* e saida de um buraco *pu*" "Ara" é "dia" — "ciclo *a* do sol *ra*". *Andirá* é morcego. Na língua mãe temos: *an* — elevar-se, *di* — farejar, *ra* — correr: morcego é o bicho que elevado no ar, corre de um lado para outro, a farejar a pequena presa. *Acanga* é cabeça: de *a* — montanha, ser alto, *kan* — fechado ao lado, *ga* — com seio. *Ybaca* é o céu: *ub* — altura, elevação, *ak* — estabelecer, fabricar, *a* — aguas — "lugar alto destinado às águas". *Pirá* é peixe: de *ra* — rio, águas, *pi* — estar espalhado, deslizar, mandar; "o que desliza ou manda nas águas". *Pituna* é noite: *na* — deitar, leito, lugar de repouso, *tu* — andar, estender-se; *bi* — govêrno, mandar. *Giboia*: "ser *a* que se ergue *i* e constringe *bu* a presa *gi*". *Tamanduá* — "animal *a* que anda *du* com duas *man* mãos *ta*". *Yurú* é boca — de *ru* — separação, divisão, corte, e *shu* — fechar, ligar, reunir.

Hervas citado por Southey (*Tom.* Iº c. VIII) diz que "os Tupys do Brasil, os Guaranys do Paraguay e os Amaguás do Perú (entre os quais e os Guaranys medeia um cáos de nações) todos falam dialetos da mesma língua, de que se podem achar vestígios por uma extensão de setenta graus. A língua mãe é o Guarany, que é a mais artificial, como a grega o é mais que a latina, e esta mais do que nenhum dos dialetos modernos que de suas ruinas nasceram. Traz em si o cunho de língua primitiva, pois abunda em monossílabos; exprime

a mesma palavra diferentes idéias, como no chinês, segundo é diversamente acentuada; e afirma-se que cada termo explica-se a si mesmo, o que provavelmente quer dizer que muito são onomatópicos, e que os compostos e derivados se formam regularmente".

Nada disso! "Cada termo se explica a si mesmo", quer dizer que essa língua é holofrástica, polisintética, incorporativa; cada nome é uma sentença, uma oração. Por exemplo a palavra *Cleitô* indica: "A cidade *tu* altiva, brilhante *i* que é defendida, protegida *kal kl* pelas águas *e*". Copacabana é: "Moradas *ko* cercadas *pa* na entrada *ba* da frente *ka* com pedras *na*".

O que Hervas assevera do Guarany, deve ser aplicado à língua mãe, que é o shumério, língua que nascida na Caldeia, arejada no vale do Nilo, veiu para o nosso continente com os nossos treze povoadores, especialmente com os dez trazidos pelo grão sacerdote Raghemâh; aclimatou-se nos domínios da vermelha Tharshish, desdobrando-se em treze ou mais dialetos, distintos levemente um do outro; uns a incorporaram ao patrimônio tribal, salpicando-a de *tl*, outros com *ch*; os nossos indígenas a enfeitaram com copiosa nazalização, os *nd*, *np* e outras modificações das palavras e das leis gramaticais, conservando-lhe porem sempre o fundo shumérico.

* * *

A língua dos nossos Tupys, como tôdas as línguas americanas, são do ramo das *aglutinantes* e não das flexionais; por isso possuem uma mecânica todo própria, mui diferente da ensinada pelas gramáticas das línguas flexionais.

Como os nossos mestres e autores das "Artes gramaticais" da língua geral, adaptaram ao tupy a gramática flexional, caíram em erros, e dêsses erros vieram as dificuldades e as embrulhadas gramaticais, com que inçaram a pobre gramática do

tupy. Davi, quando, para enfrentar ao Golias, foi revestido dos pés à cabeça, das pesadas armaduras: estas lhe tolhiam o passo; assim fizeram aqueles esforçados mestres; quiseram entalar o tupy, o quíchua e outras línguas âmericanas nos paradigmas do latim e do grego, quando as línguas americanas nada entendem de declinação nem de conjugação e muito menos de período! O que elas entendem e aceitam, são as simples leis da aglutinação. As línguas americanas seguem a natureza; não admitem nem precisam do artificial! Elas já possuem beleza nativa, não carecem dos arrebiques da arte!...

Verdade é que os mestres das "artes gramáticais" recolheram as línguas dos próprios lábios dos ameríndios, e as passaram aos livros; mas antes de as passarem para os livros, as despiram de seus trajes naturais, para vestí-las e pintá-las com as vestes latinas, lusintanas, hispânicas ou anglicas! E depois as obrigaram a marchar com essas indumentárias impróprias e sumamente impedientes.

O verbo, por exemplo, no tupy, é palavra invariável, que de si mesma nunca exprime tempo, modo, pessoa, gênero, número; acidentes êstes que pela mecánica da aglutinação, são marcados pelos advérbios ou pronomes. Pois bem, os nossos gramáticos nos trazem o coitado do verbo algemado com os modos indicativo, imperativo, optativo, subjuntivo, infinito, e cada modo, a guisa de corda formada de cordeis, com seus tempos presente, pretérito imperfeito, perfeito, plusquam perfeito, futuro perfeito e futuro imperfeito; vários gerúndios, supino ativo e passivo, com um batalhão e meio de particípios, sem contar com as bagagens da voz passiva, negativa, interrogativa, e que sei mais!

Quando lembramos o coitado do nosso verbo *iucá,* passando sob os açoites de todos êsses tempos e modos, pessoas, números, vozes, e saindo em palavras quilométricas para poder confiar-nos o seu: "que eu não seja morto!", sentimo-nos

tomados de horror, e nos benzemos contra a bela língua dos nossos antepassados da Amazônia!...

A língua tupy se filia, para não dizer que se irmana, facilmente à lingua mãe, a shuméria, a língua da mais antiga civilização histórica, língua falada uns três mil anos antes da nossa era, pelo povo que muito se relacionou com os primitivos homens americanos e com os ameríndios, pois deles são descendentes.

Podemos cotejar-lhes as línguas, e nisto veremos quanto os nossos índios se assemelham àqueles.

O shumério é língua de raizes monossilábicas; não é shemítico nem ariano; parece turânico. Possui quatro vogais: *a, e, i, u;* das consoantes nossas faltam-lhe o *f* e o *v*. Nele nota-se a facil passagem de *u* para *i;* de *g* p. *m; n* p. *m; g* p. *d; d* p. *s; n* p. *l; r* p. *l; r* p. *d; n* p. *d; s* p. *r; sh* p. *l* — mudanças estas mui frequentes também no tupy.

Os nomes formam-se com a raiz: 1.º, prefixada por A, E, I, U; p. e. ME — falar, mais E — é "língua"; 2.º prefixando a raiz com KI, que significa "lugar" e corresponde ao sufixo tupy *aba, caba, saba, taba* (lugar)"; 3.º, antepondo à raiz LU (homem), em tupy antepomos ABÁ (homem); 5.º com a anteposição de AY (algo), em tupy BAÉ, formam-se substantivos abstratos; o mesmo acontece antepondo-se NAM (fortuna) e GAL (ser), êste último posposto, por ex. HUL (inimizade), HUL-GAL (inimigo, hostil).

O plural dos substantivos é formado pela reduplicação, ou às vezes, pelo acréscimo de ENE, ME, MES, como em tupy o *eté, itá* (*setá*) — alguns); por ex.: DINGER é deus; plural — DING RENE; SAL — mulher, SAL-ME — mulheres.

O genitivo latino é dado pelas posposições: *a, ka, ge, ga* e *gid*, como se faz no tupy com a posposição *çuí;* o dativo é dado em tupy pelo *supè* e no shumério por *ra, r*, por ex.:

lugal-ra: ao rei. O genitivo também pode ser dado pela simples anteposição do determinante.

Não há gênero nos nomes: *Dimer* é deus ou deusa; algumas vezes o feminino é marcado por *sal* (mulher) correspondente ao nosso *cunhã*: *dumu* é filho; *dumu-sal* é filha.

Não tem proposições; usa em vez das posposições, como no tupy; ex.: *ad-da-na-ru* — adda (pai) na (seu) ru (para). Alguns substantivos servem de preposição como *shag* (coração) — em; *igi* (olho) — antes. As negações são: nu-na, nam, la, ba-ra.

O verbo é dado pela raiz, com fôrça transitiva, intransitiva, causativa, ativa e passiva. *Dug*, por ex. significa: discurso e discursar; *duga-mu* pode ser: discurso meu ou eu discurso. As formas do verbo se dão com prefixos ou sufixos e com os pronomes, como no tupy. Não há forma especial para as pessoas. O verbo conhece só dois tempos — o da ação perfeita (perfeito e imperfeito) e o da ação imperfeita (presente e futuro); o primeiro é dado pela voz-raiz do verbo, como *in-sar*, escreveu; o segundo é dado pela adição de *e* ou *a*: *in-sar-e*, escreve. As pessoas do plural se obtem pelo acrêscimo de *esh, ash, ush*, no passado, e *ene, ne*, no presente. O imperativo ajunta como sufixo *ab* ou *ib*, ou o prefixo *u*.

Os pronomes pessoais são: *ma, mê* (sing.) *mene* (plur.) da 1.ª pessoa; *ze, zae* (s.), *zene* (p.) 2.ª p.; *ene* (s.) *e-ne-ne* (p.) 3.ª pes. Os possessivos são: *mu-ma* (s.) *men, me* (p.), 1.ª pes.; *zu, za* (sã) *zunene* (p.) 2.ª p.; *ni, na, bi, ba* (s.) *nene, biene, bienene* (p.) 3.ª p. Os pronomes pessoais como no tupy, também servem de possessivos.

Os pronomes demonstrativos são: *ne, bi* ou *ba;* ex.: *a-bi*, águas-aquelas; *I-nim-bi*, cousa aquela; *dingir-lu ba-ge*, o deus-homem-aquele-de, isto é: o deus daquele homem. O relativo é *lu*, que significa: "homem", como no tupy o relativo *auá* é

o nome *abá* (homem). Os interrogativos são: *a-ba*, quem; *a-na*, o que?

A ordem léxica é: o verbo no fim da oração; o adjetivo antes do nome; o genitivo antes do substantivo. Por semitismo o adj. e o genit. às vezes aparecem depois do próprio nome.

Esta língua é muito antiga; temos dela documentos escritos no terceiro milênio antes de Cristo. Lá pelos dois mil e setecentos anos antes da nossa era, já havia escolas contíguas aos templos, em que se ensinava às crianças a escrever nessa língua. Há quem pretende demonstrar, que o shumério foi a língua primitiva da humanidade, ou então foi a filha primogênita da primitiva, tendo como irmão o egípcio antigo. Destas duas línguas derivariam tôdas as demais línguas.

* * *

A Escritura Americana — Os nossos Shumérios com suas bandeiras povoadoras percorreram o nosso país de norte ao sul, e foram semeando povoações e cidades, e dando a cada uma delas; nomes que bem compendiavam o lugar. Êsses nossos Shumérios não se esqueceram de perpetuar os nomes tão bem inventados, mediante a escritura, isto é, os *hieróglifos*, desenhados e riscados nas duras pedras; deixaram-nos como vestígios de suas pegadas, muitas das tão discutidas "itacoatiaras", que, no nosso modo de ver, não são senão inscrições em hieróglifos caldáicos, próprios dos sacerdotes que integravam as bandeiras de povoamento do nosso país e de tôda a Atlântida.

A respeito das "itacoatiaras", vem muito a propósito o que escreveu Stradelli, em seu "Vocabulário nheengatú". Transcrevemos:

"Os indígenas (nós diríamos: "os bandeirantes Shumérios!) deixaram aqui e acolá, nos lugares de passagem e de

demora forçadas, onde a existência de pedras mais ou menos duras lhes permitia, fazê-lo, numerosos desenhos, feitos, ao que parece, gastando a pedra com outra pedra...

Tais desenhos, embora toscos e de uma ingenuidade quase infantil, especialmente, quando comparados com o que se quis representar, são verdadeiros e próprios hieróglifos, sinais convencionais com significação ainda hoje conhecida pelos nossos indígenas, que os veneram como monumentos, deixados pelos seus maiores... Como a sua ubicação parecia dizê-lo, muitas delas são indicações de migrações, sinais deixados pelos grupos que precedem, para guia dos que seguem, com a menção do modo de acolhimento, recursos da localidade, tempo de demora, via seguida, etc., etc. Outras se referem a lendas e tradições dos diversos povos que nele se seguiram, ou à lei e aos ritos do Jurupari.

Em qualquer caso tinha razão o velho Quenomo, um Cubeua do Cuduiari, quando dizia... "Penhé pecoatiara papera, iané iarecó itá iacoatiara arama": — Vocês escrevem o papel, nós temos as pedras para escrever".

Bom é lembrarmos que a escrita mais antiga da Mesopotâmia, foi a *pictográfica*, como no Egito, isto é, para designarem um objeto pela escrita, desenhavam-lhe mais ou menos grosseiramente a silhueta. No começo, os sinais escritos eram *ideográficos*, depois aos poucos passaram a ser *silábicos*. O sinal por exemplo que debuxa o sol, simplificou-se e passou a designar o céu, com a pronúncia de *an*, e a designar o deus do céu, com a pronúncia de *dingir;* mais tarde, o sinal e a pronúncia *an*, foi adoptado para exprimir a silaba (o som) de *an*. Às vêzes encontramos misturados ideogramas com sinais silábicos.

Acêrca dos nomes escritos em hieróglifos — língua sagrada, apanágio dos sacerdotes — e nós os tivemos entre os nossos bandeirantes! — devemos notar que os nomes sacros antigos,

sob leves variantes homófonas, eram susceptíveis de vários sentidos e muito diferentes: isto o indicamos com a expressão *homophonia polysémica* ou "pluralidade de sentido literal". Uma mesma letra em hieróglifo servia para escrever êsse nome sagrado juntamente com tôdas as suas variantes homófonas. A combinação de tôdas essas variantes e de todos os seus vários sentidos, servia para fazer conhecer o povo ou o lugar designado pelo nome sagrado.

Aqui a dificuldade de interpretação dêsses hieróglifos; mas ao mesmo tempo a preciosa mésse de sentido que se esconde sob cada um dêles, ou sob cada uma das sílabas que compõem êsse nome. Por exemplo, possuimos uns quinze lugarejos denominados *cumbe* que significa: "mão *be* de "pilão" ou "almofariz" *kum*". Em hieróglifos o escrevemos mediante duas figuras: a de um vaso cilíndrico que arremeda um gral, e a figura de um bastão. A primeira figura, além de indicar "gral" *kum*, pode indicar: "esmagar, moer, cavar a terra, ir, marchar"; o *be* ao contrário, nos dirá, além de "mão", bastão, arma, proteção, etc.".

Cremos que os hieróglifos caldáicos entrem de alguma forma nos enigmáticos *quipos* peruanos, cordões cheios de nós, de que usavam os aborígenes daquela região para fazerem contas e para descreverem fatos históricos. A palavra vem de *ki*, trança e *pu*, nodosa.

No tocante a escritura sagrada de Babilônia, que é origem de muitas das nossas itacoatiaras, devemos notar que as conquistas estrondosas do rei Hammurápi – século XXI a. C. – congregaram em Babilônia gente de muitas e várias nações, e assim a língua shuméria começou a ser posta à margem, para dar lugar à akkádica ou caldáica. Não se extinguiu porém, porque, como mais tarde aconteceu com o latim, deu-se o mesmo com o shumério: ficou entre os Babilônios como *língua sagrada*,

e passou a ser usada na compilação dos textos religiosos e na execução dos ritos sagrados.

Além disso, o shumério tornara-se necessário aos babilônios, para poderem aprender a escritura, pois o grande sistema da *escritura cuneiforme* pertencia ao shumério.

Esta circunstância fêz com que a língua, a escrita e a literatura shuméria tivesse sempre o primeiro lugar nas escolas babilonesas: e isto se deu até o tempo de Cristo, época em que as letras babilonesas ou o Caldáico caiu em desuso.

Como as migrações dos povos se revestissem de caráter religioso, era mui lógico que se pedisse ao shumério denominações para os povos e para as localidades, que se relacionavam com as multidões emigrantes, ainda mais que tôdas as migrações tiveram seu ponto de partida primordial na Caldeia. O mapa da América é uma verdadeira floração de nomes emprestados da língua mãe, o shumério. Esta floração marca luminosamente as paragens e as estradas palmilhadas pelos nossos povoadores, que, partindo da Caldeia, transitaram pelo Egito e vieram levantar suas tendas na Atlântida ou Tollanzu... a América tôda, inclusivel o nosso *Beracil*, o abençoado "Quinhão do Sol nascente", ou "Quinhão das terras de povoamento" do sacerdote Raghemâh!

* * *

A língua shuméria nos permite dar provável etimologia de vários nomes geográficos: EUROPA — "Elevação térrea *a* com bordas *up* protegidas *ur* pelas águas *e*". ÁSIA — "Povo *ia* da origem da vida *as*". ÁFRICA — "Continente *a* fecundado *rik* pela luz brilhante *ah*". AMÉRICA — "Continente *a* afastado *rik* pelas fúrias *me* das águas *a*". GERMÂNIA — "Povo *ia* poderoso *man* nos combates *gir*". HIBÉRIA — "Povo *ia* da tribo *er* dos caçadores *hub*". HISPÂNIA — "Povo *ia* dedicado *ban* ao arado *gis-is*". ITÁLIA — "Povo *ia* de pastores *tal* livres, eleva-

dos, construtores *i*". PELASGOS – "Combatentes *gu* descendentes *as* de Belo *pel*". SIRACUSAS – "Povo *as* gerado *us* pelos colonos *ak* de Tyro (os sadios, os feiticeiros) *zur*".

Temos mais os seguintes: CACIQUE – "Comandante *e* alto *ik* da caravana *kas*". SERTÃO – "Campo *zar* passado pelo fogo *tan*". PAGÉ – "Exorcista, inspirado *ge* pelo sumo pontifice – Raghemâh – *pa*". ANHANGÁ – "Luz, resplandor *an* que corre *ga* pelo campo *han*". MALOCA – "Habitação *a* fechada *mal* aos animais bravios *uk*". ANTÔNIO – "Inteligência *iu* elevada *tun* para Deus *an*". CARAMURÚ – "Branco *kara* vindo *ru* do mar *mu*", ou "O vidente *u* negro *ur* cercou *kar* o templo *am*".

O deus supremo dos *Mayas* era *Nohochacyum* – "O adorado *yum-hum* no coração *shag*, no templo *hu* no céu *na*".

CAYUBY – "Vidente *u* da terra *ub* dos corredores *kash*". TEBIRIÇÁ – "Sangue *sa* proveniente *i* do príncipe *teb* da cidade *ir*".

ADÃO – "Princípio *ad* da geração *am*". HEVA – "Geradora *he* da multidão *wa*". ABEL – "Pai *ab* das lamentações *el*". CAIM – "Olhar *ka* do céu *im*". NOAH (Noé) – "Multiplicação *nu* das águas *ah*". JESÚS – "Sabedoria *zu* de Deus *e*". MARIAM – "Templo *am* repleto, habitado *mar* pela palavra *i*".

Divisão e distribuição das terras americanas

A grande missão de que estava encarregado o nosso Raghemâh, não se cingia tão sòmente à irrigação ou povoamento do nosso continente; cumpria-lhe outrossim *dividir* e *distribuir* o imenso território da Atlântida. O grão Sacerdote se desempenhou dessa tarefa parte por si mesmo, parte mediante seus filhos e descendentes.

Devemos a Raghemâh a divisão e a distribuição, ao menos em linhas gerais, dos territórios do México, da América Central, da Colômbia, da Venezuela e da Amazônia. O restante da América Setentrional até o Canadá, e o resto da América do Sul, isto é, o Equador, o Perú, o Chile, a Bolívia e o Brasil, excetuada a Amazonia, foram talvez divididos e distribuídos pelos filhos de Raghemâh, se o não foram pelo próprio Raghemâh.

A divisão parece-nos feita por regiões e províncias e lugares. Como *marcos divisórios* foram tomadas as serras, os rios, e alguns povoados. Êstes marcos divisórios, em geral, não foram denominados pelos acidentes naturais das localidades; mas sim por uma sentença, um conjunto de palavras, a recordarem algum passagem da vida movimentada do grande Povoador Raghemâh; por exemplo, a Serra de *Bocaina* nos lembra: "Serra *na* onde o Vidente *i* derrotou *ka* ao Mágico *bu*"; *Cananea* nos pode dizer: "O templo *e* da irrigação *a* fêz prosperar *an* a cultura *kan*". Cananea seria *Canindé?*

Estas denominações eram dadas em termos emprestados da língua shumérica, e exatamente da língua, quando ela ainda se achava no período primitivo, chamado "época shumero-akkádica", quando o alfabeto polifônico do Shumer ainda não usava dos sinais secundários, quer silábicos, quer determinativos.

Nota interessante, é que o shumério-americano, escondido em nossa toponimia, traz uns laivos do egípcio antigo, como por ex., o uso da voz *e* em lugar de *a*, *i* pelo *e*.

As denominações geográficas que a gente de Raghemâh gravava em seus mapas da Atlântida, constituem como que uma grande página da gloriosa epopéia do maior dos povoadores. Ao soletrarmos aquelas frases, muitas vêzes deturpadas pelo correr de 45 séculos, parece-nos estarmos lendo um capítulo do poema épico de Gilgamés, rei de Erech !

Muita vez o termo empregado pelos nossos primitivos agrimensores, revela a polisemia, isto é, ao mesmo tempo traduz mais de um sentido. Por exemplo, a palavra "Bocaina", encaixada na história de Raghemâh, nos diz: "Serra onde o Vidente derrotou ao Mágico, seu adversário"; ao contrário referida ao lugar que denomina, nos dirá: "Altura que se levanta, coberta de vegetação densa". *Piracicaba*, se ligada à história do Povoador, será: "Onde o grão sacerdote *ka* da repartição de terras *ba* iluminou com seu trabalho *si* o domínio do povoamento *pi-ra*".

Grande número dessas denominações holofrásicas quedaram mutiladas ou deturpadas, ou então vertidas homofonicamente. No Estado do Rio temos a Serra do Calaboca; é muito possível que essa denominação esconda uma frase da língua mãe, que poderia dizer: "O primeiro *ka* trabalho *la* de cultura *bu* do sumo Sacerdote *ka*". O agigantado e saudável *Buenos Ayres*, na língua mãe em vez de "bons ares" nos daria: "A multidão *es* toma e saqueia *ir* o Templo *sa*, enquanto o Vidente *u* demandava *en* a mata *bu*" — Bu-en-u-sa-ir-es. Assim,

no nosso modo de ver, serras, rios e localidades se contam numerosos, traduzidos na mais cândida e simplista homofonia!

Localidades com nomes de santos pontilham o nosso mapa. À primeira vista, nos admiramos da religiosidade altíssima dos conquistadores seiscentistas, que assinalaram "religiosamente" os lugares de suas roubalheiras e de suas deshumanas crueldades com nomes de santos do céu! Nada de santo, em muitos lugares! O santo ali aparece por mera homofonia! ao menos assim pensamos. O "Santiago" do Chile, parece-nos esteja nesta classe, para dizer-nos: "Os soldados *gu* do povoamento *a* se apoderaram *sam* da floresta *ti*". Vila *azul* parece apontar-nos o céu, quando ao envés é: "Assembléia *ul* da maldição *az*".

Se panoramizarmos nossa leitura do mapa da América, constataremos que a toponimia na América Central, na Setentrional e na Amazônia, em geral, descreve os trabalhos de Raghemâh, enquanto vivo; os nomes da Colômbia e da Venezuela focalizam o grandioso e riquíssimo santuário de Iraca; os do Perú convergem para o respectivo santuário do Sol em Cuzco; os do nordeste brasiliano apontam o Templo de Raghemâh na Ilha de Marajó; ou então fazem referências a fatos ocorridos nas últimas labutações missionários do grão sacerdote na região nordestina; os restantes do Brasil, da Bolívia e da Argentina consignam a tremenda luta renhida pelo nosso Raghemâh contra um falso sacerdote do rito do fogo.

Algumas denominações toponímicas, que nos ocorrem no mapa americano, depois as encontramos repetidas na Ibéria e na Mauritânia: seria prova de que êsses torrões afro-europeu, foram civilizados por gente de Raghemâh? Bem dissera Platão que a Atlântida havia chegado a dominar parte do continente europeu até a Tyrrênia, e parte do continente africano até o Egito.

Em 1905, G. C. Gomes Ribeiro escreveu em "Rev. *Hist. Geo.* de São Paulo": "Não é extraordinário encontrar-se na

denominação geográfica de algumas localidades da América, indícios que revelem o ponto de partida das populações que aqui outrora se estabeleceram. Em conclusão, a civilização antiga sul-americana é de origem Tolteca ou nahua, isto é procede do norte do continente e não autóchtone, como que rem alguns escritores, aliás de pêso".

O egrégio pensador estava se aproximando muito da ve dade; se houvera dado mais uns passos, teria esbarrado nela!.

Nossa História na Toponimia

Percorrendo a toponimia do nosso País, mormente a da Amazônia e a do Nordeste brasílico, e escolhendo dentre essa floresta de nomes, aqueles que nos parecem possuirem sabor shumérico, depara-se-nos, como por encanto, como um amontoado de frases, que nos permitem reconstruirmos boas páginas da história dos nossos Povoadores.

Êsses nomes nos falam largamente dos trabalhos de povoamento, "irrigação", do grande Raghemâh, o Sumo Sacerdote do povoamento americano; de suas renhidas lutas com o sacerdote do *Fogo*, ou do *Sol Nascente*, o sacerdote *Negro*, ou do deus *Nebo;* das vicissitudes dessas lutas, quer na Amazônia, quer no Nordeste; da morte lastimosa de Raghemâh, o sacerdote do *Boi Branco*, trucidado pelo sacerdote do Fogo, o sacerdote Negro. Os nomes levam-nos ao que supomos ser o *túmulo* de Raghemâh, na Parahyba, onde o grandioso Monumento do *Ingá*, na sua parte superior nos pinta eloquentemente a luta travada entre as *Serpentes* da *Irrigação*, os nossos Povoadores, e os *Leões* do deus do *Fogo*.

Podemos lembrar que a nossa toponimia conserva o caráter polisemântico: ao mesmo tempo que nos oferece o sentido que apelidamos de "sagrado", referente aos Povoadores, não deixa de transmitir-nos o sentido profano. *Amazonas*, por exemplo, na linguagem dos sacerdotes do templo — os cronistas da época — significa: "Rios *as*, onde muito trabalhou *sun* o sumo sacerdote *ma* da irrigação *a*"; o nosso Brasil *Beracil* será:

"Quinhão *cil* do domínio *be* da irrigação *ra*"; o rio *Ucayali* nos dirá: "Onde o Vidente *i* da irrigação *al* amaldiçoou *ash* ao leão — o vidente negro — *ug*". Se passarmos os três nomes para o sentido profano, teremos: *Amazonas* — "Rios *as*, onde as mulheres *am* combatem *sun* a cavalo *mal*"; *Brasil* — "Terras ou região *cil* dominada *be* pelos rios *ra*"; *Ucayali* — "Rio abundante *li*, que penetra noutro *sha* e lhe cria *u* a frente *ka*".

Antes de darmos a toponimia brasílica, enfeixamos uns tantos nomes das outras regiões americanas, para darmos um apanhado geral de todo o povoamento, realizado pelo nosso Raghemâh.

AMÉRICA DO NORTE — *América* — "País *a* fecundado *rik* pelo sumo Sacerdote *me* da Irrigação ou Povoamento *a*". *Canadá* — "Caminho *da* para o campo *kan* da irrigação *a*"; *Québec* — "Saida *ek* dos pescadores *eb* para a séde *ku*". *Ottawa* — "Região *wa* dominada *ta* pelos pastores *ud*". *Toronto* — "Caminho *tu* dos sacerdotes *un* do Cordeiro ou de Bel *tur*". *Alaska* — "Região fronteira, cabeça *ka* que se avança *as* da região habitada *al*".

Missuri — "O Vidente *i* do santuário *sur* se lamenta *mi*". *Mississipi* — "O Vidente *i* dos oráculos *ip* protege *sis* ao sacerdote *mi*". *Idaho* — "Alto *da* templo *hu* do Vidente *i*". *Oregon* — "As Vestais *gun* do templo *e* de Nebô *ur*". *Salem* — "Templo *em* das mulheres *sal*". *Dakota* — "As fôrças *ta* do Vidente *u* andarilho *dak*". *Nebraska* — "Os mistérios *ka* do senhor *neb* deus *sin ras*". *Omaha* — "Servos *ha* do templo *ma* do Vidente *u*".

Michigan — "Campo *gan* do sumo sacerdote *mi* de *bel shi*". *Iowa* — "Povo *wa* do Vidente *u* dos sacrifícios *i*". *Illinois* — "Terra *is* do santuário *nu* do Cantor *li*, que ora de braços erguidos *il*". *Chicago* — "O Vidente *u* domina *ak* os grandes rios *shik*". *Ohio* — "Onde o Vidente *u* espalha *hi* suas obras *u*". *Arizona* — "Montes *a* dos labores *sun* do Vidente *i* da

irrigação *ar*". *Oklahoma* – "O grão sacerdote *ma* do templo *hu* sacrifica *la* ao deus solar *ug*". *Alabama* – "Templo *am* da irrigação *a* protege *ab* a cidade *al*".

Niagara – "O Pai *a* da irrigação *ar* derrama *ak* a vida da cultura *ni;* ou "O rio *a* escorre *ar* em alto *ag* leito *ni*". *Kansas* – "Terra *as* do templo *sa* do sol levante *kan*". *Texas* – "Terra *as* do templo *sa* do falcão *teg*". *Guadalupe* ilha – "Os pastores *dal* do território *up* do templo *e* atacaram *gu* a cultura *a*".

México – "Habitação *ku* dos sacerdotes *me* da luz *shi*", ou "Fundo, raiz *ku* da irrigação *shi* do grão sacerdote *me*", ou "Onde o Vidente *u* inaugurou *ik* seu Sacerdócio *mesh*". *Huitzilopochtli,* que indicaria "colibrí" (huitzizilin) e "opochtli" (sinistro, terrível, lúgubre) nos dá: "Início *ush* da família *up* dos sábios *zil,* que ergueram *it* o templo *hu*". *Tabasco* – "Habitação *ku* da geração *as* dos gêmeos *dabi*". *Tlascala* – "Cidade *kal* da tribo *as* dos pastores *dal*". *Totonaques* – "Alicerce *na* do país *ke* dos pastores *tu-tu*". *Tampu-Tocco* – Tampu (residência) e Tocco (janela); ou "Habitação *tum* cavada, caverna *pu* do primeiro; do chefe *tug* casa *ku*". *Cautio* (hoje – Flórida) "Floresta *ti* engendrada *u* pela palavra *ka* do Vidente *u*".

Ilha de *Buriquem* (S. João do Porto Rico) – "Templo, demora *en* do gigante *ik* das chuvas *bur*". A ilha sagrada de *Cozumel* – "Casa, local *ku* para as ofertas de sacrifícios *zum* nas festas da purificação *el*". *Uxmal* – "Templo *mal* do Povoador *ush*". *Malinche* – "luz, palavra *she*, saida *in* do templo *mal*". *Tezcuco* – "Casas *ku-ku* do deus Nebô (cão) *tez*". *Michoacan* – "Campo *kan* de irrigação *a* do Sacerdote *mi* mágico *shu*". *Tenochtitlan* – "Capital *an* da associação *ti* novamente *ten* gerada *ush*". *Tula* – "Pátria *a* dos *tul* – Atlântes". *Cholula* – "Pátria *a* do domínio *shu* dos revoltosos *lul*". *Churultecal* – "Fortaleza *kal* levantada *te* pelas tribos *ul* apertadas *shur*" – tribos que outrora haviam habitado no México.

Sinaloa – "O Cantor *lu* da irrigação *a* se eclipsa *na* no sacerdote-rei *si*". *Tampico* – "A séde *ku* domina *pi* ao inimigo *tan*". *Campeche* – "O sacerdote-rei *she* domina *pe* o país *kan*". *Catoche* – "O sacerdote-rei *she* vai *tu* para o monte *ka*". *Queretaro* – "O Vidente *u* do galo *tar* entra *e* na séde *ku* da cidade *er*". *Orizaba* – "O iniciador *ba* da irrigação *za* fechou *i* o deus Nebô *ur*". *Sonora* – "Trabalhos *sun* do negro *ur* sacerdote *a*". *Durango* – "Campo *gu* do sacerdote *an* de Bel *dur*". *Mapimi* – "País *ma* domínio *pi* do sacerdote *mi*". *Tamaulipas* – "A gente *as* do feiticeiro *ip* ataca *ul* as fôrças *ta* do sumo sacerdote *ma*".

Guanajuato – "A gente *wa* do corsário *tu* amaldiçoa *ash* os combatentes *gu* da irrigação *a*". *Pachuca* – "Centro *ka* do domínio *shu* do Pontifice *pa*". *Toluca* – "Monte *a* do santuário *tul* do leão *ug*". *Michoacan* – "O sacerdote *an* da irrigação *ak* se aproxima *mi* do feiticeiro *shu*". *Jorullo* – "O Cantor *lu* vigia *u* o santuário *shu*". *Jalisco* – "Os choros *is* entristecem *ku* as mulheres *shal*". *Colima* – "O sumo sacerdote *ma* sobe *i* à fortaleza *kul*". *Jalapa* – "O pontifice *pa* encanta *la* o templo *sha*". *Guadalajara* – "Os cantares *la* do santuário *shar* da irrigação *a* enlevam *da* aos soldados *gu* da irrigação *a*". *Oajaca* – "O santuário *she* encanta *ka* ao povo *a* do Vidente *u*". *Teuantepec* – "Os sacrifícios *te* dos animais *pec* consolam *te* ao sacerdote *an* do templo *hu*". *Coatzacoalcos* – "Os inimigos *kush* da cidade *al* sagrada *ku* combateram *ku* o Pai *at* da irrigação *za*". *Acapulco* – "A vila *ku* festejou *ul* ao Pai *ap* da irrigação *ak*". *Sihuatanejo* – "O Vidente *u* do deus *sin esh* lançou fogo *an* nas casas *si* do templo *hu* da irrigação *at*". *Quezaltenango* – "Os soldados *gu do* sacerdote *an* combateram *ten* contra o santuário *ku* do Mágico *sal*". *Chiapas* – "Gente *as* filha *ab* do sacerdote-rei *shi*".

Antilhas – "Gente *as* saída *tîl* dos sacerdotes *an*". Haití – "Rebento *ti* do Vidente *i* do trigo *ha*". *Julimies* – "Gente

es dos sacerdotes *mi* da descendência *li* negra *shu*". Índios *Mosquitos* — "Gente *us* arrancada *mush* do cativeiro *kit*". *Esquimós* — "Gente *us* presa *kim* no Poente *es*". *Quichuas* — "Gente *as* do país *ki* do Mágico *shu*". *Cheroquis* — "Tribo *kis* do Vidente *u* negro *sher*". *Algonquinos* — "Descendentes *mu* da irrigação *al* das virgens *gun* do santuário *ki*". *Miamis* — "Gente *is* do sacerdote *mi* do Boi *am*".

GUATEMALA — "Montanhas *a* povoadas *mal* pela contribuição *te* dos soldados *gu* da irrigação *a*", ou "O sacerdote *me* da irrigação *la* institui *te* os soldados *gu* da irrigação *a*". HONDURAS — "Nova *dur* descendência *as* do abençoador *hun*", ou "Geração *as* legítima *hun* de *Bel dur*". *Tegucigalpa* — "Cidade *al* cercada *pa*, ereta *sig* pelo Vidente *u* do falcão *teg*".

NICARÁGUA — "Povo *wa* gerado *ag* nas aperturas *ni* dos desfiladeiros *kar*". *Managuá* — "Povo *wa* gerado *ag* pelo grão sacerdote *ma*, que partiu *na*".

PANAMÁ — "Montanha *a* do s. sacerdote *pa* desaparecido *uam*", ou "Onde o s. sacerdote *ma* gerou *a* filhos *pan*".

EQUADOR — ? "Povoamento *ek* do Vidente *u*, sacerdote *a* de Belo *dur*". *Quito* — "Fundação *kit* do Vidente *u*". *Yucatã* — "Domínio *shu* do sacerdote *an* aliado *kat*". *Quito* — ou "Capital *tu* do país *ki*".

GUAYANA — "Povo *a* do sacerdote *an* do Boi *gu* Branco *ah*".

PERÚ — Domínio *pe* dos sacerdotes *ru*, ou, Domínio *pir* do Sol *u*, *uh*.

O povoamento de Raghemâh no "Domínio do Sol" atingiu, no Chile, as ilhas de *Chiloé*, que nos recordam claramente o Profeta de Iraca: "Templo *e*, onde brilhou *shi* o Cantor *lu*", e talvez tocasse em terras mais ao sul, pois encontramos o Lago de *Colhué*, na *Patagônia*, que nos diz "Templo *e*, obra *kul* do sacerdote-rei*hu*"; a própria Patagônia nos afirma: "Povo *ia*, progênie *gun* das fôrças *ta* do sumo Pontifice *pa*".

Cajamarca — "O sumo Pontifice *ka* da irrigação *ar* inaugurou *kash* o templo *ami*". *Huascan* — "Campo *kan* na frente *as* do templo *hu*"; *Huaraz* — "Estrada *ras* para o templo *hu* da irrigação *a*". *Chachiboia* — "O sacerdote *bu* do templo *sha* ilumina *shi* o coração *sha*". *Saraiaco* — "A figura *shak* do Vidente *u* apressa *sa* a viagem *rash*". *Cantumaiu* — O templo *ma* do Vidente *shu* ilumina, inflama *ku* os caminhantes *tu*". *Maraiio* — "O Vidente *i* do templo *sha* estimula *ma* os caminhantes *us*". *Pacaia* — O templo *sha* chama *ka* ao sumo Pontífice *pa*". *Carabaia* — O templo *sha* abre *ba* a porta *kar* da luz *a*".

HUANCANÉ — "O templo *e* inflama *kan* ao sacerdote *an* do santuário *hu*". *Puno* — "Entrada *pu* do santuário *nu*"; trata-se do famoso Santuário do lago de *Titicaca*. *Cotahuasi* — "O sacerdote-rei *si* da irrigação *a* inaugurou *hu* a casa *ku* das fôrças *ta*". *Lima* — "Cultura *li* do sacerdote-profeta *ma*". *Aiacucho* — "O Vidente *u* negro *shu* ataca *a* ao, Vidente *i* da irrigação *a*". *Andahuailas* — "O povo *as* excitado *il* do Vidente *i* da irrigação *a* apanha *hu* o sacerdote *an* mau *da*". *Huancavellica* — "O devastador *ig* da irrigação *a* cantou *el* o esmagamento *kab* do sacerdote *an* do templo *hu*". *Callao* — "O Vidente *u* da irrigação *a* corre *kal*". *Kusco* — "Lugar *ku* de prazer e vida *kush*". *Huanco* — "O Vidente *u* avança *uk* contra o sacerdote *an* do templo *hu*". *Chuqiapo* (antiga La Paz) — "Aldeia *ku* plantada *shug* pelos filhos *pu* da irrigação *a*". *Chinchaicocha* — "O Vidente *u* do templo *sha* abre *ig* a batalha *shin* do templo *sha*". Rio *Mantaro* — "O Vidente *u* prende *tar* o opressor *man*". *Tumbes* — "Colina *tun* das Vestais *bes*". *Pachakamak* — "O templo *am* aflige *ak* o coração *shag* do sumo Pontífice *pa*".

CHILE — *Campo de Cultura le* do *sacerdote-rei shi*.

Ancud — "Habitação *kud* dos sacerdotes *an*". *Illianquihué* — "O santuário *e* do sol *hu* protege *ki* aos sacerdotes *an* da

irrigação *li*". *Malleco* — "O sacerdote-rei *she* fundou *ku* o templo *mal*". *Antuco* — "O Vidente *u* conquista *tug* o terreno *an*". *Arauco* — "O Vidente *u* ilumina *ug* a subida *ara*". *Chillian* — "O sacerdote *an* da cultura *Li* brilha *shi*". *Maule* — "Centro *e* das reuniões *ul* do sumo sacerdote *ma*". *Cauquenes* — "O povo *es* do templo *en* marcha *uk* contra o feiticeiro *ka*". *Talca* — "Palavras *ka* do Pastor *tal*". *Cordoba* — "Entrada *ba* para a subida *du* da montanha *kur*".

Huasco — "Casa *ku* dos chefes *as* do templo *hu*". *Atacama* — "O sumo sacerdote *ma* convoca *ka* as fôrças *ta* da irrigação *a*". *Calama* — "Entrada *kal* do templo *am* da irrigação *a*". *Ascotan* — "O bosque *tan* defende *ku* o povo *as*". *Mamurzé* — "Afastamento *ze* do sumo sacerdote *ma* preso *mur*". *Cochabamba* — "Os amigos *ban* do Mágico *bâ* levantaram *ku* um templo *sha*". *Illimani* — "O Vidente *i* opressor *man* elevou *il* os descendentes *li*". *Sajama* — "O sumo sacerdote *ma* demanda *sa* o templo *sha*". *Tupiza* — "Irrigação *za* do Vidente *i* cercado *tup*". *Chuquisaca* — "O sumo Pontífice *ka* demanda *sa* o país *ki* do Mágico *shu*". Pampas de *Tamarengal* — "A vinda *en* do sacerdote *gal* dispersou *mar* as fôrças *ta*". Rio *Beni* — "Descanso *ni* do Profeta *be*". Rio *Guaporé* — "A vinda *e* do Mágico *pur* animou *a* os combatentes *gu*". *Lima* — também) — "Casa ou templo *ma* do sacerdote ungido *lah*". *Tucuman* — "Segunda *man* morada *ku* do chefe *tug*".

A toponimia da NOVA GRANADA se dedica quase inteira ao áureo e fúlgido Templo de Iraca, onde por muitos anos pontificou o nosso Raghemâh e transformou a vila numa Roma dos Muiscas.

Maracaibo — "O vidente *u* negro *bu* grita *ka* contra o sumo sacerdote *ma* da irrigação *ra*". *Shirué* — "Templo *e* do vidente *u* negro *shir*". *Casanare* — "Cidade *re* do sacerdote *an* da irrigação *a*, coletor de ofertas para o culto *kash*". *Ta-*

chira — "Cultura *a* do poderoso *ta* negro *shir*". *Arauca* — "O vidente *u* da palavra *ka* estimulou *a* a irrigação *ar*". *Boyacá* — "Cabeça *ka* do centro *sha* de cultura *bu*". *Bogotá* — "Campo *ta* de cultura *bu* dos combatentes *gu*".

Muiscas — "Alicerce *kas* dos adoradores *is* do deus sol *mu*". Cidade de *Muzo* — "Rebento *mu* da Sabedoria *zu*". *Tunja* — "Coração *sha* da montanha *tun*". *Iraca* — "Mistérios sagrados *ka* do vidente *i* da irrigação *ra*", ou "Elevação *a* da cidade *ir* da Sabedoria *ak*". *Cundinamarca* — "O sumo Pontífice *ka* descansado *mar* ofereceu *a* a vida ressuscitada *din* ao viajar *kun*". *Zipaquira* — "O vidente *i* da irrigação *ra* ilumina, desfruta *ak* o crepúsculo da vida *zip*". *Ocimare* — "Viagem *e* de afastamento, prisão *mar* exaltou *i* ao leão *uk*".

Cauca — "O vidente *u* da palavra *ka* faz apelos *ka*", ou "Descendência *a* do leão *uk* encantador *ka*". *Bucaramanga* — "A viagem *ga* do sacerdote *an* do templo *am* surpreende *kar* ao Mágico *bu*". *Merida* — "Caminho *da* da cidade *ri* do sacerdote *me*". *Barquisimeto* — "Viagem *tu* do sacerdote *me* do deus Nebô *si* dividiu *bar* o país *ki*". *Tolima* — "O vidente *i* do templo *ma* está triste *tul*". *Caquetá* — "Caminho *ta* para o santuário *ke* do sumo sacerdote *ka*". Rio *Putumaio* — "O grão sacerdote *ma* derrubou *shu* o altar *pu* do Corsario *tu*". Rio *Catatumbo* — "O Mágico *bu* destruiu *tun* as fôrças *ta* do sumo Pontífice *ka*". Serra *Tapirapecu* — "O vidente *u* gigante *ek* da cultura *ap* prendeu *ir* o cordeiro perseguidor *tap*". *Caracas* — "Início *kas* das excursões *ra* de povoamento *ka*".

Bolívia — Se não derivassemos de *Bolivar*, o derivariamos de Bulibia — "Gente *a* criada *i* pelo vidente *ib* do santuário *bul*".

Serra *Contamana* — "O sacerdote *a* opressor *man* esmagou *kun* as fôrças *ta*". Vila *Iracema* — "O sacerdote *a* do templo *em* prende *ir* o insultador Nebô *ak*". Rio *Amonea* — "O sacerdote *a* do fogo *ne* sobe *mu* a montanha *a*". Rio *Sham-*

huyaco — "O vidente *u* funda *shag* um lote *sham* do santuário *hu*". Vila *Catay* — "O vidente *u* convoca *ka* as fôrças *ta*". Rio *Yaco* — "As fôrças *ku* do templo *sha*". *Xapury* — "O vidente *u* negro *ur* aparece *shab*".

Rio *Aquiry* — "O vidente *i* volta *ru* para o país *ki* da irrigação *a*". Rio *Abuna* — "Início *na* do mato *bu* da irrigação *a*". Rio *Ituxy* — "O Mágico *shu* fecha *i* os caminhos *tu*". Vila *Huytananha* — "O sacerdote *an* do peixe ou do boi *ha* se apodera *tan* do vidente *u* do templo *hu*". Rio *Beni* — "Domínio *be* do templo *en* do vidente *i*". Rio *Mamoré* — "Sobe *e* acorrentado *mur* o sumo sacerdote *ma*". Vila *Guajará* — "O sacerdote *a* restaura *shar* os guerreiros *gu* da irrigação *a*". Vila *Canutama* — "As fôrças *ta* do sumo sacerdote *ma* inspecionam *u* o campo *kan*". Lago *Rogagua* — "Os soldados *gu* da irrigação *a* marcham *ga* contra o Mágico *ru*". Rio *Jacuma* "O sumo sacerdote *ma* se dirige *ku* para o santuário *sha*". Vila *Guarajús* — "O leão *us* marcha *rash* contra os soldados *gu* da irrigação *a*". Rio *Guipai* — "O grão sacerdote *pa* exalta *i* os soldados *gu* da irrigação *a*". Rio *Baures* — "Povo *es* do vidente *ba* negro *ur*".

Lago de *Titicaca* — "Lago *a* criador *ak* do aparecimento *ti* das famílias *tik*". *Huaranta* — "O sacerdote *an* protege *tan* o templo *hu* da irrigação *ar*". *Mapiri* — "O vidente *i* lava *ma* o cordeiro *pir*". *Ambana* — "Os homens *ban* entram *a* no santuário *am*". *Huaicho* — "O vidente *i* mágico *shu* sobe *a* ao santuário *hu*". Lagoa *Chicuito* — "Marcha *tu* do vidente *i* para a séde *ku* do Mágico *shu*". *Huata* — "As fôrças *ta* sobem *a* ao templo *hu*". *Chuma* — "O sumo saterdote *ma* se esconde *shu*". *Moho* — "Templo *hu* do deus sol *mu*". *Ancapata* — "As fôrças *ta* da irrigação *a* repelem *kap* o sacerdote *an*". *Machaca* — "O templo *sha* grita *ka* chama, pelo sumo sacerdote *ma*". *Consuta* — "As fôrças *ta* pisam *kun* a plantação *su*". *Lihuta* — "As fôrças *ta* berram *li* contra o templo

ku". *Escoma* – "O sacerdote *ma* derruba *es* as casas *ku*". Rio *Apurimac* – "Aproximação *mak* do vidente *i* negro *ur* ao Ancião *ab*". Rio *Urubamba* – "Entrada *ba* dos homens *ban* do vidente *u* negro *ur*".

Taraco – "O vidente *u* sacrifica *ak* um galo *tar*", ou "As fôrças *ta* invadem *ra* a aldeia *ku*". *Cortima* – "O sacerdote *ma* se une *ti* à defesa *kur*". *Sorata* – "As fôrças *ta* da irrigação *ra* se extinguem *su*". *Carabuco* – "O vidente *u* do leão *uk* apela *ab* pela defesa *kar*". Rio *Secure* – "Subida *e* para a montanha *kur* da irrigação *se*". Rio *Chimoré* – "Subida *e* para o monte *mur* dos revoltosos *shi*". Rio *Japacani* – "O vidente *i* supera *an* o sacerdote *shap* de Nebô *ak*". Monte *Illimani* – "O vidente *I* opressor *man* é superior *li* ao contrário *il*". Vila *Corocoró* – "O vidente *u* da montanha *kur* volta *ru* para a séde *ku*". Vila *Tapacari* – "O vidente *i* negro *kar* cerca *pa* as tropas *ta*".

Monte *Sajama* – "O sumo sacerdote *ma* vai de pressa *sa* para o templo *sha*". Monte *Huallatiri* – "O vidente *i* negro *tir* despojou *la* o templo *hu* da irrigação". *Oruro* – "Volta *ru* do vidente *u* negro *ur*". Vila *Tutora* – "O ancião *a* sacrificou *tu* o cordeiro *tur*". Lago *Uberaba* – "O Pai *ab* da irrigação *a* cerca *ub* a vila *er*". Lago *Guaiba* – "O Mágico *ba* enfrenta *i* os soldados *gu* da irrigação. Lago *Mandioré* – "O vidente *u* da cidade *re* submeteu *di* o outro *man*". Rio *Parapiti* – "O vidente *i* do templo *bid* prende *a* o Mágico *bar*".

Chuquisaca – "Colina *ka* do templo *sa* do país *ki* do Mágico *shu*". Vila *Poopo* – "O vidente *u* glorifica *up* o altar *pu*". Vila *Chaianta* – "As fôrças *ta* do sacerdote *an* erguem *i* o templo *sha*". Vila *Aiquile* – "O Mágico *kil* marcha *e* contra o vidente *i* da irrigação *a*". *Tacna* – "Môrro *na* do falcão *tag*". Lago *Aullagaz* – "O sacerdote do fogo, o Mágico *la* amaldiçoa *gaz* ao vidente *u* da irrigação *a*". Lago *Coipassa* – "A gente *as* do templo *sa* defende *ku* ao Mágico *ip*". Vila

Tolapalca – "Os viajantes *bal* anunciam *ka* a viagem *tu* do feiticeiro *la*". Vila *Pisagua* – "Os soldados *gu* da irrigação *a* tomam *pi* o templo *sa*". Vila *Tarapaca* – "O sumo Pontífice *pa* anuncia *ka* a derrota *ra* das fôrças *ta*". *Iquique* – "Terra *ke* do vidente *i* Mágico *ik*". Vila *Huanchaca* – "Convocação *ka* do exército *sha* pelo sacerdote *an* do templo *hu*". Vila *Ciuti* – "O vidente *u* funda *ti* a irrigação *zi*". Vila *Tamusla* – Prisão *la* das fôrças *tam* submetidas *us*". Monte *Olagua* – "Os soldados *gu* da irrigação *a* prendem *la* o vidente *u*". Vila *Cotagaita* – "As fôrças *ta* do vidente *i* despojam *ga* as fôrças *ta* vencidas *ku*".

Rio *Pilava* – "Onde o Mágico *la* entrava *ba* para seus domínios *pi*". Rio *Pilcomaio* – "O sumo sacerdote *ma* derruba *hu* a séde *ku* do deus do fogo *bil*". *Tarija* – "Templo *sha* do Vidente *i* mágico ou do galo *tar*". Vila *Caiza* – "Irrigação *za* do vidente *i* do Boi *ka*". Tupiza – "Irrigação *za* do vidente *i* furioso *tup*". Deserto de *Atacama* – "O sumo sacerdote *ma* chama *ka* as fôrças *ta* da irrigação *a*". Vila *Tapaquilcha* – "O sacerdote *il* do templo *sha* sacrifica *ak* o Cordeiro *tap*". *Antofagasta* – "As fôrças *ta* do santuário *as* perseguem *ak* ao sacerdote *an* furioso *tub*". Vila *Tocopilla* – "Os servos *il* do Mágico *la* conquistaram *tug* a região *up*". Vila *Ascotan* – "As fôrças *tan* do chefe *ku* se unem *as*". Baía *Chimba* – "entrada *ba* do combate *shim*". Lago *Villama* – "Templo *ma* do sacerdote *la* do fogo *bill*". Monte *Licancaur* – "O encantador *ka* negro *ur* estimula *kan* – a agricultura *li*".

URUGUAY E PARAGUAY – *Uruguay* – "Combatentes *gu* brancos, do *Boi Branco*, *ah*, que passaram para as fileiras do *Vidente u* Negro *ur*"; *Paraguay* – "Combatentes *gu* brancos *ah* que seguiram ao Pontífice *pa* da Irrigação *ra*".

Rio *Apa* – "Irrigação *a* do deus Belo *ab*". Car. *Corá* – "Irrigação *ra* do Chefe *ku*". Serra *Maracaju* – "O Mágico *shu* grita *ka* contra o sumo sacerdote *ma* da irrigação *ra*";

Rio *Igurei* — "O vidente *i* avança *e* contra o gigante *ig* negro *ur*". Rio *Paraná* — "Descanso *na* do Pontífice *pa* da irrigação *ra*". Rio *Aquidaban* — "Por onde o sacerdote *an* de Belo *ab* toma *kid* o monte *a*". Vila *Belencué* — "Subida *e* para a aldeia *ku* do templo *en* do deus do fogo *biel*". Rio *Aguarai* — "O vidente *i* da irrigação *a* preparou *ar* os soldados *gu* da irrigação *a*". Rio *Jejui* — "O vidente *i* mágico *shu* descansa *she*". Vila *Igatimi* — "As fôrças *ta* do sacerdote *mi* sobem *ga* ao santuário *i*". Rio *Aguarei* — "O vidente *i* da cidade *re* anima *a* os soldados *gu* da irrigação *a*". Vila *Oran* — "Do sacerdote *an* negro *ur*". Vila *Salta* — "Posto *da* das mulheres *sal*". Vila *Humahuaca* — "A campanha *ak* da irrigação *a* exalta *hu* ao Pai *a* da cultura *hum*". *Arizaro* — "O vidente *u* vence *zar* ao vidente*i* da irrigação *ar*". Monte *Llullaillaco* — "Onde o vidente *u* de Nebô *ak* grita *lul* contra o vidente *i* da irrigação *a*".

Rio *Copiapó* — "O altar *pu* da irrigação *a* domina *pi* a aldeia *ku*". *Tucuman* — "O sacerdote *an* vai *tu* para o campo cultural *kum*". *Chaco* — terras *ku* do templo *sha*". Vila *Chieligasta* — "A maldição *as* do Poderoso *ta* abafa *ig* as lamentações *el* do sacerdote-rei *shi*". Vila *Sabana* — "Irrigação *a* do sacerdote *an* mágico *sab*". Rio *Tebicuari* — "O vidente *u* da irrigação *a* deixa *ri* as pequenas *pig* fundações *te*". *Luque* — "País *ki* do Cantor *lu*". *Lipua* — "O altar *pu* da irrigação *a* cresce *li*". Vila *Tabapi* — "O vidente *i* de Bel *ab* sacrifica *tab*". *Carapegua* — "Os soldados *gu* da irrigação *a* marcham *e* para a fortaleza *kur* do Chefe *ab*". Vila *Jaguarão* — "O sacerdote *an* da irrigação *ra* vai *gu* para o templo *sha*". *Montevideu* — "O vidente *u* do templo *e* destruiu *mun* o templo *bid* do opressor *te*". De envolta com êsses nomes, cremos podermos ajuntar também o de *Buenosaris* — "O sacerdote *ris* da irrigação *a* arrasou *us* o templo *en* do Mágico — o vidente negro — *bu*".

Rio Grande do Sul — Serra *Igorahyaçá* — "A gente *a* adiada *as* ao templo *hu* dispersou *ra* ao gigante *ig* vidente *u*".

Guaporé — "O templo *e* do deus Nebô abriga *ap* os combatentes *gu*". *Simimbu* — "O Mágico *bu* se eleva *nim* sôbre o sacerdote-rei *si*". Serra *Botucarahy* — "O templo *hu* da irrigação *a* conservu *ar* ao Mágico *bu* preso *tug*". *Caxias* — "Gente *as*, rebento *kash* do vidente *i*". Rio *Mambituba* — "Entrada *ba* do vidente *u* na terra *bit* dos aliados *man*".

Cacequy — "O vidente *u* gigante *eu*, *ig* prospera *kas*". *Malbajar* — "Santuário *shar* do Mágico *ba* é purificado *mal*". *Cuareim* — "O templo *e* do céu *im* conserva *ar* as casas *ku*". *Cunapira* — "O vidente *i* da irrigação *ra* aprisiona *kun* o desordeiro *ab*". *Tumbaé* — "O templo *e* do Mágico *ba* sacrifica *tub* bois *am*". *Salus* — Submissão *us* das mulheres *sal*". *Batovi* — "O vidente *i* prende *ub* ao Mágico *bat*".

Rio *Erechim* — "Onde os inimigos *im* se lavam *eresh*". *Tupaceratan* — "Cidade *re* central *tan* da irrigação *ze* do Pontífice *pa* andarilho *tu*". *Camaquam* (rios e cidades) — "Criação, estábulo *ku* de bois *am* do sacerdote *ma* dos mistérios *ka*". *Bagé* — "Trigo *she* do Partilhador *ba*". *Caçapava* — "O pai *ab* da irrigação *a* sacrifica *sap* bois *ka*". Serra do *Acegua* — "Os soldados *gu* da irrigação *a* derrubam *ak* o templo *e*". Rio *Ibirapuytan* — "O forte *tan* vidente *u* do altar *pu* dispersou *ra* o vidente *i* Mágico *ib*".

PERÚ — Monte *Porongo* — "Os combatentes *gu* procuram *un* ao feiticeiro *pur*". Vila *Coquimbo* — "O Mágico *bu* conquista *kim* a aldeia *ku*". Vila *Tongoi* — "O vidente *i* aumenta *tun* os combatentes *gu*". Vila *Combarbala* — "A maldição *bal* da irrigação *a* ligou *kun* ao Mágico *bar*". Vila *Ilapel* — "O Cantor *el* glorifica *il* a Bel *ap*". Monte *Acongagua* — "Os soldados *gu* da irrigação *a* protegem *ka* a marcha *kun* do ancião *a*". Vila *Chivilco* — "Aldeia *ku* do sacerdote *shi* do fogo *bil*". *Colchagua* — "As fôrças *gu* da irrigação *a* se apoderam *kul* do templo *sha*". *Curicó* — "O vidente *u* abandona *ig* a montanha *kur*". Vila *Chascomus* — "Os lavradores *kum* da irrigação *us*

demandam *as* o templo *sha*". Vila *Azul ??* – "Assembléia *ul* da maldição *as*". Vila *Balcarce* – "A irrigação *ze* se defende *kar* contra o Feiticeiro *bal*". Vila *Necochea* – "O pai *a* da irrigação *she* queima *ne* a aldeia *ku*". Ilha *Zuraita* – "As fôrças *ta* do vidente *i* derrubam *a* ao Mágico *zur*". Vila *Carhué* – "Caminho *e* para a defesa *kur* do templo *hu*". Vila *Rancul* – "Irrigação *kul* do sacerdote *am* da irrigação *ra*". Rio *Atuel* – "Cântico *el* do caminho *tu* do ancião *a*". Vila *Choelechoel* –"O canto *el* do vidente *u* vence *esh* o canto *el* do Mágico *shu*". *Neuquem* – "O templo *em* abriga *ku* o evidente *u* do fogo *ne*".

Peteroa – "O vidente *u* da irrigação *a* domina *pe* ao negro *ter*". *Nahuel* – "O canto *el* se eleva *na* no templo *hu*". *Cauquenes* – "Os servos *es* do templo *en* caem sôbre *uk* os mois *ka*". *Olima* – "O sacerdote sumo *ma* se apodera *ul* do vidente *i*".

A TOPONIMIA BRASILICA

AMAZONAS – Rio *as* dos labores *sun* do sumo Pontífice *ma* da irrigação *a*.

Serras – Imenearis – "Início *ris* da irrigação *a* do Mágico *i* do rito *me* do fogo ou do sol nascente *ne*". *Typiaca* – "Nebô, o ladrão *ak* da montanha *a* sitia *tup* ao vidente *i*". *Tucano* – "O santuário *nu* da irrigação *a* foi inaugurado *tuk*". *Uassary* – "O Mágico *ru* prende *sa* ao vidente *u* do santuário *as*". *Morocachata* – "As fôrças *ta* do opressor *shag* acorrentam *mur* ao sumo sacerdote *ka* da irrigação *a*". *Cupim* – "Campo de cultura *pin* do sacrificador *ku*". *Parima* – "Fundação *ma* ereta *ri* pelo sumo pontífice *pa*". *Imeri* – "O vidente *i amaldiçoa im* a vila *er*". *Paracaima* – "Fundação *ma* feita *i* pelo sumo sacerdote *pa* no comêço *ka* da irrigação *ra*". *Rumirida* – "O vidente *i* mau *da* persegue *mir* os fugitivos *ru*". *Roraima* –

(Monte) — "Fundação *ma* feita *i* pelo sacerdote *ru* da irrigação *ra*". *Sararé* — "Templo *e* da cultura *ar* dos inimigos *zar*". *Puipé* — "Domínio *pe* do vidente *i* do altar *pu*". *Yripara* — "O sumo sacerdote *pa* derruba *ra* ao vidente *i* de Nebô *ur*". *Marauau* — "O vidente *u* da devastação *wa* afugenta *ra* ao grão sacerdote *ma*". *Marabitanas* — "A maldição *as* do sacerdote *an* envolve *bit* ao pontífice *ma* da irrigação *ra*". *Caparro* — "O Mágico *ru* fecha a saída *par* ao sumo sacerdote *ka*". *Contamana* — "O sacerdote *a* opressor *man* esmagou *kun* as fôrças *ta*".

Rios e *Águas* — Rio *Acre* — "Cultura *ak* do leão *re*". *Aquiry* — "O vidente *u* chega *kir* ao alto *a*". *Içana* — "O sacerdote *an* da irrigação *a* chorou *is*". *Capuri* — "O vidente *i* negro *ur* armou ciladas *kap*". Takatu — "O vidente *u* da irrigação *at* sacrificava *tak*". *Caratimani* — "O vidente *i* opressor *man* sai contra *ti* o sumo pontífice *ka* da irrigação *ra*". *Jamundá* — "As fôrças *da* marcham *mun* para o centro *sha*". *Pratucu* — "O vidente *u* chefe *tuk* domina *pi* a irrigação *ra*". *Atuman* — "O opressor *man* toma *tu* a montanha *a*". *Auntaz* (lago) — "Nebô *taz* abate *a* ao sacerdote *un*". *Anauá* — "A multidão *wa* abate *a* ao sacerdote *an*".

Araguaya — "Rio grande *a* por onde viajam *ara* os soldados *gu* consagrados *ah=ay*". *Uaupés* — "Celeiro *pes* do vidente *i* da Sabedoria *wa*". *Cassiquiaré* — "Caminho *e* da cultura *ar* do país *ki* do sumo pontífice *ka* do templo *si*". *Paduiry* — "Onde o vidente *u* do leão *ir* chega *e* ao caminho *du* do sumo pontífice *pa*". *Cotingo* — "Os guerreiros *gu* reerguem *tin* a aldeia *ku*". *Mahu* — "Templo *hu* do sumo sacerdote *ma*". *Uraricoera* — "O pai *a* negro *ur* foi *cuera* magnífico *rig*". *Oya poc* — "Onde o leão (sacerdote do fogo) *ug* recorre *ap* aos encantamentos *uh*" ou "Caminho *ug* do pai *ap* da irrigação *ush*". *Orinoco* — "Casas *ku* do santuário *mu* do Mágico *i* negro *ur*".

Mucucuhy — "Casa *ku* de oração *hi* do pontífice *ma* da irrigação *ku*". *Xié* — "Templo *e* do sacerdote-rei *shi*". *Jaupery* — "O Mágico *ru* domina *pi* ao vidente *u* do templo *sha*". *Tomo* — "Campo *mu* do andarilho-missionário *tu*".

Pegua — "Os soldados *gu* da irrigação *a* dominam *pe*". *Kerary* — "O Mágico *ru* erigiu *ra* o santuário *ke*". *Urubu* — "Campo *hu* do vidente *u* negro *ur*". *Purús* — "Esmagamento us do leão (o mágico) *pur*". *Abacaxis* — "Os inimigos *shis* derrubam *ka* o Partilhador *ba* da irrigação *a*". *Putomayo* — "Onde o grão sacerdote *ma* caiu *shu*, a caminho *du* do altar *pu*". *Maranhão* — "Caminho *nam* do sumo sacerdote *ma* da irrigação *ra*". *Caquetá* — "Caminho *ta* para as alturas *ka* do país *ke*". *Japurá* — "Rio *a* que leva *pur* ao templo *sha*". *Ayamá* — "Lago *a* do templo *am* da maldição *ash*". *Anamá* — "Lago *a* do templo *am* do sacerdote *an*". *Siapa* — "Derrota *pa* do sacerdote *a* do Nebô *si*".

Maquieni — "O vidente *i* do templo *en* retira-se *na* do paí *ki*". *Guainia* — "O vidente *i* da irrigação *a* provê largamente *in* aos guerreiros *gu* da irrigação *a*". *Paratari* (Lago) — "O vidente *i* do galo (dorito do fogo) *tar* derruba *ra* o sumo sacerdote *pa*". *Canumá* — "O sumo sacerdote *ma* ocupa *nu* as alturas *ka*". *Juruena* — "O sacerdote *a* do templo *en* abate *ru* ao Mágico *shu*". *Juruá* — "Rio *a* do Mágico *ru* negro *shu*". *Jutahy* — "Templo *hu* do chefe *ta* negro *shu*". *Itecoahy* — "O Mágico *u* do sol levante *ah* (fogo) persegue *ku* ao vidente *i* da irrigação *te*". *Javary* — "O vidente *u* purifica *bar* o templo *sha*". *Mu* — "Rio da *Mu*, deus Sol *Mu*". *Tarauaca* — "O pontífice *ka* multiplica *wa* os sacerdotes *tar* da irrigação *a*". *Pauhiny* — "Os descendentes *in* do Adivinho *u* cospem *uh* contra o pontífice *pa*".

CIDADES, VILAS E ILHAS — *Mareppa* — "O sumo sacerdote *pa* é preso *mar* em emboscada *ep*". *Sapara* — "O sumo sacerdote *pa* da irrigação *ra* é preso *sa*". *Uracará* — "O sumo

sacerdote *ka* derrota *ra* o vidente *u* negro de Nebô *ur*". *Tauapeassu* — "O sacerdote *a* da Sabedoria *su* domina *pe* as fôrças *ta* da devastação *wa*". *Maués* — "A multidão *es* cerca *u* ao sacerdote-profeta *ma*". *Manáus* — "Os revoltosos *us* marcham *na* contra o grão sacerdote *ma*". *Cucuhy* — "O templo *hu* do vidente *u* está coberto de tristeza *kuk*". *Paraná* — "Obra *na* do sumo sacerdote *pa* da irrigação *ra*". — Há 37 localidades em o Norte com essa denominação; 15 delas as encontramos na Amazônia. *Parintins* — "Homens *tin* progênie *in* do sacerdote do Sol *par*". *Tanaquera* — "Que foi *kuera* proteção *wa* das fôrças *ta*". *Manacapuru* — "O vidente *u* do santuário *pur* derrota *ka* ao sacerdote *a* opressor *man*". *Anaman* — "Esconderijo *man* do sacerdote *an* da irrigação *a*". *Codajaz* — "De onde a gente *as* do templo *sha* vai *da* para a aldeia *ku*". *Tupinambarana* — Ilha — "Cultura *ra* primitiva *na* dos tupinambás". *Tapera* — "A irrigação *ra* domina *pe* os caminhos *ta*". *Coary* — "Morada *ku* do sacerdote *ru* da irrigação *a*". *Manicoré* — "Subida *e* para a fortaleza *kur* do vidente *i* opressor *man*". *Huinaytá* — "Caminho *ta* do vidente *u* para o templo *hu* do grão sacerdote *ma*". *Taracua* — "O sacerdote *a* acolhe *ku* as fôrças *ta* da irrigação *ra*".

Ipinanga — "Caminho *ca* que leva *an* ao domínio *pin* do vidente *i*". *Arapary* — "O Pontífice *pa* da irrigação *a* volta *ra* para o campo *ar*". *Mariuá* (Barcelos) — "A multidão *wa* prende *mar* ao vidente *i*". *Antimari* (Flor. Peixoto) — "O vidente *i* prende *mar* o sacerdote *an* da floresta *ti*". *Samouma* (Beja) — "O vidente *u* do templo *ma* vai *sa* para a floresta *mu*". *Saracá* — "O sacerdote-rei *ka* voltou *ra* para o templo *sa*". *Iracema* — "O sacerdote *a* do templo *em* prende *ir* o insultador Nebô *ak*". *Huitananha* — "O sacerdote *an* do peixe ou do boi *ha* se apodera *tan* do vidente *i* do templo *hu*". *Guajará* — "O opressor *sha* exonera *ra* os guerreiros *gu* da irrigação *a*".

Guarajús — "Foi destruido *shus* o povoamento *ra* dos soldados *gu* da irrigação *a*".

PARÁ — "Irrigação ou povoamento *ra* do Pontífice *pa*".

Serra *Tumucumaque* — "O país *ke* do pontífice *ma* abrigou *ku* o vidente *u* do leão *tum*". Pico *Timotaken* — "Os sacrificadores *tak* do templo *en* retem *tim* ao vidente *u*". Serra *Tricumé* — "Subida *e* artificial *kum* para a fundação, aldeia *te* da irrigação *ri*". Serra *Curucú* — "O vidente *u* do templo *e* espalhou *ru* casas *ku*". Monte *Maritipurú* — "O vidente *u* negro *ur* esmagou *tib* ao sacerdote *ma* da irrigação *ri*". Serra *Acarahy* — "O sacerdote *a* do fogo *ah* glorifica *ar* a Nebô *ak*". Índios *Apalais* — "Povo *is* gerado *a* pelo chefe *á* da maldição *pal*".

Pacobal — "O maldito *bal* persegue e fere de morte *ku* ao sumo sacerdote *pa*"; ou "Encanto *bal* da morada *ku* do sumo sacerdote *pa*"; ou "lugar *al* glorificado *ub* pelos pássaros *pak*".

Rio *Maroni* — "Onde o vidente *u* da irrigação *ni* andou missionando *mar*". Rio *Correntyne*, Rio *Counani* — "O Passaro (falcão) *nan* é levado *i* para a casa *ku* do vidente *u*". Rio *Amapá* — "Rio *á* do santuário *am* do Pai *Belo ap*". Ilha *Maracá* — "Comêço *ka* da irrigação *ra* do sumo sacerdote *ma*". Ilha *Jipioca* — "Onde o vidente *u* consagrava *ka* as vestais *pi* de Belo *shi*". Lago *Jacá* — "Reservatório *ka* do opressor(o negro) *shag*".

Quatipurú — "O vidente *u* maldito *pur* destruiu *ti* a aldeia *ku* da irrigação *a*". *Calcoene* — "Subida *e* para o templo *en* da aldeia *ku* fortificada *kal*". *Jaripó* — "Altar *pu* do templo *sha* da irrigação *a*". *Taliman* — "O opressor *man* capturou *tal* ao vidente *i*". Rio *Mapurá* — "Rio *á* do sacerdote *ma* mágico *pur*". *Guajará* — "Os soldados *gu* da irrigação *a* se apoderam *ra* do templo *sha*". Ponta de *Tijoca* — "O sumo sacerdote *ka* se esconde *shu* na floresta *ti*". Baia *Marapeta* — "As fôrças *ta* am-

param *pe* ao sumo sacerdote *ma* da irrigação *ra*". *Marapanim* — "O sacerdote *an* do céu *im* protege *ap* os que voltam *mar*". Rio *Guamá* — "Domínio *ma* dos soldados *gu* da irrigação *a*". *Irituia* — "O vidente *i* ladrão *a* rouba *tu* o vidente *i* da irrigação *ri*".

Rio *Caeté* — "A fundação *te* alegra *e* ao sumo pontífice *ka*". *Gurupy* — "O vidente *u* recolhe *up* as messes *gur*". Ilha *Tymbiras* — "A multidão *a* destroi *tun* a propriedade *bir*". Rio *Capim* — "O sumo pontífice *ka* implora *ap* chuva *im*". *Mojú* — "Fortaleza *mu* do Mágico *shu*". Rio *Jacundá* — "As forças *da* marcham *kun* para o templo *sha*". Ilha *Ingapijó* — "Onde o vidente negro *shu* tece *gab* sua vestimenta *in*". Ilha *Bacury* — "O vidente *u* negro *ur* caça passarinhos *bak*". *Anaipay* — "O vidente *u* do fogo *ah* cerca *up* ao sacerdote *an* da irrigação *a*". Lago *Curuá* — "O povo *a* volta *ru* para a aldeia *ku*". Rio *Guiriry* — "Os soldados *gu* da irrigação *i* voltam *ru* para a cidade *ri*". Rio *Cairicy* — "O vidente *u* se afasta *rik* dos chefes *ka* da irrigação *i*". Rio *Cariahy* — "A gente *a* do templo *hu* defende *kar* ao vidente *i*". Ponta *Paraopeba* — "O Mágico *eb* da montanha *a* cerca *up* ao sumo pontífice *pa* da irrigação *ra*".

Maranhão e Piauhy — *Maranhão* — "Caminhos *nam* do sumo sacerdote *ma* da irrigação *ra*". *Piauhy* — "Domínio *pi* da irrigação *a* do Vidente *u* do templo *hu*".

Curupú — "Altar *pu* da terra *kur* do vidente *u*". *Macapá* — "Arautos *pa* do sacerdote *ma* da Sabedoria *ka*". *Cajapió* — "Aldeia *u* armada *bi* do sumo sacerdote *ka* do templo *sha*". *Mearim* — "Domínio *im* do sacerdote *me* do povoamento *ar*". *Coroatá* — "Conquista *ta* copiosa, grande *wa* do chefe *kur*". Serra *Gurupy* — "Altar *pu* dos que seguiam *gur* ao vidente *u*". *Grajahu* — "Templo *hu* fundado *shag* pelos servos *ge* da irrigaçã *ru*". Rio do *Corda??* — "Do Missionário *da* da terra *kur*". *Jaicós* — "Descendência *ush* do gigante *ik* do templo *sha*". Ser-

ra *Urussuhy* — "Templo *hu* do adivinho *shu* do deus Nebô (o deus-leão) *uru*". Rio *Parahim* — "Descoberta *gim* do sumo sacerdote *pa* da irrigação *ra*".

Ilha *Pirocana* — "O sacerdote *an* da irrigação *a* marcha contra *ug* o leão *pir*". Rio *Piracuman* — "O vidente *u* opressor *man* destroi *ak* as propriedades *pir*". Serra *Tiracambu* — "A vegetação (roça) *bu* do templo *am* é encoberta *tir* pelos combatentes *ak*". Serra *Curimatan* — "O sacerdote *an* dos rebeldes *tan* toma *i* a fortaleza *kur*". *Jurumenha* — "O feiticeiro *men* foi violento *ha* contra o sacerdote *ru* da luz *she*".

Ceará — "Trabalho de povoamento *ra* do sumo sacerdote *si* da irrigação *a*". *Garanhuns* — "Irrigação *hum* do sacerdote *an* do templo *gar*". Rio *Camocim* — "Companheiros *im* da irrigação *ze* do grão sacerdote *ka* do deus Sol *mu*", ou "O leão *us* queima *im* o campo *kam*". Serra *Ibiapaba* — "O Pai *ab* da irrigação *a* derrota *ap* ao vidente *i* mágico *ib*". *Acarahu* — "Terras *hu* cultivadas *ra* pelo sumo pontífice *ka*". Rio *Mundahu* — "Rio *hu* que atravessa *da* a floresta *mun*". Rio *Curú* — "Divisão *ru* das casas *ku*". *Maranguape* — "Os soldados *gu* da irrigação *a* dominam *pe* ao sacerdote *an* que voltou *mar*". *Maceiana* — "Início *na* da excursão *sha* de irrigação *ze* do sacerdote-profeta *me*". *Aquiraz* — "Caminho *ras* do país *ki* da irrigação *a*". Serra do *Catolé* — "Monte *e* da assembléia *ul* reunida *kat*". Serra do *Uruque* — "Do leão *uk* negro *ur*". *Canindé* — "Gente *de* do descanso *nin* do sumo pontífice *ka*", ou "O grão sacerdote *nin* fundou *de* a cultivação *kan*". Rio *Pacoty* — "Caminho *tu* para a aldeia *ku* do sumo sacerdote *pa*". *Baturité* — "Onde o vidente *i* da irrigação *te* encontrou-se *ur* com o Mágico *bat*".

Rio *Choró* — "Do sacerdote *ru* negro *shu*". *Quixadá* — "Caminho *dá* do centro *sha* do País *ki*". *Beberibe* — "Rio *ri* que desemboca *be* por várias bocas *be: be*", ou "Onde o templo *e* do Mágico *ib* queima *be* cordeiros *ber*". *Abacaty* —

"Caminho *tu* do sumo sacerdote*ka* para a cultura *ara*". Rio *Banabuihu* — "O vidente *i* do santuário *hu* ataca *ban* a gente *a* do Mágico *bu*". Rio *Quixeramobim* — "A terra *ub* do céu *im* submeteu *am* o país *ki* da raça negra *shir*". *Tauhá* — "A multidão *ha* marchou *ta* contra o vidente *u*". Rio *Pihu* — "Domínio *pi* do templo *hu*". *Assaré* — "Templo *e* da cultura *zar* primeira *as*". *Quixará* — "Lavoura *ra* do centro *sha* do país *ki*". *Icó* — "Aldeia *ku* do vidente *i*". *Imary* — "Volta *ru* do sacerdote *ma* que viaja ao redor *u*". *Mulungú* — "Combatentes *gu* do sacerdote *un* do cordeiro *mul*". Rio *Carius* — "O vidente *i* do leão *us* se defende *kar*".

Rio Grande do Norte — Apody — "Camino *du* para o altar *pu* da irrigação *a*". C. e Rio *Mossoró* — "O sacerdote *ma* edifica *ru* o santuário *ushu*". *Caraubas* — "Gente *as* descendente *ub* do sacerdote *ka* da irrigação *ra*". *Assu* — "Lavoura *su* do santuário *os*". Serra do *Acaua* — "Descendência *wa* do Pontífice *ka* da irrigação *a*". Rio *Parahu* — "Santuário *hu* do pontífice *pa* da irrigação *ra*". Rio das *Piranhas* — "Esmagamento, desmembramento *has* do sacerdote *an* do sol levante *pir*". Rio *Pixoré* — "Caminho *e* para o domínio *pi* do santuário *shur*". Rio *Maxaranguape* — "Partilha *pe* aos soldados *gu* da irrigação *a*, chefiados *an* pelo sacerdote *ma* do santuário *shar*". *Taipú* — "Altar *pu* do poderoso *ta* vidente *i*". Rio *Potengy* — "Destruição *gu* do vivificador *tin* do altar *pu*". *Macahybas* — "Início *as* da ruina, derrota, despedaçamento *hub* do sacerdote *ma* da Sabedoria *ka*". Rio *Extú* — "O vidente *u* é batido, esmagado *esh*".

Patu — "Prisão, espesinhamento *du* do Pontífice *pa*". Rio *Seridó* — "Caminho *du* do vidente *i* dos negros *sir*". Rio *Quimporó* — "O sacerdote *ru* do altar *pu* foi preso *kim* e encorrentado". *Caicó* — "Aldeia *ku* fundada *i* pelo sumo pontífice *ka*". Rio *Capaua* — "Povo *wa* do sumo sacerdote *pa* da Sabedoria *ka*". Rio *Acauá* — "Povo *wa* do sumo pontífice *ka* da irri-

gação *a*". Serra do *Coité* — "Aldeia *te* do vidente *i* dos sacrifícios *ku*". Planalto da *Borborema* — "Região *a* que sobe *em* de elevação *bur* em elevação *bur*", ou "A cidade *re* do sumo sacerote *ma* prende *bu* ao Mágico *bur*". *Mipibú* — "O Mágico *bu* domina *pi* ao sacerdote *mi*".

PARAHYBA e PERNAMBUCO — Parahyba — "Partilha *ba* do templo *hu* do sumo sacerdote *pa* da irrigação *ra*", ou "O Mágico *ma* esmagou *hu*", ou "Rio *a* do esmagamento *hub* do sumo sacerdote *pa* da irrigação *ra*". *Pernambuco* — "O Mágico *bu* dos encantamentos *ku* marcha *nam* contra o sumo pontífice *pa* da irrigação *ra*"; (*Paranambuku*).

Capiberibe — "O vidente *i* de Bel *be* destruiu *kap* a vila *er* do Mágico *ib*". *Beberibe* — "O vidente *i* de Bell *be* protege *be* a cidade *er*". *Caiçará* — "E' tomado e derrubado *ra* o templo *sha* do vidente *i* da Sabedoria *ka*". *Piancó* — "Séde *ku* do domínio *pi* do sacerdote *an*". Rio *Pajehu* — "Rio *hu* do descanso *she* do grão sacerdote *pa*". Serra do *Uman* — "Do sacerdote *um* do trigo *an*". *Jatobá* — "Entrada *ba* do caminho *tu* do templo *sha*". Rio *Capity* — "Caminho *tu* para o domínio *pi* do sumo sacerdote *ka*". Rio *Manary* — "Volta, ruina *ru* do sacerdote *ma* da palavra *na*". Serra do *Buique* — "Terra *ke* do vidente *i* Mágico *bu*". Serra do *Orubá* — "Partilha *ba* do vidente *u* negro, do deus Nebô *ur*". Serra do *Urubu* — "Mata *bu* do vidente *u* negro *ur*". Rio *Caruarú* — "Campo *ru* de irrigação *a* do vidente *u* negro *kar*".

ALAGOAS — Serra *Capim* — "Campo de cultura *pin* do sumo sacerdote *ka*". Rio *Satuba* — "Entrada *ba* do caminho *tu* do santuário *sa*". Rio *Mundahy* — "Rio *hu* do arauto *da* do deus Sol *mun*". *Muricy* — "Por do sol *shu* do vidente *i* encorrentado *mur*". Rio *Jacuhipe* — "Onde o deus supremo *hi* domina *pe* o centro *sha* das moradas *ku*". Rio *Manguaba* — "Partilha *ba* dos soldados *gu* da irrigação *a* associados *man*". *Garará* — "O sacerdote *ru* da irrigação *a* desanimou *gar*". *Traipú* —

"Onde o altar *pu* do vidente *i* da irrigação *ra* foi ereto *te*". Serra do *Marabá* — "Partilha *ba* do sumo sacerdote *ma* da irrigação *ra*". Rio *Coruripe* — "De onde emanou *ri* o domínio *pe* do vidente *u* da montanha *kur*". Rio *Jequiá* — "Rio *a* do sacerdote-rei *she* do país *ki*". *Maceió* — "Templo *hu* do sacerdote *ma* da irrigação *ze*". *Propriá* — "Família *á* proveniente *ri* da tribo *up* do carneiro *ou* bode *bir*".

SERGIPE — "Domínio *pe* do sacerdote *gi* negro *sir*". *Aquidabam* — "Santuário *am* de Bel *ab*, posse *kid* da irrigação *a*". Rio *Japaratuba* — "Entrada *ba* do caminho *tu* para o templo *sha* do sumo sacerdote *pa* da irrigação *ra*". Serra *Miaba* — "Partilha *ba* dos sacerdotes *mi* da irrigação *a*". *Cuité* — "Fundação *te* do vidente *i* sacrificador *ku*". Rio *Seriry* — "Volta *ru* do vidente *i* negro *sir*". Rio *Poxim* — "Roça, campo *im* do monstro terrível *push*". *Maroim* — "O Mágico *ru* venceu *im* ao sumo sacerdote *ma*". Rio *Pomonga* — "Foi derrubado *ga* o altar *pu* do deus Sol *nun*". *Aracajú* — "Templo *hu* do sumo sacerdote *ka* da campanha de cultura *ara*". *Arauá* — "A multidão *wa* ataca *a* a irrigação *ra*". Rio *Guararema* — "Os soldados *gu* da irrigação *a* voltaram *ra* para a cidade *re* do sumo pontífice *ma*".

MINAS GERAIS — *Timbó* — "O Mágico *ba* reapareceu, ressuscitou *tin*". *Camanzu* — "Trabalho *mu* do profeta *ma* da Sabedoria *ka*". *Marahu* — "Santuário *hu* do sumo sacerdote *ma* da irrigação *ra*". *Calambau* — "O Mágico *ba* vidente *u* defende *kal* o templo *am*". Rio *Gorutuba* — "Entrada *ba* do caminho *tu* do vidente *u* lobo *gur*". Rio *Jequitinhonha* — "O povo *ha* aumentado *hun* faz reviver *tin* o templo *she* do país *ki*". *Itamarandiba* — "A vinda *ba* do sacerdote *an* mágico *di* afastou *mar* as fôrças *ta* do vidente *i*". *Itambacury* — "Onde o vidente *u* negro *ur* caçou *bak* ao vidente *i* do deus poderoso *tan*". Serra *Candonga* — "Morro *ga* do morticínio *dun* das vítimas do templo *kan*". Rio *Paraopeba* — "A gente *eb* da

irrigação *a* glorifica *up* ao sumo pontífice *pa* da irrigação *ra*". *Uberaba* — "O Pai *ab* da irrigação *a* cerca *ub* a vila *er*". *Araxá* — "Cultura *ara* do templo *sha*". *Sabará* — "Montanha *a* da cultura *ar* do Mágico *sab*". *Caethé* — "Base *the* do templo *e* da sabedoria *ka*". Rio *Piracicaba* — "O Pai *ab* da irrigação *a* prende *sik* o sacerdote *a* do cordeiro *pir*". Monte *Caparaó* — "O vidente *u* da irrigação *ra* incidiu *a* em ciladas *kab*". *Caxambú* — "O Mágico *bu* inaugura *kash* um templo *am*". *Baependy* — "Caminho *du* do templo *e* do vidente *ep* da partilha *ba*". Rio *Ayuruoca* — "O vidente *u* do Boi *ka* amaldiçoa *ash* ao vidente *u* negro *ur*". *Muriahé* — "O templo *e* grandioso, brilhante *ah* do vidente *i* preso *mur*". *Comaxatiba* — "O vidente *ib* da irrigação *a* lança *at* maldições *ash* contra o destruidor *kum*". Rio *Mucury* — "O vidente *u* negro *ur* grita *ug* contra o deus Sol *mu*". Rio *Urucuia* — "O vidente *u* da irrigação *a* sustou *ku* ao vidente *u* negro *ur*".

Mato Grosso e Goyaz — "Partilha *haz* dos combatentes *gu*".

Aquidauana — "O sacerdote *an* da irrigação *a* cerca *i* com combatentes *ak* ao vidente *u* rebelde *da*". *Cuyabá* — "Alto *á* da casa *ku* do Mágico *shab*". *Corumbá* — " Mágico *ba* cerca *kur* ao grão sacerdote *um*". Serra *Maracajú* — "O Mágico *shu* faz feitiços *ka* contra o pontífice *ma* da irrigação *ra*".

Paraná — "Descanso *na* do sumo sacerdote *pa* da irrigação *ra*".

Rio *Corumbatahy* — "O templo *hu* da irrigação *a* lutou *bat* contra o sacerdote *um* da montanha *kur*". *Aracoary* — "O sacerdote *ru* da irrigação *a* descansou *ku* da viagem *ara*". Ponta *Itapocoroy* — "O vidente *u* negro *ur* exaltado *i* marchou *uk* contra o vidente *i* do santuário *tap*". *Camboriú* — "O vidente *u* da irrigação *ri* estendeu *bu* o campo *kan*".

Bahia — *Chorrochó* — "O Mágico *shu* volta *ru* para o santuário *shur*". Rio *Macururé* — "O sacrificador *e* negro *ur*

ataca *kur* ao sumo sacerdote *ma*". Rio *Jacuricy* — "O vidente *u* gigante *ik* ataca *kur* o templo *sha*". *Geremoabo* — "O vidente *u* da irrigação *ab* queimou, extinguiu *nu* o vidente *u* da opressão *gir*". *Cumbé* (de pilão-mão) — "Domínio *be* do destruidor *kum*". Rio *Jacaré* — "Templo *e* do negro *kar* opressor *sha*". Serra do *Gurgueia* — "O povo *ia* cerca *ghe* ao ladrão *gur*". Serra de *Assaruá* — "O sacerdote *ru* destroi *a* o templo *sa* da maldição *as*". Rio *Jacuhype* — "O opressor *e* derruba *hub* as casas *ku* do templo *sha*". Rio *Itapicurú* — "O vidente *u* negro *ur* submete-se *pik* as fôrças *ta* do vidente *i*". Rio *Inhambupe* — "O dominador *pe* Mágico *bu* cultiva *ham* o linho *in*". *Timbó* — "O Mágico *bu* faz plantações *tim*". Rio *Pojuca* — "O Mágico *shu* despedaça *ka* o altar *pu*".

Itaparica — "O ladrão *a* gigante *ik* captura *par* as fôrças *ta* do vidente *i*". *Maragogipe* — "O vidente *i* da opressão *pe* marcha contra *gug* o sumo sacerdote *ma* da irrigação *ra*". Rio *Saracura* — "A gente *a* do negro *ur* combate *ak* contra as serpentes irrigadoras *zar*". Serra do *Orobó* — "Região *bu* do vidente *u* negro *ur*". *Itaberaba* — "O pai *ab* da irrigação *a* funda *i* a cidade *er* do santuário *tab*". Rio *Paraguassu* — "Região *su* de ação *as* dos soldados *gu* do Pontífice *pa* da irrigação *ra*". *Andarahy* — "O templo *hu* combate *a* contra o sacerdote *an* do Galo *dar*". *Mucugé* — "Fechamento *ge* da casa *ku* do deus solar *nu*". Rio *Macahubas* — "Logar *as* da derrota *hub* do sumo sacerdote *ma* da Sabedoria *ka*". *Caeteté* — "Elevação *te* onde sacrificava *ti* o sumo sacerdote *ka* do templo *e*". *Maracás* — "Lugar das *as* das libações *mar* a Nebô *ak*". *Jequiriçá* — "O vidente *i* do templo *sa* prendeu *kir* o terrível *she*". Rio *Serinhaem* — "Témplo *em* do povo *ha* proveniente *in* do nero *sir*". *Camamú* — "Forte *mu* do sumo sacerdote, *ma* da sabedoria *ka*. *Marahu* — "Templo *hu* do sumo sacerdote *ma* sabedoria *ka*.

Rio *Capivary* – "O vidente *u* com feitiços *bar* se apodera *pi* do sacerdote-rei *ka*". *Muritiba* – "Comêço *ba* da viagem *ti* do vidente *i* preso *mur*".

Rio *Coneagy* – "O vidente *u* combate *ag* contra o destruidor *kun* do templo *e*". *Condeuba* – "O vidente *u* da partilha *ba* afugenta *de* ao destruidor *kun* do templo *e*". *Condeuba* – "O vidente *u* da partilha *ba* afugenta *de* ao destruidor *kun*". *Caculé* – "Templo *e* do sumo Pontífice *ka* derrotado *ku*". *Jacaracy* – "O vidente *u* combate *ak* contra as defesas *kar* do templo *sha*". Rio *Carinhanha* – "Os homens *ha* do campo *han* abalam *in* a fortaleza *kar*".

Espírito Santo – Rio *Mucury* – "O vidente *u* negro *ur* domina *mu*". Rio *Cricaré* – "O templo *e* do preso *kar* vidente *i* se erguia *ki*". Lagoa *Juparaman* – "Fugida *nan* do sumo sacerdote *pa* da irrigação *ra* para o poente *shu*". Rio *Ypiranga* – "O sacerdote *an* marcha *ga* contra o vidente *i* do cordeiro *pir*". *Guandu* – "O sacerdote *an* demanda *du* aos guerreiros". Monte *Mucurata* – "As fôrças *ta* da irrigação protegem *ku* ao deus solar *mu*". *Cariacica* – "O Cantor *ik* da irrigação *a* combate *ak* contra o vidente *i* negro *kar*". Rio *Muquy* – "O vidente *u* cultiva *ku* a deus *mu*". *Iconha* – "O povo *ha* esmaga *kun* ao vidente *i*". *Guarapary* – "O vidente *u* esconjura *bar* os combatentes *gu* da irrigação *a*". *Piuma* – "O vidente *u* do templo *ma* domina *pi*". Serra *Itabapoana* – "O vidente *u* de deus *ana* vence *ap* ao vidente *i* do cordeiro *tab*". Serra da *Muribeca* – "O gigante *ek* derrota *a* ao vidente *ib* preso *mur*".

São Paulo – *Tabapuan* – "O sacerdote *an* inspeciona *u* templo *ap* do cordeiro *tab*". Rio *Aguapey* – "O domínio *pe* do vidente *u* estabeleceu *a* os soldados *gu* da irrigação *a*". Serra *Guarahu* – "O templo *hu* espalha *ra* os soldados *gu* da irrigação *a*". Rio *Camanducaia* – "Os chefes *ka* do povo *ia* vão *du* para o sacerdote *an* da irrigação *kam*". Serra de *Para-*

napiacaba – "A gente *ia* da destruida *cab* irrigação *a* cultiva *ap* a seara *an* do Mágico *par*". *Pirassununga* – "O sacerdote *un* dos feitiços *ga* cerca *sun* as fôrças *pi* da irrigação *ra*". Rio *Parahybuna* – "O Mágico *bu* queima *na* o templo *hu* do sumo Pontífice *pa* da irrigação *ra*". *Iguape* – "Bel *ap* exaltou *e* os combatentes *gu* do vidente *i*". *Caraguatatuba* – "As fôrças *a* do opressor *tub* da irrigação *a* impeliram *a* os combatentes *gu* da irrigação *a* para o desfiladeiro *kar*". *Sorocaba* – "O pai *ab* da irrigação *a* caiu *ruk* sôbre o Mágico *shu*". *Atibaia* – "O povo *ia* exalta *a* ao chefe *tib* da irrigação *a*". *Ubatuba* – "O Mágico *ba* marcha *tu* contra a região *ub* da irrigação *a*".

Serra de *Cubatão* – "O Mágico *bat* sobe *an* à aldeia *ku*". *Itú* – "Caminho *tu* do vidente *i*". *Piracicaba* – "A gente *a* do Mágico *ba* aperta *sik* as fôrças *pi* da irrigação *ra*". *Cananea* – "O templo *e* da irrigação *a* inflama *kan* ao sacerdote *an*". *Avaré* – "O Mágico *bar* chega *e* à montanha *a*". *Capivary* – "O Mágico *bar* observa *u* o vidente *i* da esquerda – o vencido – *kap*". *Tieté* – "O templo *e* engendra *te* filhos *ti*". Rio *Itararé* – "Estrada *e* de cultura *ar* do vidente *i* do galo – ô preto – *tar*". Rio *Paranapanema* – "O templo *em* da cultura *a* se apodera *pan* dos chefes *ana* do Mágico *par*". *Araçariguama* – "O Pontífice *ma* da sabedoria *wa* se afastou *rig* com lágrimas *a* do caminho *ras* da montanha *a*". Serra de *Botucatu* – "O andarilho *tu* da irrigação *a* enfrenta *tuk* ao Mágico *bu*". *Tatuy* – "Templo *hu* do poderoso *ta* andarilho *tu*". *Xiririca* – "Gente *a* gerada *rik* pelo vidente *i* negro *shir*". *Butantan* – "O senhor do universo *tan* purificou com o fogo *tan* ao Mágico *bu*". *Itapecerica* – "O negro *ser* Mágico *i* exige *ka* o domínio *pe* das fôrças *ta* do vidente *i*". *Juqueiahy* – "O templo *hu* da irrigação *a* combate *sun* ao Mágico *di*".

Pindamonhangaba – "O chefe *a* destrutor *gab* da cultura *han* destruiu *mun* as fôrças *da* da irrigação *pin*". *Taybaté* – O Mágico *bat* atacou *e* as fôrças *ta* do vidente *u*". Rio *Mogy*

— "Os combatentes *gu* do deus do sol *mu*". *Jacarehy* — "Os funcionários *re* do templo *hu* da irrigação *a* estão acabrunhados *shak*". *Caraguatatuba* — "O chefe *a* opressor *tub* das fôrças *ta* da irrigação *a* atacou *gu* as defesas *kur* da irrigação *a*". *Indayatuba* — "O opressor *dub* da irrigação *a* aperta *sha* as fôrças *da* abaladas *in*". Serra de *Juquery* — "O vidente *u* do santuário *kir* ficou triste *shu*". *Potribu* — "O Mágico *bu* erigiu *i* o altar *pu* da floresta *ter*". Rio *Piratininga* — "O chefe *nin* do santuário *ga* chefia *ti* as fôrças *pi* da irrigação *ra*". Rio *Sapucahy* — "O templo *hu* da irrigação *a* marcha *uk* contra o Mágico *sap*". Serra da *Bocaina* — "O vidente *i* do céu *na* derruba *ka* ao Mágico *bu*". Morro *Piragibe* — "O Mágico *bu* prende *gi* ao senhor *pi* da irrigação *ra*". Serra de *Cajurú* — "O vidente *u* negro *ur* corre apressado *kash*".

Serra *de Araraquara* — "O povo *wa* da irrigação *ra* estraga *ak* a seara *ar* do Mágico *ar*". Serra *Itaquiry* — "O Mágico *ru* cerca *ki* as fôrças *ta* do vidente *i*". Serra *Acarapira* — "As fôrças *pi* da irrigação *ra* animam *a* a defesa *kar* da irrigação *a*". Serra *Arariaia* — "O povo *ia* da irrigação *a* ataca *i* as roças *ar* do mágico *ar*. *Itanhaen* — "O templo *en* estimula *ha* as fôrças *tan* do vidente *i*". *Mococa* — "O sumo sacerdote *ka* oferece sacrifícios *ku* ao deus Sol *mu*". *Caconde* — "O povo *de* embaraça *kum* ao sumo sacerdote *ka*".

Bertioga — "O vidente *u* se apressa *ga* para nova *ber* viagem *ti*". Porto de *Guaipacaré* — "Subida *e* para a fortaleza *kar* principal *pa* dos guerreiros *gu* consagrados *ah*". *Carapicuiba* — "Onde o vidente *ib* da irrigação *a* cerca *ku* ao vidente *i* chefe *ap* dos negros *kar*". *Embú* — "Templo *em* do Feiticeiro *bu*".

Pacaembu — "A chegada *em* do Mágico *bu* perturbou *ka* ao sumo Pontífice *pa*". *Anhangabahu* — "O templo *hu* da irrigação *a* brilhou *gab* com o sacerdote *an* da irrigação *han*". *Tamanduatehy* — "O templo *hu* da irrigação *te* destruiu *a* o

caminho *du* às fôrças *ta* do opressor *man*". Rio *Jacupiranga* — "O sacerdote *an* do santuário *ga* pilhou *ir* ao opressor *shak* da cultura *up*". *Itapetininga* — "O chefe *nin* do santuário *ga* chefia *ti* o comando *pe* das fôrças *ta* do vidente *i*". *Buquira* — "O santuário *kir* ataca *a* ao Mágico *bu*". *Guararema* — "O templo *e* da irrigação *a* ajunta *ar* os soldados *gu* da irrigação *ar*". *Bariry* — "Os sacerdotes *ru* enfrentam *i* ao Mágico *bar*". Rio *Pirapora* — "O altar *pu* protege *ra* o poder *pi* da irrigação *ra*". *Baruery* — "A vila *er* do vidente *u* espreita *u* ao Mágico *bar*".

Rio de Janeiro — Rio *Muriahé* — "Templo *e* esplendido *ah* do vidente *i* preso *mur*". *Itaperuna* — "Os sacerdotes *un* da irrigação *a* enfeitam as fôrças *ta* do vidente *i*". *Murundú* — "Caminho *du* do sacerdote *un* preso *mur*". *Bahu* — "Templo *hu* do Mágico *ba*". Rio *Imbé* — "Domínio *be* do céu *im*". *Macahé* — "Templo *e* esplendido *ah* do opressor *mak*". Rio *Macabu* — "Região *bu* cultivada *ka* pelo sumo sacerdote *ma*". Rio *Ururahy* — "Terra *hu* de cultura *ra* do vidente *u* negro *ur*". Serra do *Quimbira* — "Montanha *a* do cordeiro *bir* lobo *kim*". Serra *Macapá* — "Serra *a* da morada *ap* do opressor *mak*". Serra *Mocotó* — "Caminho *tu* da estância *ku* de Deus *mu*". *Araurana* — "Os sacerdotes *an* da irrigação *a* repelem *ar* ao vidente *u* negro *ur*".

Lagoa *Carapebus* — "O vidente *eb* da irrigação *us* ameaça *ap* ao negro *kar*". Lagoa *Imboassica* — "O inimigo — Nebô — *sik* da irrigação *a* amaldiçoa *as* ao céu *im* — esconjura *as* a chuva *im*". Rio *Paquequer* — "Santuário *kir* do país *ki* do sumo sacerdote *pa*". Serra da *Subaia* — "O vidente *i* da irrigação *a* reparte *ba* o domínio *su*". Rio *Piabanha* — "O sacerdote *an* do trigo *ha* protege *ab* a região *pi*". Serra *Mantiqueira* — "O vidente *i* da irrigação *a* entra *ke* na floresta *ti* do opressor *man*". *Itatiaya* — "O leão *ah* da montanha *a* enfrenta *ti* as fôrças *ta* do vidente *i*". *Mangaratiba* — "Os alia-

dos *ti* do Partilhador *ba* destroem *a* o santuário *gar* do opressor *man*". *Itaguahy* — "O templo *hu* da irrigação *a* surpreende *gu* as fôrças *ta* do Mágico *i*". *Sapopemba* — "A vinda *em* do Partilhador *ba* põe um dique *up* ao Mágico *sab*". Serra do *Tinguá* — "Montanha *a* do salteador *gu* ébrio *tin*". *Magé* — "Templo *e* do opressor Mágico *mag*". Rio *Macacú* — "O vidente *u* combate *ak* com o opressor *mak*". *Maricá* — "Confusão e gritos *ka* do vidente *i* preso *mar*". L. *Gurupupina* — "Dores *pin* da irrigação *a* pelo vidente *u*, preso *up* pelo lobo *gur*". Rio *Bacaxá* — "O templo *sha* chora *ka* ao Partilhador *ba*". Lagoa *Juturnahyba* — "O templo *hu* do Partilhador *ba* se cobre de luto *na* pela prisão, eclipse *shu* do fundador *tur*". *Saquarema* — "O templo *em* da irrigação *a* glorifica *ar* o coração *sak* do vidente *u*".

Paraty — "Caminho *tu* do Pontífice *pa* da irrigação *ra*". Ilha *Paquetá* — "Choros *á* pela prisão *ket* do Pontífice *pa*". Serra do *Gericinó* — "O vidente *u* treme *in* pela longa *rik* prisão *ge*". Serra do *Quitungo* — "Os combatentes *gu* saqueiam *tun* o país *ki*". *Bangú* — "Os combatentes *gu* vigiam *ban*". Rio *Maranguá* — "Os guerreiros *gu* choram *á* ao sacerdote *an* preso *mar*". *Irajá* — "Templo *sha* do vidente i da irrigação *ra*".

Serra *Carioca* — "O leão *ku* transfere, carrega *a* ao vidente *i* preso *kar*". *Jacarepaguá* — "Os soldados *gu* da irrigação *a* choram *á* o santuário *sha* do sacerdote *ep* preso *kar*". *Marambaya* — "O demonio devastador *ia* se apodera *ba* do templo *am* do preso *mar*". Lagoa *Marapendy* — "Caminho *du* do templo *en* do pai *ap* preso *mar*". *Nictheroy* — "O vidente *u* preso *i* treme *nik* perante o Negro *ther*". Lagoa de *Camorim* — "Onde os inimigos *im* guardaram preso *mur* ao sumo Pontífice *ka*". Monte dos *Caboclos* — "Onde o Leão *ku* matou *lu* ao esquerdo — fraco — *kab*". *Maricá* — "O gigante *ik* destruiu *u* ao preso *mar*". *Inhauma* — "O sumo sacerdote *ma*

vestiu *u* sua indumenta *in* de peixe, de Johannes *ha*". *Copacabana* – "O sacerdote *an* da irrigação *a* queima *kab* as vestimentas *ku* de sumo Pontífice *pa*".

Rio de Janeiro. No meio dessas numerosas toponimias parece-nos podemos colocar também a da cidade do Rio de Janeiro, que nos aparece com sabor inteiramente shumérico e a interpretamos: *Ryojaneyro* – "O vidente *u* negro *ur* queimou no altar *Ne* o coração *sha* do vidente *u* esmagado, vencido *ru*".

Baía de *Guanabara* – "O Mágico *bar* esmaga *a* os combatentes *gu* do sacerdote *an* da irrigação *a*". Ilha *Giboia* – "O Mágico *bu* esmaga *ia* ao sacerdote *gi*". Cabo de *Cairussu* – "O vidente *u* negro *shu* prende *ir* ao sumo Pontífice *ka*". Ponta *Joatinga* – "A tristeza *ga* invade *tin* ao vidente *shu* da irrigação *a*". Ponta de *Itaipú* – "O Mágico *ip* vigia *u* as fôrças *ta* do vidente *i*". Ponta de *Guaratiba* – "A avançada *ti* do Mágico *ba* dispersou *ra* os soldados *gu* da irrigação *a*".

Itaborahy – "O templo *hu* da irrigação encoraja *bur* as fôrças *ta* do vidente *i*". Serra *Cayanna* – "O sacerdote *an* marcha *na* contra o vidente *u* encantador *ka*". ? *Carangola* – "Monte *a* de defesa *kar* do sacerdote *an* negro *gul*". Enseada de *Jurujuba* – "O Mágico *shu* se apodera *ba* do vidente *u* do santuário *shur*". Enseada de *Jacuacanga* – "O sacerdote *an* da Sabedoria *ak* marcha *gu* contra o vidente *u* opressor *shak*". Rio *Itabapuana* – "O vidente *u* de Deus *ana* destruiu *ap* o santuário *i* do sacerdote do fogo *tap*". Rio *Ururahy* – "O templo *hu* derrotou *ra* o vidente *u* negro *ur*". Rio *Macabu* – "O Mágico *bu* deita por terra *ka* ao sumo sacerdote *ma*". Rio *Pirapitinga* – "Curso *ga* tremido *in* para o templo *bid* do domínio *pi* da irrigação *ra*". *Pacobaiba* – "O vidente *ib* da irrigação *a* submete *ba* o vidente *u* passarinheiro *pak*".

Praia *Itapuca* – "O Mágico *pu* derrota *ka* as fôrças *ta* do vidente *i*". *Andarahy* – "O templo *hu* derrota *a* ao sacerdote

an do galo *dar*". *Maruhy* – "Templo *hu* do vidente *u* preto *mar*. *Catete* – "Môrro *te* do templo *e* restaurado *kat*". *Paysandu* – "O sacerdote *an* corsario *du* destruiu *us* ao sumo sacerdote *pa*". *Urca?* – "Defesa, morada *ur* do encantador *ka*".

O amontoado de nomes que tentamos traduzir – e que, pela índole polisemântica da língua shumérica, podem ter outras traduções, alguns ao menos – deixa-nos lobrigar e adivinhar, em suas linhas gerais, a grandiosa campanha de povoamento – *Irrigação* – levada a termo pelos nossas *Serpentes* povoadoras, isto é por Raghemâh e seus esforçados colegas.

O teatro da campanha povoadora foi a *Atlântida* tôda – do Canadá à Patagônia. Mui várias foram as vicissitudes que salpicaram o laborioso e longo certame dos netos de Noé. O povoamento da América Setentrional, que teve como centro e ponto de partida o Anahuac, não exigiu do nosso Raghemâh labores e contrariedades demasiadas; até, parece-nos, foi cousa fácil o povoar e civilizar as terras das três primeiras irrigações – México, América Central e Caribes – apesar que a toponimia já acene e mesmo acentue a campanha de oposição, movida pelo sacerdote de Nebô, do culto do fogo, do cordeiro e do galo, contra a irrigação do sacerdote do Boi Branco, os sacerdotes de *Bel*, o poderoso – "Deus *el* do poder *be*".

Irrigação pacífica deve ter sido a obra civilizadora, que Raghemâh exerceu durante os longos anos, em que pontificou na terra dos Muiscas, na famosa Iraca, séde de magnífico e riquíssimo templo.

De Iraca, Raghemâh com sua gente povoadora desceu para a irrigação do Perú e do Chile. Aqui a luta foi renhida e longa contra o seu adversário, o sacerdote negro ou do culto do fogo. Foi nesta excursão povoadora, que o grande Povoador, parece-nos, atingiu os nossos Estados do Rio Grande do Sul, S. Catarina e Paraná, como também o Uruguay e o

Paraguay, para de lá, pelo centro, voltar à sua séde em Iraca, Colômbia.

Após essa campanha, Raghemâh pôde ocupar-se, com relativa paz, do povoamento da Amazônia. A luta movida pelo Vidente Negro, exacerbou-se, quando Raghemâh com os seus, intentou a irrigação do Nordeste Brasílico.

Falando da irrigação do Brasil, nesta última excursão missionária do Profeta da Grande Ilha de Joannes, podemos assinalar-lhe o seguinte andamento:

No Amazonas, temos lutas com vantagens e desvantagens de lado a lado; no Pará, pequenas lutas entre o Vidente do Templo e o Vidente Negro; no Maranhão, Piauhy e Ceará, os dois esboçam movimentos sensíveis.

Em Pernambuco e na Parahyba, continua a campanha com dobrada violência; em Alagoas e Sergipe (domínio êste do sacerdote negro), a campanha acena a arrefecer um tanto. Em Minas prossegue a luta renhida entre os dois contendores. Na Bahia os lutadores redobram seus esforços, e se prendem mutuamente. A luta vem descendo ao Espírito Santo e se alastra por São Paulo. Por fim o Pontífice da Irrigação é preso de uma vez, e preso percorre o Estado do Rio de Janeiro, onde os seus prosseguem ardorosos nos combates contra as fôrças do Vidente Negro.

No Rio, o Vidente Negro esmaga por completo ao sumo sacerdote da irrigação, e no seu triunfo trucida ao grande Batalhador do Povoamento da América, que é amargamente chorado pelos seus fiéis companheiros de luta.

Na praia de Icarahy, em Nictheroi, admiramos um bloco de pedras, que representa ao vivo o triunfo do Leão Negro, que do alto de seu monumento, a sobressair das águas, contempla, os olhos a nadarem em ferocidade, ao infeliz Sumo Pontífice, deitado no chão, vítima da sanha de seus adversários.

* * *

O sucinto ensaio de toponimia que acabamos de dar, pode muito bem provar-nos que, do Canadá à Patagônia, na América tôda, a civilização fundamental é a dos *shumérios*, isto é, a trazida à Atlântida por Raghemâh e seus dez companheiros, os quais povoaram a América tôda e lhe legaram uma única língua, que mais tarde se cindiu em centenas de dialetos, que são as atuais línguas americanas.

Os "Tup-an"; os "Tup-y" e os "Tap-u-ya"

Muito se tem discutido sôbre a etimologia e o sentido do nome, com que os nossos indígenas indicavam ao Senhor do universo: *Tupan*. Muitos nos ensinam que o nome *Tupan*, na mente e no linguajar de nossos primitivos, representava o *Ser* Soberano, e querem que o mesmo nome se irmane ao vocábulo que traduz o nosso "trovão", o conhecido ribombo, que na alma sertaneja se revelaria como voz augusta e terrificante do Senhor do universo.

Cremos nos seja permitido divergir um pouco do que nos ensinam os mestres a êsse respeito, e julgamos que, para isto, nos assistem plausíveis e sólidas razões.

Para nós, o nome *Tupan* é palavra composta de *an* — sacerdote, chefe, senhor, deus; e *dub* ou *tup* — "o que insculpe, grava na pedra, ou é insculpido, gravado na pedra": *tup-an* é o título com que os primitivos indígenas sul-americanos conheceram aos Povoadores da América do Sul, entre êles e, de preferência, Raghemâh, o sumo sacerdote do deus *Sol* ou da Sabedoria. Os nossos "Irrigadores" mereceram-lhes êsse título, porque suas longas e laboriosas peregrinações povoadoras, ficaram gravadas, como esteira profunda e indelével de sua bemfeitora passagem, em numerosos grupos de imagens — a mór parte, rôstos humanos — esculpidos nas rochas, que rendilham nossas serranias ou bordam nossos rios e saltos: quando essas imagens não estão gravadas nas rochas vemo-las insculpidas em pedrouços, em grossos calhaus ou em pedras sôltas, que, sepa-

radas ou agrupadas, ladeiam as correntezas, ou descansam nas saliências das serras.

A casta sacerdotal, adida ao trabalho das esculturas nas rochas, devia ser muito hábil e adestrada nessa arte escultória, para poder semear por tôda a América suas estátuas ou imagens, obras que nos enchem de admiração; quer pela quantidade como também pela perfeição e mestria, com que debuxavam nas pedras as figuras de seus heróis. Quantidade e mestria, que, além de arte consumada e perícia extraordinária, nos fazem supor que os nossos escultores dispunham de meios e de instrumentos escultórios a nós desconhecidos; como dispunham de tintas, com que revestiam algumas de suas imagens e esculturas, tintas que estão arrostando as inclemências atmosféricas de vários milênios, e se subtraem ciumentas a todos os nossos conhecimentos. Talvez êsses homens dispuzessem de algum poderoso corrosivo com ação nas próprias pedras, auxiliar poderoso de seus mágicos cinzeis?...

Segrêdo êste que pode acasalar-se com outro, que nos é dado admirar na inscultura dos nossos gravadores: se fixamos bem suas imagens, vemos, como por encanto, que as mesmas se transformam em outras, e estas se mudam em terceiras, para depois voltarem às primeiras. Observamos curiosamente êste fenômeno, em relação das imagens que ornamentam o grandioso Monumento do *Ingá* na Parahyba do Norte, e também o pudemos descobrir em outros trabalhos dos Gravadores de nossas rochas.

Quais eram as imagens que os sacerdotes gravadores insculpiam nas rochas ou nas demais pedras? Quais as imagens debuxadas nas estátuas?

Pelo que nos é permitido observar, são imagens — em geral, os rostos — dos Chefes das caravanas povoadoras que serpearam gloriosas por todo o continente sul-americano. Em todos os grupos que pudemos observar, encontramos sempre,

em lugar de destaque, o vulto majestoso de Raghemâh, do sumo Pontífice da Irrigação americana; e o encontramos sempre com suas características — suas longas barbas, rosto comprido, mui branco, emoldurado ou enfeitado com os indispensáveis chifres, insígnia intangivel de seu cargo de sumo sacerdote do *Sol* ou da *Sabedoria*.

O vulto de Raghemâh, mormente quando se nos apresenta deitado, vem frequentemente acompanhado pelo vulto de um amigo, que o lamenta e oscula, e que supomos ser o de seu grande amigo Tharshish — a *Kleitô* de Platão, o amigo a quem Poseidon trouxe dez filhos, os dez Povoadores da Atlântida. Tharshish o vemos geralmente desenhado com todo o corpo humano, e quase sempre com trajos e atitudes femininas; os demais Povoadores, quando não são reduzidos a simples cabeças, os lobrigamos com formas de animais e cabeças de homens.

Em muitos grupos distinguimos também os inimigos do sumo sacerdote, os descendentes de Magog, o leão negro; êstes se nos mostram em forma de leões com face humana. A gente de Raghemâh por via de regra, são representados com forma ofídica, de serpentes e crocodilos.

Essas imagens, como eram obra da arte e da perícia dos sacerdotes gravadores, foram apelidadas de *tup-an*, ou "os sacerdotes dos escultores" ou "os sacerdotes esculpidos nas pedras". Mais tarde, visto os chefes da Irrigação *terem sido* endeusados pelo povo, mormente Raghemâh, a palavra *tup-an* passou a indicar outrossim a divindade, o Ser Soberano do universo: *tup-an é o deus dos sul-americanos primitivos*.

Martius, em sua "Viagem pelo Brasil", refere que se lhe depararam, num rochedo — acima da entrada do rio Japurá, algumas esculturas pouco visíveis. Os índios que o acompanhavam, delas se aproximaram, cheios de respeito, e apontando-as com o dedo, exclamavam: *Tupan! Tupan!* Eram cinco cabeças, quatro delas com auréola de raios, e a quinta com

dois chifres! A quinta era a figura do nosso sumo sacerdote Raghemàh, figura que não falta em nenhuma de nossas numerosas "itacoatiaras". Os outros quatro vultos, eram de companheiros, que, juntamente com o sumo Pontífice, iam povoando aquelas paragens; e, como traziam a auréola de raios, sabemos que são jafétidas, isto é, descendentes de Jáphet, por Thubal, o chefe da Irrigação amazônica, e epônimo dos nossos *Tupys*.

Teriam os nossos "sacerdotes gravadores" algum fito nos seus trabalhos, mormente pelo fato de os realizarem, em geral, nas rochas das serras, dos montes e dos rios?

A Toponimia nos legou o nome de várias serras e de muitos rios, com nomes ligados a templos e santuários: "Serra em que o Vidente ergueu o templo"; "Rio, onde o Mágico levantou o altar". Os *am*, os *hu* e os *em* — templo — recorrem frequentes em nossa toponimia! Assim estamos de posse de parte do segrêdo! Os sacerdotes, gravadores de imagens, exerciam sua arte, a fim de assinalarem e ornamentarem os lugares consagrados ao culto religioso: templos e altares. Algum grupo de imagens que encontramos gravadas nas serras, ou nas margens ou saltos dos rios, especialmente se forem estátuas, como o são as de Vila Velha no Paraná, devem estar assinalando lugares sagrados dos nossos primeiros Povoadores: seus templos e altares. Os templos, antigamente, consistiam em simples recintos, fechados, limitados, mas não cobertos; estavam "sub divo", para mais facilmente se manter o comércio com o céu.

A mesma toponimia nos fala em excursões povoadoras, em encontros hostis com inimigos; recorda-nos lutas renhidas entre os nossos Povoadores e o vidente negro, do leão ou do deus do fogo. Os sacerdotes inscultores, além de assinalarem e decorarem com estátuas e gravuras os recintos sagrados, gravaram imagens e as insculpiram para, mediante essas imagens e êsses

quadros insculpidos, ou êsses calhaus burilados, escreverem a história dos heróicos Povoadores da Atlântida. As serras, os montes, as colinas, os promontórios, os rochedos perdidos nas águas, as ribanceiras, os saltos dos rios, transformaram-se em páginas de pedra, a fim de que nelas os sacerdotes gravadores traçassem ao vivo a história, ou melhor, a grandiosa epopéia dos Bandeirantes Povoadores das Américas.

Dessas páginas está empavezada tôda a América do Sul, desde o Norte, retalhado por centenas de rios, até a longínqua Patagônia! E o grande Raghemâh, o augusto sumo Pontífice, de longas barbas, de tez mui clara, de olhos meigos, de fronte cingida com o *diadema* real e enfeitado pelos chifres do pontificado, Raghemâh está em tôda a parte, tronando entre as imagens de seus colaboradores de Povoamento da Atlântida.

O nosso Vale do Parahyba é um verdadeiro volume de proto-história americana! volume aberto e estendido no longo percurso do rio! A montanha que se lhe alteia nos flancos, os morros que o ladeiam, as margens que lhe fecham o leito, estão, engalanadas com imagens gravadas nas pedras, ou riscadas em seixos, estão irradiando nas ondas luminosas, aos olhos pasmados dos observadores, trechos da grandiosa epopéia, que foi o povoamento da América Meridional, especialmente do Brasil, o felizardo que mais aproveitou das excursões povoadoras de Raghemâh e de seus companheiros.

Já o nome do rio Parahyba nos anuncia o volume de história que ciumento recorda em suas margens. Parahyba, num dos seus sentidos, diz o mesmo que: "Trecho *ba* da história gravada *hu* do sumo Pontífice *pa* da irrigação *ra*". Noutro sentido, nos resume os fatos que perturbaram a placidez de suas águas: "O Mágico *ba* leva ao auge o combate *hu* contra o sumo Pontífice *pa* da irrigação *ra*".

Temos sob os olhos ótima fotografia da cidade de *Queluz*, cidade ribeirinha do histórico Parahyba. Seu nome, que

os Lusos pretendem explicar lusamente, nos diz: "Descendência ou povo *us* do sacerdote Feiticeiro *kiel*"; ou então: "Séde ou ventura *us* do sacerdote Mágico *kiél*".

Logo à saida da cidade, às beiras da estrada de ferro que ruma para o Rio, vemos, à esquerda do Parahyba, uma série de enormes ofídios, jacarés, a espreitarem a margem fluvial fronteira; à direita do rio enfileiram-se alguns leões; atrás dêstes jazem estendidas no campo numerosas figuras, que querem representar combatentes caídos; entre êles aparece a imagem suave de Raghemâh; pouco acima do Pontífice nos impressiona a figura truculenta dum enorme leão: é o sacerdote negro do culto do fogo, acompanhado de gente da mesma tez, e, que pelo cocar nos dizem ser jafétidas, ou filhos de Magog. O Mágico *kiél* teve deveras sorte *us!* pois conseguiu vencer seu adversário!

Nos morros fronteiros à estação, desenha-se várias vêzes o semblante pacífico de Raghemâh, ora só, ora ladeado pelas imagens de seus companheiros; muitos estão deitados, porque do número dos vencidos. Os morros e colinas circunstantes são aproveitados para simularem bois ou outros animais. Os leões são numerosos à margem direita; os ofídios o são na margem esquerda.

Cenas semelhantes podemos admirar nas demais localidades que margeiam o curso do longo rio. E o que vemos aqui, o podemos descobrir nas demais serras e rios da nossa América. Em muitas localidades, há verdadeiros exércitos de figuras gravadas nas rochas, ou riscadas nas pedras avulsas.

Nota interessante a fazer-se, é a grande semelhança que surpreendemos entre as figuras gravadas nas nossas rochas pelos sacerdotes gravadores, e as figuras que ainda podem ser lobrigadas nos escombros dos edifícios dos Mayas, em Uxmal e Chichen-Itzá, no Yucatã; como também nas ruinas de Olantay-Tampu e alhures no Perú: prova de que os Mayas, os Perua-

nos e os Brasílicos hauriram em fonte comum a arte de gravar nas pedras as figuras históricas.

No México também encontramos numerosas esculturas nos rochedos: animais gigantescos, brasões de províncias, trofeus militares, batalhas, emblemas e, em tôda a parte, hieróglifos.

Mais uma prova, portanto, do povoamento da América pelo nosso Poseidon e seus dez companheiros.

Se as imagens gravadas nas pedras assinalam recintos sagrados, ou se nos recordam fatos históricos, parece-nos que o fazem só por coincidência; o fito principal, capital das imagens gravadas nas pedras é a demarcação das terras e da tomada de posse das mesmas pelos nossos Povoadores. Os "Tup-an" são marcos divisórios e a indicarem os proprietários das terras, por isso os vemos abundar nas linhas divisórias naturais, quais são as serras e os rios.

Encontramo-los às vêzes no campo ou na mata — figuras quase sempre isoladas: mais uma prova de que são marcos divisórios ou de propriedades.

As figuras gravadas nas pedras, representam quase sempre as mesmas personagens: assinalam a passagem dos Povoadores e conquistadores da América; atestam que tomaram posse das terras percorridas; e os "tup-an" descansam nos montes e nos rios, sentinelas alertadas para defenderem a propriedade do seus primitivos donos.

Tôdas as nossas serras e todos os nossos rios estão cheios de tais litóglifos; não só, mas também os remates dos montes, as saliências das praias e das margens dos rios as descobrimos trabalhadas com suma arte, para nos darem figuras de animais — leões, ofídios — discerníveis do alto e ao longe, como nos é dado observar no Vale do Parahyba. Assim admiramos medalhões dependurados nas serras e nos montes; penhascos e montões de pedras nas praias e nos rios, bordados de figuras

dos nossos Povoadores: nunca falta a do nosso Raghemâh, o majestoso sacerdote ornado com seus chifres.

São êstes os *tup-an:* sacerdotes *gravadores* das rochas, e ao mesmo tempo *gravados* nas rochas!

* * *

Tup-ys e *tap-u-yas.* Os *tup-an* nos explicam também êsses dois termos bastante discutidos. *Tup-y*, quer dizer: "Gerado *y* pelos Gravadores das figuras, os nobres *tup; tap-u-ya* é: "Povo, multidão *ya* gerada *u* pelos Caçadores *tap* — são os descendentes do sacerdote negro da Montanha, inimigos nados dos Tupys, os filhos do sacerdote Raghemâh. Temos explicação do sentido pejorativo, dado ao vocábulo "tapuya".

* * *

Lenda Guarany — Os *litóglifos* ou *tup-an*, semeados pelos Povoadores da América, em tôdas as serras e nos rios da América Meridional, abundam no Rio Paraná, mormente no trecho das cataratas das Sete Quedas ou da *Guahyra;* o mesmo se dá nas cataratas do *Iguassú.* Alguns dos litóglifos dos dois grupos de quedas — quedas que são verdadeiras maravilhas da natureza — estão ligados a uma lenda guarany muito interessante: a lenda de *Nhaipy* e de *Tarobá* — idílio e rapto de dois jovens Índios.

O rapaz Tarobá — "Prole *ba* do vidente *u* branco *tar*", pertence à taba de Torá — "Gente *a* de Bel *tur*", é filho de Canguassú — "Nação *su* gerada *as* pelos guerreiros *gu* da irrigação *kan*", e êste é o chefe da tribo dos *Cainguás* — "Povo *as* dos combatentes *gu*, provenientes *in* do sumo Pontífice *ka*". Esta tribo, dos guerreiros mais respeitados dos domínios de Tupan, morava num jardim de delícias, situado entre o Rio Paraná e o Rio Paraguay — *Maracajú* — "Serra *a* habitada *shu*

pelos Guerreiros *ak* que regressaram *mar*". Os Cainguás adoravam ao deus Guahyra. "O vidente *u* da irrigação *ra*, luz brilhante *ah* dos guerreiros *gu*" — era o deus tigre.

A jovem era *Nhaipy* — "Prole *pu* do vidente *i* violento *ha*", jovem de máxima formosura, filha de *Igoby* — "O vidente *u* saído *ub* do gigante *ig*", grande Cacique da taba de *Itapora* — "Povoação *a* preta *ur* do caçador *tab* vidente *i*", que pertencia à valorosa tribo dos *Guaranys* — "Povo *us* proveniente *an* dos guerreiros *gu* rivais, coléricos — do fígado *ar*". Êstes adoravam ao deus *Mboi* — "Vidente *i* de deus *mu*", o deus serpente, e habitavam nos alegres campos do formoso *Iguassú* — "Jardim *su* do povo *wa* do gigante *ig*".

A lenda nos conta que Tupan possuia, nestas terras dos Guaranys e dos Cainguás, um dos mais belos países do mundo. Os Cainguás se distinguem por valentia na guerra e por sabedoria; os Guaranys, por sua vez estavam orgulhosos por possuirem as mais belas mulheres do universo. Havia proibição mútua de transporem as fronteiras, uns dos outros, e era exercida extrema vigilância neste sentido. Apesar dessa cuidosa vigilância, não era possível impedirem de quando em vez fugas e raptos, que degeneravam em guerrilhas e ódios entre essas duas tribos irreconciliáveis.

A lenda continua narrando com os dois jovens se encontraram, se amaram e resolveram firmar sua amizade com o casamento.

O pai de Nhaipy, para impedir o enlace, a conselho dos seus Pagés, encerrou a filha no templo de Mboi e a consagrou ao culto vestal de Mboi, com resolução de, no dia da festa do deus, oferecê-la em sacrifício ao mesmo, queimando-a viva!

A prisão de Nhaipy acirrou as iras dos Cainguás, que por isso declararam guerra aos Guaranys, e encetaram uma verdadeira luta de extermínio, a qual se prolongou por muitas lutas. Sobreveiu o dia do sacrifício da jovem. Começou a festa;

ateou-se a fogueira que devia incinerar a vestal, filha do Cacique. Durante o banquete, Tarobá conseguiu iludir a vigilância dos guardas; acercou-se da jovem, e, no momento em que todos estavam absortos na súplica consagradora ao deus, de um salto se lança aos pés de Nhaipy; com os dentes corta o cipó que a prendia ao poste; agarra-a, e deitada aos ombros, com ela foge a bom fugir; e antes que os Guaranys consigam pegá-los, chega a meter-se a salvo numa piroga, desfechando numa corrida desabalada rio abaixo, em demanda do Rio Paraná, pacífico domínio de seu pai.

O deus Mboi, exorado pelo pai da moça, castigou aos dois fugitivos nas quedas do Iguassú, transformando-os em duas rochas, uma fronteira à outra. O deus Guahyra por sua vez sepultou por vingança, no Rio Paraná, aos combatentes dos Guaranys. Por último, Tupan castigou a Mboi, transmudando-o em rochedo, no fundo do Iguassú.

Para quem está de posse da história dos nossos Povoadores da América, nada difícil é entrever na citada lenda, uma página da nossa proto-história americana. Por ela ficamos sabendo que, quando foi da campanha povoadora de Raghemâh, parte das tribos combatentes, que acompanhavam a campanha de povoamento, se detiveram no Sul da América Meridional. Havia combatentes de ambos os lados dos Povoadores. O Sumo *Pontífice* tinha seus combatentes sagrados *gu-ay*, e combatentes semelhantes acompanhavam ao Vidente Negro, o Leão da da montanha. Os combatentes de Raghemâh chamavam-se naturalmente "Guay do sumo sacerdote da Irrigação ou Povoamento" ou então *Pa-ra-gu-ay;* os do Vidente Negro *ur-u* respondiam ao nome de *Uruguay*.

Pela lenda sabemos que os Paraguay se haviam estabelecido nas vizinhanças do Rio Paraguay, especialmente nas imediações da Serra Maracajú, chefiados pela tribo dos Cainguás, aldeados na taba Torá, descendentes diretos de Raghemâh. Os

Uruguay, pelo contrário, assentaram suas tendas ao longo do Rio Iguassú, mormente entre o Paraná e o Iguassú. Seus chefes eram da tribo dos Guaranys, e tinham sua séde na aldeia Itapora.

Os rios da vizinhança, confirmam as sédes das duas poderosas tribos. Falam-nos dos Paraguay: *Anhanduhy* — "Curso *hu* caminho *du* dos sacerdotes *an* da irrigação *han*"; Rio *Pirapó* — "O vidente *u* de Bel *ap* cresce *pir*"; Espigão dos *Gayguás* — "Gente *as* dos guerreiros *gu* do vidente *u* do templo *ga*"; Rio *Piquery* — "O vidente *u* do santuário *kir* domina *pi*"; Rio *Ivahy* — "Curso *hu* do vidente *ib* da irrigação *a*"; Rio *Iguatemy* — "Onde está o templo *em* do vidente *u*, criador *at* dos combatentes *gu* da irrigação *i*"; Rio *Jacarehy* — "Curso *hu* do templo *e* defendido *kar* pelo exército *sha*". O Rio *Paraná* fecha, dizendo-nos: "Morada *na* do sumo Pontífice *pa* da Irrigação ou Povoamento *ra*".

O território do Vidente Negro, dos Uruguay, é assinalado pelos nomes: *Sororó* — "O vidente *u* negro *ur* foi esmagado *sur*"; *Guarapuava* — "Partilha *ba* da gente *ua* gerada *ap* pelos guerreiros *gu* rivais, coléricos, do fígado *ar*"; *Curytyba* — "Povoação *a* saída *tub* do vidente *u* da montanha *kur*"; Rio *Tibagy* — "Por onde o vidente *u*, caçador de passarinhos *bag* sai *ti*".

Entre as duas nações dos Paraguay e dos Uruguay ou dos Cainguás e dos Guaranys, houve, pelo que reza a lenda, lápsos de relativa paz; veiu porém um tempo, em que entraram em franca luta, e esta se prolongou por bastante tempo, até chegar ao extermínio de ambas as nações. As cataratas das Sete Quedas, no Rio Paraná, e as quedas do Iguassú, nos seus numerosíssimos litóglifos, devem contar êsse miserando extermínio das duas valorosas nações. *Paranapanema* nos diria: "O templo, a gente *em* da irrigação *a* ataca, destroi *pan* a serra *a* do sacerdote *an* feiticeiro *par*"; *Jaguaryhyva* — daria: "Povoação *a*

destruida *hub* pela multidão *wa* saída *ar* dos combatentes *gu* do santuário *sha*".

Segundo a lenda, as poeticas miriamas, sob as quais os dois jovens teceram seus puros idílios, à morte dêles, transformaram-se em carpideiras, e só voltarão a ser miriamas, quando *Nhacunday* vier regenerar o mundo por ordem de Tupan; e então os dois noivos serão desencantados, e formarão um povo feliz. Nhacunday poderia significar: "O vidente *u* poderoso, sábio, chefe *da* que prende, empolga *kun* a multidão *ha*". De Jesús, Redentor da humanidade, o Evangelho nos diz que "seduzia as multidões!"

A lenda, casada com os litóglifos, nos explica a razão dos dois nomes: Paraguay e Uruguay, e nos diz que os primeiros são descendentes do sumo sacerdote da Irrigação; os segundos, pelo contrário, o são do vidente negro; os primeiros são semita-hamitas; os segundos, por provirem de Magog, são jafétidas. As margens do Paraguay e do Paraná pertencem aos Paraguay; as do Iguassú, aos Uruguay.

Na Terra do Fogo, encontramos, além dos costumeiros litóglifos, a cidade de *Ushuaia*, que poderiamos interpretar: "Povo *ia* proveniente *a* da gente *hu* do leão *us*". O nome "Terra do Fogo" não indicaria que foi povoada pelo Vidente Negro, sacerdote do rito do fogo? *Patagônia* pode ser: "Povo *ia* de origem *gun* dos combatentes *ta* do sumo Pontífice *pa*". Teriamos assim a luta entre os dois Povoadores, estendida até o extremo da América do Sul!

As bárbaras lutas que exterminaram as duas valorosas tribos dos Cainguás e dos Guaranys, no Éden do Paraná-Iguassú, devem ter-se reproduzido, em semelhante escala, em todo o Continente americano. Já no México, a toponimia nos assinala as contendas entre os dois principais Povoadores: o Vidente Negro, e o nosso Raghemâh.

Mais para o Norte, o geólogo Americano Edwin Walters constatou a existência, ao noroeste do país dos Choctaws, de um imenso depósito de ossos humanos, restos, segundo êle, de uma multidão de guerreiros, talvez uns 60 a 100 mil mortos em combate, circunstância adivinhada por estarem quase todos os crânios fraturados ou atravessados por flechas de sílex.

Pelo que sabemos, essas lutas, mais do que expansão territorial, visavam fitos religiosos: o continente da Atlântida reproduziu as contendas que, acirradas por motivos religiosos, tempo atrás haviam revolucionado o Egito, o entreposto dos nossos Povoadores americanos. Aliás o motivo religioso era o único que podia acender o furor bélico naqueles primeiros povoadores do nosso continente. De modo algum nos sorrí a opinião dos que dão como início de movimentos migratórios em nosso continente, a estreiteza dos territórios escolhidos pelas primeiras tribos dos povoadores.

A História americana gravada num rochedo

A "Revista do Arquivo Municipal" de S. Paulo traz, em seu número CIII, folgado trabalho sôbre uma das maiores e mais importantes das nossas inscrições rupestres ou "itacoatiaras", a chamada "Monumento do *Ingá*", quadros gravados num rochedo, que surge no meio do rio Ingá, no município homônimo do Estado da Parahiba do Norte.

A itacoatiara do Ingá realmente merece o nome de "monumento": é na verdade um grandioso monumento histórico! O rochedo do Ingá, nas múltiplas figuras, que tiveram a dita de fugirem da sanha do tempo e da fúria da destruição humana, nos seus hieróglifos e figuras, nos relata o povoamento primitivo do México, da América Central, do Perú com a Nova Granada, da nossa imensa bacia amazônica. A inscrição se enquadra na época shúmero-akkádica da literatura babilônica, pelos séculos XXVI-XXI a. C., em que a escritura, que mais tarde se tornou *cuneiforme*, ainda era simples, rude, arcáica, representada por silhuetas. Era a época da Pictogravura.

A primeira impressão que tivemos, quando consideramos atentamente o monumento, foi de que êle é um grandioso *túmulo*: o rochedo foi aproveitado para nele se abrir uma cova mortuária, e nesta ser sepultado algum personagem de alta fama. Em nosso modo de ver o rochedo do rio Ingá, todo coberto de figuras, *é o remanso tumular do grande Povoador das* Américas, o nosso sumo sacerdote Raghemâh. O nome *Ingá*

no-lo diz: "Seio, despojos *ga* do deus das chuvas *im*". O próprio nome do rio e da região *Parahyba* o confirma: "Região (que coube em partilha) ou entrada *ba* da cova *hu* do sumo Sacerdote *pa* do povoamento *ra*"; ou também: "Rio *a* do desmembramento *hub* do sumo Sacerdote *pa* do povoamento *ra*". A decoração figurativa do rochedo proclama que se trata de um túmulo glorioso; os motivos figurados revelam o nome do herói que ali descança esperando a ressurreição final. *Ingá*, pode ser traduzido também por "Seio, cova *ga* revestido, pintado *in*, ou do céu *im*".

Os autores da inscrição do Ingá nos contam o povoamento, ou como lhe chamavam êles, a "irrigação" da América, obra realizada por *Poseidon* (*Netuno*) mediante cinco levas de gente, que êle do Egito transportou para o nosso continente. Cada leva vinha bipartida, e assim foram dez levas.

Poseidon lançou a primeira leva no Anahuac (entre os mares), no México; a segunda, no sul dêste país; a terceira, no Yucatã, e de lá nos mares das Antilhas; a quarta no grande Perú (Perú, Venezuela, Colômbia); a última, na bacia amazônica, até a ilha de Joannes ou do Marajó. No quadro rupense as levas são assinaladas por grupos ponteados.

O grande adail do povoamento americano é Poseidon, que as tradições cotejadas com a narração de Platão, dizem ser o famoso Joannes, Raghemâh, o sumo sacerdote *Mâh* da irrigação *raghe*, o quarto filho de Kush, neto por tanto de Ham, o primogênito de Noé. Sua campanha povoadora da América deve ter-se realizado dois ou três século após o dilúvio universal.

A itacoatiara do Ingá mede 16 metros de comprimento por um metro e oitenta de altura, tendo o rochedo no ponto mais elevado, três metros e setenta. Nelas distinguimos como que três faixas: a inferior, a média e a superior; esta se estende também na parte superior do rochedo.

Em nosso modo de ver, quiseram os escultores entregar à pedra um grandioso quadro histórico dos Povoadores primitivos da América, encabeçados por Poseidon, o deus das águas. O povoamento do México e da América Central o assinalaram pelo hieroglifo das "ondas recurvas", que significa "entre mares"; o Perú e nova Granada são marcados pelo sol, puxado por cavalo; a bacia Amazônica, o é pela figura do Joannes, o monstro meio homem e meio peixe. Quiseram de modo especial salientar o papel do chefe do povoamento, do Joannes Raghemâh. O hierático e macilento semblante do sumo Sacerdote do Templo, ornado com sua coroa cornuta, destaca-se em vários pontos da inscrição.

A faixa inferior pode ser dividida em cinco segmentos irregulares. O primeiro, a começar pela esquerda, entre linhas curvas superiores e inferiores, e com jangadas, representa a *primeira* irrigação, a do México setentrional; o segundo segmento, assinalado pelo grande caracol cortado e pela mão-onda irrigadora que demanda o norte, é a segunda irrigação, a do mar das Antilhas; o terceiro segmento, o dos grossos troncos, marca a terceira irrigação, a da América Central e do Yucatã; o quarto segmento, com o templo-cruz, com o grande sacerdote ofertante o pãozinho de trigo, e com a mão-onda irrigatória para o oriente, é a quarta irrigação, a do Perú e do Chile; o quinto segmento, iniciado pela última mão-onda, para o oriente, é a irrigação da Amazônia e do Beracil. Em cada segmento podemos admirar símbolos de tôdas as obras mais importantes, executadas por Raghemâh em cada país, correspondente à relativa irrigação.

A faixa média, à esquerda, traça magnífica genealogia dos nossos povoadores; à direita, desenha as cenas de luta e a morte de Raghemâh, assassinado por seus inimigos, isto é, por um sacerdote do fogo, habitante da Guyana.

A faixa superior relata a campanha de povoamento da América: nela os nossos povoadores aparecem com figuras de animais e faces humanas.

No quadro genealógico, os antepassados dos nossos povoadores são dados pelos traços dos semblantes — a rematarem galhos de árvores, a ladearem alguma figura, a ornarem o raizame das árvores, e formarem enfiadas circulares ou pequenos cachos de cabeças. Muita vez as caras deles terminam as cabeças de animais, a maior parte, serpente, crocodilos, espécies de ursos e cães e outros bichos, alguns bem medonhos.

Símbolos de destaque são dois, que se salientam na frente: um que podemos chamar de hieróglifo do "sacerdote-rei" ou "abarag", espécie de cruz com escoras aos lados e meia curva ao pé; outro, dois braços descarnados com mãos e dedos em forma de pinça a sopesarem um pãozinho chato — emblema do "ash" ou sumo Sacerdote Consagrador, do rito do trigo, dos que no sacrifício ofereciam pão. Ambos os símbolos denunciam o sumo sacerdote Raghemâh, o chefe dos povoadores da América.

Encontramos também o símbolo do Templo, mui semelhante ao "abarag": cremos assinale as tribos sacerdotais. Ocorrem muitas linhas ponteadas e muitos pontos nublados por pontinhos: indicam "geração" e povoamento. Aparece outrossim a figura de um meninote: era o símbolo de Horus ou então das castas militares, que acompanhavam as expedições povoadoras, juntamente com as castas agrícolas, cujo sinal é um sinal ponteado (irrigação), e com as castas sacerdotais, assinaladas com o sinal do templo.

Do pé do quadro, a começar pela esquerda, saem duas árvores genealógicas entrelaçadas, sopesando dois grupos de cabeças humanas. Um pouco mais adiante, nova possante árvore sobe; e, antes de chegar ao meio do quadro, trifurca-se, e sobe carregando cabeças humanas; ao alto dá com o sol nascen-

te (o México); aqui um dos três ramos vai morrendo; os outros dois, trifurcados, demandam o oriente.

Mais alem uma das pujantes árvores do Yucatã, levanta-se, sobe até a faixa superior, onde se abre em quatro ramos, que olham para o oriente. As três árvores deixam o solo, nascendo de grandes cabeças humanas. Também numa das rocha adjacentes descobrimos um grande quadro genealógico, talvez seja o lembrado por Moyses no capítulo X° do Gênesis.

A parte superior do monumento deixa adivinhar boa dezena de animais, quase todos serpentes ou crocodilos, e, afora três, todos com cabeças humanas. A serpente mais saliente traz cara que muito se parece com o semblante de Raghemâh. As cabeças aparecem quase tôdas aos pares.

Queremos ver nêsse estranho quadro ofídico, as "treze serpentes", os treze povoadores da América, recordados muitas vezes pelas nossas tradições e relatados por Platão: são os chefes das treze levas que povoaram a Atlântida; dez nos vieram conduzidas por Raghemâh e três vieram antes dêle. Raghemâh timbra em nos fazer saber que êle é "serpente", isto é, sacerdote da irrigação, do povoamento.

A parte posterior do monumento foi aproveitada pelos hábeis escultores para um grandioso quadro de luto do sumo Profeta Raghemâh.

* * *

A parte principal do monumento do *Ingá*, é contar a genealogia dos primeiros povoadores — irrigadores — da Atlântida, especialmente *a genealogia de Poseidon*. A faixa inferior da inscrição é um verdadeiro exército de figuras, carregadas de cabeças humanas, combinadas adrede para demonstrar o laço genealógico que liga um indivíduo a outro, e o faz entrar na corrente genealógica dos nossos Povoadores. Ao mesmo tempo que essas figuras nos contam os episódios, que enfeitam

a vidas dos nossos Povoadores, são aproveitadas para enquadrarem os progenitores e a descendência dos nossos epônimos.

A inscrição tôda é corrida, em várias direções, por linhas nodosas, ou por linhas de pontos — cada ponto se resolve numa cabeça humana — linhas que mostram a procedência genealógica dos nossos Bandeirantes. As linhas e as curvas de que se compõem as figuras da inscrição, estão encabeçadas, salpicadas e terminadas de rostos humanos, e todos diferentes um do outro. A figura mais frequente, é a de três linhas: pai, e filho; as linhas crescem com o número dos filhos.

A laje fronteiriça à inscrição, está coberta de figuras, entrelaçadas por linhas que denotam genealogias.

Os numerosos rostos humanos que terminam as figuras, além de estarem unidos genealogicamente, trazem o sinal característicos da filiação: os Shemitas, *o diadema pontuado;* os Hamitas, *os chifres*, quer nos lábios, quer na testa; os Japhetidas, uma espécie de *cocar* na fronte.

As figuras que se parecem com espirais, bem examinadas se resolvem em cordões genealógicos.

* * *

O Monumento do Ingá parece-nos ser conhecido dos Missionários franceses, que catequizaram o Maranhão, em inícios do século XVI. Em Cláudio de ABBEVILLE lemos, no discurso do maioral Japy Guaçu:

"Algum tempo após o dilúvio, Deus enviou seus Profetas, que usavam barbas, para virem nos instruir na lei de Deus. Os ditos Profetas apresentaram ao nosso Chefe, do qual descendemos, duas espadas: uma de madeira e outra de ferro, e delas lhe deixaram a escolha. Como achasse a de ferro pesada demais, preferiu a de madeira. Quando êle a recusou, o Chefe do qual provindes vós, por ser mais ajuizado, tomou a de ferro. Desde então nós somos infelizes: pois os Profetas, por

verem que os da nossa nação não lhes queriam prestar fé, remontaram-se para o Céu, deixando os sinais de suas pessoas nas *pegadas, gravadas,* juntamente com Cruzes, *no rochedo,* que fica perto de *Potyiu.* Em seguida entrou entre nós a *diversidade* da *linguagem,* que antes era uma só para todos. ..."

O *Potyiu* do Abbeville é o rio *Potingy* (Rio Grande do Norte) que os nossos Missionários confundiriam facilmente com a Parahyba, cujo tributário *Ingá* possui o rochedo, gravado com as ditas pegadas e Cruzes. *Potingy* nos diria: "Destruição *gu* do vivificador *tin* do altar *pu*".

Ivo de Evreux, colêga do Abbeville, referindo-se a S. Bartolomeu, na sua conferência com Pacaman, diz: "Veiu à vossa terra êste grande *maratá* (sacerdote *ma* da irrigação *ra* andarilho, missionário *ta*), e aqui fez muitas maravilhas, como por tradição vos contaram vossos antepassados; foi êle quem fez talhar, à rocha, o *altar,* as *imagens* e as *inscrições,* que *ainda existem atualmente,* como haveis visto. Foi êle quem vos deixou a mandioca, e vos ensinou a fazer o pão, pois vossos pais antes de sua vinda, só comiam raizes amargas do mato. Como não quisestes obedecer, êle vos deixou, predizendo grandes desgraças, e que ficarieis grande tempo sem verdes Maratás".

O que os dois missionários franceses asseveravam dos Profetas e do Maratá, quadra perfeitamente, com o que as tradições americanas recordam do grande Povoador da Atlântida, Raghemâh.

* * *

A inscrição se inicia — do lado esquerdo — com o vulto de um velho barbado, sobressaindo de uma espécie de nau-cisterna: deve ser Noé na arca. Três serpentes com cabeças humanas, se chegam da nau. A primeira, a mais delgada, com face redonda e maçãs mui saliente, *coroada com o diadema real,* pousa a cabeça sôbre a cabeça do velho: e *Shem,* o pri-

mogênito. A segunda serpente, de corpo enorme, rosto muito ovalado e comprido, e *ornado de fortes chifres* — próprios da casta sacerdotal — abeira-se da nau, quase em linha reta: é *Ham*. A terceira serpente dá uma grande curva para chegar à nau; seu rosto humano, redondo, é encimado por uma espécie de *penacho de dedos*: é *Japhet*. As três serpentes se encontram ao depois na parte superior da inscrição; depois partem para a direita em várias direções.

Bem no início da figura, ante a nau, há um casal de velhos, que nos fazem adivinhar serem Adão e Heva.

Se olharmos a nau de outro ponto de vista, veremos nela quatro figuras principais, que julgamos serem Japhet com seus três filhos, Madai, Tharshish e Magog — os três primeiros povoadores da Atlântida. Outras figuras empavesam a cisterna.

Logo acima e à direita da nau, ressaltam três pares de *pontos*, e mais dois pares ao lado direito dos primeiros: cada ponto reproduz nitidamente a figura facial de um dos dez povoadores da Atlântida, guiados por Poseidon. Os três primeiros pares foram os que povoaram o México, a América Central, inclusive a Colômbia e a Venezuela; os outros dois pares povoaram o Perú e a Amazônia. As figuras dos dez etnarcas reaparecem logo em seguida, enfileirados no alto da faixa inferior, perto do primeiro povoamento o do México.

Como os dez pontos deixam entrever rostos humanos, também ostentam faces humanas todos os numerosos pontos que salpicam a inscrição. Há uma linha de pontos que corre da esquerda para a direita, em tôda a inscrição, e consta de cêrca de 200 pontos: todos apresentam rostos humanos, e os últimos deixam entrever pessoas completas, de pé, que parecem acompanharem, da margem, o cortejo do grão Sacerdote defunto. São outrossim numerosos os rostos humanos, enquadrados em vários sinais da inscrição, a guisa de medalhões.

A faixa inferior é percorrida, no alto, por uma longa série de pontos; cada ponto é um rosto de gente. Cremos que a série de pontos interprete a cronologia das várias irrigações: assim teriamos umas datas aproximativas do tempo passado por Raghemâh em cada país, povoado por êle: no México, 30 anos mais ou menos; nas Antilhas, 20; na América Central e Yucatã, 40; no Perú e Chile, 30 e no Beracil, uns 50. Tudo somado, concluiriamos que o grande Povoador labutou na América uns 170 anos, talvez metade de sua longa vida, aliás mui comum naqueles tempos.

O vulto do grão sacerdote aparece num cruzamento de linhas de Ham com Shem; traz sempre a coroa e os chifres sacerdotais, a primeira própria de Shem e os segundos de Ham: Raghemâh é sacerdote-rei. Podemos concluir que o máximo dos povoadores da América era descendente de Shem e ao mesmo tempo de Ham.

Os cruzamentos em seguida são numerosos; e vemos alternarem-se as figuras de rosto oval, redondo e de maçãs salientes: há faces ornadas com a coroa, com os chifres e com o penacho ou cocar. Todos os homens trazem barba.

Ao lado da nau-cisterna admiramos grandes jangadas, duas, de beiras cercadas com grades; ostentam alto mastro, tosco, cortado por duas vêrgas recurvas, carregadas com velas amainadas, que lhes emprestam figuras de serpentes dependuradas. As jangadas deixam entrever um toldo assentado numa espécie de caixa; esta está ornada de numerosas figuras.

Ao pé da segunda jangada, descobrimos uma pequena embarcação com proa alta e prolongada: parece estar a receber passageiros da jangada. Mais para o alto, avistamos terceira jangada grande.

Vem agora naus de alto bordo ou cisternas-naus. Umas estão meio cobertas com as velas; outras ostentam os mastros com as velas recurvas ou dobradas. Temos três naus-cisternas:

a primeira traz o pessoal de povoamento dos filhos de Japhet; a segunda, o dos filhos de Shem e a terceira, o de Ham. A quarta é dedicada a Raghemâh: representa o templo da capital dos Atlantes com as duas figuras majestosas de Netuno e de Kleitô e com muitas outras figuras de reis e de rainhas.

A quinta nau-cisterna está carregada com os títulos de Raghemâah: o templo e o sacerdote que oferece o pão. A sexta é consagrada ao pessoal do templo, como a sétima o é aos soldados do templo ou da companhia de Raghemâh. A oitava é o triunfo do Joannes, o homem-peixe, título e emblema do nosso Raghemâh.

Entre as várias figuras descobrimos mais dois emblemas de Raghemâh, endeusado pelos seus adoradores: a *espiral* e a *meia-concha*.

A nona nau-cisterna, que ostenta na proa a imagem de Raghemâh, em quatro visões, é a nau fúnebre do grão sacerdoté: nela o contemplamos cadáver.

Há muitas pequenas embarcações, tôdas com grandes emblemas na frente e com velas amainadas, que coalham o rio de fantasmas e de figuras bizarras, a engendrarem um exército de imagens exquisitas.

A figura hierática de Poseidon aparece a cada passo. Por entre as naus salientam-se os cinco povoamentos do nosso continente.

A parte superior da inscrição, logo no início, nos apresenta os três primeiros povoadores da Atlântida: Euenôr, Kleitô e Leucippe. Temos os símbolos dêles: o boi, a mulher grávida e o cavalo branco; cada um dêles é acompanhado pelo respectivo retrato facial. Admiramos em seguida a Poseidon sentado amigavelmente ao lado de Kleitô, a quem fez mãe de dez filhos. Êstes aparecem logo à direita pela ordem natural: Atlas e Eumelos; Ampheres e Euaimon (os dois pretos); Mneseus e e Autochthon (êste meio homem e meio boi); Elasippos e

Mestor; à final os nossos avós, Azaês, o velho barbado, e Diáprepes, o preto.

Os dez ocupam a saída das Colunas de Hércules, de lado a lado. Atrás dêles avista-se o Mediterrâneo, sulcado por poucas embarcações. O estreito vem branco de gente, conduzida pelo gentil Poseidon, em demanda da Atlântida. O Atlântico, semelhante a um braço de mar, está coalhado de jangadas que vem para o continente. Entre os dez aparece majestoso, e com ar marcial o nosso Poseidon.

Em frente às Colunas de Hércules, mas já em terra do continente nosso, formam os filhos de Kleitô: animais monstros com cabeças de humanos. À esquerda se veem três enormes leões, um encima do outro: os três estão ligados com fio nodoso à grande serpente, que é Ham. À direita estão os outros sete: êstes são ofídios e estão ligados às duas serpentes, Shem e Jáphet. Pouco abaixo das duas fileiras dos dez, volta novamente o grupo de Kleitô; esta entre o cavalo branco e o grande leão.

Seguindo para a direita, na parte superior, começam as cenas de povoamento, e mais adiante, assistimos às lutas do grão sacerdote — o *Boi Branco* — contra o sacerdote do fogo — o *Leão Preto* —, o descendente de Magog.

O rochedo do Monumento do Ingá se alteia, a guisa de estreita e comprida ilha, no meio do rio Ingá. A altura máxima do rochedo, no ponto mais elevado, é de três metros e setenta; seu comprimento, na parte inscrita, é de dezesseis metros; segue-lhe uma parte não inscrita, só assinalada por leves sinais. O lado inscrito olha para sudoeste, e tem fronteira uma rocha coberta de figuras. Há muitas figuras no cimo e na parte posterior do rochedo. Há rochas com figurações na redondeza, até a boa distância do monumento; por exemplo, a "Pedra da Torre", que deve distar do Monumento uns quatro quilômetros, e está coberta de figuras que representam o mes-

mo tema que o Monumento, isto é cenas de Raghemâah — a *Pa-ra-hu-ba*.

A parte superior do Monumento nos oferece um lindo quadro mortuário.

Já no começo do rochedo, vemos a Raghemâh na parte superior, em posição de cadáver, em três lugares diferentes. Na parte posterior o adail dos povos americanos jaz imóvel no seu leito mortuário, envôlto em sua clássica pele de pantera, e, logo em seguida, o batalhão dos bichos, serpentes, crocodilos, leões e outros animais, figurando os amigos do Povoador, estão a prestar homenagem fúnebre ao ilustre Morto. Os animais estão aqui, como sempre, com caras de humanos.

A parte extrema do Monumento é a que mais apregoa o túmulo do nosso Poseidon. Alí, sua imagem o representa estendido na parte superior, e caido em várias posições, mas sempre como defunto. Tudo indica tratar-se *do túmulo do grande Profeta da América.*

Mais ao longe, damos com uma espécie de aldeia primitiva com seus habitantes e com seus animais domésticos. A cada passo do Monumento aparecem figuras e semblantes humanos. Muitas dessas figuras são *polisemânticas*, isto é, assumem várias imagens, conforme o ponto de vista, em que são apreciadas.

Tudo isto nos revela o grandioso Monumento do Ingá! Além disto, nos revela a prova suprema, de quanto viemos dizendo e afirmando em nosso trabalho, isto é, que realmente *somos os Atlantes!* Platão nos assegura que as dez levas de Poseidon povoaram a Atlântida: o Monumento do Ingá por sua vez nos assegura que as dez levas de Poseidon povoaram a América: a conclusão é patente e inelutável: *a América é a própria Atlântida, e nós fomos e somos os Atlantes!*

As figuras dos nossos Povoadores — a sobressair porém sempre a hierática personagem do Pontífice de longas barbas

e de fronte ornada com os majestosos *chifres* — símbolo de seu alto sacerdócio — encontramo-las multiplicadas em muitos recantos do Brasil, e até fóra do Brasil. Humboldt lembrava essas figuras em rochas, desde o Rupunuri, o Esequibo e a cadeia Pacaraima, até as margens do Orenoco e do Japurá. Nós as podemos admirar no Rio de Janeiro, na praia de Icaraty, na Gávea, na serra dos Orgãos; nas margens do rio Paraná estão aos montes!

Tôdas essas figuras, em geral rostos humanos, espalhadas pela América Meridional, são figuras das pessoas que integraram os corpos irrigatórios, chefiados por Raghemâh, os quais a serpear, percorreram a América tôda, quase sempre em aberta e contínua luta contra os negros leões do sacerdote do fogo ou do galo, que por fim conseguiu triunfar!

As Famílias primitivas do Brasil

Saber quais foram as famílias primitivas do nosso imenso território do Brasil, foi problema muitas vezes lembrado, e que muitos tentaram resolver. Mas, parece terminaram desanimando, e dando-o como problema insolúvel.

Sem querermos nem pretendermos ser os solucionadores dêsse problema, vamos tentar também nós, se fôr possível, lançar uma réstia de luz sôbre a interessante e difícil questão.

Recolhemos uns duzentos nomes, com que se denominavam as tribos, encontradas em nosso país pelos conquistadores seiscentistas. São todos nome da língua brasílica, isto é, tupy. Como opinamos, e escorados a boas razões, que o tupy é um derivado do shumério, engenhamo-nos a soletrar shumericamente êsses nomes.

Resultado do nosso trabalho foi que, dos duzentos nomes analisados, 100 dêles nos diziam, que as respectivas tribos provinham, por geração direta ou indireta, do grande Povoador que foi Joannes Raghemâh, o sumo Sacerdote, o Profeta da Ilha do Marajó. Uns 35 dêles faziam ascender as relativas tribos aos soldados, aliados do grão sacerdote; os restantes recordavam outras origens das tribos que estavam denominando.

De posse dêstes dados, distribuimos as que chamamos "famílias primitivas" do povoamento do Brasil, em *três* grupos principais.

O primeiro grupo nos é dado pelos *Tupys* — grupo que tem como estípites ao jafétida *Thubal* e ao hamita *Heviláh*, e

é chefiado pelo próprio Sumo Sacerdote Raghemàh, o sublime profeta da ilha do Marajó, o sumo Pontífice Joannes. Esta família patriarcal nos deu cêrca de *cinco décimos* das tribos primitivas que povoaram de início o Brasil.

Transcrevemos os nomes das tribos analisadas.

Tupy — "Geração *u* dos Gravadores ou Gravados nas rochas *tup*". *Aturaris* — "Povo *is* rebento *ar* do pai *a* das serpentes-povoadores *tur*" *Chambioás* — "Gente *as* gerada *u* pelo senhor *bi* da iotação *sham*". *Cahetés* — "Gente *tes* gerada *he* pelo sumo sacerdote *ka*". *Machacaris* — "Povo *ris* do legítimo *ka* sangue *sha* do sumo sacerdote *ma*". *Camacans* — "Filhos *kam* do sumo pontífice *ka* do templo *ma*". *Macunys* — "Gente *us* plantada *kun* pelo sumo sacerdote *ma*". *Malalys* — "Gente *us* gerada *al* pelo templo *mal*". *Murás* — "Gente *as* dos Gravadores *mur*". *Papanás* — "Povo *as* gerado *pan* pelo sumo pontífice *pa*".

Araicú — "Povo *us* rebento *ig* do pai *a* da irrigação *ar*". *Camanachos* — "Povo *us* por juramento *ash* ligado *man* ao sumo sacerdote *ka*". *Patachos* — "Povo *us* caçado *tash* pelo *sumo* pontífice *pa*". *Jeicós* — "Povo *us* rebento *ik* do sacerdote-rei *she*". *Amapurú* — "Gente *us* rebento *pu* do templo *am* da Irrigação *a*". *Aranhís* — "Geração *hi* dos sacerdotes *an* da Irrigação *ar*". *Payayás* — "Gente *as* fundada *shag* pelo sumo pontífice *pa*". *Yacarayabás* — "Gente *as* tirada *shab* do coração *shak* do pai *a* da Irrigação *ar*". *Gayapás* — "Povo *as* tirado *shab* do templo *ga*". *Amaipiras* — "Gente *as* saída *ir* do vidente *ip* do templo *am* da irrigação *a*". *Apantos* — "Rebento *tus* dos sacerdotes *an* do deus Bel *ap*". *Ancés* — "Tribo *kes* dos sacerdotes *an*". *Aroás* — "Gente *as* do vidente *u* da irrigação *ar*". *Payacús* — "Gente *us* do sangue *shac* do sumo pontífice *pa*".

Tapirapés — "Gente *es* da raça *ab* da tribo *ir* do santuário *tap*". *Parasís* — "Gente *is* recolhida *ras* pelo sumo pontífice *pa*"

Uirinás — "Povo *us* rebento *in* do vidente *u* da cidade *ir*". *Arecunas* — "Povo *as* plantado *kun* pela irrigação *ar* do templo *e*". *Sacarús* — "Povo *us* formado *kar* pelo templo *sa*". *Nahuquás* — Povo *as* fundado *ku* pelo sacerdote *na* do templo *ku*". *Miranhas* — "Geração *has* do sacerdote *an* das grandes águas — Raghemâh — *mir*". *Tapajós* — "Povo *us* gerado *ash* pelos pescadores *tab*". *Apiacus* — "Gente *as* fundada *ak* pelo vidente *i* de Bel *ap*". *Cahahyvas* — "Gente *as* submetida *huh* pelo povo *ha do* sacerdote-rei *ka*". *Caingangues* — "Galho *ge* da nação *gan* proveniente *in* do sacerdote-rei *ka*".

Juris — "Povo *is* do santuário *shur*". *Tecunas* — "Gente *as* plantada *kun* pela fundação *te*". *Uapés* — "Gente *es* rebento *ap* do vidente *u*". *Temininós* — "Gente *us* gerada *nin* pelo idente *i* da cultura *tim*". *Miranyas* — "Gente *us* gerada *u* los sacerdotes *an* do santuário *mir*". *Cayapós* — "Povo *us* rado *shap* do sumo pontífice *ka*". *Paumary* — "Geração *u* rada *mar* da geração *u* do sumo pontífice *pa*". *Suyás* — "Gen- *as* dos Pescadores *sush*". *Manitsauás* — "Povo *us* gerado *u* elo irmão *man* do vidente *i* do templo *sha*". *Anetós* — "Ge ação *tus* dos sacerdotes *an* do templo *e*".

Tupinaés — "Gente *es* gerada *na* pelos Tupys". *Arapiuns* — "Filhos *unu* do vidente *i*, pai *ap* da irrigação *ar*". *Araras* — "Povo *as* rebento *ar* da irrigação *ar*". *Armaquís* — "Progênie *is* nascida *mak* da irrigação *ar*". *Coanís* — "Gente *is* saída *an* da fundação *ku*". *Irurises* — "Gente *es* saída *ris* do vidente *u* da vila *ir*". *Jarís* — "Povo *is* do templo *shar*". *Jurasés* — "Gente *es* gerada *as* pelo santuário *shur*". *Maurís* — "Gente *is* gerada *ur* pelo sumo sacerdote *ma*". *Moritises* — "Povo *es* gerado *tis* pelo vidente *i* preso *mur*". *Pacajás* — "Gente *as* crescida *kash* pelo sumo pontífice *pa*". *Paranaubís* — "Gente *is* nascida *ub* na casa *na* do sumo pontífice *pa* da irrigação *ra*". *Rericús* — "Povo *us* saído *rik* da cidade *re*". *Tupynaquins* — "Resto

kim da geração *na* dos Tupys". *Enacagás* – "Povo *as* combatente *ak* saído *nak* do templo *e*".

Cacociés – "Povo *es* vencido *i*, crescido *kus* pelo sumo pontífice *ka*". *Xarruás* – "Gente *as* do ramo *ru* do santuário *shar*". *Aruans* – "Gente *es* descendente *an* do vidente *u* da irrigação *ar*". *Papanases* – "Gente *es* descendentes *as* do segundo *pap* sacerdote *an*". *Manáus* – "Povo *us* progênie *na* do sumo sacerdote *ma*". *Ruenyenas* – "Povo *as* proveniente *er* do vidente *u* do templo *en* destruido *ru*". *Aparuís* – "Gente *is* saída *a* do pai *ap* da cultura *ar*". *Uayenes* – "Gente *es* proveniente *en* do vidente *u* da Sabedoria *wa*". *Chanás* – "Gente *as* comprada *sham*". *Yarós* – "Gente *us* do santuário *shar*". *Tacuanhapés* – "Rebento *pesh* do povo *ha* saído *an* do vidente *u* do falcão *tak*". *Minuanes* – "Gente *es* proveniente *an* do irmão *min* do vidente *u*". *Pixunas* – "Geração *as* rebento *pish* dos sacerdotes *unu*". *Imarés* – "Gente *es* do vidente *i* desaparecido *mar*". *Murás* – "Descendentes *as* do templo *mur*". *Aroboyares* – "Gente *es* nascida *ar* da geração *ush* da região *ub* da irrigação *ar*". *Andirás* – "Povo *as* dos sacerdotes *an* de Bel *dir*". *Cayapós* – "Povo *ush* do pai *ap* da fundação *kash*". *Maramomís* – "Gente *mi* rebento *mu* do sumo sacerdote *ma* da irrigação *ra*". *Apiakás* – "Gente *as* gerada *ak* pelo vidente *i* de Bel *ap*". *Genuás* – "Gente "*as* dos servos *ge* do templo *nu*". *Aruaxis* – "Progênie *shis* saída *a* do vidente *u* da irrigação *ar*". *Cuxinxingas* – "Nação *ga* ilustre *shin* rebento *in* de Kush (filho de Ham)" *Umunás* – "Gente *as* do grão sacerdote *umun*". *Jarecunas* – "Gente *as* plantada *kun* pelo germe *e* do santuário *shap*". *Maipurés* – "Gente *es* gerada *ur* pelo vidente *ip* do santuário *ma*". *Aymorés* – "Povo *es* herança *mur* consagrada *ah*". *Wapichianes* – "Gente *es* oriun la *an* das lamentações *ishi* do vidente *u* de Bel *ap*".

Caanás – "Povo *as* gerado *u* pelo sumo pontífice *ka* da irrigação *a*". *Xarayés* – "Gente *es* germe *ash* do santuário *shar*'

Kiriris — "Gente *is* roubada *ir* ao santuário *kir*". *Panos* — "Povo *us* submetido *pan*". *Ingain* — "De aqui *in* vão *ga* para lá *in*". *Jurunas* — "Gente *as* dos sacerdotes *un* do santuário *shur*". *Tembés* — "Rebento *bés* da irrigação *tim*". *Puelches* — "Irmãos *shes* que choram *el* o altar *pu*". *Tehuelches* — "Irmãos *shes* que choram *el* o templo *hu* da irrigação *te*". *Sipibós* — "Germe *bus* da raça *pi* do sacerdote-rei *s*". *Camés* — "Gente *es* do santuário *kam*". *Campás* — "Rebento *pas* do santuário *kam*".

O *segundo* grupo nos é dado pela *milícia sagrada*, pelos combatentes consagrados e dedicados ao templo e ao trabalho sagrado do povoamento. Sã os *gu* — combatentes, *ah* — consagrados, dedicados ao santuário. Êles nos dão um pouco mais de *um décimo* das tribos do nosso Brasil. A êles pertencem, entre os demais, os famosos *Guaranys*, ou" Povo *us* proveniente *an* dos combatentes *gu* da irrigação *ra*". Pertencem ao segundo grupo os seguintes:

Cocamas — "Povo *as* filhos *kam* dos combatentes *ku*". *Tamoyos* — "Povo *us* sangue *mush* das forças *ta*". *Cucrémagbás* — "Rebento *bas* dos combatentes *ag* provenientes *em* da aldeia *ku* fortificada *kar*". *Potiguaras* — "Gente *as* vinda *ar* dos combatentes *gu* da floresta *ti* do altar *pu*". *Paiaguás* — "Gente *as* dos guerreiros *gu* do povo *ia* do sumo pontífice *pa*". *Guarús* — "Rebento *us* dos guerreiros *gu* da irrigação *ar*". *Guarulhos* — "Povo *iu* filho *ul* dos guerreiros *gu* da irrigação *ar*". *Guachichos* — "Povo *us* protegido *shish* pelos guerreiros *gu* da irrigação *a*". *Guanarés* — "Povo *es* vindo *ar* dos sacerdotes *an* combatentes *gu*". *Rariguares* — "Gente *es* vinda *ar* dos combatentes *gu* descendentes *ri* da irrigação *ra*". *Guarayos* — "Povo *us* gerado *u* pelos soldados *gu* da irrigação *ara*". *Guatós* — "Gente *tus* dos soldados *gu* da irrigação *a*".

Guaribús — "Gente *us* rebento *bir* dos soldados *gu* da irrigação *a*". *Guaiapinas* — "Gente *as* plantada *bin* pela gente *ia*

dos soldados *gu* da irrigação *a*". *Guajajaras* – "Gente *as* do santuário *shar*, sangue *sha* dos soldados *gu* da irrigação *a*". *Jaraguarises* – "Gente *es* saída *ris* dos soldados *gu* da irrigação *a*". *Pataxoses* – "Gente *es* extraida *shuz* das fôrças *ta* do sumo pontífice *pa*". *Itatines* – "Gente *es* proveniente *tim* das fôrças *ta* do vidente *i*". *Gayaguás* – "Povo *as* das fôrças *ga* do fundador *kash* da irrigação *a*". *Guanás* – "Povo *as* dos sacerdotes *an* combatentes *gu*". *Guagiros* – "Povo *us* da caravana *gir* dos soldados *gu* da irrigação *a*". *Goytacazes* – "Gente *es* gerada *kas* pelas fôrças *ta* montadas *ud* da irrigação *a*". *Payaguás* – "Povo *as* dos soldados *gu* do templo *sha* do sumo pontífice *pa*". *Nu-Arahuac* – "Combatentes *ak* do templo *hu* da irrigação *ara*". *Guaanas* ou *Guayanás* – "Gente *as* nascida *an* das milícias *gu* sagradas *ah*". *Guayacans* – "Gente *es* proveniente *an* dos combates *ak* da milícia *gu* sagrada *ah*". *Guayakís* – "Gente *is* do país *ki* dos combatentes *gu* sagrados *ah*". *Guayacurús* – "Gente *us* montada *kur* dos guerreiros *gu* sagrados *ah*". *Mongoiós* – "Povo *us* filho *i* dos guerreiros *gu* do templo *mun*". – *Omágoas* – "Gente *as* dos combatentes *gu* do vidente *u* do templo *ma*".

O *terceiro* grupo de *povoadores* o devemos à irrigação do sacerdote inimigo de Raghemâh, ao Vidente do Leão ou da montanha: êle nos deu quase três décimos do nosso povo brasílico.

Tapuyas – "Gente *ya* gerada *u* pelo Caçador *tap*". *Chavantes* – "Progênie *tes* do sacerdote *an* mágico *shab*". *Bororós* – "Gente *us* do negro *ur* Mágico *bur*". *Mundurucús* – "Gente *us* do leão *ug*, nascida *dur* na montanha *mund*". *Timbués* – "Gente *es* da irrigação *tim* do Mágico *bu*". *Tupinaés* – "Gente *es* gerada *a* pela cultura *pin* do corsário *tu*". *Cocós* – "Povo *us* negro *kuk*". *Aturadís* – "Gente *is* nascida *ad* do vidente *a* negro *tur*". *Poquís* – "Tribo *kis* do Mágico *pu*". *Palmelas* – "Sacerdotes do fogo *las* do rito *me* das orações *pal*"

Cariays — "Gente *us*, geração *a* do vidente *i* negro *kar*". *Kariyonas* — "Povo *as* dos sacerdotes *un* dos choros *ish* do Negro *kar*". *Karirys* — "Gente *us* da vila *ir* do Negro *kar*". *Karipunas* — "Gente *as* dos sacerdotes *un* do Mágico *ip* negro *kar*". *Carijós* — "Gente *us* dos choros *ish* do Negro *kar*". *Kararins* — "Gente *es* proveniente *in* da irrigação *ar* do Negro *kar*".

Guaganás — "Gente *as* saída *an* dos guerreiros *gu* de Nêbo *ak*". *Yuguaruanas* — "Gente *as* tirada *an* ao vidente *u* da irrigação *ar* pelo guerreiro *gu* negro *shu*". *Acroás* — "Povo *as* do Mágico *ru* de Nêbo *ak*". *Cibuney* — "Geração *u* proveniente *ne* do Mágico *ba* de Nêbo *si*". *Abacaxis* — "Inimigos *shis* saídos *a* do templo *ab* de Nêbo *ak*". *Ocunharís* — "Gente *is* gerada *har* pelo sacerdote *unu* do leão *ug*". *Tucujús* — "Povo *us* começado *tuk* pelo leão *ush*". *Urupases* — "Gente *es* gerada *as* na terra *up* do Negro *ur*". *Tobayares* — "Povo *es* rebento *ar* da federação *ash* do inimigo *tub*". *Ibirayares* — "Povo *es* do santuário *shar* da irrigação *a* roubado *ir* pelo Mágico *ib*". *Teremembés* — "Nação *bis* saída *em* do templo *en* do Negro *ter*". *Curumarés* — "Gente *es* fundada *mar* pelo vidente *u* da montanha *kur*". *Macuchís* — "Gente *is* gerada *mak* pelo leão *ush*". *Oyampís* — "Nação *pis* do templo *am* do leão *ush*". *Parentintins* — "Homens *tin-es* ressuscitados *tin* no templo *en* do Mágico *par*". *Trumaís* — "Gente *is* gerada *ma* pelo vidente *u* negro *ter*". *Ipurinas* — "Gente *as* rebento *in* do vidente *ip* negro *ur*". *Bakairís* — "Gente *is* saída *ir* do encantador *ka* mágico *ba*". *Carajás* — "Gente *as* do amaldiçoador *ash* negro *kar*". *Purís* — "Gente *is* do Mágico *pur*".

Massacarás — "Gente *as* filha *ar* do Mágico *mesh* de Nêbo *ak*". *Parecís* — "Povo *is* rebento *ek* do Mágico *par*". *Culinós* — "Povo *us* rebento *in* do Mágico *kul*". *Pagés* — "Tribo *es* do passarinheiro — Mágico — *pak*". *Paracatís* — "Gente *is* gerada *at* pelo Mágico *par* de Nêbo *ak*". *Cururús* — "Povo *us* do Negro *ur* da montanha *kur*". *Arayos* — "Povo *us* progênie *ar* da maldição *ash*". *Borucas* — "Gente *as* rebento *bur* do

leão *uk*". *Terrabás* — Rebento *bas* do povoador *ra* negro *ter*". *Chokrans* — "Gente *es* gerada *an* pelo templo *kir* negro *shu*". *Buarres* — "Gente *es* plantada *ar* pelo Mágico *bu*".

Kustenaus — "Povo *us* gerado *a* pelo vidente *tin* da montanha *kur*". *Acarases* — "Povo *es* rebento *as* do povoamento *ar* de Nêbo *ak*". *Caianás* — "Gente *as* saída *an* do vidente *i* encantador *ka*". *Caícaís* — "Gente *is* gerada *a* pelo gigante *ik* encantador *ka*". *Ingaibas* — "Povo *as* do Mágico *ib* rebento *in* do Boi *ga*". *Jaqueses* — "Emanação *shesh* do templo *e* do opressor *shak*". *Tupynambarana* — "Gente *a* proveniente *an* do Mágico *bar* revoltado *man* contra os Tupys". *Tupynambás* — "Povo *us* contrário *nam* aos Tupys". *Urucuçús* — "Povo *us* crescido *kus* pelo leão *ug* negro *ur*". *Curatis* — "Povo *tis* do vidente *a* da montanha *kur*". *Andoás* — "Povo *as* do sacerdote *an* corsário *du*". *Guegués* — "Povo *es* da raça negra *geg*".

A resenha que acabamos de fazer dessas duzentas tribos, nos deixa argumentar que o Brasil, incluido o extremo sul da América Meridional, foi povoado, lá pelos séculos XXIV-XXIII antes de Cristo, parte — a metade — pela gente que integrava a caravana povoadora de Raghemâh; parte — cêrca de três décimos — pelo povo do séquito do sacerdote negro do culto do fogo; e pouco mais de um terço, pelos guerreiros da "milícia sagrada", aliados de Raghemâh.

O sacerdote negro, o leão do culto do fogo e de Nêbo, tinha sua séde principal no *Sergipe* — "Domínio *pe* do sacerdote *gi* negro *ser*". A milícia sagrada recebera como partilha o *Goyaz*: "Partilha *haz* dos guerreiros *gu*". A gente do *Templo* ou da caravana de Raghemâh, coube a *Parahyba* do Norte: "Partilha *ba* do Templo *hu* do sumo pontífice *pa* da irrigação *ba*".

Com êstes três grupos, temos a divisão, a delimitação, e denominação, a distribuição e o povoamento dos vários territórios do Brasil.

Como marcos divisórios foram escolhidos os rios e as serras e umas poucas localidades das planícies, cujos nomes era do interêsse geral se conservassem intactos, para poderem ser verdadeiros marcos divisórios. Temos por exemplo: *Montevideu*, nome que se conserva intacto até o presente, provocando curiosidade em quem o ouve pronunciar e cujo sentido parece os entendidos não conseguem traduzir: parece-nos que êsse nome ali está para lembrar às gerações futuras, que ali, onde surge a grandiosa cidade, capital do *Uruguay*, alí o Vidente *u* havia erigido *e* um templo *bid*, dedicado *te* ao deus forte *mun*" !

Pensamos que no Brasil primitivo não houve migrações continuadas, como querem alguns autores; pois desde o princípio os Povoadores estabeleceram em territórios próprios as muitas colônias, que iam povoar e colonizar os numerosos lotes em que fora repartido o imenso território do Brasil. Se houve migrações, estas foram poucas e limitadas a determinados territórios, como foram as impostas pelas inclemências do clima ou por outras causas locais.

Assim nos é facil explicar a existência de inumeráveis dialetos, encontrados na América; cada territoriozinho, cada lote, como vivesse sua vida dentro das próprias raias, quase sem contacto com outras tribos vizinhas, vinha formando seu dialeto particular, alterando e modificando a língua mãe, o shumério, para depois dar-nos os inúmeros dialetos americanos.

Porém, nessa modificação da língua mãe permaneciam imudados os marcos divisórios, quer, porque gravados em pedras, quer porque gravados indelevelmente nas mentes dos interessados pelas posses das terras. O mesmo interêsse fazia com que os nomes dêsses marcos se transmitissem fielmente de geração em geração até a vinda dos conquistadores, os quais os receberam dos lábios dos últimos proprietários, e muitas vezes os alteraram para combiná-los a sons da própria língua, como cremos aconteceu com muitas denominações, que per-

deram todo o sabor da língua mãe, para virem a nós em trajos portugueses ou espanhóis ou meio ingleses.

Estaria neste caso, entre muitos outros, a palavra *Buenos Aires*, que pode muito bem ser em nossa língua mãe: "O povo, saído da mata, tomou o templo do Vidente" — *Bu-eñ* (da mata saindo *u-sa* (do Vidente o Templo) *ir-es* (toma a multidão). Estariam nas mesmas condições muitos outros nomes que recamam nossos mapas americanos.

CONCLUSÃO

Ao fechar êste modesto, e certamente estafante [illegible] podemos subscrever o que o dr. Martius escreveu ao Instituto Hist. do Brasil, Rev. II, pág. 402 — "Enquanto aos meus estudos sôbre a história primitiva dos autóctones do Brasil, e da América em geral, consta-me como fato geral, que tôda a povoação primitiva das Américas viveu, em tempos remotíssimos, em um estado mais civilizado do que aquele, em que achamos tanto os Mexicanos do nosso tempo ou outros povos montanheses, como os Índios selvagens do Brasil. Tôda essa povoação, sem dúvida muito mais numerosa, caiu de uma posição muito mais nobre por diversas causas".

Índice

	Pág.
A guisa de prefação	7
Razão destas laudas	11
Os primórdios da América	13
Os primeiros vagidos do Continente	31
A proto-história e a Mesopotâmia	41
Um povo grande e desconhecido	51
As grandes migrações dos povos antigos	61
A Atlântida é o nosso Continente Americano	73
O País de Tharshish — A Atlântida	83
O Poseidon dos Atlantes	101
O grande Povoador no Perú	119
O grande Povoador no Brasil	127
O que foram os Atlantes	139
A América é a própria Atlântida dos Antigos!	151
Outros Povoadores da Atlântida? Não!	165
Visitas e despedidas da Atlântida	173
As línguas americanas	185
Divisão e distribuição das terras americanas	199
Nossa História na Toponimia	203
"Tup-an", "Tupy" e "Tap-u-yas"	237
A História americana gravada num rochedo	251
As Famílias primitivas do Brasil	265
Conclusão	275

O-sumo Sacerdote Raghemâh